

# ITAYTERA

ORGÃO DO

*INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI*

Ano 2

Nº. 2

TIPOGRAFIA IMPERIAL-CRATO

1956

# BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

Rua Dr. João Pessoa, S/N

CRATO — CEARA

---

CAPITAL . . . . .	Cr \$ 1.814.480,00
RESERVAS . . . . .	Cr \$ 1.096.909,20

## Operações de Crédito Ativo

*Empréstimos populares avalizados. Descontos de notas promissórias de letras de câmbio internas, de bilhetes de mercadorias, de conhecimentos, duplicatas, etc.*

*Empréstimos agrícolas financeiros de entre-safra,*

---

## Operações de Crédito Passivo

DEPÓSITOS C/ RETIRADAS LIVRES.  
DEPÓSITOS POPULARES,  
DEPÓSITOS A PRAZO FIXO.

---

## Operações Acessórias

*Cobrança de conta alheia,*

*Transferências de fundos.*

*Ordens de pagamentos, etc.*

# **ITAYTERA**

ORGÃO DO

*INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI*

Ano 2

Nº. 2

**TIPOGRAFIA IMPERIAL - CRATO**

*1956*

# INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Fundado em 17 de outubro de 1953

## **Diretoria de 1956**

Presidente	Dr. José Alves de Figueiredo Filho
Vice-presidente	Pe. Antônio Gomes de Araújo
Secretário Geral	1º. Ten. Otacílio Anselmo e Silva
Secretário	João Lindemberg de Aquino
Tesoureiro	Joaquim Pinheiro Teles

## **Comissão de Organização de ITAYTERA**

J. de Figueiredo Filho

Otacílio Anselmo e Silva

Francisco de Sousa Nascimento

## **Comissão de Sindicância e Finanças**

Dr. Antônio Alves de Queiroz

Celso Gomes de Matos

Zilberto Fernandes Teles

## **Comissão de Ciências, Letras e Artes**

Dr. Francisco Ferreira de Assis

Dr. Antônio Duarte Junior

Dr. Raimundo de Oliveira Forges

---

Aceita-se permuta com publicações congêneres

---

A direção da revista não se responsabiliza pelas idéias e conceitos  
de seus colaboradores.

# A Jornada Prossegue, Incentivada Pelas Primeiras Vitórias

Foi o aparecimento do primeiro número de «ITAYTERA» autêntica vitória para o Instituto Cultural do Cariri. Fomos recebidos com os aplausos unânimes da imprensa e da crítica literária nortestinas. Esgotou-se a edição em poucos dias, não mais nos permitindo atender os inúmeros pedidos de exemplares que chegaram a esta redação de diversas paragens. Tudo isso nos animou para o prosseguimento da jornada que iniciámos no ano passado, um tanto ou quanto receiosos.

O segundo número de «ITAYTERA» ainda possui maior quantidade de páginas do que o inicial e sua colaboração está firmada por valores reais do Cariri, não só residente nesta privilegiada região, como por muitos que se mudaram para outras terras, mas que conservam intacto o amor acendrado à gleba natal. Um dos pontos principais do programa de ação do Instituto Cultural do Cariri é o contacto com os intelectuais caririenses, disseminados por este Brasil afora. É a voz da terra que conclama a todos para o trabalho comum de seu engrandecimento. Não queremos, no entanto, fazer obra de regionalismo estanque. Pugnamos, sem desfalecimento, para o alevantamento moral, intelectual e material da região, dentro do estado, da nação e mesmo da humanidade, aos quais estaremos presos por laços indestrutíveis, e agora mais cimentados, nesta época de sofrimentos coletivos.

Incontestavelmente está o progresso a penetrar pelo interior na carroceria dos caminhões. Encontram-se a distância com a recém penetração do avião pela interlândia. Já se pode viver em muitas cidades sertanejas, desfrutando-se muitas das vantagens da moderna civilização, o que não acontecia até há bem pouco. O Brasil continua, no entanto, a pulsar bem vivo no interior, a despeito de muitas mazelas que nos chegam com o progresso. Nos grandes centros litorâneos há muito de artificialismo que não pertence às verdadeiras raízes da nacionalidade. Se de lá extravasa a civilização para todo o País, mesmo por imperativo do momento, pois, o processo de descentralização do progresso é fenômeno universal, chegam-nos igualmente venenos letais, responsáveis exclusivos pelo desajustamento econômico e moral, que infelizmente reina no Brasil. Grande maioria do orçamento é consumida em obras suntuárias do litoral, enquanto outra parte é delapidada pelos gozadores que precisam de aumento gigantesco de rendas para os gastos, com as atrações múltiplas das capitais. Até a literatura da moda está vindo dos grandes centros, com-

pletamente deturpada, como a indicar a decomposição do País, em todos os sentidos, a exemplo do que succedeu no Baixo Império Romano ou na Grécia, em vésperas da ocupação alienígena.

O interior, ainda com parte de suas virtudes intactas, tem de reagir para salvar o Brasil. O movimento de renovação que se processa na interlândia, embora ainda desordenado, não pode prosseguir só no sentido material. Tem de ser acompanhado por movimento de ordem intelectual. Crato e o Cariri, pelas suas reservas acumuladas em duras pelepas cívicas e sacrificios, estão bem aparelhados para tomar posição na vanguarda dessa luta para a valorização do interior.

Está o Va'le Caririense encravado em pleno coração do Nordeste. Neste trecho importante do Brasil, tão marcado pelo sofrimento coletivo, temos reservas inesgotáveis de energia que já influíram decisivamente para o fortalecimento da nacionalidade, em todos os setores. Foi o nordestino quem nacionalizou a Amazônia demasiadamente influenciada pelo aborigene. E' o filho da gleba, açoitado impiedosamente pelas sêcas, quem está abrasileirando as regiões sulinas de S. Paulo e Paraná, tão dominados pelo elemento estrangeiro, em costumes e hábitos. Foi o romance nordestino que dominou, até há bem pouco, o cenário literário do País, em todos os quadrantes. E finalmente é o baião, nascido nas caatingas, serras e pés-de-serras do Nordeste, que está levando a todos os recantos a nossa música, motivos e gírias sertanejos.

«ITAYTERA» nasceu para defender as coisas e costumes do Cariri. Não tem pretensões a emparelhar-se com as publicações opulentas do opulento litoral brasileiro. Mas luta e quer vencer, para a região impôr-se, como força de renovação da interlândia. Para isso conta com o apoio do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI e de corpo vontadoso de colaboradores que tudo farão pelo triunfo de seus ideais.

*J. F. F.*

# Apostolado do Embuste

Padre ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

Do Instituto Cultural do Cariri, sócio  
correspondente do Instituto do Ceará  
e da Academia Cearense de Letras.

*À memória de Dom Joaquim José Vieira,  
herói tranquilo, que desmascarou o embuste,  
preveniu o cisma e manteve a dignidade do  
clero.*

X X X

*À memória de Monsenhor Joviniano Barreto,  
vigário—mártir.*

---

## «RETRATO DO BURLÃO EVOLUÍDO...

Seu comportamento e os seus hábitos que em nada diferem dos da generalidade dos homens, servem-lhe para se confundir com a massa social. Homem de golpe de vista seguro, que sabe calcular os meios a empregar e os resultados a obter. A sua atitude séria e digna, a sua linguagem sóbria, persuasiva e comedida, a sua lógica cerrada dão-lhe um tal crédito que em breve se torna senhor da situação. Conversador, simpático, culto e arguto, possuidor de alguns conhecimentos científicos, faz-se facilmente escutar, insinua-se sem dificuldade. AS VITIMAS DE SUAS BURLAS SAO EM GERAL PESSOAS POUCO REFLEXIVAS OU NOTORIAMENTE DEFICIENTES.» (A Mentira, Luigi Batistelli, Professor da Universidade de Nápoles, tradução de Fernando de Miranda, Armênio Amado - Editor-Cimbra — 1943).

«Desconfio que José Marrocos conduzirá o Padre Cícero ao fundo do abismo. Deus nos acuda! Ficou como um cão danado querendo morder a todos que aplaudiam V. Excia.»

(Da carta do santo e bravo sacerdote Manuel Felix de Moura a Dom Joaquim José Vieira, datada de cinco do mês de junho de 1893, escrita de Triunfo, Pernambuco. Ele, que pronunciou na Matriz de Crato o sermão pioneiro neste coração do Cariri contra o embuste de José Marrocos).

«A tradição oral atribui a José Marrocos participação no embuste dos milagres de Maria de Araújo».

(Comunicação oral do escritor e Presidente do Instituto Cultural do Cariri, J. de Figueiredo Filho, ao Autor).

«José Marrocos foi o sabidão e o teólogo dos MILAGRES do Juazeiro».

(Pensamento do jornalista Celso Gomes de Matos, ex-aluno de José Marrocos).

«José Marrocos foi o demônio de tudo».

(Conceito do historiador Irineu Pinheiro relativamente ao embuste em fóco).

José Marrocos foi o autor de tudo aquilo. Seu livro ensinava a transformar a hóstia de côr branca em vermelha.

«(Palavras do conspícuo e austero ancião Pedro Ferreira de Melo, irmão de Dom Joaquim Ferreira de Melo, falecido bispo da diocese gaúcha de Pelotas)».

«José Marrocos osculava a mão de Maria de Araújo».

(Informação do Cônego Climério Correia de Macêdo, ex-aluno de José Marrocos, ao Autor).

«Êsses milagres são armada de José Marrocos».

(Frase corrente no tempo dos MILAGRES, conforme o testemunho de Miguel de Freitas, ancião austero do atual meio social de Barbalha).

HOMO DUPLEX. Marrocos buriou (1902) o vigário e os fiéis de Barbalha comungando, embora excluído da participação dos sacramentos por se conservar na posse clandestina dos panos condenados.

X X X

Recebi, oferta do autor, o opúsculo — EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA — em que o cronista enfeixa a defesa, que faz, de José Teles Marrocos, contra cuja memória eu teria agitado o labéu da infâmia em minha modesta monografia — UM CIVILIZADOR DO CARIRI — rápido esboço biográfico de meu avô paterno, Basílio Gomes da Silva, cujo fino faro da realidade descobriu, em três dias, o embuste de que o Padre Cicero estava sendo vítima no ano de mil oitocentos e noventa e um.

De início, declaro não me haver passado pelo espírito, ao

menos a sombra da intenção de denegar a memória do constituinte morto da Defesa, ao registrar, à nota 10<sup>a</sup>, da seção «Notas», de minha monografia, os dados históricos, que provocaram a reação ardente do autor, juazeirense ilustre, filho de tradicional família de Juazeiro e afilhado do Padre Cicero.

Fixei informações sem a preocupação de estudar-lhes a veracidade, de exaltar ou invilecer, como se preencheria um fichário, e abandonei-as à critica dos entendidos.

Veio a critica, mas informada de tal espirito, que me obriga a tomar posição.

Transcrevo a nota enfocada, e depois irei a assuntos constantes de EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA.

« 10<sup>a</sup>. »

«Quando a química do Professor José Marrocos, associada à astúcia da BEATA Maria de Araújo e à boa fé do Padre Cicero, maravilhava o Cariri com a apresentação na Capela do Juazeiro, do simulado milagre de sangue, pretensamente de origem divina — Basilio Gomes da Silva abalou-se e transportou-se para aquela localidade, resolvido a demorar dias.

Mas, apenas três dias eram passados, comunicou discretamente à esposa: «Vam~~os~~ nos embora. Aqui não há nada do outro mundo. Padre Cicero está enganado». E voltou a Brejo Santo, onde passou a repetir a quantos o interpelavam sobre os fatos estranhos em curso no Juazeiro: «O Padre Cicero está enganado».

Por isso, Brejo Santo permaneceu imunizado da superstição em apreço.

Agudissimo, em Basilio Gomes, o faro da realidade!

Só muito depois, o Padre Cicero se advertira de que fôra logrado, conforme o confessou sigilosamente na presença do coronel Antonio Luiz Alves Pequeno, chefe politico de Crato; dr. Raul de Sousa Carvalho; Antonio Nogueira Pinheiro, irmão do autor de «O Cariri», e José Dourado.

Essa confissão ocorreu nas vizinhanças da cidade de Crato, à margem da estrada Crato-Juazeiro, em casa de Isabel Roldão (aliás, Isabel Mulata, retifico nesta transcrição), à altura do «Cemitério do Cólera».

Movidos por amigos comuns, ali se encontraram, o referido coronel e o Padre Cicero, para o fim de reatarem tradicionais relações pessoais, rompidas quando o primeiro se opusera à indepen-

dência política de Juazeiro, antes distrito de Crato.

Após a mencionada revelação do Padre Cicero, Antonio Luis o censurou pelo fato de não haver dado divulgação ao embuste de que fôra vítima. Defendeu-se, o exprobadado, alegando que a revelação teria entravado o crescimento de Juazeiro.

Assim, Juazeiro cresceu vertiginosamente ao embalo do embuste para cuja manipulação concorreu valiosamente um formulário de preparação de anilina solúvel à base, em 1910 surpreendido com uns velhos paninhos, outrora tintos nos lábios rubros de Maria de Araújo — surpreendido, repito, pelo citado Raul de Sousa Carvalho, Juiz de Direito de Crato, no espólio do dito Professor José Marrocos, falecido naquele ano de 1910.

Com a invectiva — «Tome suas porcarias!» — o coronel Antonio Luis passou ao Padre Cicero, por ocasião da aludida entrevista, o «Formulário» do Professor José Marrocos e os famosos paninhos, os quais tinham sido depositados pelo dr. Raul Carvalho em mãos do mesmo Antonio Luis. Padre Cicero os conduziu para Juazeiro.

Anos decorridos, falecida em Juazeiro a «Beata Bichinha», velhinha cândida e de absoluta confiança da casa do Padre Cicero, ditos paninhos foram encontrados condicionados numa pequena caixa, a que o então vigário daquela paróquia, Mons. Joviniano Barreto, deu o fim merecido. Era o último vestígio da química de «Zémarrocos».

Os aludidos panos foram recolhidos em certo dia do ano de 1891 à Matriz de Crato para exame científico posterior. Dai furtaram-nos misteriosamente.

No dia do falecimento do Professor Marrocos, surgiu, em Crato, o Padre Cicero, a exigir que lhe fosse entregue o espólio livresco do extinto. Recusando-se o dr. Raul Carvalho, o pretendente aceitou com o emprego da força. Tudo em vão.

Atribuiu-se ao Professor José Marrocos o furto dos tais paninhos — tabú.

Mercado de jansenismo prático traduzido na fuga à comunhão eucarística de que se julgava absolutamente indigno, o Professor José Marrocos foi dispensado do Seminário, já diácono. De então à morte, não se confessava.

De sua vez, o Patriarca de Juazeiro, por motivos de certos exageros místicos, teria esbarrado à porta do sacerdócio talvez, não fôra a intervenção pessoal de Antonio Luis Alves Pequeno, pai do referido de igual nome, junto à hesitação de d. Luis Antonio, Bispo do Ceará.

O Professor José Marrocos procedia de João Marrocos Te-

les (pe.), e era neto materno de Alexandre Leite de Oliveira, jesuita egresso, e tetraneto de José Pereira Aço, o rival da Família Feitosa. De cultura humanística bem assimilada, jornalista com serviço de um ano prestado à imprensa carioca, professor emérito, muito lhe deve a instrução em Crato, que lhe perpetuou o nome numa de suas ruas, merecidamente.

## X X X

Depois de recebida a Comunhão, as beatas velavam o rosto com o manto, punham na boca a hóstia branco-vermelha. (não consagrada, já se vê), que traziam oculta. Fingiam êxtase do qual eram despertadas pelo sacerdote, que lhes ordenava abrissem a boca. Eis o milagre . . . »

Até aqui, a nota «10<sup>a</sup>.» da seção «Notas», de minha monografia.

Passo aos comentários e aspectos da Defesa, e, depois, faírei um resumo histórico, imprescindível, do assunto em tela. Além das fontes orais, servir-me-ei do «Processo Instruído Sôbre os Fatos do Juazeiro». E, quando referir-me à hóstia que se purpurava na lingua e na mão da astuta Maria de Araújo — não terei em mente, a Partícula da Sagrada Comunhão, a qual — na minha convicção, era consumida e substituída por outra, estranha ao mini-têrio sacerdotal adrede confeccionada e ocultamente conduzi-la para o truque.

## A. ENTREVISTA

E quanto, com ela, se relaciona à nota 10<sup>a</sup>. de minha monografia, inclusive a intervenção do coronel Antonio Luis Alves Pequeno, pai do referido na mesma nota — entrevista do último com o Padre Cicero em casa de Isabel Mulata — tudo quanto a ela se relaciona, repito, procedeu das informações a mim prestadas pelo honrado funcionário do Ministério da Fazenda, o citado Antonio Nogueira Pinheiro, irmão do historiador Irineu Pinheiro. Informações prestadas na presença do escritor e jornalista, probo e consenzo, J. de Figueiredo Filho, pronto a dar seu testemunho.

## «FORMULARIO» e «PANOS—TABÚ»

A noticia sôbre o prontuário que ensinava a produção de corantes, e sôbre os panos com aquele livro encontrados simultaneamente nos despojos domésticos e «DISCRETOS» de José Marrocos — foi-me transmitida pelo citado informante na mesma ocasião, também em presença de J. de Figueiredo Filho.

Li idêntica informação em artigos publicados pelo dr. Raul de Sousa Carvalho nos Diários Associados, de Fortaleza, no ano de 1953.

### «FORMULÁRIO» e EMBUSTE

Naqueles artigos está a referência à vinculação entre o «Formulário», seu dono e os MILAGRES rubros da sonsa Maria de Araújo.

### O TRUQUE

O truque de substituição de partículas, referido em minha citada nota 10.<sup>a</sup>, deduzi dos termos do Processo. No exame procedido pelo dr. Marcos Rodrigues Madeira, e ao qual a Defesa faz menção, constatou-se (feita a verificação prévia das partículas da âmbula) que o rubro aparecido, após a Comunhão, na partícula exibida na lingua da co-embusteira, não procedia DE seu organismo. O colorido vermelho em que a côr branca da partícula, se transformara, procedia desta mesma. Ignorando em sua puríssima boa fé, o truque do manto e da boca fechada; sem elementos científicos para exame químico, e até porque nunca lhe permitiram tocar fisicamente na partícula purpurizada, êsse nobre médico optou pela origem divina do fenômeno (de fenolftaleína ou coisa que o valha), equívoco de que se libertaria quando da desmoralização do embuste pelo segundo Comissário Episcopal na Casa de Caridade do Crato, como veremos no transunto histórico que prometi fazer.

### NITRATO de PRATA

A Defesa põe em dúvida a intervenção da saliva no fenômeno do suposto ensanguentamento da partícula na lingua de Maria de Araújo por ocasião do citado exame, alegando que a embusteira usou buchechos de «nitrato de prata», neutralizante da saliva. Não dêsse nitrato, porém de perclorureto de ferro foram os buchechos usados, assim reza o Processo. O elemento químico vermelho tinha, pois, na saliva da boca de Maria de Araújo, um campo de difusão e um estimulante.

### VIDA ESPIRITUAL SEM EUCARISTIA

Não neguei a vivência de uma economia piedosa na vida de José Marrocos. Anotei a informação segundo a qual êle não se aproximou (depois da despedida forçada do Seminário) até à morte, do Banquete Eucarístico. E ainda não encontrei contestação ponderável, em Crato pelo menos.

## X X X

Ao escrever a última frase que aí fica, julgo haver esclarecido que não CRIEI fatos para denegrir a memória do constituinte da Defesa, mas registrei dados preexistentes ao registro, com o intuito e o desejo de vê-los julgados por especialistas, entre os quais não me numerava, nem numero.

## O SEGRÊDO

A defesa argumenta: «E, se a realidade objetiva corresponde ao horror trazido a lume, só em 1954 (aliás, em 1953, observo, eu, o transcritor), pelo Juiz de Direito de Crato, como explicar que, tendo sido quatro as figuras cratenses que assistiram a tal entrevista com o Padre Cicero, nenhuma delas, por espaço de quarenta e quatro anos tenha traído êsse segredo, nem mesmo o guarda-costa José Dourado?»

Quanto a José Dourado, sabe-se que era leal como aço a seu chefe Antonio Luiz Alves Pequeno.

Alguns membros da Família Antonio Luis a par da entrevista e seu conteúdo firmaram um pacto de sigilo em torno do assunto por motivo da tradicional amizade entre essa Família e a do Padre Cicero, bem como tendo em vista os laços político-partidários que uniam a primeira ao Padre Cicero. Falecidos êste e Antonio Luis, os sobreviventes da tribo do segundo, senhores do segredo, o historiador Irineu Pinheiro, por exemplo, mantiveram o sigilo. Porém, o dr. Raul de Sousa Carvalho, citado, o rompeu em 1953 pela imprensa, após o seu regresso ao Ceará e um passeio a Crato e Juazeiro.

Assim, as informações a mim prestadas por Antonio Nogueira Pinheiro, já não constituíam segredo, de vez que se encontravam divulgadas na imprensa do Ceará. E quando Nogueira me informava era da opinião que José Marrocos se vinculara ao embuste dos MILAGRES de Maria de Araújo.

## O HISTORIADOR IRINEU PINHEIRO

De sua parte, êsse circunspecto intelectual e historiador, cujo silêncio a propósito do segredo em jôgo a Defesa invoca, era um dos ilustres membros da Família Antonio Luis que conhecia o sigilo. Forneceu informações para os artigos do dr. Raul de Sousa Carvalho e ainda outras para uma segunda série que o articulista prometeu publicar. Lia-os a seus frequentadores, como fosse a seu íntimo amigo, jornalista Celso Gomes de Matos, irmão do ilustre professor dr. Raimundo Gomes de Matos, e a J. de Figueiredo Filho, também seu amigo, presidente do Instituto Cultural do Cariri. E os aplau-

dia. Colecionou-os, todos, em sua miscelânea, hoje em poder de seu irmão, o mencionado Antonio Nogueira Pinheiro. Alimentava a convicção de que José Marrocos e seu respectivo «Formulário», ou livro—de—fazer—SANGUE, funcionaram, regularmente, na produção do embuste dos MILAGRES da solerte Maria de Araújo. Em seu livro — JUAZEIRO DO PADRE CICERO E A REVOLUÇÃO DE 1914 — evitou a revelação do aludido segrêdo considerando os dois motivos mencionados — família e politica — e também face a sua amizade pessoal ao Padre Cicero, de quem foi médico. Se tivesse de fazer uma segunda edição dêsse livro, morto o Padre Cicero, modificaria — disse-o certa vez — quanto escrevera sôbre a chamada «Questão Religiosa de Juazeiro», sobretudo depois que entrou na posse de documentos que conservou em seu arquivo, confessando a seu amigo, J. de Figueiredo Filho, que êles só deveriam ser publicados quando se arrefecessem as paixões. Encontram-se em mãos de seus herdeiros.

Certa vez, comigo comentando o embuste em fóco, Irineu Pinheiro exclamou com inflexão grave da voz e acenos afirmativos da cabeça: «José Marrocos! José Marrocos! Foi o demônio de tudo!»

Escreve o advogado da memória de José Marrocos: Sem receio de contestação, afirmo que jamais Irineu Pinheiro revelou a Dom Quintino Rodrigues qualquer coisa que pusesse uma interrogação em torno do carater de José Marrocos». Sim! pois o autor de «O Cariri» honrava compromissos de menor porte quanto mais um pacto de família, de sua família, e só o quebrou quando dos artigos do dr. Raul de Sousa Carvalho.

### DOM QUINTINO RODRIGUES

Alude o autor da Defesa ao fato de haver gosado da inteira confiança de Dom Quintino Rodrigues e jamais ter ouvido de seus lábios algo que compromettesse o carater de José Marrocos.

Esse falecido príncipe da Igreja, temperalmente reservado, jamais depositou confiança INTEIRA em pessoa alguma, em que pese ao equivoco do autor da Defesa, no qual observava certo pendor psíquico, inconciente, para o que costumava chamar — «As coisas do Juazeiro», a respeito das quais lia documentos exaustivos ao mesmo autor da Defesa como ilustração, mas também, ilustração preservativa e terapeutica. Ademais, Dom Quintino Rodrigues ignorou a existência do «Formulário» ou livro de manipular drogas e dos panos pseudos «ENSANGUINHADOS» em poder e na casa de José Marrocos.

Houvesse Dom Quintino — vitima por alguns mêses da co-embusteira Maria de Araújo — ou os Comissários Episcopais chegado a saber da existência em mãos de José Marrocos, dêsse livro que

ensinava a manipular droga, certamente teriam incluído o livro e dono do fichário dos pontos de referência norteadores da perseguição ao embuste.

### FIDALGUIA E ALTANEIRIA

Afirma a Defesa, que José Marrocos não desceria de «seu temperamento altaneiro e fidalgo... para ensinar a uma negra ignorante e sem atrativo a profanar o sacramento da Eucaristia.

O equilíbrio do homem do livro de fazer SANGUE, no alto dessas comieiras da fidalguia e altaneiria, não era tal, que lhe houvesse entravado a descida ao roubo dos panos da Matriz de Crato e ao terra — terra da bajulação pseudo mística, afetadamente embevecida à figura da "negra ignorante e sem atrativo", que êle qualificou de "humilde serva de Deus", "instrumento da manifestação do poder divino", uma "estigmatizada". A "estigmatizada" de José Marrocos reproduzia em suas representações burlescas, atriz-instrumento, sempre na penumbra de um quarto, com certa habilidade e aparência de sangue, a contrafação do quadro da autêntica estigmatização dos santos, na qual se reproduzem os estigmas de Jesus Cristo padecente no Calvário, acompanhados, ou, não, de dores martirizantes.

Enleiado e rojante, maléfico e simulado, José Marrocos escreveu: "Aquella humilde serva de Deus deitada em pobre leito com os braços abertos em forma de cruz desenhada em sangue e coroada de espinhos ao redor de sua cabeça... a boca entreaberta e estuando sede, o peito de mortal agonia, as mãos furadas e os pés borbulhando sangue..." ("Memorial"). Assim, Maria de Araújo não era tão negra e sem atrativo, que não atraísse os encômios babados, de seu simulado devoto.

### "GOLE A GOLE"

A Defesa julga que a participação de José Marrocos, no caso dos MILAGRES de Maria de Araújo, teria sido um hiato brusco em sua vida, pois, segundo a mesma Defesa, só se chega à planície do mal ou se retorna à montanha do bem, "gole a gole".

A própria "visão obnubilada", admitida pela Defesa em José Marrocos, face aos ditos MILAGRES, teria constituído uma queda brusca daquele "belo espécime de inteligência ponderada" (segundo o conceito da mesma Defesa), se dessemos crédito ao que Marrocos escreveu em seu "Memorial" ao afirmar que só tivera conhecimento dos MILAGRES no início de sua publicidade. Ora, todo mundo sabe que no início do acontecimento José Marrocos já defendia o embuste. Obnubilação instantânea!... "Gole a gole" ou, não, foi o grão-mágico do embuste, seu arquiteto intelectual e farçante advogado.

## DISTANCIA ...

Vem a propósito a suposta distância de relações pessoais entre José Marrocos e sua pseudostigmatizada Maria de Araújo, distância alegada pelo autor da Defesa contra a discutida participação de José Marrocos e seu livro no embuste dos MILAGRES de sua atriz. Ora, crônico ATTACHÉ da casa do Padre Cicero (seu titere inconciente no ciclo do embuste milagreiro), José Marrocos para ela se passou ao tempo da efervescência de seus MILAGRES. Maria de Araújo, vivendo à sombra desse mesmo tecto hospitaleiro, nêla se perfilava como unidade da família, sobretudo depois de travestida de mística, então venerada e objeto de todos os carinhos. José Marrocos, o Padre Cicero e Maria de Araújo constituíam entre aquelas quatro paredes uma unidade vista à luz do embuste em questão. Não é crível, pois, a distância suposta pela Defesa. Quando existisse, era para uso externo. A veneranda mãe do autor da Defesa, testemunha fidedigna de um episódio que lhe pareceu traduzir tal distância, positivamente foi burlada, ela, a austera e piedosa senhora que representava Madalena nas Semanas Santas do Padre Cicero.

## O TESOURO

A Defesa, para provar que José Marrocos não obtivera o formulário de fazer SANGUE com o fim que se lhe atribui, nem o guardava e aos panos—MARROQUINOS como reliquias de um embuste, lembra o fato de o proprietário não se preocupar com a possibilidade de «objetos tão cubiçados» (os panos) serem roubados nas suas reiteradas permanências em Barbalha.

Quanto ao livro, claro que não havia cubiça porque era ignorada sua existência. É lógico que nos primeiros tempos o proprietário conduzi-se consigo seu tezouro, panos e livro, nas suas ausências da cidade de Crato. Adormecida, porém, a memória da suspeita sobre o autor do furto dos panos, atribuído, no tempo, pela opinião pública, a José Marrocos, e desvanecida a esperança de sua revelação, tudo acrescido do respeito quase supersticioso de que gozava a casa do mesmo Marrocos — o TESOURO poderia assumir a condição esporádica de solitário temporário nas andanças transitórias de seu dono. Revelados em 1910, os panos—MARROQUINOS contavam dezoito anos de roubados. Quem então ainda os cubiçava?

Se José Marrocos participou, como é provável, da elaboração do embuste dos MILAGRES de Maria de Araújo, nas funções de técnico, terá conservado seus panos e seu livro pelo natural afeto histórico à memória de sua rumorosa aventura. E ao falecer inesperadamente, em Juazeiro, poderá ter revelado ao amigo traído a vivência dos panos, seu esconderijo, a existência do livro e seu uso na pro-

dução do embuste. O Padre Cícero por ocasião da entrevista com Antonio Luis confessou que só muito depois descobrira que fôra logrado. E antes de sepultar José Marrocos, por que tanto se empenhou pela posse do espólio doméstico do falecido? Não seria para resguardar a reputação do morto, a quem perdoara? Sobretudo porque o embuste coincidira com sua megalomania?

### TESTE SUICIDA...

Supõe, a Defesa, que José Marrocos obtivera e conservara o prontuário de preparação de corantes com o fim de provar que não era de galinha, o sangue dos panos, conforme assoalhavam os adversários. O tintureiro dos MILAGRES rubro; da boca e da mão de Maria de Araújo e dos estigmas de seu corpo nunca enfrentaria semelhante teste, porque então se revelaria o ladrão e depositário, que era, de tais panos. A revelação do livro ainda mais comprometeria o feiticeiro. Mais: desde a eclosão do embuste, falou-se do emprêgo de anilina, sangue de galináceo na manipulação dos MILAGRES. Por que José Marrocos não aceitou o impertinente desafio pondo seu livro magico a funcionar? Um desafio de dezoito anos!...

De trânsito: o dr. Altredo Teixeira Mendes. Juiz de Direito aposentado, homem austero, residente nesta cidade, sobrinho do citado Antonio Luis, folheou em casa deste o tal livro de José Marrocos. Constatou que era escrito em francês, de autor francês, encadernação luxuosa de côr vermelha e editado em Paris. O agrimensor Mário Teixeira, irmão daquele Juiz, comigo conversando há pouco tempo sobre o assunto, disse-me que viu o livro em casa de José Marrocos no dia em que o Juiz da Comarca de Crato, o citado dr. Raul de Sousa Carvalho, fez o arrolamento dos bens domésticos do falecido, e observou que tinha gravuras.

### DAS ORIGENS AO FURTO

Um dia — foi no primeiro semestre de mil oitocentos e noventa e um — o Bispo do Ceará, o previdente, prudente e enérgico Dom Joaquim José Vieira, foi informado de que na Capela da povoação de Juazeiro, partículas se coloriam de rubro até à diluição, às vistas do público, na boca duma curiboca analfabeta, familiar da casa do padre Cícero Romão Batista, o capelão local, fato que conturbava a consciência religiosa do povo. Soube mais que pedaços de tecido, tocados dêsse estranho SANGUE, expunham-se ao culto público, condicionados numa urna de vidro, na qual o povo, genuflexo e comovido, depositava ôsculos e tocava fitas e cadarços.

Em data de doze de julho de 1891, a Autoridade Diocesa-

na determinou, ao citado capelão de Juazeiro, que recolhesse e guardasse, cautelosamente, a dita urna e o conteúdo dela (os tais panos **ENSANGUENTADOS**) até que chegasse o sacerdote comissionado para o respectivo inquérito.

Chegando a Juazeiro, o Commissário Episcopal verificou o conteúdo da urna, constatando a presença dos ditos panos.

Terminadas as averiguações no Juazeiro, o Commissário Episcopal conduziu Maria de Araújo para a Casa de Caridade do Crato, para novas averiguações. Trouxe a urna com os panos e os depositou no sacrário (onde então não se guardava o Santissimo) da Capela do Santissimo Sacramento da Matriz de Crato com o fim de levá-los para Fortaleza, em obediência a uma determinação de Dom Joaquim José Vieira, que certamente os mandaria ao exame inexorável e desmascarador da química científica.

Dias antes de o Commissário dar por concluída a sua missão, José Marrocos roubou o **PRECIOSO** tesouro: a urna com os panos da sua mistificação e da sua impostura.

### UMA PISTA

Em 12 de outubro de mil oitocentos e noventa e um, o Commissário Episcopal dava o Processo por concluso.

A «estigmatizada» de José Marrocos conseguira ludibriar a boa fé do Commissário, o qual chegou a registrar a seguinte balela da co-embusteira: sua murça se manchara de rubro resultante de uma comunhão que Jesus Cristo lhe ministrara do próprio sangue num cálice de ouro!.. E mais esta: estando a embusteira à mesa para tomar leite, êste se convertera em sangue!..

Positivamente o processo provará demais, e novas pesquisas se impunham, o que foi ordenado pelo Bispo Diocesano, iniciando-se pelo depoimento implementado do padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, o citado Dom Quintino, que em resumo declarou: a) que Maria de Araújo lhe afirmara, certa vez, haver assistido sobrenaturalmente a uma leitura espiritual feita por uma pessoa na distância de três léguas (ostentação!), mas insistida para revelar o nome do lugar e a posição da pessoa, acabou confessando com um sorriso (meliflua!) que — mentira — (mendaz!) b) que, por duas vezes, fazendo leitura espiritual para Maria de Araújo segurando ela um crucifixo e tendo as mãos cobertas com o manto, a mesma chamou-lhe a atenção para o crucifixo **ENSANGUENTADO**, no qual umas partes pareciam mais rubras do que outras e uma dava a impressão de conter saliva; c) que assistira a uma das comunhões ditas **MIRACULOSAS** (recebida de Deus diretamente no dizer de Maria

de Araújo): imediatamente depois de haver Maria de Araújo comungado realmente, tendo-se-lhe mandado que pedisse a Nosso Senhor para dar-lhe a Comunhão numa intenção dada, depois de pequeno intervalo de alheamento de sentidos, apareceu em sua lingua uma partícula ENSANGUENTADA (nos primeiros meses o padre Quintino Rodrigues foi prêsa do embuste) de matéria comum, não perfeitamente circular e de diâmetro menor que a Partícula que ela acabara de receber, e se ela, continua o padre Quintino Rodrigues, estivesse com as mãos e o rosto perfeitamente descobertos, teria sido fácil afirmar que dita partícula tinha uma origem estranha; d) QUE SÔMENTE DEPOIS DE HAVER MARIA DE ARAÚJO FECHADO A BOCA POR MAIS OU MENOS TEMPO É QUE SE TINHA VISTO A PARTÍCULA ENSANGUENTADA EM SUA LÍNGUA; e) QUE EM TAIS OCASIÕES MARIA DE ARAÚJO CONSERVAVA AS MÃOS E O ROSTO VELADOS COM O MANTO.

Assim o padre Quintino modificando o primeiro depoimento apontou uma pista para o desmascaramento deste embuste SANGUINEO ou de tinturaria. Com êsses elementos em mãos, a Autoridade Diocesana nomeou para proceder às novas pesquisas ao então vigário de Crato, padre Antonio Alexandrino de Alencar, Comissário que foi sucessivamente secretariado pelo padre Manoel Cândido dos Santos, vigário de Barbalha, e padre Miguel Coelho de Sá Barreto.

Nêsse interim, o coronel Juvenal de Alcântara Pedroso, do escol social de Crato, e o Juiz de Barbalha, João Firmino de Holanda, davam testemunho público e pessoal confirmando os itens d e e do depoimento implementar prestado pelo padre Quintino Rodrigues.

### CAEM MÁSCARAS

Na Capela da Casa de Caridade do Crato, às sete horas da manhã, durante três dias seguidos, presentes o médico Marcos Rodrigues Madeira, citado, o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves, autoridades locais e mais pessoas destacadas do meio citadino, além do concurso de fiéis (tal qual ocorria nas demonstrações das comunhões ditas MIRACULOSAS, no templo de Juazeiro), Maria de Araújo fez três demonstrações de suas célebres comunhões supostamente milagrosas, até então verificadas sómente após ter ela estado com a boca fechada e o rosto e as mãos cobertos pelo manto. Recebida a Partícula da Sagrada Comunhão, INTRA-MISSAM, o Comissário mandava que a comungante, Maria de Araújo, conservasse a boca aberta. Decorridos quinze minutos, ordenava-lhe que a fechasse, e, passados cinco minutos, determinava-lhe que a reabrisse.

Realizados os três testes, em nenhum deles a Partícula, da Sagrada Comunhão perdeu o seu branco aspecto natural.

Eliminadas previamente as circunstâncias: boca fechada, embaçamento das mãos e rosto e conservado o espaço de tempo de quinze minutos, quantos Maria de Araújo consumia entre a recepção da Partícula da Sagrada Comunhão e o aparecimento em sua língua, da partícula pseudo ensanguentada (a qual a ambusteira dizia lhe ser ministrada diretamente por Deus)—tornou-se evidente que essas circunstâncias concorriam simultâneamente a condicionar o fenómeno, o qual, se fôsse de origem divina, prescindiria delas. Em verdade, eram máscaras de manobras a serviço do embuste, que então se desmascarou, desmascarando-se, do mesmo passo, a atriz—“estigmatizada” de José Marrocos.

Por outro lado, patenteou-se que a Partícula da Sagrada Comunhão, durante os testes, não se colorira ao contato da saliva de Maria de Araújo, prova de que esta não tinha hemossialorréa. E não controlava sangue do próprio organismo de modo a utilizá-lo no truque, porque o teria feito (naquelas oportunidades em que conservou a boca fechada, cinco minutos de cada vez) para ensanguentar a Partícula, num esforço desesperado no sentido de evitar a suprema desmoralização, que lhe sobreveio.

Aqueles testes desmascaradores seguidos de sérias e ponderadas admoestações do Comissário marcaram o canto de cisne dos MILAGRES de Maria de Araújo, a farsante e «humilde serva de Deus», de José Marrocos, que lhe beijava a mão prestidigitadora.

O exame do dr. Marcos Rodrigues Madeira provara que a coloração vermelha da partícula-burla exibida por Maria de Araújo na própria língua (naturalmente depois daquelas manobras de que infelizmente o médico não se advertira) não procedia DO organismo da co-burlã, nem da Partícula da âmbula, previamente examinada. Ademais, os sacerdotes que ministraram a Sagrada Comunhão a Maria de Araújo no curso do rumoroso embuste e aos quais ela enganou com o truque da partícula-burla impingindo-lhes como recebida diretamente de Deus, seriam incapazes, inclusive o padre Cícero, de ministrar Partícula da Sagrada Comunhão, sabendo-a inquinada das drogas de José Marrocos, ou do que quer que fosse, pois eram pessoas blindadas de sentimentos elevados, como ainda em mil oitocentos e noventa e quatro, o proclamava Dom Joaquim José Vieira, em pastoral relativa à decisão da Sagrada Inquisição Romana sôbre a fábrica dos MILAGRES químicos do consórcio José Marrocos-Maria de Araújo.

A propósito da boa fé do Padre Cícero no célebre embuste (sempre dentro da paranéa do sacerdote) refiro o seguinte: às vezes,

êle comia, pensando comungar, o amido viscoso da partícula de «origem estranha» (para empregar a expressão do padre Quintino Rodrigues) misturado à droga vermelha e à saliva, tudo retirado por êle mesmo da boca da ambusteira, por ocasião das comediantes comu-nhões MILAGROSAS. Êle o comeria se estivesse convencido do embuste? Repugnaria!

Não resta dúvida, pelo exposto, que Maria de Araújo usou partículas estranhas às da Sagrada Comunhão, e coloráveis sob a ação de agente químico, fosse, por exemplo, solução alcóolica de fenoltaleína, talvez empregada na confecção da partícula. Umedeci uma partícula (não consagrada, é claro) com aquela solução, coloquei-a na língua, tendo antes posto bicarbonato de sódio na boca e deixado que se diluisse na saliva. (A fenoltaleína e o bicarbonato são remédios para doenças do intestino e estômago respectivamente). Foi pronta a coloração vermelha do amido. O autor da Defesa, talvez para acentuar sua convicção de que eram de sangue natural as manchas contraídas pelos panos furtados por José Marrocos e encontrados em seu espólio, ou as de quantos foram tocados do elemento rubro da boca e dos crucifixos ENSANGUENTADOS de Maria de Araújo — invoca e registra a expressão de Dom Quintino Rodrigues: «Panos ENSANGUINHADOS», reflexo da convicção de quem foi vítima do embuste e morreu sem ter notícia do livro de José Marrocos.

Realmente, durante meses a fio, o então padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, depois Dom Quintino Rodrigues, acreditou que aquêle elemento rubro fosse SANGUE e SANGUE de origem divina, SANGUE de Jesus Cristo. Dissipada essa convicção, ficou-lhe a impressão de que se tratava de outro qualquer sangue natural, impressão deduzida da observação pessoal empirica, reforçada pela opinião, também empirica, de três médicos que examinaram. A ÔLHO, o fenômeno da partícula ENSANGUENTADA e dos ESTIGMAS.

Ignoravam, êsses clínicos, que estivessem na presença dum embuste habilmente idealizado e bem executado. Marcava-lhes o espírito, no curso dos exames, a sugestão coletiva, então reinante no ambiente social, da crença num sangue. Nunca se lhe permitiu tocassem fisicamente na partícula — burla ENSANGUENTADA. Examinaram sob os olhares duma multidão fanatizada, à frente o primeiro Comissário Episcopal, o qual não desfarçava o desejo de ver sua credulidade aprovada pelo laudo mênico. Atmosfera conturbadora da serenidade que deve presidir a pesquisas de tal natureza, mesmo empiricas, quais eram.

O médico Inácio de Sousa Dias, um dos três citados examinadores, nos dá uma idéia do ambiente conturbado em que a ciên-

cia oficial procedia a êsses exames, numa carta dirigida ao Bispo Diocesano, escrita de Icó com data de dezesseis de outubro de mil oitocentos e noventa e dois. Transcrevo o trecho que interessa ao assunto: «Convitado pela Comissão de Inquérito para dar meu parecer sôbre os fatos em questão, aceitei a incumbência convencido de que pela mesma Comissão me seriam facultados todos os meios de exames tendentes ao descobrimento das causas físicas que os produziam. Mas assim não aconteceu. Primeiro, o exame teve lugar na Capela e em um quarto da Casa de Caridade de Crato, onde além da falta de luz, eu e meu colega dr. Marcos Madeira nos achavamos cercados de uma multidão de pessoas de todas as classes, cujo interesse em que os fatos fossem declarados milagrosos levava a introduzir no ato a maior desordem e confusão. Segundo, tratando-se de examinar um fenômeno que ocorria em uma partícula depois de consagrada (o médico ignorava o truque da partícula-burla, observe, eu, o transcritor) nos foi negada pelos padres presentes a permissão de tocá-la, prová-la e submetê-la aos processos de exame, o mesmo sucedendo com o exame procedido por ocasião da estigmatização de Maria de Araújo, em cujo corpo não foi permitido proceder às devidas investigações. Fintos, pois, os ditos exames, encontrei-me em completa dúvida e portanto sem as necessárias habilitações para emitir meu juízo, o qual todavia me era pedido pela Comissão de Inquérito, e tendo fortes razões de receiar desacatos de um povo cujo fanatismo transluzia em todas as suas ações e palavras...»

Que valôr têm laudos clínicos resultantes de exames realizados em semelhantes ambientes conturbados ?

De modo que não se pode falar dum sangue natural que, na boca de Maria de Araújo, ruborizou partículas e panos, ou do sangue de seu organismo a serviço dêsse truque, sangue aliás não ocorrente (não é ocioso lembrar) naqueles exames realizados pelo dr. Marcos Madeira e por ocasião dos citados três testes desmascaradores.

Em resumo, a solerte Maria de Araújo, o «instrumento do poder divino», de José Marrocos (caluniava a Divindade, pois a atriz era instrumento do poder dêle mesmo), usou processos químicos no embuste do suposto ensanguentamento sobrenatural da partícula-burla, de origem estranha àquela do mistério sacerdotal a qual ela consumia antes de usar a partícula-burla, conduzida esta, ocultamente e manobrada por trás do manto e dos lábios cerrados.

A atriz de José Marrocos fabricava milagres em série. Na segunda quizená do mês de outubro de mil oitocentos e noventa e um, o vigário da freguesia paraibana de Princesa, Pe. Cícero Torres, abalado pela fama dos MILAGRES de Maria de Araújo, do Juazei-

ro, vouu de sua paróquia e encontrou-se, em breve, na Casa de Caridade do Crato, ávido dos MILAGRES da co-embusteira. Anunciado, foi recebido pela Superiora. Manifestado o seu desejo, prontificou-se a encaminhá-lo, o padre Francisco. Comunicam que Maria de Araújo estava adoentada. Entra para o interior da Casa, o padre Francisco. E volta, anunciando ao visitante que poderia esperar, Ficaram, ambos, a conversar. Nêste intervalo, o padre Torres ouviu gemidos femininos, partidos do interior da Casa. A atriz fingia sofrer. Decorrida meia hora, o padre Francisco voltava a colher informações sôbre o estado de saúde da SANTA. Quando reaparece, invergava uma sobrepeliz e empunhava um ritual. E passou para a Capela, contigua à sala onde se encontrava o visitante, o qual, vencidos alguns minutos, é chamado pelo colega. Padre Cícero Torres deparou com o seguinte quadro burlesco: a co-burlã, genuflexa, fingidamente extaseada, olhos imóveis e fixos no altar, segurava, entre o índice e o polegar, uma partícula a se diluir em liquido vermelho a partir da parte superior. O liquido, em fics tênues, descia às extremidades dos dois dedos. Terminado êste MILAGRE, Maria de Araújo (que enganava ao Padre Francisco como fazia ao Padre Cícero e ao Pe. Quintino Rodrigues, associada a José Marrocos) passou a outro, ao da partícula ENSANGÜENTADA, a partícula-burla Produzido êste, representou a cena da suposta comunhão do PRECIOSO SANGUE (do manual de José Marrocos), exibindo na lingua (naturalmente depois das escamoteações do manto e da boca fechada) uma pequena concentração circular de côr vermelha, semelhando sangue. Como se vê, a tinturaria «Marroco-Maraújina» produzia a três por dois. O «Formulário» funcionava regularmente. Êsses fatos foram escritos e publicados pelo próprio padre Cícero Torres, e Manuel Diniz, os transcreveu em seu — «Mistérios do Juaseiro».

Maria de Araújo empregava os mesmos processos químicos em outras manifestações do complexo do embuste do PRECIOSO SANGUE, por exemplo, na «estigmatização», em que não faltaram os vesicatórios à «Mosca de Milão», como se veio a saber depois.

Embora astuta, mas realmente 'negra ignorante', Maria de Araújo não possuía noções de farmacopéa antes do ciclo do embuste, nem capacidade para idealizar, sobretudo com a previsão das consequências sociais, a peça burlesca que representou com certa habilidade. Quem o agente oculto seu instrutor e guia? Não foram o Padre Cícero e os três outros sacerdotes que, a seu derredor se aferraram, ilusos como êle, à crença na origem divina do suposto sangue, pois ainda em mil e oitocentos e noventa e quatro, Dom Joaquim José Vieira declarava em pública pastoral que êsses sacerdotes possuíam costumes puros, sentimentos elevados e eram incapazes de praticar uma ação menos nobre. E acrescentava que êles obedeciam à orientação de

um «paredro mal inspirado» a cujo arbítrio se haviam entregue, o qual os conduzia por «caminhos tortuosos» explorando-lhes a sensibilidade. E não incluía o diácono, o «paredro», nessas ressalvas morais feitas aos quatro sacerdotes. José Marrocos, simulado apóstolo da defesa da origem divina do seu embuste SANGUÍNEO, foi neste campo, o cérebro e a chama estimuladora (como depois Floro Bartolomeu da Costa o seria no campo político) do Padre Cícero, já discreta, já ostensivamente, e, por consequência, dos três outros sacerdotes. Era o «paredro» da denominação do Bispo Diocesano, o diácono expulso do Seminário, «o demônio» da classificação do historiador Irineu Pinheiro, o «sabidão» a que se refere o citado intelectual Celso Gomes de Matos. O próprio Padre Cícero não defendeu José Marrocos, quando com este, já então morto, recebeu o qualificativo de embusteiro, de parte de Antonio Luis, por ocasião da entrevista precitada.

As três únicas pessoas realmente relacionadas a fundo com o complexo do embuste chamaram-se: Padre Cícero Romão Batista, diácono José Teles Marrocos e Maria de Araújo, carne e osso e alma obrigatórios, os dois últimos, da casa do sacerdote, a dupla de sua absoluta confiança. Feitos, para o Padre Cícero, os três sacerdotes e Maria de Araújo, os descontos citados, inclinam-se sobre José Marrocos os indícios veementes de sua participação interesseira no complexo do embuste, êle o boticário do livro de fazer SANGUE e o responsável pelo roubo dos panos drogaizados da Matriz de Crato. Êle, que, numa demonstração de duplicidade, aplaudiu as representações MIRACULOSAS de Maria de Araújo registradas pelo primeiro Comissário, e, convidado depois pelo segundo Comissário, padre Antonio Alexandrino de Alencar, a assistir testemunhalmente (convite a que atendeu) ao segundo dos três testes já referidos, em que o embuste, foi desmascarado — fugiu a sobescrever o respectivo auto, quando Marcos Rodrigues Madeira, o clinico citado, assinou as três atas e descreu, desde então, do caráter sobrenatural dessas mágicas de tinturaria. Êle, que, tendo constituido com outros, Roma como supremo árbitro na questão da origem divina do embuste apelando da decisão da Autoridade Diocesana — não aceitou entretanto a sentença condenatória dos efeitos de suas drogas (não parece impertinente lembrar que José Marrocos representava, no dizer da Defesa, um belo espécime de inteligência ponderada, enquanto o Padre Cícero, observe eu, sofria do citado desequilíbrio psíquico), sob a alegação hipócrita, de que Roma fôra mal informada pelo Bispo Diocesano. Por que José Marrocos não assinou o auto do mencionado teste e recalcitrou diante da decisão do Supremo Tribunal da Igreja, após havê-lo constituido supremo árbitro?

## A DOCTRINA E O EMBUSTE

É historicamente certo que, ainda antes da eclosão do em-

buste, teria sido revelado ao Padre Cícero (segundo posterior declaração sua em depoimento) o advento de uma NOVA Redenção, de que êle seria o precursor e Juazeiro, o cenário, no qual Jesus Cristo verteria seu precioso sangue, que correria visivelmente de seu coração humano e visível, através das Sagradas Espécies.

Essa doutrina saiu da cabeça do «teólogo» José Marrocos, tendo-se em consideração que foi êle o cérebro do Padre Cícero na questão do embuste, como Floro Bartolomeu, no campo político. Foi no momento do delírio religioso do sacerdote, que José Marrocos entrou em cena, solertemente associado a Maria de Araújo, dando ao levita a impressão de que a doutrina se objetivara, da qual os MILAGRES eram o testemunho.

José Marrocos teria tido em vista a projeção social do Padre Cícero e Juazeiro e, dentro dessa paisagem, o seu próprio destaque. Outros acham que êle agira inspirado no jansenismo de que teria sido inquinado. Ou ainda pelo ressentimento que lhe ficara, da saída forçada do Seminário. Achava oportunidade para desferrar-se da Autoridade Eclesiástica. Julgo que o inspiraram, os três motivos, com a prevalença do primeiro.

O fato é que o conjunto do embuste traduziu os aspectos básicos daquela doutrina. Por exemplo: a partícula-burla purpurizava-se, e, às vezes, assumia no centro a forma de um coração humano da mesma côr. E era de ver, como José Marrocos aplaudia os seus MILAGRES atribuindo-lhes origem sobrenatural! Atribuía e defendia. Ganhou por isso popularidade nêste Cariri, acrescida da que lhe era projetada pela figura mística do Padre Cícero. Popularidade mais por êsses motivos do que por sua condição de professor, atividade em que ficou aquêem de M. da Silva e Sousa, Raimundo Duarte Pinheiro, Bernardino Gomes de Araújo, Joaquim de Macêdo Pimentel e tantos outros que exerceram o magistério nesta zona, no sentido de que êsses não deram aos alunos o exemplo dissolvente de ostensiva desobediência e agressão publicitária contra a Autoridade Eclesiástica, nem concorreram para imobilizar e petrificar populações inteiras no fanatismo. Foi até à morte o instrutor intelectual, guia e primeiro ministro particular do Padre Cícero. Enquanto viveu, Floro Bartolomeu da Costa não conquistou a confiança do sacerdote. Floro o teria envenenado. Sua fuga para a fazenda «Barreiros», em Missão Velha, ja no dia da morte de Marrocos, o comprometeu.

### OUTRAS MÁSCARAS

Neutralizada a chocadeira central dos MILAGRES e com ela a ação do feiticeiro José Marrocos graças às três provas arrazadoras realizadas na Casa de Caridade do Crato, o Comissário Alexandrino de Alencar estendeu as pesquisas a uma equipe de mulhe-

res que, sem conhecerem os segredos de produção dos MILAGRES vermelhos de Maria de Araújo—José Marrocos, tentaram reproduzi-los. Uma — a que ia chamar o Padre Cicero (quando acontecia êste estar afastado) toda vez que Maria de Araújo simulava o êxtase que invariavelmente precedia ao ato farsante da cena da ruborização da partícula-burla — foi surpreendida, na posse duma partícula assinalada com um minúsculo coração vermelho encimado por uma cruz da mesma côr. Uma outra — constatou o Comissário Alexandrino de Alencar — colocara certa vez na boca uma partícula centralizada por uma cruz vermelha com uma constelação de cinco corações de côr idêntica. Cobriu imediatamente o rosto e as mãos com o manto, simulou alhciamiento dos sentidos pronunciando palavras em latim, e, dêste modo, enganara ao Padre Cicero. Uma terceira, natural de Aracati, M.C. de A.G., fôra apanhado na Matriz de União (vale do Jaguaribe) com uma partícula igualmente assinalada por um coração vermelho. Chegara a Juazeiro quando o embuste já estava funcionando. Sofreu aquela surpresa desagradável em União quando tentou ali, após a desmoralização do embuste, reproduzir os MILAGRES do Juazeiro, associada a um sacerdote (um dos quatro citados) a quem enganava, como Maria de Araújo ao Padre Cicero. Aquêlê padre se apresentou ao vigário local como enviado do PRECURSOR, o João Batista da NOVA Redenção: Padre Cicero. (A doutrina José Marrocos—Padre Cicero preconizava o aparecimento do coração humano, sensível, de Jesus Cristo, a sangrar através das Sagradas Espécies como sangrou do alto da Cruz).

Finalmente identificou-se o emprêgo de vesicatórios para a produção de estigmas MILAGROSOS da marca daqueles da «estigmatizada» de José Marrocos.

Constatou ainda, o Comissário Alexandrino de Alencar, que, certa vez, a CO-TAUMATURGA, tintureira Maria de Araújo, fingiu-se extaseada. Acudindo um sacerdote, encontrou-a largada numa rêde, braços estendidos em forma de cruz, olhos imóveis e fixos no tecto, enquanto segurava quatro partículas-burla entre os dedos. Revocada da simulada concentração mística, insinuou que Deus lhe dera diretamente aquelas partículas, para que os padres as comungassem . . .

## DEPOIS DA QUEDA DAS MASCARAS

O proceso, deficiente, como se viu, porque provara demais, graças à boa fé do Comissário Clécio Lôbo, que não identificara o embuste fixando-lhe a máscara, por trás da qual funcionavam o manual do boticário e a «teologia» canhestra de José Marrocos, impusera o prosseguimento das pesquisas. Elas se processaram dentro das normas prestabelecidas pela Autoridade Diocesana no pleno exercício

de seu munus pastoral. O resultado afirmou-se pelo desmascaramento do embuste e da embusteira-atriz, e de truques empregados na dramatização da farça idealizada pelo agente oculto que o Comissário não procurou descobrir porque sua missão se cumprira, confirmando as providências emanadas do Bispo Diocesano, e cujos resultados concorreram decisivamente a orientar a Sagrada Inquisição Romana na sentença que proferiu, contra os «prodígios vãos e supersticiosos» da empresa embusteira.

Apóstolo da defesa de seu embuste, cantado em seu maquiavélico «Memorial», José Marrocos passou depois a condenar o resultado das pesquisas constantes dos documentos relacionados com o desmascaramento da mistificação e da impostura. Ataque e defesa: defesa da parte do Processo n.º qual o embuste pareceu prevalecer sobre a verdade, e ataque àquela parte que consubstanciava os documentos relativos ao desmascaramento com que sumira uma hipocrisia e sepultara-se uma química milagreira.

Enquanto o apóstolo da defesa do embuste atribuía, de um lado, origem divina a sua droga vermelha de que foram tocados os panos que furtara, Panos-Marroquinos», doutra parte qualificava de «acréscimo» ao Processo, aos documentos procedentes das citadas pesquisas. Tudo depois de inventar que o Bispo Diocesano se comprometera a não os enviar a Roma, como se os mesmos não integrassem uma unidade moral e jurídica na orgânica do Processo.

No Tribunal da Sagrada Inquisição Romana Universal, os MILAGRES de José Marrocos receberam a etiqueta de — pretensos, e prodígios vãos e supersticiosos.

Alguém pela imprensa, firmando-se com o pseudônimo de Nicodemos, referiu-se aos «pretensos milagres do Juazeiro» e aos documentos em questão, que os identificara como tais (pretensos milagres).

Em sua réplica, sob o pseudônimo de José de Arimatéa, Marrocos despediu setas envenenadas contra esses documentos e o Bispo Diocesano, cuja providência, prudência e energia na condenação e desmascaramento do embuste, o citado historiador Irineu Pinheiro nunca se cansava de elogiar. Transcrevo alguns tópicos da melancólica verrina do José Marrocos derrotado:

«Que documentos! Tiveram até a pretensão de qualificar de embuste, os fatos».

«Que é que não pode quem quer e quem pode?»

«Que conceito, Sr. Nicodemos, faz do homem que compromete sua palavra, afirma e garante solenemente uma coisa para depois achar-se outra?»

«Já sabe, Sr. Nicodemos, que foi o acréscimo quem fez pre-

tensos os milagres do Joaseiro».

«Mas, Sr. Nicodemos, quando o governo erra é o povo quem paga os erros, e S. Excia., governo que era e que é, não quis ficar em má posição».

«Sua Excia. pois não podia deixar de descer... e desceu com o acrescimento de tais documentos».

Passando às penas cominadas pela Autoridade Diocesana ao primo e amigo traído, a quem empurrara e continuava a empurrar para o abismo, José Marrocos escreveu :

«Em semelhante sacerdote pena tão grave que no bispado do Ceará nunca sofreram os padres... já é um excesso de prepotência e um escândalo de absolutismo».

Assim o despedido forçado do Seminário de Fortaleza, o tocado dum jansenismo abroquelado na austeridade do formalismo exterior do culto, o técnico-mór do embuste, o homem do livro de fazer milagres, qualificando-se a si mesmo, passa atestado de versátil e prepotente até ao escândalo, ao Bispo Diocesano, o qual preveniu o cisma, desmascarou o embuste e eliminou a ameaça à dignidade do clero.

X X X

Incidem, sobre José Marrocos, os seguintes e veementes indícios suspeitosos de sua participação no embuste em fóco: roubo dos panos da Matriz de Crato, pelos quais tanto se interessou a Autoridade Diocesana, certamente para mandá-los à análise científica. Seu «Formulário» ou livro que ensinava a manipular drogas, discretamente conservado. Sua influência decisiva sobre o Padre Cícero na chamada «Questão Religiosa do Juazeiro». Sua frequência crônica à casa dêsse sacerdote em cuja companhia morava Maria de Araújo com ar de membro da família e com a qual é inadmissível não tivesse relações sociais íntimas. O uso de produtos químicos por parte da embusteira na produção dos MILAGRES e sua incapacidade intelectual para idealizar o embuste e os processos de sua exteriorização, e para prever suas consequências sociais. A recusa do mesmo José Marrocos em firmar o nome no auto de um dos três testes desmascaradores do embuste. Seu combate aos documentos resultantes das pesquisas que se seguiram imediatamente à conclusão do Processo, presididas pelo Comissário Alexandrino de Alencar. Sua duplicidade apelando da decisão do Bispo Diocesano para Suprema Instância da Igreja, para depois insubordinar-se contra a sentença sobrevinda sob o pretêxto hipócrita de que Roma fôra mal informada pela Autoridade Diocesana. Sua ausência no protesto que oralmente formulou o Padre Cícero contra o labêu de embusteiro a ambos irrogado pelo

coronel Antonio Luis Alves Pequeno na ocasião da entrevista citada nestas páginas. A ausência de seu nome nas referidas ressalvas morais feitas pelo Bispo Diocesano ao Padre Cicero e aos três outros sacerdotes recalcitrantes proclamando-lhes implicitamente a boa fé, e, por outro lado, a malícia do «paredro» (o diácono José Marrocos), que lhês explorava a sensibilidade e os orientava por «tortuosos caminhos», para repetir a expressão do grande Bispo. Sua alusão no «Memorial», com o fim de reforçar argumentos sofisticados, a notícias no «Diário do Comércio», do Rio, e no «Diário de Pernambuco», de Recife, inculcando-as como de fonte estranha, quando não se ignorava que procediam de sua pena. O fato de o Bispo Diocesano nunca lhe haver atribuído «a visão obnubilada», que reconheceu no Padre Cicero. A desnorteante MIOPIA de sua intelligencia, «belo espécime» — no dizer da Defesa — diante do embuste executado por uma negra ignorante, que ingeria bons golpes de cachaça, após fingidos êxtases, segundo constatação feita, no tempo, pela ex-superiora da Casa de Caridade do Crato, Delmina Silveira de Jesus. Embuste palpável a intelligências verdes, como era a de José Ferreira de Melo, irmão do falecido bispo da Diocese gaúcha de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Melo, ou a intelligências pouco instruídas quais de Antônio Luis Alves Pequeno e Basilio Gomes da Silva, citados. Finalmente a tradição oral, que atribui a José Marrocos o papel de embusteiro mór nesse embuste.

À luz pois das considerações espendidas neste trabalho, lamentamento enxergar na paisagem dolorosa do embuste enfocado uma provável responsabilidade, consciente, de José Marrocos. E' opinião adquirida agora ao estudar o assunto, depois da publicação de — «Em Defesa de um Abolicionista».

Se o público legente, senhor do assunto, pesados os meus e os argumentos da Defesa, inclinasse a concha da balança a favor de José Marrocos, com prazer eu silenciaria, e êsse silêncio seria o atestado de uma opinião desvanecida, pois só os amentes ou falhos de caráter não se dobram à evidência da realidade objetiva.

Só as solicitações da verdade nos inspiram. E para chegar até lá, a dúvida é um dos caminhos.

Crato, janeiro de 1956

**NOTA—DEIXO DE CITAR O NOME DO AUTOR DA DEFESA, PORQUE ELE NÃO CITOU O MEU. Amicus plato, sed magis amica veritas.**

#### NOTAS

1.<sup>a</sup>

Exatamente no ano de mil setecentos e oitenta e cinco, se-

nhoreava o sítio «C: breiros», hoje como naquele ano, encravado neste município — Alexandre Leite de Oliveira. (Livro de «Notas», 1770-85, f. 76 e segs., Cartório de Antonio Machado, Crato-Ce.) em companhia de Teresa de Jesus Maria José. «No momento de morrer êle declarou ser jesuita egresso». (Apontamentos Genealógicos da Família Alencar, ora em mãos do deputado federal Antonio de Alencar Araripe, residente nesta cidade, à Praça da Sé). Era natural de Lisboa, da freguesia de S. Raimundo. (Livro de reg. de Batisados, 2.º vol., 1816-21, f. 88, paróquia de Crato-Ce.).

Alexandre Leite de Oliveira e sua companheira Teresa casaram a filha, Bárbara Maria de Oliveira, com José Joaquim Teles. (Livro citado, f. cit.).

De José Joaquim Teles e Bárbara Maria de Oliveira, nasceu o padre João Marrocos Teles e, dêste, José Joaquim Teles Marrocos, objeto dêste tralho. (Livro de reg. de Bat., 1841-42, f. 87, par. cit.).

O labéu de infamador da memória de José Marrocos, a mim atribuído e emergente — EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA, envolve quanto está escrito à nota 10ª. da secção «Notas» de minha citada monografia. Daí a razão de ser da nota supra. Portanto a prova está feita, como produzida ficou, no curso dêste trabalho, a de que as mulheres do embuste—químico—MARROQUINO colocavam na língua partículas branco—vermelha, cerravam a boca, velavam o rosto e as mãos com o manto, simulavam alheamento dos sentidos e, chamado o sacerdote, êste pronunciava as palavras de revocação, e eis o milagre! Como, por igual, ficou veemente indiciada a atuação de José Marrocos como agente na elaboração do complexo do embuste dos MILAGRES de Maria de Araújo.

## 2.ª

Uma fórmula para reproduzir uma das modalidades dos milagres MARROQUINOS: Amido + solução alcoólica de fenoltaleína + bicarbonato de sódio igual a coloração vermelha. Uma pitada de bicarbonato de sódio na língua e em contato com amido impregnado de solução alcoólica de fenoltaleína, dá coloração vermelha. Usam-se outras bases, água de cal, por exemplo.

## 3.ª

Ao tempo em que funcionava, regularmente, a geratriz de MILAGRES em Juazeiro, circulou a versão segunda a qual alguns panos tocados na química de José Marrocos, haviam BICHADO. Em verdade houve vermes, mas procedentes do amido da partícula colhida com a droga vermelha da boca da estigmatizada MARROQUI-

NA. Sangue BICHADO, corruto e corrutível, houve em panos tocados em crucifixos e outros objetos usados pela equipe de CONTRABANDO que agia paralelamente à equipe Marrocos - Maria de Araújo, ou fôsse aquela chefiada pela solerte M. C. de A. G., equipe que usou sangue humano e de galináceo, bem como anilina nas partículas. Quatro mulheres desta equipe, arrependidas, declararam-se embustei- ras em depoimentos prestados diante do Comissário Alexandrino de Alencar, ou, melhor, Padre Antonio Alexandrino de Alencar. A chefe da equipe, a citada M. C. de A. G., mostrou o solado do sapato azulando para União, onde, como já vimos, foi apanhada com partículas assinaladas por coração vermelho.



**Beata Maria de Araújo,** no tempo dos pretensos milagres desmascarados depois pela clarividência do grande bispo D. Joaquim José Vieira.

Maria de Araújo, a atriz da primeira equipe, protegida por José Marrocos e o Padre Cicero, sentiu-se bastante forte para não se declarar — embusteira ao Comissário. A atriz revelaria o autor . . .

## 4.ª

Quando atribui a José Marrocos o título de «professor emérito», tive em vista as luzes da instrução que psitacisticamente derramou nas inteligências, pois não poderia ser educador modelo quem se converteu em mistificador e apóstolo da defesa e propaganda do embuste. Quem desferia os dardos de sua pena envenenada contra a Autoridade Eclesiástica. E se transformava em dúplice, como no caso do apêlo ao Supremo Tribunal da Igreja. E quem concorreu pelo exemplo, pela palavra, conversada e escrita, para corromper a pureza da Fé na consciência duma massa popular que se irrobilizou e se mineralizou na superstição, daqueles a êstes tempos.

## 5.ª

Itinerário histórico dos «panos—marroquinos»: Padre Cicero—José Marrocos; Comissário Episcopal, padre Clicerio da Costa Lôbo; José Marrocos (furtados por êle e depois encontrados em sua casa discretamente guardados com o livro de fazer SANGUE); dr. Raul de Sousa Carvalho; coronel Antonio Luis Alves Pequeno Júnior; Padre Cicero (de novo, e, desta vez, em companhia do célebre livro); J. T. de J.; Josefa Maria do Menino Jesus. «Beata

Bichinha»; Monsenhor Joviniano Barreto, aquêlê que tombou apunhalado sob a absolvição derradeira de seu Bispo então presente, em plena cidade de Juazeiro, pelo punho homicida do fanático Manuel Pedro da Silva.

Mons. Joviniano Barreto, vigário de Juazeiro quando entrou na posse daqueles residuos históricos dum embuste, encaminhou-os — segundo vim a saber depois por informação exata de terceiro — à incineração, cumprindo, desta maneira, a determinação da Sagrada Inquisição Romana, datada de 4 de abril de 1894.

Mons. Joviniano Barreto exercia as funções de vigário daquela paróquia quando foi assassinado. Uma vítima do embuste!

6.<sup>a</sup>

Poder-se-ia observar que o citado Padre Quirino Rodrigues, «um belo espécime de inteligência ponderada.» pagou tributo ao embuste em questão.

Em mil oitocentos e noventa e um aquêlê sacerdote contava apenas vinte e oito anos incompletos. Nem ao menos beirava a quadra da maturidade do espirito. Uma experiência verde. Quase um adolescente. Com as fragrâncias ainda dos Santos Óleos do sacramento da Ordem. Ainda assim, chamado naquele ano a Fortaleza (na terceira dezena do mês de outubro) pelo Bispo Diocesano que acabara de ler o Processo, prestou um depoimento implementar em que certas e agudas observações aflozantes deram à Autoridade a pista bastante para arrancar a máscara ao embuste.

José Marrocos — que a tradição aponta como o architecto intellectual do embuste — numerava então quarenta e nove anos de idade.

7.<sup>a</sup>

Escrevi que Maria de Araújo não tinha capacidade para architectar um embuste de finalidade social com a previsão exata de seus resultados no campo da formação dos aglomerados humanos.



José Marrocos em sua mocidade. Clichê de retrato pertencente á pessoa de sua familia.

Pois pasme o leitor. No dia nove do mês de setembro de mil oitocentos e noventa e um, quando os falsos MILAGRES abalavam meio mundo e ao Juazeiro afluíam milhares de sertanejos ávidos dessas mágicas químicas, Maria de Araújo declarou, depondo diante do Comissário Episcopal, lhe haverem sido revelados antecipada e sobrenaturalmente aquêles acontecimentos então em curso: a conversão da hóstia em SANGUE e a corrida das populações ao Juazeiro ansiosas por se purificarem no PRECIOSO SANGUE, ou melhor, PRECIOSA DROGA...

Aí, o resultado previsto: Uma metrópole sertaneja, palpante de progresso, na plenitude de sua vitalidade. Obra, em que José Marrocos concorreu com a concepção e a realização através dos MILAGRES de Maria de Araújo, o instrumento consciente, e do Padre Cicero, o instrumento inconsciente durante tempos, conforme sua declaração categórica na citada entrevista com Antonio Luis Alves Pequeno Júnior, êle, o nucleador de massas sociais que encarnaram em sua pessoa a aparente sobrenaturalidade do embuste MARROQUINO.

8.<sup>a</sup>

Acentua o autor da Defesa que mesmo na hipótese de que José Marrocos houvera sido adversário seu ou de sua família, não recuaría em reivindicar-lhe a memória.

Creio não haver singularidade em semelhante ardor desde que interpretado ao ângulo da impressão exata que do autor da Defesa tinha Dom Quintino Rodrigues relativamente às «coisas do Juazeiro», circunstância já por mim mencionada no curso dêste trabalho.

9.<sup>a</sup>

«... a história da miraculosa transformação da sagrada forma em sangue... tornava-se uma revelação que repercutia ao longe e de longe trazia romeiros que chegavam ao Juazeiro perguntando onde estava o Precioso Sangue (sangue da química de José Marrocos, observo eu, o transcritor destas linhas) que tinham vindo adorar».

Essas palavras que aí ficam, caíram da pena de José Marrocos 12-12-1891 (Memorial), as quais coincidem com as da profetisa Maria de Araújo, referidas em nota anterior e que aludem à REVELAÇÃO feita à embusteira sôbre a futura transformação da hóstia em SANGUE e o conseqüente concurso de romeiros ao Juazeiro... O autor e a atriz...

José Marrocos preparou e objetivou o embuste. Fingiu crer em sua origem divina e simulou-se o apóstolo de sua propa-

ganda e defesa. Tudo em obediência ao fim preconcebido de criar um Juazeiro para si e o Padre Cícero e onde se agitaria em torno do sacerdote e dêle, Marrocos, o doutrinador, um clero, cismático, integrante duma igrejaola tupiniquim. A deposição da solução da contenda nas mãos do Supremo Arbitro, Roma, foi hipócrita como se viu, por sinal que José Marrocos repeliu o laudo pelo fato de envolver a derrota arrasadora e definitiva do embuste e do embusteiro, o agente oculto, o apóstolo e o «teólogo» camullado do PRECIOSO SANGUE, em cujo complexo Maria de Araújo, o Padre Cícero e mais dois ou três sacerdotes fizeram o papel de títeres, como já foi dito.

A derrota fragorosa, o gesto da religiosa população cariense aceitando sem restrição a sentença do Supremo Tribunal da Igreja, obrigaram José Marrocos ao recuo estratégico com o Padre Cícero, mas êle continuou a alimentar no povo, por trás do padre e sob o embuço do «respeitoso silêncio» jansenista com o fim de criar o Juazeiro contemporâneo — continuou a alimentar no povo, repito, a crença na sobrenaturalidade do embuste, da qual o sacerdote era a encarnação junto aos homens imobilizados e fossilizados na superstição.

10.<sup>a</sup>

### CARTA EXPRESSIVA

Quando o embuste—concebido e elaborado na sombra por José Marrocos, representado no palco pela atriz Maria de Araújo e defendido de público por aquele burlão—rompera a marcha batida de suas previstas consequências sociais na formação do Juazeiro contemporâneo (consequências previstas pelas PROFECIAS de Maria de Araújo DITADAS pelo burlão), João Batista de Siqueira Cavalcanti escreveu uma carta confidencial a Dom Joaquim José Vieira, O missivista, pernambucano, sediado em Crato, bacharel nas funções de Juiz de Direito, desta comarca, foi pai do famaceutico Teófilo de Siqueira Cavalcanti, que por sua vez, foi progenitor dos cratenses drs. Elias de Siqueira Cavalcanti, João Batista de Siqueira Cavalcanti, Siqueirinha: José de Siqueira Cavalcanti, Teófilo de Siqueira Cavalcanti Filho e de Maria Luciola Siqueira Cavalcanti de Melo, senhora do Sr. Luiz Gonzaga de Melo, da renomada estirpe da Família Melo, de Crato.

A missiva reflete a premeditada paisagem de picadeiro para a qual o embuste transitou com o fim de impressionar fundamentamente as massas ignaras, dominá-las e fixá-las à terra do berço do mesmo embuste. Traduz o grito de revolta das inteligências ponderadas, fi-

dalgas altaneiras. Traduz o terror que o embuste inspirava até aos espíritos autônomos, pois o missivista, além de imprimir caráter confidencial a sua carta, assina com pseudônimo num primeiro movimento de temor.

Enquanto isso, José Marrocos defendia a sobrenaturalidade de seu monstrengo.

Passarei à margem dalguns trechos da carta, daqueles que envolvem os nomes de pessoas cujos parantes me merecem atenção.

«Cidade do Crato, 28 de julho de 1892

Ilmo. e Exmo. Sr. Bispo.

Não se surpreenda V. Excia. Somente a verdade e o amor à Religião que professamos, me obrigam a comparecer perante a maior Autoridade da Igreja no Bispado do Ceará, e me dão coragem para tanto.

Os fatos que se têm dado e se estão dando no povoado do Juazeiro entristecem e escandalizam o verdadeiro católico.

Urge uma providencia pronta e energica que restabeleça as coisas em seu verdadeiro pé.

Há quatro anos que ali se anunciam milagres assombrosos e de toda a parte o povo converge para testemunhá-los e admirá-los.

**HOMENS DE BEM E DE FÉ SABEM QUE TUDO QUANTO SE PRATICA EM DITO POVOADO NÃO PASSA DE UMA REPRESENTAÇÃO BURLESCA PARA CERTOS EFEITOS QUE NÃO ESCAPAM A QUALQUER INTELIGENCIA PERSPICAZ.**

Tudo isso está fazendo mal à Religião. Convem que o **EMBUSTE** desapareça.

No dia em que escrevo esta, estão se dando os fatos mais tristes: **EM CENA**, uma três beatas (da equipe marginal àquela constituída por José Marrocos e Maria de Araújo, equipe **SELECIONADA**, esta última, observo eu, o transitor) que comungam às duzias para que o povo veja a transformação de hostias. **Aparecem crucifixos e imagens suando sangue, encontrando-se nas mesmas, hostias adherentes, etc., etc.**

**NUNCA MENOS DE CINCO MIL PESSOAS ESTAO NO JUAZEIRO. TODAS MARAVILHADAS.**

Ha uma geral perturbação.

Onde iremos parar, se a Autoridade não aparecer ?

Beatas novas em cena: Maria das Dores e Maria Caminha, chegada ha pouco de Aracaty, e uma outra do Juazeiro.

Milagres: imagens e crucifixos vertendo sangue e com hostias adherentes sempre em número de cinco (apenas em um crucifixo notaram-se seis). Uma imagem do Padre Cicero derramando sangue.

As Beatas têm revelações extraordinarias: sabem que se salvou o Cardeal Simeone, falecido ha seis meses. Conversam com Jesus Cristo.

Reina em Juazeiro verdadeira confusão.

As Beatas, cada uma por sua vez, são acometidas de sincope, que chamam estado de extases. Pronunciam palavras em latim. Exibem crucifixos ensanguentados com particulas aderidas. Em suas casas, os mesmos fatos.

Há muitas outras coisas impossiveis de descrever.

Tenha paciencia, Exmo. Sr. ! Venha em auxilio da Religião ! Afugente quanto antes o EMBUSTE ! Salve nossas familias e os pobres e os fracos que se deixam levar por estas misérias ! Não querendo por ora descobrir meu nome, faço esta em confidencia com as iniciais — J. B.

Humilde e fiel sudito, J. B. de Siqueira Cavalcante.

Em tempo: recuei diante do amor proprio. Assinei pois. Contudo porem, com a reserva de V. Excia. afim de livrar-me das iras dos fanaticos».

Eis um retrato em ponto pequeno da obra do embusteiromór, o agente oculto e inteligente que o ludibriado Comissário Cicero Lôbo não identificou — José Marrocos.

Cinco mil pessoas já eram o lastro da atual Juazeiro... O embuste rendia.

11.<sup>a</sup>

Na carta do mencionado médico Inácio de Sousa Dias, da qual transcrevi um trecho para o corpo deste trabalho, existe a menção ao capricho dos controladores de Maria de Araújo no

sentido de evitar um exame exato dos MILAGRES de José Marrocos pela medicina oficial . . .

José Marrocos, que supervisionava êsse complexo do embuste, tinha horror à ciência. Comprometeu o exame dos médicos e roubou os panos da Matriz de Crato.

A referida carta do médico Inácio de Sousa Dias, dirigida a Dom Joaquim, é um histórico do exame a que procedeu em companhia do dr. Marcos Madeira em 7 de outubro de 1891, quando sob a pressão, que denuncia, assinou o laudo considerando de origem sobrenatural os efeitos da química de José Marrocos. Ao mesmo tempo faz uma retratação. E escreve: «Hoje, que nos achamos habilitados para formar juízo sôbre fatos idênticos ocorridos em União e Aracati, os quais prendem-se perfeitamente aos de Juazeiro e Crato, posso assegurar a V. Excia. Revdma. que muita razão há para duvidar-se da sobrenaturalidade dos ocorridos nêstes últimos lugares, e que parece haver capricho em ofuscar a verdade em fatos que a ciência e a razão podiam explicar se bem examinados».

Não há dúvida, que foram de fancia, os laudos médicos em tôrno dos milagres MARROQUINOS, quanto à identificação de sangue natural, ou qualquer coisa.

A reprodução dessa mistificação em União e Aracati, foi tentada pela êmula de Maria de Araújo, a célebre Maria Caminha, a quem se refere o dr. João Batista de Siqueira Cavalcanti, ex-Juiz de Direito de Crato, em sua citada carta:

12.<sup>a</sup>

Joaquim Pimenta, escritor, professor e sociólogo, quando sacristão do padre Joaquim Ferreira de Melo, depois bispo de Pelotas no Rio Grande do Sul, visitou com seu vigário o sítio S. José situado na estrada Crato-Juazeiro e pertencente à referida Família Melo. Foi em 1901. Visitou Juazeiro e nos dá esta paisagem resultante dos efeitos iniciais do embuste de José Marrocos: «Uma praça com uma Matriz; em torno e paralelas, ruas de casas construídas de tijolo, caiadas e limpas, algumas com certa linha arquitetônica. Mas, o que lhe imprimiu (ao Juazeiro) um feitiço característico, e relêvo típico de sua fisionomia urbana, era o labirinto de casebres, uns, abandonados, outros, em ruínas, comprimindo-se em derredor e distendendo-se em desordem pela planície, num perímetro de léguas. Sombrio e sórdido formigueiro humano que um tufão de loucura para ali arremassara, faminto, maltrapilho, embrutecido de superstição e cachaça, e que a variola, outro vendaval, ia implacavelmente destroçando». A propósito do Padre Cícero, com quem esteve pessoalmente, faz, entre

outras, a seguinte observação: «Dizia-se, já naquele tempo, que tais eram os haveres do Padre, que só de cédulas em recolhimento juntara, de uma vez, cerca de noventas contos». De Maria de Araújo, nos dá êste retrato relâmpago: «Uma mulatinha franzina, li nfatic, cabelo cortado rente, feia, vulgar. Tão ingnifizante e tão famosa! . . . »

13.<sup>a</sup>

Coincidência: Um Juiz de Direito de Crato, João Batista de Siqueira Cavalcanti, denunciava em 1892 o embuste, e seu colega, também Juiz de Direito de Crato, descobriu o embusteiro em 1910 ao encontrar os trapos—MARROQUINOS, com o livro de fabricar drogas.

14.<sup>a</sup>

Em seu artigo «Quem Fez Pretensos os Milagres do Juazeiro», José Marrocos escreveu referindo-se ao Padre Cicero: «O sacerdote, a quem Deus confiou o extraordinário acontecimento de Juazeiro, é incapaz de qualquer embuste ou de pretender enganar a quem quer que seja».

Ora, tendo a ignorante Maria de Araújo figurado apenas como atriz-máquina no embuste em discussão, temos o próprio José Marrocos a se fichar com as próprias palavras, implicitamente, autor do mesmo embuste, êle, homem de psiquismo moral e «belo padrão de intelligencia ponderada»! . . .

15.<sup>a</sup>

Repisando a pretensa distância entre José Marrocos e sua atriz Maria de Araújo, distância articulada pela Defesa, registro o fato seguinte. A referida Josefa do Menino Jesus, «Beata Bichinha», da côrte do Padre Cicero, a mesma de cujas mãos passaram às do Mons. Joviviniano Barreto os famosos panos-MORROQUINOS—privava de tal maneira da amizade de José Marrocos, que era familiar de sua casa em Crato, na qual dormia em suas andanças de Juazeiro para esta cidade. Ora, se Zémarrocos assim se havia com uma estrela de constelação de sua atriz, avalie com a própria atriz! . . . Êste episódio me foi narrado por Maria Sebastiana, cratense e residente nesta cidade, tão lúcida e vivaz nos seus 68 de idade, como se apenas 50 registrasse. Acrescentou-me a informante que em seu tempo de meninota, era vizinha de José Marrocos nesta cidade, frequentava-lhe a casa, em que por vezes dormia, para fazer companhia à beata Maria Isabel que morava com êle, quando acontecia a mesmo pernoitar em Juazeiro, aonde ia e de onde regressava DIARIAMENTE. Nêsse vaivem Zémarrocos não se separava duma pequena

caixa de madeira bem trabalhada. Chegado de Juazeiro, passava-a à beata, sua fâmula, com o estribilho de que a guardasse e cautelosamente. Essa beata, quando acontecia matar galinha para refeições do dono da casa, passava a língua nos pedaços que a êle se destinavam, antes de mandá-los à mesa. Um dia Maria Sebastiana indagou da razão dêsse procedimento: «Por que a senhora lambe os pedaços de carne que vão para seu Zêmarrocos?» Para êle me querei bem, respondeu a beata supersticiosa. Assim o império da superstição dominava o reino de Zêmarrocos.

16.<sup>a</sup>

Prossequindo no inquérito popular em torno da tradição oral sôbre o embuste em tela, abordei, 9.10.55, o coronel José Ferreira de Melo, irmão de Pedro Ferreira de Melo, citado no início destas linhas. Em sùmula, afirmou-me haver observado pessoalmente a particula purpurada na lingua de Maria de Araújo, mas o rubro não lhe pareceu de sangue. Ouviu dizer nalgum tempo que se encontraram em casa de José Marrocos uns panos relacionados com os MILAGRES do Juazeiro.

Interpelei o octogenário Joaquim Silva, mais conhecido nesta cidade por Joaquim Caixeiro, de boa familia e bom caráter. Informou-me: «Zêmarrocos esteve metido daquela arrumação do Juazeiro. Ficava por trás do altar soprando latim pras beatas».

Realmente, nos depoimentos do Processo, observa-se que as beatas pronunciavam frases em latim durante os simulados êxtases, inclusive Maria de Araújo. Certamente a insuflação do embusteiro **ESPIRITO SANTO DE ORELHA** não se processava por trás do altar, materialmente considerado. Marrocos soprava sua atriz.

17.<sup>a</sup>

José Marrocos, farsante, defendeu a tese segundo a qual a particula aparecida purpurada na lingua de Maria de Araújo era mesma recebida por ela na Comunhão, e que a droga vermelha da particula era o sangue de Jesus Cristo, o qual, ainda segundo êle, estava passível nas Sagradas Espécies. A essas possibilidades Marrocos qualificava de **MISTERIO NOVO**, doutrina perfilhada pelo Padre Cicero.

José Marrocos concebeu essa doutrina teológica a seu jeito, ainda antes da dramatização do embuste, e como base de cobertura doutrinária de que êle se tornaria defensor.

Em 11.9.1891, no consistório da Capela de Juazeiro, dian-

te do Comissário Episcopal Clício Lôbo. Maria de Araújo improvisou-se em teóloga e declarou, depondo, lhe haver Jesus Cristo comunicado a) «que se não conheciam esse mistério NOVO de que não tratam os teólogos (o sangue MARROQUINO da partícula—burla, observe eu, o transcritor deste trecho) se recolhessem em seu divino Coração onde beberiam o conhecimento e a crença nesse mistério»; b) «que se gozava no Céu, por outro lado, tinha poder para sofrer na terra derramando como derramava então o seu sangue».

Em 14.9.1891. Joel Wanderley Cabral, embusteira mirim qualificada, como se verificou depois, declarou nas mesmas circunstâncias ter sido revelado por Jesus Cristo serem deste o sangue e o coração aparecidos nas hóstias. E que Jesus Cristo lhe dissera: «Encarrego-a de anunciar que posso derramar sangue no meu Sacramento de Amor mostrando-me ao mesmo tempo possível e impossível».

No mesmo local e dia. M. I. F. da S., outra da equipe mística do matreiro José Marrocos, depôs confirmando em substância os dizeres de suas parceiras Maria de Araújo e Joel Wanderley Cabral, citadas. E, embora quase analfabeta, estremeou o depoimento com trechos em latim reproduzidos do Novo Testamento.

Ao traçar esta nota tive em vista apresentar ao leitor a suspeita coincidência da teologia MARROQUINA com a dessas BEATAS ignorantes.

Se o Padre Cicero era incapaz de embuste conforme assegura José Marrocos, nenhum outro TEOLOGIZOU as co-embusteiiras senão o mesmo Marrocos.

## 18.ª

Foi sintomático José Marrocos primar pela ausência ao meio de dezenas e dezenas de testemunhas oficialmente presenciais e assinantes dos doze termos das doze averiguações realizadas em torno de purpurações da partícula—burla, de ESTIGMATIZAÇÕES de Maria de Araújo e caixas de panos manchados MARROQUIANAMENTE, averiguações ocorridas sob o controle do Comissário Clício Lôbo. O burlão rondava na sombra, vigilante e incontrastável na sua missão de oráculo e embusteiro, para depois surgir como advogado do próprio embuste, qual aconteceu.

## 19.ª

Maria do Espírito Santo, vinculada pelo sangue aos Formigas, de Pombal, Paraíba, aos Pinheiro, de Crato, religiosa da Casa de Caridade desta cidade, para a qual ingressou em seus verdes

anos e conta hoje 86, dotada de admirável tenacidade de memória, lucidez, resistência física e aprumo de senso, assistiu com os próprios olhos a inúmeros PRODIGIOS quimicos de Maria de Araújo verificados naquela Casa em 1891, presente o Comissário Episcopal padre Clicerio Lôbo. Informou-me que a opinião local attribuiu a José Marrocos o furto dos famosos panos depositados na Matriz da cidade. Aliás, ladrão é quem é encontrado com o furto na mão... E êle o foi pelo dr. Raul de Sousa Carvalho.

## 20.ª

Sabe-se que Dom Joaquim José Vieira condenou a proposição de José Marrocos e seu aluno titere, Padre Cicero, segunda a qual o elemento rubro (que então o Prelado julgava fôsse sangue) «aparecido nas Sagradas Particulas recebidas por Maria de Araújo (o eminente Antistite ignorou a influência do «Formulário» de José Marrocos numa particula-burla estranha ao ministério sacerdotal) era o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. José Marrocos, o José Balsamo, ou a contrafação tupinambá de Cagliostro, calculadamente agarrado a sua arrevesada inovação dogmática, escreveu no mequível apêlo ao Supremo Tribunal da Igreja: «Não estando porém de conformidade com esta doutrina de fé, a interlocutória decidiu que o sangue apparecido nas Sagradas Formas não é, nem pode ser o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, protesto desde já... pela apelação a Santa Sé» (Memorial).

Não tendo conseguido ludibriar àquele Tribunal como não o pudera ao Bispo Diocesano, Cagliostro-mirim, derrotado, tentou massacrar a frustração chicanando que Dom Joaquim, marginada a questão dogmática, ajeitara uma própria questão de fato, de modo a provar que não errou ensinando que o sangue apparecido nas Sagradas Particulas recebidas por Maria de Araújo não era, nem podia ser de N. S. Jesus Cristo. (Carta Aberta do Sr. Nicodemos — Resposta de José de Arimatéa). Por outras palavras, o poliédrico e pai espiritual do embuste SANGUÍNEO acusa o seu Bispo de haver frustrado o Processo antes de enviá-lo a Roma. O gato ruivo do que usa disto cuida, proclama o rifão popular...

## 21.ª

A certa altura de sua pastoral, de 5.6.1894, Dom Joaquim José Vieira declara: «Os principais fautores das chamadas maravilhas começaram a introduzir inovações no dogma, no ensino teológico e na liturgia católica».

Esses principais fautores ou fabricantes de maravilhas ou

MILAGRES foram José Marrocos e Maria de Araújo associados à inconsciente atuação do Padre Cícero, sendo José Marrocos aquele agente oculto e inteligente que representava a causa, a que o médico Ildefonso Corrêa Lima se referiu nestes termos: «Ou negamos os fatos ou admitimos um agente oculto e inteligente que represente a causa».

## 22.ª

Uma circunstância a registrar: ao tempo de seu embuste, o Cagliostro do Juazeiro exercia neste coração do Cariri, sobretudo na economia do embuste, autêntica hegemonia intelecto-cultural. Enfronhado nos estudos de religião, senhor de conhecimentos dos clássicos, forrado de boa ilustração para a época, familiar da imprensa católica da Europa e dos Estados Unidos, jornalista ágil, dotado de expressão fluente e maneiras insinuantes, tornou-se o dominador comum lado ao povo ignorante e a algumas inteligências medianamente cultivadas nestas nesga do Ceará. Há apenas exceções que resistiram ao fascínio do embusteiro e seu embuste. Por exemplo: os Juizes de Crato e Barbalha, os padres Félix de Moura, Miguel Coelho de Sá Barreto, Alexandrino de Alencar e Manuel Cândido dos Santos. O próprio padre Quintino Rodrigues, como vimos, rendera-se nos primeiros meses.

## 23.ª

Dom Joaquim José Vieira alude ao fato de a luta contra o embuste lhe haver custado «uma temerosa tempestade de impropérios, invectivas e calúnias com o fim de infirmar a força moral do principio da Autoridade Episcopal em proveito dos defensores dos novos mistérios».

O Cagliostro do Juazeiro, chefe dessa equipe de invectivadores e caluniadores, eis o fidalgo que a Defesa nos apresenta. Ainda em 1906 êle repetia a calúnia, o impropério e a invectiva contra o Bispo em sua «Resposta» à «Carta Aberta, n.º 18, de Nicodemos». Belo educador!

Dom Joaquim, aliás, jamais deu a êsse seu caluniador senão o tratamento sêco de — Sr. — quando a êle por acaso se referia, ao passo que dispensava tratamento maneiroso ao coronel Joaquim Secundo Chaves e ao dr. Marcos Rodrigues de Madeira, dois dos que apelaram para Roma, vítimas do embuste, mas sem perderem a nobreza de espirito. Trecho de uma carta do Bispo ao Padre Cícero: «V. Revma. apela, o sr. Marrocos apela, o respeitável coronel Secundo e outras pessoas apelam de nossa doutrina», Marrocos não era «RESPEITAVEL»!

O Bispo tinha correspondência cordial com o dr. Marcos

Rodrigues de Madeira, já depois do apêlo dêste à Santa Sé. Respondendo a uma carta do Bispo, assim se expressou aquele clinico: «Não posso deixar de ser grato à fineza com que V. Excia. me penhora, e as próprias emoções da gratidão não me permitem desconhecer a delicadeza do cavalheirismo». Dois fidalgos! Quanto ao «sr. Marrocos», o diácono, o agente oculto e inteligente que representou a causa do embuste, nunca Dom Joaquim lhe deu a confiança ao menos de um bilhete ou recado do embuste, nunca Dom Joaquim lhe deu a confiança ao menos de um bilhete ou recado oral. Sabia que o tratante havia sido expulso do Seminário, medida profilática como os fatos o provaram em seguida.

24.ª

O coronel João Gomes de Matos, falecido pai dos doutores Antenor Gomes de Matos e Artemise Gomes de Matos Maranhão, e que ornou a sociedade cratense, declarou duma feita pessoalmente ao Padre Cícero, no curso do embuste fenolftaleínico: «Se essa tinta fôsse o sangue de Jesus Cristo, eu deixaria de acreditar em Deus». Essa informação me foi prestada pelo clinico e Inspetor Federal do Ensino no Colégio Diocesano do Crato, dr. Elisio de Figueiredo.

25.ª

O citado Pe. Manuel Félix de Moura hesitou nos primeiros momentos ante a exteriorização mistificante do embuste, mas logo sentiu a impostura, o que se depreende dos termos de uma carta sua endereçada de Crato ao vice-reitor do Seminário de Fortaleza, Ceará, datada de 25 de janeiro de 1893: «Meu carissimo Sr. Pe. Mestre Vice-Reitor. Outro dia escrevi a V. Rvma. dando parte de minha volta ao Maranhão, e hoje o faço outra vez, visto como em uma carta de V. Rvma. a Padre. Inácio, se lembra de mim, e me recomenda o cuidado de não fazer MILAGRES. Mais de uma vez disse a V. Rvma. qual o meu modo de pensar relativamente aos acontecimentos do Joaseiro. No principio, quando as coisas permaneciam sob sigilo, eu me inclinei a acreditar, mas depois . . . acentuando-se os fatos cada vez mais CAPICIOSOS . . . retirei minha crença. Minha incredulidade subiu de ponto desde que se quis . . . iludir a boa fé do Bispo. E, se de bem longe, já não acreditava em tais fatos, hoje que me acho bem perto, não só acredito, mas tambem estou indignado, vendo as coisas como se deram. A tal Maria de Araújo, em lugar de ser provada na Casa de Caridade do Crato como o Sr. Bispo ordenou, foi pelo contrário ali tratada com todo mimo. E dali voltou porque a Casa não lhe agradava, e mesmo Joaseiro não podia passar sem ela . . .

Domingo passado preguei na Matriz contra o fanatismo do Joaseiro.

Enquanto estiver por aqui, clamarei contra essas coisas».

26.<sup>a</sup>

Cirilo Leite Rangel, mais conhecido por Senhô Rangel, domiciliado no município cearense de Jardim, donde é natural, com 84 anos de idade, sôgro, nesta cidade, do professor José Bezerra de Brito, do Sr. José Raimundo (gerente da Farmácia Teles) e pai do escultor José Rangel — esteve ao meio do fervedouro dos MILAGRES de José Marrocos e de Maria de Araújo. Observou que aquêlê desempenhava papel saliente na Capela do Juazeiro. Notou que o elemento vermelho das particulas e crucifixos não parecia sangue natural. Por isso não creu.

O venerando Senhô Rangel narrou-me o seguinte fato. O médico Ildefonso Correia Lima fôra convidado a examinar o PRECIOSO SANGUE MARROQUINO e a dar o seu laudo. Veio em companhia da esposa. Senhô Rangel estava em Juazeiro nesta ocasião. O médico examinou. Queriam que êle desse o laudo atestando a origem sobrenatural do pretenso sangue. Relutando à principio a empenhs envolventes, o clinico cedeu afinal a instâncias da esposa, dona Miguelina Fernandes Vieira. Até aqui Senhô Rangel.

Entretanto, aquêlê médico restringiu-se a atestar que a causa dos fenômenos escapava ao conhecimento da ciência positiva. Escreveu: «Ou negamos os fatos ou admitimos um agente oculto e inteligente que representava a causa». É ocioso repetir quem fôsse o agente oculto.

27.<sup>a</sup>

O Cônego Climério Correia de Macêdo, domiciliado no sitio «Limoeiro» do município de Juazeiro do Norte, culto e amadurecido homeopata a serviço duma imensa população sem cruzeiros, nonagenário mais lúcido que muitos cincoentões, varão santo e quase anacoreta-conheceu José Marrocos a partir de 1877 e dêle deu-me algumas informações, 1.12.55, que passo a refirir. José Marrocos não cumpria os deveres de católico concernentemente à Confissão, à Comunhão e à assistência à Missa aos domingos e dias santificados ao tempo em que o citado Cônego era seu aluno interno em um colégio que o mesmo Marrocos mantinha na cidade do Crato. Entretanto, o diretor tentava burlar o internato dando-lhe a impressão de que assistia à Missa nêsses dias. Combinaram-se os internos (dois do Maranhão e um de Santana do Cariri, da familia Araújo.) e identificaram a burla. Calculadamente distribuíram-se pelos dois únicos templos da cidade nos quês havia missa naqueles dias—Capela da Casa

de Caridade e Matriz—e, durante quatro domingos seguidos, aí não compareceu o diretor do colégio às missas dominicais. Nessas ocasiões, identificaram-nô os alunos, êle estava a conversar em casa de um seu irmão residente à rua das Laranjeiras, hoje José Carvalho. PESSOALMENTE, O CÔNEGO CLIMÉRIO OBSERVOU QUE JOSÉ MARROCOS BEIJAVA A MÃO DE MARIA DE ARAÚJO, com o que afetava prestigiar perante o público uma santa de sua fabricação. Surperponho esta observação à da veneranda mão do defensor do embusteiro José Marrocos, no que tanje a relações entre êste último e a sua sonsa atriz, Finalmente, disse-me o austero Cônego que José Marrocos foi empurrado do Seminário Maior de Fortaleza, depois de um sério atrito com o Bispo Diocesano.

Confirmando esta última informação, 2.12.55, d. Maria Amélia Arnaud, residente à citada rua José Carvalho, viúva de Abel Luis Arnaud, sobrinho materno de José Marrocos, ouviu dêste último no ambiente da familia que a causa de sua expulsão do Seminário fôra um choque de natureza doutrinária com o Bispo.

28.<sup>a</sup>

Um meu colega, que vive ainda, assumira a função provisória de Capelão do Juazeiro na ausência do Padre Cicero, que viajara para Roma e deixara Maria de Araújo na residência de uma sua amiga, dona Sinhá: Um dia, o Capelão provisório foi chamado por alguém à casa em que estava a co-embusteira, a qual, segundo o portador se encontrava possuída de um demônio. O sacerdote munuiu-se de sobrepeliz, ritual, água benta, pronto para fazer o exorcismo, e partiu pressuroso. A dona da casa porém obstou-lhe o acesso ao quarto em que se encontrava a POSSESSA, alegando que a mesma rasgara as vestes e pusera-se sob a cama a grunir como porco. O padre ouvia os grunidos, e não viu o quadro porque retornou sobre os passos, sem entretanto acreditar que ali estivesse correndo uma possessão. A embusteira fingia. Esta informação me foi transmitida pelo mesmo sacerdote. Era assim a «estygmatazada» de José Marrocos cuja mão êle beijava com ar de fingida piedade. HOMO DUPLEX! Burlava o povo.

29.<sup>a</sup>

A Defesa invoca o testemunho do dr. Juvêncio Santana, Juiz de Direito de Juazeiro do Norte. Assim como José Marrocos e Floro Bartolomeu da Costa desempenharam respectivamente as funções de «teólogo» e «politico» do Padre Cicero, dr. Juvêncio Santana foi o «diplomata» do sacerdote. Que iria dizer o diplomata do «teólogo»?

● A Defesa invoca ainda o testemunho do Mons. José de Lima, atual vigário daquela freguesia, esquecido do que aconteceu a Mons. Joviniano Barreto e ao vigário padre Juvenal Colares Maia: «cacetado está», no Templo-Matriz dessa cidade a ponto de ter um braço quebrado, não sendo morte graças à intervenção de mulheres piedosas presentes que formaram com os próprios corpos uma barreira entre a vítima e os caceteiros, vítimas do embuste.

30.<sup>a</sup>

Trecho duma carta do vigário de União, 9.11.1892, dirigida a Dom Joaquim José Vieira, na qual se trata da concepção doutrinária que embasou o embuste: «Exmo e Revmo. Sr. Bispo: Em cumprimento às ordens de V. Excia., tenho a dizer que, entre as demais coisas ouvidas do Padre Clicerio da Costa Lôbo a cerca dos fatos do Juazeiro, guardo de memória as seguintes: «Estava revelado o aparecimento duma nova Redenção, e que do Juazeiro saíam novos Apóstolos como haviam saído de Jerusalem, e por isso Juazeiro iria tomar o nome de Nova-Jerusalem. O Padre Cicero seria um novo João Batista entre os homens. Nosso Senhor lhe havia concedido favores tão extraordinários como não havia concedido iguais a nenhum outro homem. Apareceria um novo Moisés, já não me lembrando quais as suas palavras que deram lugar a que eu conjecturasse que esse Moisés seria o mesmo Padre Clicerio».

Padre Clicerio da Costa Lôbo foi o Comissário Episcopal vencido em Crato e Juazeiro pelo binômio do embuste: José Marrocos - Maria de Araújo. Enviado pelo João Batista, do Juazeiro, tentou projetar o embuste à União, assessorado pela mencionada Maria Caminha.

Era pois de proporções largas no espaço o plano MARROQUINO. Por trás do Padre Cicero e de Maria de Araújo e pela defesa pública que fez do embuste, José Marrocos quase criava uma igreja cismática nos sertões nordestinos com Juazeiro por cabeça.

Uma nova Redenção implicava na negação, parcial ou total, dos efeitos da Redenção em ordem à salvação eterna.

Enquanto de um lado os jansenistas concebiam a graça como predestinada e eficaz, doutra parte excluíam de seus benefícios uma parcela dos homens (os não predestinados), negando desta maneira a universalidade dos efeitos da Redenção.

De qualquer modo a inovação de José Marrocos-Padre Cicero cheirava a jansenismo, acompanhada até, como aquêle, dos falsos milagres como testemunho da doutrina, com o que, em última análise, se visava a formação de um formigueiro humano.

31.<sup>a</sup>

Um meu colega Pe. Lauro Pita estava matriculado, havia um mês, em um colégio que José Marrocos mantinha em Juazeiro, quando o diretor, o mesmo Marrocos, faleceu. Foi em 1910, e meu colega contava então 9 anos de idade. Narrou-me que a morte de José Marrocos produziu verdadeira comoção na alma misticística do Juazeiro dêsse tempo. O Padre Cícero promoveu total mobilização, e o povo, comovido, acompanhou o féretro ao Campo Santo. Meu colega escreveu aos pais pela primeira vez, depois que chegara ao Colégio. Iniciou assim a sua carta, um retrato nítido da circunstancia: «Morreu José Marrocos! Acabou-se Juazeiro!» A menineira mas exata reportagem nos dá uma idéia de quanto a alma juazeirense de então estava empregnada do espírito do embusteiro José Marrocos.

Aquela parada fúnebre foi o adeus derradeiro da agradecida boa fé a quem lograra em vida e lhe deixava o lôgro por legado.

32.<sup>a</sup>

A Defesa lembra a circunstância de haver o seu constituinte desfrutado da amizade e da confiança de conspícuos varões de Barbalha.

Naquela cidade a «negra ignorante» da Defesa, a atriz José Marrocos, fez o milagre farçante da particula-burla, manchando 14 sanguinhos.

O embuste abateu-se sobre êsses varões conspícuos. Um deles comandou, em percurso a pé, de Barbalha a Juazeiro os sócios de uma irmandade religiosa para comungarem e adorarem a PRECIOSA DROGA na Nova-Jerusalem. Outro instou junto a seu vigário, Pe. Manuel Cândido dos Santos, depois monsenhor, para não ler, ou ao menos não explicar à estação da missa dominical, a primeira pastoral do Bispo Diocesano, condenatória dos pseudos milagres. Um terceiro, Pedro Lôbo de Menezes, pãe do autor da Defesa, de tal modo se possuiu da crença na droga MARROQUINA, que abandonou seu sítio «Pelosinal», terminando por vendê-lo a Reinaldo de Sousa, pai do ilustre monsenhor Silvano de Sousa e do Juiz de Direito Reinaldo de Sousa. E mudou-se para Juazeiro

Como no Juazeiro e Crato, igualmente Barbalha, José Marrocos estabeleceu a confusão em torno da citada pastoral insinuando que o Bispo estava arrado e prosseguia o Pe. Cícero, o qual, diga-se de passagem, passou a ser considerado como vítima por cavilosos e incautos. Idêntica confusão plantou ao derredor da sentença da Santa Sé, sofismando que Roma fôra mal informada pelo Bispo Dio-

cesario, ao mesmo tempo que aconselhou, êle, Marrocos, «silencio respeitoso», modalidade hipócrita e jansenista de aparente obediência desmentida entretanto pelas ações concretas.

Portanto não admira o que uma simpatia impingida àquelles varões à custa de tanta hipocrisia tenha decidido a um deles, Antônio de Sá Barrêto Sampaio, Tonheta, a convidar (1902) José Marrocos para professor particular de seus filhos na cidade do Capitão Francisco de Magalhães Barrêto e Sá. Aí o Caglióstro do Juazeiro, ao influxo dum ambiente social de fé bretã, camaleonou-se em fervoroso cristão, a exemplo de seu bisavô paterno, Alexandre Leite de Oliveira, o qual, jesuita apóstata imigrado em Crato na segunda metade do século dezoito, burlou o meio social casando-se com uma jovem da burguesia agrária da terra e ingressando em 1815 na Irmandade do S. S. Sacramento. Mas, em 1906, tendo deixado Barbalha, José Marrocos, mais nma vez, vomitou improperios e calúnias contra o Bispo Diocesano. (Certa n.º 18 do Sr. Nicodemos e Resposta de José de Arimathéa).

Eis como José Marrocos se impôs à confiança e à amizade de barbalhenses ilustres pela prosápia e posição social.

Juro que hoje os rebentos dèsses principais não suportariam, como professor de seus filhos e depositário de sua confiança e amizade, qualquer Zémarrocos embusteiro, apóstolo do embuste, caluniador e detractor do Bispo Diocesano, embora pudesse ser objeto da defesa de um sacerdote, produto psíquico do meio em que o embuste em fóco teve o seu berço e deixou a marca indelével de seu espirito sutil, difuso e impregnante.

Escrevi que a decisiva influência de José Marrocos sobre o Pe. Cícero também se fez sentir por intermédio de sua atriz-instrumento, Maria de Araújo. Parece ocioso voltar ao assunto. Fecho-o com o seguinte exemplo: Em 1891, quando a afluência das massas a Juazeiro já se pronunciava sensível e as confissões tomavam noites a fio àquele sacerdote e a um seu colega, aconteceu que um padre, hoje quase centenário e meu informante, se confessava ao dito Pe. Cícero às 10 horas de certa noite. O confessor recebeu um chamado de Maria de Araújo e atendeu saindo à pressa e deixando o penitente ao meio da confissão. Só regressou ao templo às 5 horas do dia seguinte. A «negra ignorante», da Defesa, e sabida, de Zémarrocos, tomara todo o tempo ao sacerdote burlando-o ou MARROQUIANDO-O com êxtases fingidos e farçantes devaneios misticos. Era o império de Zémarrocos!

Matreiramente José Marrocos ditirambava sua atriz e seus MILAGRES e beijava-lhe comovidamente a mão escamoteadora para

efeito público do embuste, mas nunca lhe aceitou o jugo pessoal. Pelo contrário.

33.<sup>a</sup>

Pedro Corrêa de Macêdo, tio do mencionado Cônego Clímério Corrêa de Macêdo, exercia o cargo de sacristão do Pe. Cícero na Capela do Juazeiro em 1891, o ano da safra dos MILAGRES. O sacristão foi testemunha ocular e auricular do fato seguinte: Certo dia, ao luscofusco da manhã, por ocasião da Comunhão INTRAMISSAM, Maria de Araújo exibiu na lingua a partícula-burla ENSANGUENTADA, a qual o Pe. Cícero extraiu e depois aproximou da boca da atriz para que esta a comungasse. A burlã relutou e somente após muita insistência do sacerdote a recebeu. Mas apenas este afastou-se Maria de Araújo a deitou na toalha da mesa da Comunhão, prova de que a «estigmatizada» de José Marrocos estava consciente da farça que realizava.

A propósito: passado em juldamento que Maria de Araújo, não possuía capacidade para idealizar um embuste da complexidade conhecida, e havendo a Defesa arranjado uma «visão obnubilada» para José Marrocos com o fim de inocentá-lo, não estaria a mesma Defesa obrigada a revelar o nome do autor intelectual do embuste, daquele agente oculto e inteligente, culto e consciente que instruiu a «negra ignorante», e a empurrou para o palco das representações burlescas?

34.<sup>a</sup>

Por cada inteligência que instruiu, o Caglióstro do Juazeiro imobilizou dez mil na petrificação do fanatismo, consagrando-se, por isto, educador frustrado, pesados os resultados práticos das duas atividades.

35.<sup>a</sup>

Há os que, para desviar a atenção pública da figura intelectualmente central de José Marrocos no campo do embuste, focam-lhe o chucro aspecto republicano da personalidade. Ou exalçam-lhe excessivamente a atividade de abolicionista provinciano. Além de desonestas, afirmam-se vãs, essas manobras, porque não conseguem esfumar a nitidez da figura histórica de José Marrocos na paisagem do embuste.

36.<sup>a</sup>

Qualquer manifestaçãolouvaminheira a José Marrocos partida do Juazeiro em tórno do assunto em discussão deve ser em geral recebida com reservas. Os motivos são óbvios.

## 37.º

Estranha-se o fato de a Defesa haver arranjado uma «visão obnubilada» para inocentar José Marrocos e ter deixado sem defesa a pobre «negra ignorante» Maria de Araújo, despertada de sua ignorância e simplicidade descuidosas e conduzida ao drama que representou. Dois pesos e duas medidas!

## 38.ª

Uma das embusteiros da côrte de José Marrocos, a citada, Vanderley Cabral, declarou, depondo, que N. Senhora lhe teria manifestado em revelação a conveniência de se fazer uma copia do Processo antes que o mesmo seguisse para Roma.

Assim aconteceu, por ocasião de uma rápida ausência de D. Joaquim José Vieira do seio da Diocese. Furtaram o Processo da Secretaria do Bispado e copiaram-no, di-lo expressamente o Bispo em sua pastoral de 1894 relacionada com o embuste. A habilidade reflete o cérebro de José Marrocos, que talvez tenha orientado a operação. Da Matriz de Crato furtou os famosos trapos. E quem faz um cesto, habilita-se para fabricar cem, havendo cipó e tempo. Havia a ausência do Bispo e o vivo interêsse do burlão Marrocos, manifestado pela boca da sibila Wanderley, tendo ambos, o burlão e a burlã, caluniado N. Senhora metendo-a no embuste para coonestar o furto . . .

## 39.ª

Um dos capelãos, substituto do Padre Cícero na Capelania do Juazeiro quando o Capelão se ausentou para a Europa, assegurou-me que o itinerante, antes de partir, ordenou ao dono da casa em que deixou Maria de Araújo não consentir que a mesma tivesse comunicação alguma com o Capelão provisório. Marrocos aconselhara sagazmente ao Pe. Cícero. A comunicação da embusteira com o Capelão poderia redundar no desmascaramento do chantagista intelectual do embuste, A atriz poderia revelar o autor. Ela não se fingiu possuída do demônio, atirando-se de vestes resgadas para debaixo do leito roncando como suino, para atrair o Capelão em referência e provocar ruidoso exorcismo? Perspicaz, José Marrocos, justiça se lhe faça! Avalie-se se ele não tivesse a «visão obnubilada» que a Defesa lhe descobriu! . . .

## 40.ª

Balanceados os resultados práticos de suas atividades de

professor e fanatizador, José Marrocos afigurou-se mais nocivo que benéfico à civilização do Cariri. Dir-se-á que concorreu indireta e decisivamente, embora de modo ilícito, para a criação da moderna Joazeiro, agente intelectual, que foi, do embuste. Mas eu me coloco sob o ângulo do primado do moral sobre o da matéria e do social.

Quanto ao Ceará, registra-se no saldo de Marrocos, o haver tomado parte na campanha abolicionista, que não chega para absolvê-lo do mal que difundiu no campo do fanatismo, mal que vem de sesseata anos e se prolongará indefinidamente.

No Cariri deixou ainda o passivo moral de haver enganado o primo e amigo padre.

Em fim, a atuação de José Marrocos no embuste paralizou a ascensão mental de camadas sociais inteiras, devendo por isso ser considerado elemento negativo e anárquico do processo evolutivo da civilização nestas plagas.

## 41.º

Espero a nova fala do autor da Defesa, quando publicarei a documentação inédita que dará a justa medida da asquerosidade do embuste e dos embusteiros, açús e mirins, vistos por dentro.

## 42.ª

Aos dezenove do mês de setembro de 1891, na povoação do Juazeiro, em presença do Comissário Episcopal, Clicério da Costa Lôbo, a testemunha padre Manuel Antonio Martins de Jesus, então vigário de Salgueiro, Pernambuco, ao quesito 9.º, afirmou: «Há alguma predição da parte da Beata relativamente à expulsão de D. Pedro Segundo? — Respondeu que o Padre Cicero lhe comunicara ter a Beata predito o facto alguns meses antes de sua realização».

Quem ensinou a Maria de Araújo essa noção sobre História do Brasil EM FUNÇÃO DO EMBUSTE? Responda o autor da Defesa mas sabendo de antemão que não foi o Padre Cicero.

## 43.ª

Parentes em terceiro grau colateral igual, José Marrocos e o Padre Cicero nasceram, o primeiro, 26.11.1842, o segundo, 24.3.1844, nesta cidade do Crato, à rua atualmente Doutor Linaverde, em lares quase vizinhos. Afeiçoados desde terna idade, colegas de bancos escolares, tiveram como professores, de primeiras letras, a Rufino de Alcântara Montezuma, e de Latim, ao Padre João Marrocos Teles.

pai do mesmo José Marrocos. Estiveram separados no anos de 1862, quando o Padre Cicero frequentou o colégio que o padre Inácio de Sousa Rolim manteve em Cajaseiras do Rio do Peixe, Paraíba, ano em que o aluno Cicero regressou ao lar paterno por motivo do falecimento de seu pai, acompanhado ao túmulo pelo progenitor de José Marrocos, vítimas do cólera-morbus.

Matricularam-se no Seminário de Fortaleza, José Marrocos e o Padre Cicero, este no ano de 1865, gratuitamente, graças à influência de seu padrinho de Crisma, Antonio Luiz Alves Pequeno, pai, poderoso chefe político de Crato. No ano de 1868, saíram do Seminário, José Marrocos, expulso, porque sustentava pontos de vistas teológicos considerados errôneos, e o Padre Cicero por se mostrar aluno abaixo de sofrível nas aulas de Teologia, mais preocupado então com História Universal e Ciências ocultas. O Seminário velou o motivo verdadeiro com a alegação de que o estabelecimento experimentava séria crise financeira que aconselhava a dispensa dos alunos gratuitos. Surpreendendo a deixa, o citado Antonio Alves Pequeno agiu com habilidade e generosidade. Recambiou o aílhado ao Seminário, responsabilizou-se pelo aspecto financeiro e constituiu correspondente em Fortaleza, intermediário entre o benfeitor e o mesmo Seminário. Desta maneira o aluno gratuito passou a pensionista. E o estabelecimento, para se mostrar coerente, enguliu a pílula.

Ao aproximar se o mês de novembro de 1870, o Reitor do Seminário, Pe. Pedro Augusto Chevalier preveniu a D. Luis Antonio dos Santos que não apresentava o aluno Cicero à ordenação sacerdotal, porque o candidato mostrava-se pirrônico e apendorado a visionices. Nova intervenção do padrinho, o referido Antonio Luis Alves Pequeno, o qual correu, a pata de cavalo, à capital onde removeu a nova dificuldade, servindo-se dos laços de amizade que o ligavam a D. Luis Antonio dos Santos.

Em 30 de novembro de 1870, o diácono Cicero Romão Bastista recebeu a ordem do presbiterato.

Sediou-se na cidade do Crato, sem outra função que a de professor de Latim dum colégio mantido por José Marrocos. De novo aproximavam, pessoalmente, os dois primos e amigos, um, diácono, expulso do Seminário, o outro, sacerdote, ordenado apesar dos obstáculos referidos.

José Marrocos não suportou por muito tempo a presença do primo padre como professor de seu colégio. O mestre era brabo. Conseguiu feitosamente, por intermédio de Pedro Correia de Macêdo, tio do citado Cônego Climério de Macêdo, a Capelania do Juazeiro, *«alors simple hameau composé de cinq maisons de briques, de*

trente cabanes de feuilles de palmier et une toute petite Chapelle em ruines», escreve um autor anônimo, talvez José Marrocos.

44<sup>a</sup>.

Trecho da carta, em 5 de janeiro de 1893 dirigida de Triunfo ao Bispo Diocesano do Ceará pelo citado padre Manuel Félix de Moura: «Deve V. Excia. lembrar-se de que prometi a V. Excia. que conversaria com o padre Vicente Sother sobre o facto de Barbalha, e o que soubesse levaria ao conhecimento de V. Excia. Pois bem, vou cumprir a dita promessa. Vindo de Crato para esta cidade encontrei-me no caminho com o mesmo padre Vicente Sother. Depois de conversarmos sobre os negócios do Juazeiro, perguntei-lhe pelo facto de Barbalha, e lhe pedi que me dissesse a verdade. Respondeu-me que a partícula tinha vertido sangue e manchado catorze sanguiños, e que disto tinha sido testemunha».

Não há dúvida, pois, de que a quimica MARROQUINA chegou até à cidade do capitão Francisco de Magalhães Barrêto e Sá. Os dois padres em aprêço foram dois homens austeros e sensatos embora o então padre Vicente Sother tivesse sido apanhado de início na arapuca milagreira da dupla José Marrocos-Maria de Araújo.

45<sup>a</sup>.

Em aditamento ao Relatório apresentado ao Bispo Diocesano, o Padre Cicero atestou a regularidade da saúde de Maria de Araújo. exceção feita dalguns disturbios do estômago. Confirmaram-no depois em depoimentos prestados as seguintes testemunhas: padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, professor do Seminário do Crato; padre Manuel Antonio Martins de Jesus, então vigário de Salgueiro, Pernambuco; Manuel Gonçalves Dantas de Quental, de Milagres; Joaquim Gonçalves Dantas de Quental, de Milagres; padre Manuel Furtado de Figueiredo, ao tempo capelão do Rosário, paróquia de Milagres; padre Nazario David de Sousa Rolim, na ocasião coadjutor de Missão Velha; monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, então reitor do Seminário do Crato; os médicos Marcos Rodrigues Madeira e Ildelfonso Correia Lima, acompanhados do farmacêutico Joaquin Secundo Chaves, constatando mais êstes três últimos, que Maria de Araújo não era histérica, não tinha lesão orgânica interna, nem os seus MILAGRES eram fruto de ação hipnótica.

O exposto é mais um argumento indireto a reforçar a tese da intervenção da quimica nos MILAGRES SANGUINEOS da atriz de José Marrocos.

46.<sup>a</sup>

Em seu depoimento, o retrocitado padre Manuel Antonio Martins de Jesus adiantou ter Maria de Araújo declarado que lhe fôra a ela sobrenaturalmente revelado ser como uma «nova Redenção» o SANGUE que então se derramava no Juazeiro.

Quem instruiu a «negra ignorante» sôbre a tal «nova Redenção», senão José Marrocos?

A própria «negra ignorante» afirmou, depondo, lhe haver sido revelada antecipada e sobrenaturalmente a reabertura do Seminário do Crato, os nomes do reitor e seus dois auxiliares, respectivamente monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro e os padres Quintino Rodrigues e Joaquim Sother.

Quem instruiu a «negra ignorante» nessa mistificação igualmente a serviço do embuste, senão José Marrocos?

O fato é que aqueles três padres, o reitor e os dois auxiliares, foram apanhados na arapuca do embuste e o Seminário se fechou, por isto.

O professor burlão concorrera dessa maneira indireta para cerrar as portas do melhor educandário do interior do Estado, a êsse tempo.

Adiantou ainda a «negra ignorante» que a sêca de 1877-79 lhe fôra da mesma maneira previamente revelada.

Lamenta-se que José Marrocos, revivendo José do Egito, não tivesse comunicado sua visão a nosso faraó, Pedro II, para as devidas medidas preventivas, em vez de utilizá-la no embuste por intermédio de sua atriz . . .

47.<sup>a</sup>

A citada beata Maria do Espirito Santo — uma das remanescentes da velha instituição fundada pelo padre Ibiapina, o Apóstolo do Nordeste — há poucos dias afirmou-me haver Maria de Araújo passado algum tempo na Casa de Caridade de Barbalha, informe que completa definitivamente a mencionada informação dos referidos sacerdotes Vicente Sother de Alencar e Manuel Félix de Moura a respeito da representação burlesca da partícula-burla naquela cidade cariense. Certo, a droga MARROQUINA manchou catorze sanguiños em ambiente discreto, o da Capela da aludida Casa de Caridade, e não com teatralidade ruidosa observada na Capela do Juazeiro e na Casa de Caridade do Crato.

Configura-se assim o triângulo Juazeiro-Crato-Barbalha no

coração do Cariri, triângulo sôbre o qual atuou José Marrocos como professor, e como apóstolo do embuste por si e por suas vítimas Maria de Araújo, Padre Cicero e treis colegas dêste, triângulo em que as antipatias criadas peias atividades hurlãs do mystificador foram amortecidas pela afeição despertada em face da ação do professor como tal.

Dai por que o advogado da Defesa invoca habilmente testemunhos dentro do mesmo triângulo no afan de salvar o Caglióstro do Juazeiro, o Antonio Conselheiro intelectual do Cariri e seu maior

mal

48.<sup>a</sup>

No curso da exteriorização vermelha do embuste MARROQUINO uma das beatas da equipe dos caribocas José Marrocos e Maria de Araújo, com 19 anos de idade e pertencente a uma das principais familias nordestinas, dos êxtases artificiais evoluiu para uma fase de êxtases histéricos, ciclo em que se sentiu substantivo composto geneticamente, regularizando-se a situação pela uniao juridica com o responsável. No picadeiro miraculoso de José Marrocos havia dessas surpresas.

49.<sup>a</sup>

Teste para conhecer-se um adepto disfarçado do embuste em tela: censurar o embuste ou atacar os embusteiros-mores. Há os criptos.

50.<sup>a</sup>

O cronista e jornalista Celso Gomes de Matos considera José Marrocos o teólogo do embuste religioso em trato. Já vimos que êsse ESPÍRITO SANTO DE ORELHA do Padre Cicero, dos padres Clicério Lôbo e Francisco Antero e Francisco Rodrigues Monteiro, soprou as teorias da «nova Redenção», da passibilidade de Jesus Cristo nas Sagradas Espécies, da natureza divina da droga vermelha na partícula-burla, etc. Soprou, ora discretamente, já por escrito. Soprou isto, consignado na carta do padre Manuel Félix de Moura a D. Joaquim José Vieira: «Posso afirmar a V. Excia: que é certo que o Padre Cicero dera três vezes por dia a comunhão a Maria de Araújo, Maria das Dores e Maria da Soledade, do seguinte modo: pela manhã a primeira recebia três particulas, a segunda cinco, a terceira recebia sete. Ao meio dia recebiam as mesmas comunhões. À tardinha, a mesma coisa».

O teólogo e apóstolo do embuste soprava que a questão do jejum eucarístico afigurava-se secundária porque de direito eclesiástico e não divino. Fazendo de Papa!

Não se enganava, o padre Félix: «desconfio que José Marrocos conduzirá o Padre Cícero ao fundo do abismo. Deus nos acuda».

Essa observação deixa, mais uma vez, claro bastante que José Marrocos não foi «adepto do Padre Cícero», mas o contrário é que ocorreu. Até por que a cultura do segundo esteve aquém, muito aquém da do primeiro, o qual imprimiu a marca duma individualidade intelectual em seus escritos, ângulo em que se afirmou nulo, o segundo.

51.<sup>a</sup>

José Marrocos nasceu da cabra Maria da Conceição. (Livro de Registro de Batisados, paróquia do Crato, 1841-42, fls. 87), segundo informação, quanto à etenia, de pessoas ainda vivas que a conheceram de perto. Uma das peculiaridades do psiquismo dos cabras caririenses de outrora expressou-se pela irrequietude traduzida na andança e na rebeldia. Foram os caceteiros, José Marrocos foi um irrequieto espiritual: o embuste em fóco; o motivo de sua expulsão do Seminário, etc. Andejo: Fortaleza, Rio, de novo Fortaleza depois de um ano de ausência. No Cariri viveu de Crato para Juazeiro, de Juazeiro para Barbalha, e vice-versa. Até em Cajazeiras, Paraíba, foi professor.

O próprio advogado da Defesa lhe reconhece «reiteradas permanências em Barbalha», onde tentou implantar e difundir a crença na sobrenaturalidade de sua droga e em cujo Cartório registrou documentos sobre o assunto.

52.<sup>a</sup>

No «Correio Eclesiástico», órgão oficial da então Diocese do Ceará, ano de 1914, em o n.º 14, comemorativo das bodas de ouro do Seminário Episcopal, ocorrentes naquele ano — aparece a relação nominal dos ex-alunos que foram professores ilustres, entre eles dois deste Cariri: João Gonçalves Dias Sobreira e Ágio Moreira Maia. José Marrocos não figura no Quadro. Certamente porque se alinhava na pauta dos ex-alunos por expurgo.

53.<sup>a</sup>

Escrevi que no curso dos milagres MARROQUINOS funcionaram duas equipes, a José Marrocos — Maria de Araújo, e aquela controlada por Maria Caminha, acontecendo que a última equipe desconheceu o processo de fabricação dos MILAGRES da primeira. Confirma-o o seguinte fato. Aos dezesseis dias do mês de maio de 1895, a beata Antonia Maria da Conceição, ex-membro da segunda

equipe, compareceu, para retratar-se, perante o segundo Comissário Episcopal, o citado Alexandrino de Alencar, então vigário desta paróquia de Penha. Declarou haver ignorado o «geito» e a «indústria» com os quais Maria de Araújo pudera conseguir os milagres.

54.<sup>a</sup>

O seguinte mandamanto da Pastoral de Dom Joaquim José Vieira, de 25 de Julho de 1894, confirma o roubo dos trapos MARROQUINOS da Matriz de Crato: «mandamos, sob pena de excomunhão, quem tiver os panos ensanguentados que foram roubados da Matriz do Crato, os entregue, dentro de trinta dias, a Nós pessoalmente, ou ao Reverendissimo Monsenhor Vigário Geral dêste Bispado, ou ao Rvd. párocho do Crato».

Mas, o chantagista Marrocos não entregou — Preferiu a excomunhão, pena em que não acreditava.

55.<sup>a</sup>

Uma das «orações fortes» de José Marrocos, em um seu Caderno, de assuntos místicos, ainda, hoje, em estado de quase conservação: «Cobra, tú não mordeste a... N... , Mordeste ao Venerável Padre José de Anxeta».

O Autor da Defesa ensinava-nos no Seminário a fazer «Pedra-de-Veado» anti-ofídica, ou fosse para neutralizar veneno de cobra. Uma afinidade do autor da Defesa com José Marrocos!..

56.<sup>a</sup>

Sentado lado a lado do Promotor e do Juiz, respectivamente os bachareis Edvard Teixeira Ferrer e Pedro Pinheiro de Melo, meus ex-alunos do Ginásio do Crato, hoje Colégio Diocesano, assisti, na cidade do Juazeiro do Norte, a primeira audiência da formação de culpa do fanático Manoel Pedro da Silva, assassino do citado Monsenhor Joviniano Barreto. Um flagrante do interrogatório:

«Juiz — Por que o indiciado assassinou o Monsenhor Joviniano Barreto?

Manoel Pedro da Silva — Porque êle era inimigo dos mistérios do Juazeiro.

Juiz — Que entende por mistérios do Juazeiro?

Manoel Pedro da Silva — Meu casamento, que é um mistério e êle não quiz fazer; o Juazeiro; Nossa Senhora das Dôres; meu

padrinho Cícero e o padre Divino que Monsenhor Joviniano botou fora daqui: Eu li tudo nos boletins.

Manoel Pedro da Silva, o assassino, dois anos antes do crime entendera casar-se com uma senhora casada e empenhar-se junto ao Monsenhor Joviniano Barreto, o Vigário, para celebrar o casamento. Contrariado em sua mania, ameaçara de morte ao Monsenhor. Os tempos se passaram. Tinha-se a impressão de que, no fanático e fronteiro mental, se esvanecera o intento sinistro manifestado naquela ameaça, talvez apenas uma intimidação para forçar o Vigário a abençoar o seu platônico, solitário e maluco idílio.

O padre Davino, Salesiano do Ginásio Salesiano do São João Bosco, do Juazeiro do Norte, pretendia passar por emissário do Padre Cícero, no que foi acreditado pelos romeiros. Por isto o Superior o transferira daquela cidade.

A essas alturas circulou naquela cidade um dilúvio de boletins. As edições sucederam-se, devoradas pelos olhos ávidos dos ingênuos romeiros, no Juazeiro e em outras regiões do Nordeste. Transcrevo alguns tópicos :

«Monsenhor Joviniano Barreto, o maior inimigo do Padre Cícero, do Juazeiro e dos Salesianos».

«Em 1917 o Monsenhor Joviniano chegou aqui com Dom Quintino e levou o padre Cícero para a praça da Igreja onde o Reverendo padre Cícero foi obrigado a subir a uma tribuna e desdizer publicamente os milagres do Juazeiro. Citado do meu Padrinho. Estava tão pálido e tremulo como Jesus Cristo no Calvário. E os CALFAZ obrigando que êle dissesse aquilo que êle não queria dizer.»

«Os romeiros devem e se afastar dêsse Monsenhor Joviniano que quer apagar do coração do povo a memória do nosso saudoso Padrinho.»

«Fujam, se afastem dêsse Monsenhor Joviniano, inimigo dos romeiros e do progresso do Juazeiro».

«O padre Davino foi uma vítima da inveja do Monsenhor Joviniano».

«Vejam, a igreja de Nossa Senhora das Dôres nem foi terminada».

Essas folhas volantes, virulentas, incitantes, em edições sucessivas rolaram a partir do mês de Junho de 1949.

No dia 6 de janeiro de 1950, tombava Monsenhor Joviniano Barreto, alvo dos ataques dos boletins, que o fanático Manoel Pe-

dro da Silva lêra, conforme declarou no interrogatório.

Difícilmente o Monsenhor Joviniano Barreto teria sobrevido, pois se criou na mentalidade incauta dos romeiros através daquela campanha escrita, associada á conversada nos bars e cafés e praças, a convicção de que êle era realmente inimigo desses pretensos mistérios.

Os autores da campanha, os quais, de propósito, estropearam o estilo dos boletins para não se denunciarem, habilmente jogaram com os mitos mais caros á alma dos romeiros com o fim de inutilizarem um clássico adversário do embuste-MARROQUINO. Creio sinceramente que não intencionaram um desfecho cruento, mas a criação de um ambiente moral capaz de afastar o Vigário, que na verdade já pensava em abandonar a paróquia quando a tragédia o arrebatou.

Ignoro se aquele flagrante do interrogatório foi tomado, por termo. Sei que o retenho no livro da minha memória, tão vivo como se o ouvira hoje.

Sei mais: os tabuescos trapos-MARROQUINOS, antes que das mãos da Beata «Bichinha» passassem ás do Monsenhor Joviniano Barreto, foram farejados e solicitados por dois cidadãos socialmente destacados, hoje ainda vivos, mas a Beata preferira entregá-los ao Vigário.

Se a incineração desses trapos-tabú influiu, ou, não, no trucidamento do Vigário, só Deus o sabe. Porém os boletins foram positivamente um estímulo.

## **Decisão e decretos da Sagrada Inquisição Romana sobre os fatos que sucederam no Juazeiro, diocese de Fortaleza.**

Na Congregação de 4.<sup>a</sup> feira, quatro de abril de 1894, discutindo os fatos que sucederam no Juazeiro, Diocese da Fortaleza, os Eminentísimos e Reverendísimos Padres da Santa Igreja Romana Cardiais Inquisidores Gerais, pronunciaram, responderam e estatuiram o seguinte :

«Que os pretensos milagres e quejandas cousas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãoos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e impio abuso a Santíssima Eucaristia, por isso o juízo Apostólico os reprová e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados cumprem serem havidos.

Mas para se dar cabo de tais excessos e a um tempo se

evitarem maiores males que podem :

« (1.º) O ordinário da Fortaleza e os outros Bispos do Brasil proibam por todos os meios ao seu alcance o concurso de peregrinos, ou as visitas e acesso dos curiosos a Maria de Araújo e as outras mulheres incursas na culpabilidade da mesma causa.

« (2.º) Quaisquer escritos, livros ou opúsculos publicados, ou talvez, que tal não aconteça, por publicarem sem defesa daquelas pessoas e daqueles fatos, tenham-se por condenados e proibidos, e sejam quanto possível recolhidos e queimados».

« 3.º) Tanto aos sacerdotes como aos leigos seja-lhes de-fêso tratar, por palavra ou por escrito, dos pretensos milagres supra citados».

« 4.º) O panos ensanguentados e as hóstias de que se falou, e todas as outras cousas ou reliquias conservadas, o Mesmo Ordinário as tome e as queime».

\*(assig.) R. CARDEAL MONACO».

Depois da decisão supra, do Santo Officio de Roma, à luz da qual ficavam condenados os MILAGRES de José Marrocos e Maria de Araújo, Dom Joaquim José Vieira publicou sua memorável Carta Pastoral (a qualificação é de Mons. José Quinderé) de 25 de julho de 1894, dando execução às resoluções do Santo Officio.

Instigado pelo burlão José Marrocos, o Padre Cícero resistiu ás determinações do Bisp.º Diocesano, que por isso o suspendeu, e ainda mais pelos fundamentos indicados na portaria de 14 de abril de 1896, publicada pela imprensa.

A profecia do padre Manuel Félix de Moura. (Desconfio que José Marrocos levará o Padre Cícero ao fundo do abismo) continuava a realizar-se.

Sempre inspirado pelo primo burlão, o Padre Cícero apellou da decisão do Santo Officio e das proibições do Bispo Diocesano. E a Congregação Geral da Santa Inquisição, e assim se pronunciou a 10 de fevereiro de 1897 em comunicação a Dom Joaquim José Vieira:

«Rvmo. Sr. Bispo de Fortaleza : Em Congregação Geral da Santa Inquisição Romana e Universal, reunida, quarta-feira, 10 do mês corrente, apresentados os recursos do sacerdote Cícero Romão Batista, de vós bem conhecido e dos seus fautores, e atenta todas as circunstâncias, os Eminentissimos Padres comigo, Inquisidores Gerais, resolveram escrever de novo a V. Excia. Revma.:

«Que se deve estar absolutamente pelo que foi decidido no decreto de Quarta-feira, 4 de abril de 1894».

«Que o Bispo se houve bem na execução do mesmo decreto, e que merece especial louvor pelo seu zelo pastoral contra as sacrilegas ficções e vãos prodígios supersticiosos de que se trata no mesmo decreto».

«Além disto o sacerdote Francisco Ferreira Antero (um dos quatro sacerdotes mentorados por José Marrocos, o «paredro» a que faz referência Dom Joaquim José Vieira na pastoral de 25 de julho de 1894, observo eu, o transcritor dêste documento) se ainda não se tiver submetido, publicamente ou por escrito, ao decreto do Santo Ofício, mais breve possível se submeta, pura e simplesmente, por declaração pública e escrita, a fazer perante o Bispo ou seu delegado, sob pena de suspensão A DIVINIS, reservada ao Pontífice Romano, a incorrer, passados 10 dias dêste mandamento. O sacerdote Cícero Romão Batista, porém, dentro de 10 dias do conhecimento do presente mandato, deixe a povoação do Juazeiro e vizinhanças, sob pena de excomunhão LATÆ SENTENTIÆ, do mesmo modo reservado ao Sumo Pontífice, e, se de novo quizer recorrer para a Santa Sé, contra as penas a êle impostas pelo Ordinário, obedeça primeiramente aos decretos de Quarta-feira, 4 de abril de 1894, e depois, o mais breve possível, venha a Roma».

«Fm fim prudentemente, procure de novo, o Bispo, que os panos manchados de sangue e as hóstias e outras coisas conservadas como reliquias, de que se tratou no citado decreto de Quarta-feira de 4 de abril de 1894, sejam tomados absolutamente e queimados, como foi ordenado no mesmo decreto, e igualmente, as medalhas já anteriormente condenadas por si; intimado, se for preciso, aos detentores dos mesmos objetos, a privação dos sacramentos, se os não entregar ao próprio Ordinário, ou por si ou pelos respectivo pároco ou confessores».

«O pensamento dos Eminentissimo Padres é que V. Excia. Revma. publique em parte totalmente o presente Decreto, segundo julgar mais oportuno no Senhor».

Peço a Deus que vos conceda toda felicidade.

L. M. Cardeal Pároco,

Ao Rvmo. Sr. Bispo de Fortaleza.

Não é cioso observar que José Marrocos se deu ao dilettanismo de conservar os seus trapos tinturados, apesar da condena-

ção pontificia, e de, nessa posse, comungar na Igreja de Barbalha, conforme testemunha do citado clinico Antonio de Sá Barreto Sampaio Júnior.

Ainda em 25 de setembro de 1909 José Marrocos chicanava pela imprensa: «O próprio Sr. Dom Joaquim foi quem fez o inquérito do fato, que se deu no Joazeiro mais duma vez, da visibilidade da transubstanciação».

Do mesmo passo sofismava sobre os referidos decretos do Santo Ofício em relação com a pretensa origem divina de sua desmoralizada química. E xingava sinicamente o Bispo Diocesano, («O Rebate», Juazeiro do Cariri—Ceará—Brasil. Ano 1.º n.º 2.º).

Enquanto todos os intelectuais e homens de bom senso, agnósticos até, acabaram por se convencer, uns pela decisão da Autoridade Eclesiástica, outros pela própria observação da burla dos pretensos MILAGRES, José Marrocos, embora inteligente, culto e ilustrado, morreu de modo lamentável, envolto no manto de uma aventura querida e desejada, que acabou em tragédia.

### X X X

Com o intuito de ganhar tempo e consolidar a crença na sobrenaturalidade do embuste, José Marrocos teria sugerido a sua vítima, no caso o Padre Cicero, apelar das penas episcopais a este cominadas, e ir a Roma. O sacerdote agiu neste sentido, de Salgueiro, Pernambuco, correspondendo-se telegraficamente com Monsenhor Bessa e Cônego Antonio Fernandes da Silva, ex-vigário de Crato, então em Roma. Foi no mês de julho de 1897. Eis alguns telegramas, copiados pelo próprio punho do Padre Cicero e enviados a um seu amigo desta cidade. A copia existe.

«Monsenhor Bessa-Dic Pontifíci que você sabe. Padre Cicero».

«Cônego Fernandes-Roma-V. Port' 2-Apellamos Papa infalível. Telegrafei Monsenhor Bessa Amor Deus, Paz religiosa milheiros almas obtenha em vez pedra e serpente, pão e peixe. Responda telegrama. Padre Cicero».

«Padre Cicero-Inadmissível apelação, Exigem absoluta obediencia Bispo-Bessa».

«Cicero-Salgueiro-Confirmo Bessa. Esperamos saque-Fernandes».

«Fernandes-Roma-V. Port. 2 Obediente. Paz todos exija Comissão Apostolica-Saque quanto? Cicero».

«Cicero-Salgueiro-Impossível sem sua presença Roma. Es-

peramos logo. Fernandes”.

“Salgueiro-37 de julho de 1897-Fernandes-Roma-Via Portuguesi-2- Obedecendo Congregação, Sahi 30 leguas. Peça por mim ir Juazeiro preparar peregrinação Roma. Cicero”.

Realmente o Padre Cicero foi a Roma e regressou em 1898, quando retomou domicilio na povoação do Juazeiro em cujo perímetro continuou suspenso de ordens, podendo entretanto, como fez, celebrar nas capelas das paróquias vizinhas.

Os milagres MARROQUINOS continuaram condenados, como não podia deixar de ser.

A chicana de José Marrocos continuou ferrada diletante e maliciosamente ao argumento de que a Igreja não se pronunciara ex-Catédra no caso dos MILAGRES, argumento hoje ainda articulado por certos cripto-faráticos, sinceros, uns, e outros, velhacos.

Em o número de “O Rebate”, citado, 25.7.1908, o burlão Marrocos afeta obedecer aos decretos do Santo Ofício atinentes à aventura farsante de seus desmoralizados milagres, enquanto se mantém na posse dos panos tinturados, de sua parceira Maria de Araújo, apesar da insistência de Roma com aquêles fiéis que porventura os detivessem para que os entregassem ao Bispo, sob pena de não serem admitidos à recepção dos sacramentos. O burlão escreveu: “O Rvdo. Dor. Antero, os outros sacerdotes e fiéis scientes e consciences do acontecimento eucharístico do Juazeiro—preferiram o portão velho, largo, secular e sedição da obediencia” (sic). O burlão se incluía na fila dêsses fiéis “scientes e consciences”. Não imaginava, porém, o encontro no futuro dêsse texto cínico com a revelação inesperada de seus trapos condenados e de seu livro de milagres quimicos. Ainda naquela data, 25.7.1909,—um ano antes de morrer entre uma xícara de chá e uma cápsula tóxica—burlava, assim, o público legente, como em 1902 burlara ao então vigário de Barbalha, comungando e conservando os panos, apesar de incluído entre os não admissíveis à recepção dos sacramentos. HOMO DUPLEX!

X X X

A partir de José Marrocos os Teles Marrocos entraram em decadência biológica, social e econômica.

X X X

Apesar da oposição da família, José Marrocos deixou es-

ta cidade e transportou-se para o Juazeiro para não assistir a chegada e a permanência em Crato, aqui, de D. Manoel de Oliveira Lopes, Bispo Auxiliar Diocesano, então em visita pastoral ao interior da Diocese, em 1909. É uma informação de sua citada sobrinha.

### REPUBLICANISMO MARROQUINO...

Estalando castanholas à réplica do misticístico advogado de José Marrocos, alguém, pela imprensa de Fortaleza, aludiu ao republicanismo do burlão dos MILAGRES de Maria de Araújo.

A propósito do tal republicanismo, transcrevo uma súplica, escrita do próprio punho de José Marrocos, de seu uso particular dirigida à Virgem Maria: «Ó Mãe e Senhora nossa, rogamos-vos pelo Imperador Pedro, e sua Augusta Família, para que os livres de todos os inimigos, os illumineis, e concedaes um governo sadio, justiceiro, e reinado feliz, e a sua monarchia, paz e felicidade». (De um livro, inacabado, «Caminho do Céu», repositório de orações, algumas supersticiosas para estancarem sangue, prevenirem e curarem mordidas de cobras — tudo escrito do próprio punho de José Marrocos).

Pelo visto, José Marrocos teria acendido uma vela ao regime monárquico e outra ao barrete frigio, o que, não seria para estranhar, tendo-se em consideração sua duplicidade demonstrada no curso do embuste dos MILAGRES. Em Barbalha, como se viu, embora sabendo-se excluído da admissão aos Sacramentos pelo fato de conservar seus condenados trapos-fetichê, burlava (1902) o vigário e a população local, comungando, para camaleonar-se ao colorido religioso do ambiente, que não toleraria um professor arredo dos Sacramentos da Igreja. Em Crato e Juazeiro agiu de modo contrário, limitando-se às exterioridades do culto, coerente com a ex-comunhão contrada e da qual não seria absolvido enquanto se mantivesse na posse dos citados panos, uma querida reliquia histórica de sua aventura rumorosa. Morreu na ciência dessa ex-comunhão e nela incurso, pena cominada pelo Bispo (1894) e confirmada pela Santa Sé (1897), a quem maliciosamente detivesse os panos em questão. Aliás, êle não acreditava em tal pena.

### DIFAMAÇÃO DO ALTO CLERO

José Marrocos integrou-se na redação de «O Rebate», citando, sobretudo no que se relacionava, de qualquer maneira, com o embuste de seus MILAGRES. Na edição dedicada ao necrológio do triste embusteiro, 21-8.1910, «O Rebate» afirmou: «Redigia conosco esta folha». Ociosa declaração, pois basta que se corram as edições do desabusado hebdomadário, para nos confirmarmos na verdade daque-

le enunciado. O «silêncio respeitoso» do embusteiro foi breve, após a condenação de seus MILAGRES.

Defendendo boas causas, por exemplo a emancipação política do Juazeiro, infelizmente o jornal se constituiu, por outro lado, em reduto da defesa do embuste dos MILAGRES do Juazeiro, pela pena de seu fabricante, José Marrocos. Pior: foi trincheira donde esquinçou a lama da difamação contra o alto clero católico.

Sobre dom Joaquim José Vieira, edição de 13.3.1910: «Quem já fez o paralelo do benemérito padre doutor Antero com o diocesano, e no prelado não encontra de superior, sinão a posição hierática, de certo não pode ter a calina simplicidade de crer que para viver sábio e santo qualquer aborigene do baixo clero, baste-lhe somente empolgar uma batina rôcha, uma cruz, peitoral de ouro e um bastão de latão».

Edição de 30.1.1910: «Que Bispos!... na idade medea faziam recolher e crear em seus palacios um numero de meninas pobres... Chegadas à idade da puberdade conheceram chorando que seus pastores eram lobos os mais vorazes, os hypocritas mais astuciosos e refinados. Esses repobros não têm nome: perguntai-o à terra que os devorou e à historia que os condenou... *Siletium verbis facundis*. Silêncio sobre os seus nomes.

Edição de 20.2.1910: «... os encontramos (os bispos) traidores e sanguinários, traidores e assassinos, traidores e corruptores, traidores e devassos, traidores e cinicos, traidores e infames, traidores e blasfemos, traidores e hereges».

Essa campanha de esgôto só arpepiou carreira quando a imprensa de Fortaleza levantou seu brado de protesto, por exemplo, JORNAL DO CEARÁ, 23.2.1910.

Que o autor da Defesa continue comovidamente ajoelhado ante a memória do Cagliostroide do Juazeiro... Eu a repilo em sua face embusteira.

## NÉO CATOLICISMO

Em 1910, o rebelde padre espanhol, Pey Ordeix percorria o território de sua pátria clamando contra os bispos e propugnando por um novo catolicismo ético.

«O Rebate» assim comentou o fato: «O Padre Pey Ordeix só clama por uma reforma quanto à disciplina, que corrompera, e tem corrompido os snrs. bispos»:

Em seguida louva o néu catolicismo PEYORDEIXÍSTICO, que, segundo o mesmo jornal, ganhara a Espanha e passara a outros

continentes.

Tive razão quando afirmei a certa altura dêste trabalho, que Zé Marrocos pretendia uma igreja cismática para Juazeiro.

### CRATO NÃO COMPARECEU

Já em 1910, Crato já se inteirara do embuste dos MILAGRES MARROQUINOS.

Arrolando meia dúzia de pessoas dos vizinhos municípios, presentes ao sepultamento do embusteiro, 15.8.1910, «O Rebate», 21.8.1910, escreve que afora um sobrinho do morto, capitão Abel Luis Arnau, ninguém mais de Crato compareceu ao enterro. É que Crato, advertido do lôgro de que fôra vítima, repelira o embuste do embusteiro quando êste ainda vivo, e selou o protesto ignorando o sepultamento do aventureiro.

### A BIBLIA DO EMBUSTE

Ao tombar inesperadamente nas garras da morte, José Marrocos tinha pronto, esperando publicação, o livro intitulado «A Questão Religiosa do Joaseiro», obra «theologicamente discutida e documentada», segundo «O Rebate».

Mais não era entretanto que uma sofisticada e chicana teológica de justificação doutrinária do embuste dos MILAGRES, ou do que o autor chamava — «O factó Eucharistico do Joaseiro». Era a Biblia do embuste.

Conforme se pode ler numa coleção de «O Rebate», 1909-1911, o citado dr. Raul de Sousa Carvalho, entregou êsse Alcorão MARROQUINO ao então vigário de Crato. Andou acertado porque o livro traria males de consequências imprevisíveis. Mas êsse juiz sofreu, por isto, tremenda campanha de «O Rebate».

Ainda hoje o dr. Raul de Sousa Carvalho não é bem visto, o que transparece — EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA.

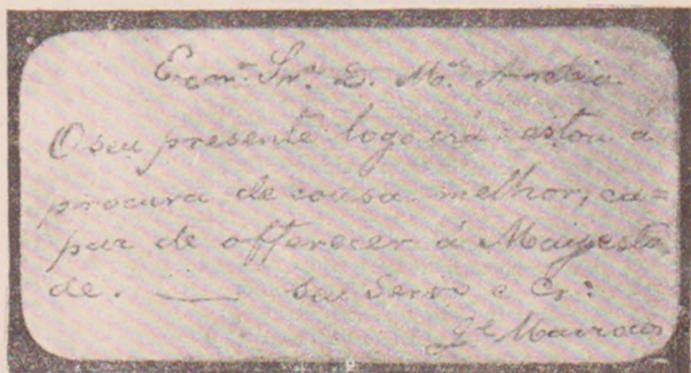
### MONSENHOR TABOSA E O "REBATE"

Em agosto de 1909, o padre Tabosa, depois Monsenhor Tabosa, pronunciou nesta cidade uma série de sermões de esclarecimentos em tôrno dos milagres MARROQUINOS. "O REBBATE" cobriu-o de insultos, "O REBATE" do qual JOSÉ MARROCOS fôra um Mestre incontestável em vida e continuava a ser depois da morte por legado espiritual indiscutível.

O autor da Defesa acende uma vela à memória do Monsenhor Tabosa e outra à do embusteiro, ex-mestre de "O REBATE", jornal que atassalhou a honra do episcopado quando ainda em carne e osso o Mestre-Embusteiro atuava sobre a mesma folha.



Professor Rufino de Alcantara Montezuma, brilhante figura do magistério cratense em cuja escola José Marrocos recebeu os conhecimentos das primeiras letras



«Fac-simile» dum cartão de José Marrocos dirigido a pessoa de sua familia.

# H O R Á C I O J Á C O M E

*José Alves de Figueiredo*

«Que glória pode haver assim como essa glória  
Dormir... sonhar... viver no coração da his-  
tória».

Alexandre Fernandes

Dormes, herói, sob essa fria lousa  
Onde o teu resto gélido repousa  
    Já transformado em pó !  
Muito crescestes assim trocando a vida  
Por esses sete palmos de jazida  
    Onde descansas só !

E' justo o pranto que te orvalha a campa,  
Este sinal que cada rosto estampa  
    De verdadeira dor !  
Mereces ainda mais que este tributo,  
Tu que tiveste a morte como fruto  
    Do patriótico amor !

Um dia, Horácio, teu natal torrão  
Gemia ao pêso da opressora mão  
    Sem leis e sem direito;  
Ergueste, então, do teu valor o gládio  
P'ra defendê-lo, tendo por paládio  
    Imenso amor no peito !

E fulminou-te a lâmina certa  
Que te vibrou, feroz e carniceira,  
    Caterva vil, bandida;  
Mas cobarde não foste em face à morte,  
Pois soubeste prostrar, altivo e forte,  
    Quem te prostrou sem vida.

É belo assim deixar um nobre exemplo  
De coragem, bravura:—erguer um templo  
    Em cada peito irmão;  
Tombar rugindo qual leão ferido  
E não curvar a frente de vencido  
    À lei vil da pressão.

Dormes em paz ! Sob esta pouca terra  
Que esse teu rosto luminoso encerra  
    Tu viverás de novo !  
Morrer coberto dos lauréis da glória  
Não é findar-se; é ressugir na história,  
    No coração do povo !!!

# O CARIRI ATRAVÉS DA MEDICINA

Dr. PINHEIRO MONTEIRO

(Do Corpo de Saúde do Exército, Ex-Cirurgião do Hospital Central do Exército e do Hospital do Pronto Socorro do Rio de Janeiro, Chefe do Serviço de Saúde da 10a. Região Militar, Diretor do Hospital Geral de Fortaleza, Da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Norte, Da Casa Juvenal Galeno, Do Instituto Cultural do Cariri,

Graças ao convite do eminente conterraneo Figueirêdo Filho, que não houve resistir-lhe, vem a lume este artigo, no segundo número da Itaytera.

Desprovido, de todo em todo, de qualquer merecimento literário, vale, simplesmente, como pequena parcela de colaboração à Revista que coordena os acontecimentos desenrolados na nossa história religiosa, social e politica.

Qual eterno enamorado das cousas e da harmonia inconsciente da natureza, quiséramos evocar, ao luar da saudade, a beleza singular que se encontra e contempla no vale do Cariri, desde o verde painel dos canaviais até o arrozal amadurecido dos brejos; desde o Batateiras e Salamanca ao longo dos quais se derramou outrora a colonização até às fontes que, aos borbotões, jorram no sopé da serra; desde a feira de gado até à proeza rústica do vaqueiro ágil, na péga dos novinhos barbatans; desde a farinha do Araripe até à colheita do milho e à apanha do algodão; desde a faina intensa das moagens até à apartação; desde os trovadores, na porta dos mercados, a dedilharem violas até à poesia, sentimental ou sarcástica, de José de Matos e Luizinho Quezado; desde a música de couro até o bumba-meu-boi, ao fandango, à Zabelinhas e outros números do folclôre; desde o malhar das rezes, à sombra dos cajueiros, até o mugir, nos currais, das vacas de leite; desde a brancura mística da Sé Catedral até os festejos da Padroeira, desde o cangaceiro perambulante das selvas emaranhadas do sertão, até o caboclo, simbolo de brasilidade forte, cuja coragem e altivez reclamam estudos assim como também o fazem o dom da resignação à pobreza e o orgulho do destino.

Um trabalho no gênero não desmereceria, pelo colorido regionalista, o programa traçado ao órgão oficial de publicidade do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI. No entanto, nosso tema é: O CARIRI NA MEDICINA.

Ventilado como vamos fazê-lo, sem inspirações efuzivas, tem, por força, de sair um trabalho positivamente mediocre. Mas, mesmo assim, sem primor na forma e brilho na estrutura, nêle poderemos, contudo, conseguir o mérito de focalizarmos a ação da medicina naquele doce rincão, através da produtividade dos profissionais, tanto no domínio prático como no ensinamento de noções higiênicas e profiláticas.

Por vários motivos o assunto merece lembrado. Em primeiro lugar, possui vida própria, perfumada das flores da inteligência de quantos, ali, desempenharam ou desempenham ainda a sublime arte de curar. Depois, porque o Cariri deve à medicina grandes e inúmeros favores na estrada que, há três séculos vem de palmilhar em busca do desenvolvimento e progresso. Os recursos do meio, em tempo algum, permitiram que os médicos Caririenses se dedicassem a pesquisas originais. Todavia, os avanços enfrentados lhes não arrefeceram o interesse pela clinica geral, pela obstetricia e oftamologia. Um só olhar retrospectivo que revolve o pó da civilização na zona sul do Estado, que rememore fatos dos velhos tempos monárquicos e das mais longinquas épocas coloniais, dar-nos-á, rápidamente, uma idéia precisa de como os predecessores exerciam o ofício clínico, desde as unturas e emplastos até a medicina dos raios X e do Laboratório que se pratica no Cariri atual. Não nos interessa o estudo das garrafadas nocivas, das medicações estapafúrdias que vão desde os escrementos animais ao uso da saliva humana; desde o chá das fezes do cachorro nos atacados de sarampo até às orações fortes na espinhela caída e ramo estupor; desde a urina que se destina a combater sezões até o cusimento de batatas, aplicado à aniquilação das colites; desde o querozene, nos mordidos das cobras, até às beberagens que o curandeiro analfabeto aprendera do negro benzedor das senzalas da escravidão. Tudo desprezaremos. Nada disso condiz com o círculo estreito em que nos pretendemos limitar. O mesmo não acontece em relação às plantas vendidas nas pequenas boticas manipuladoras e que desde 1891, aniversário da Industrialização da Farmácia no Brasil, passaram a fazer parte dos preparados galênicos, que são aperfeiçoados, dia a dia, diante dos progressos da farmacologia contemporânea.

Quando das memoráveis missões do Miranda já os Capuchinhos empolgados da catequese, ao mesmo passo que deslumbram os habitantes com os lampejos da sua fé fervorosa, lhes ensinavam a virtude terapêutica da caroba, do velame, da jalapa, da jarrinha, da

ipecaconha, do mussambê e de outras plantas benéficas. Com elas, naquele tempo, o povo do Cariri sanava ou minorava enfermidades. Era a bouba já então, encontrada no Brasil, como triste legado dos africanos; era a desenteria; era a verminose; a cegueira noturna; as avitaminoses; eram as afecções oculares cuja descrição se encontra, em detalhes, nas informações dos Holandeses sobre as endemias reinantes no Nordeste.

Em 1859 o Instituto Histórico do Rio de Janeiro houve por bem enviar uma Comissão Científica às províncias do Norte. Chefiou-a Freire Alemão, talvez, o maior apaixonado cultor da botânica, em terras do Brasil, sobrepujando mesmo Arruda Câmara, Barbosa Rodrigues, Caminhoá e outros renomados antecessores que perlustraram os meandros e labirintos dos setores importantes da História Natural. Não nos cabe, no momento, apreciarmos a eficiência daquela peregrinação de doutos através dos sertões insalubres do interland. Para uns inutilidade; a outros se afigurava óbvia. Posto conseguissem o objetivo de encontrar artefactos indígenas e produtos mineralógicos lhe não faltaram apelidos como que a crismou de "Comissão das Borboletas". Fosse qual fosse o resultado, certo é que, no tocante ao Cariri conduziram vários espécimens da nossa flora, aumentando destarte a riqueza florística do Museu Nacional. Alemão alude ao seu emprego pelos sertanejos. O poder curativo foi e é, ainda, hoje, utilizado ora como depurativo e anti-desintérico, ora sudorífico, discongestionante ou tônico. Assim viviam nossos maiores no uso constante das infusões de raízes e folhas, não contando com um só profissional, e, muito menos com a exuberância medicamentosa que, dia a dia, se avoluma, de modo espantoso, no estoque alucinante dos laboratórios e drogarias.

### CÓLERA-MORBO

Eis senão quando aparecem os primeiros médicos na faixa meridional do Estado. Como reza a tradição, Antônio Manoel de Medeiros, do Corpo de Saúde do Exército, foi o primeiro a chegar às nossas hospitaleiras plagas, no doloroso ano de 1862, em plena efervescência da colera-morbo. Enviou-no-lo o Governo com a incumbência de debelar o surto epidêmico da moléstia que, então, se espalhava, assustadoramente, pelo Crato, Jardim, e localidades circunvizinhas. Medeiros, renhidamente, se consagrou à tarefa, não regateando esforços no objetivo de proporcionar às vítimas do mal, temível e contagioso, a assistência solicitada. As prescrições que empregou aquilatam o atrazo médico na época.

*Vinagre 1 libra—Cânfora pulverizada 1 onça—Alcool reti-*

*ficado 1/2 onça—Farinha de mostarda 1 onça—Alho pisado 1/2 onça—Cantaridas em pó 1 oitava.*

*Alcool canforado 1 litro—Amoniaco 4 onças.*

## VARIOLA

17 anos são passados dessa abominável calamidade, quando, em 1879, a variola nos bate às portas, disseminando-se à larga, pelos sítios do pé da serra e baixios do Batateiras. Juazeiro, Missão Velha, Brejo Santo, Porteiras, Santana e outras localidades são incontinentemente assoladas. Por vezes e não raro, se reveste a moléstia de gravidade como a forma hemorrágica O atropêlo, a fome, a miséria ameaçam despovoar a região, não mais sorrindo da fertilidade que o inverno lhe proporciona nos tempos normais. Em face da impressão angustiosa a que se arrastou a população inteira, o Govêrno envia ao Crato o médico Antônio Pompeu de Sousa Brasil. Com os métodos preservativos através da vacinação profilática se não consegue, em curto prazo, o desaparecimento da moléstia, pelo menos diminue, sucessiva e aceleradamente, a voragem da mortalidade. Há confôrto para a aflição e o terror, para o abatimento e a mágoa, para a dôr e o luto, para a angústia e a desesperação.

## CURANDEIROS, SANGRADORES E PARTEIRAS

Além dêsses não temos notícias do aparecimento por aquêles tempos que já se vão longe, de outros profissionais que permanecessem em terras do Cariri. Isto permitiu o desenvolvimento, a rédeas soltas, da curandeiragem que conseguiu medrar, com sucesso absoluto, assim nos sítios como nas cidades, às vistas da simpatia geral. Foi a época dos sangradores Zé Benedito e Izabel do Cemitério, dos seus aprendizes e continuadores no ofício da lancêta, das célebres parteiras cujas vestes, mãos e tezoura sujas, sem cautela protetora ou precauções antissépticas, disseminavam, a granel, as infecções puerperais. Por êsse tempo Manoel Sinhô foi o curandeiro indisputado do antigo povoado do Juazeiro. As suas cúras prodigiosas divulgaram-se, céleres pelo sertão, os comentários exagerados dos romeiros. Na crença da multidão fanática se constituiu um personagem lendário a quem o santo padriño concedera qualidades que se reservam aos predestinados.

## BOTICARIOS

Vieram depois os boticários aos quais o trato diário com as maselas do organismo humano garantiram certa dose de experiência

e cultura. Conseguiram assimilar rudimentos anatomo-fisiológicos salutarés e indispensáveis ao exercício clínico. Dentre êstes nos não fôra licito olvidarmos a figura de primeira plana de Joaquim Secundo Chaves. Dedicou-se à arte de curar desde a mocidade até quando faleceu já na extrema velhice, em 1902. Possuidor de relativo preparo humanístico, conhecendo regularmente o Vernáculo, o Latim e Francês, o velho Secundo fizera perseverante aquisição de conhecimentos técnicos mercê de leituras estafantes em trabalhos científicos que lhe chegaram às mãos. Em 1929 tivemos oportunidade de conhecer sua biblioteca a que algumas pessoas, às vezes, nos referiam. Realmente, fomos surpreendidos ao encontrarmos ali obras de Torres Homem e Saboia; de Trouseau e Jaccoud; a Patologia Externa de Follin e Duplay além de outros livros classicos francêses. O trato assíduo com referidas obras e a intuição médica que lhe era nata lhe permitiram acertar quase no diagnóstico e na aplicação terapêutica. Muitos dos seus tratamentos foram aprovados pelos mais afamados clínicos de Fortaleza. A reputação atestam-na dois casos que passamos a relatar:

Joaquim Monteiro, abastado agricultor e fazendeiro no Município do Crato, adquiriu um aneurisma saciforme na carótida primitiva esquerda, mal de que veio falecer repentinamente. Consulta certo facultativo em passagem pela cidade que sem a abençoada mentira convencional da Deontologia Médica lhe tranquilisa garantindo tratar-se de simples abcesso. Não havia, pois, maiores consequências a temer e lastimar. Era um desses casos difíceis, quase indagnosticáveis, que de onde em onde soe aparecer na clínica e que na ausência de meios semióticos e sinais patognomônicos, à primeira vista, não oferece certeza diagnóstica. Não se conforma o doente com o parecer médico. Delibera entre si pedir esclarecimentos a Secundo para quem se apelava nas dúvidas e controvérsias. O novo consultado não teve dificuldade após exatè minucioso de dar-lhe o diagnóstico certo: «Isto é um aneurisma». Ao episódio assistiram testemunhas fidedignas e oculares. O caso não é tão simples como os leigos de início talvez possam imaginar. Quando do nosso aprendizado na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio, tivemos conhecimento duma catástrofe operatória passada com um antigo professor de cirurgia. Em plena aula e após brilhante dissertação sobre os sintomas diferenciais dos aneurismas resolve o mestre preceder a incisão, julgando tratar-se duma circumscriita coleção purulenta ao nível dos vasos do pescoço. Qual não foi a decepção ao ver o sangue jorrar ao longe?! Entre pesaroso e enalistrado exclama: «Era um aneurisma».

O outro caso que igualmente abona a argúcia profissional de Secundo ocorrêra no último decênio do século findo. No sobrado do Cel. Ildebrando jogavam o «Lasquinet», o Cel. José Rodrigues Monteiro, cidadão de categoria social e estimado por quantos o trata-

vam e conheciam, Casemiro Briseiro, Antônio Pereira Lôbo, o proprio Ildebrando e mais pessoas gradas. Entrementes José Rodrigues fixa o olhar, com visível espanto, para um dos parceiros que apresenta esquisita coloração no rosto. Embora segure as cartas prestando-lhes atenção necessária, volve ao outro constantemente seu olhar como a inquirir do estado de saúde. Repete o gesto uma, duas, três e mais vezes... Não articula uma palavra sequer. O parceiro intrigado pergunta-lhe o motivo de ser fitado reiteradamente. «Nada, responde o interpelado». Mas, não cessa a observação. A certa altura Casimiro levanta-se num gesto precipitado e brusco, querendo retirar-se em sinal de protesto aos olhares insistentes e que lhe faziam mal. Os companheiros não consentiram que o fizesse, porém continuaram sobre êle os mesmos olhares curiosos e indagadores. Não se conteve então e interpelou o motivo dos mesmos. José Rodrigues supondo acalmar-lhe o ânimo irritado diz: «Você apresenta enorme roxidão na face». Neste comenos todos confirmaram: «Você está realmente rôxo». Casemiro já, agora, engasgado de pavor, banhado em suores profundos, enxuga, apressadamente, o semblante e pergunta se a roxidão desaparecera. «Não, você está cada vez mais rôxo». O pobre homem, pelo imprevido da surpresa, fica altamente sugestionado. Começa a sentir dores no coração que bate num ritmo acelerado. Bambeiam-lhe as pernas. Pela meitula lhe perpassa calafrio aterrador. Respiração ofegante. Dispinêico. Param o jôgo. Correm todos em socorro da vítima. Sentam-no à uma cadeira. Todo transfigurado, tateia o pulso que se lhe vai num taquisfigmia incontável. Nesta tempestade emotiva e mudo do lenço teima em limpar os suores que lhe inundam pescoço, braços, mãos e face, aumentando-lhe de mais a mais a roxidão. Pede que o transporte para morrer ao lado da mulher e filhos. Satisfazem-lhe o desejo. Levam-no numa cadeira, entre filas de curiosos, para a casa a alguns metros de distância.

Chegado que fôra, novas providências se sucedem em busca de socorros médicos. Ao chamado, dentre alguns minutos, atendeu Secundo. Bondoso, calmo, a alisar a barbiça intença e branca de monge examina o «Doente» para concluir seguro da sua convicção: «Nada você tem». Não há como justificar tamanho receio ou pavor. Retruca-lhe Casemiro: «Estou às portas da morte... Fui vítima de um ataque cardíaco... Eu morro... Morro... Acuda-me Cel. Secundo». «Morre porque quer, mas nada explica êste estado de cousas». E quanto mais Secundo, serenamente, procura convencê-lo da sem razão do estado emocional, mais, êste continua a afirmar não suportar «o ataque cardíaco». Aconselhou-lhe tomasse um calmante. Pouco depois o empregado do Secundo, conhecido por João da Botica, ao lhe trazer o remédio, descobre a causa daquela cena burlesca: era o lenço de morim impregnado de amido, que em contacto com o suor, dava por reacção quimica a referida coloração. Foi água na fernura: «o doente»,

se ergue do leito e todo alegre e prazeroso abraça o João efusivamente. Não é isto um teste pelo qual passou a experiência clinica do velho Secundo? Tanto na Alopattia como na medicação homeopática, foi proficuo benfeitor das classes humildes.

No decurso de 1880 a 1890, também, tivemos outro não menos famoso boticário — Domingos Lopes de Sena. Chamavam-no Domingos Coxo, alcunha por que ficou conhecido, em virtude da claudicação do membro inferior direito, conseqüente da antiga fratura da tibia viciosamente consolidada. Era Domingos homem sincero, franco, leal. Politico ardoroso e desassombrado. Sua paixão partidária não lhe permitia largar os humorismos, a verve sarcástica com que ridicularizava adversários intransigentes. Punha-lhe os mais engraçados epitetos de malediscência e despeito. Basta cabeleira, já prateada pelo tempo, a cair-lhe sôbre os ombros como a esconder, no pescoço, antigas cicatrizes viciosas. Vestia, invariavelmente, calças brancas, casaco prêto, puído do uso, na gola, e botinas de elástico. Indiferente às práticas religiosas. Ao contrário de Secundo que foi cristão de convicções arraigadas, cujos sentimentos de catholicidade jamais encontraram sinopes, pausas ou restrições. Para os clientes tinha sempre já preparados os frascos em cujo rótulo escrevia conforme se destinasse a crianças ou adultos «remédio para menino e remédio para adúltero».

Benedito da Silva Garrido, acatada figura na sociedade Cra-tense pelos inúmeros bens de fortuna é outro nome que não queremos nem devemos esquecer. De fino gôsto artistico trazia a farmácia enfeitada com vidros, de tamanho variável, cheios de soluções coloridas. Emoldurando-lhe as paredes fotografias de personagens illustres do cenário mundial. Por sôbre a mesa onde se encontram o pipulador, a balança e o gral, vêem-se estatuêtas de divindades mitológicas, objeto de crença dos gregos e romanos, ao tempo do paganismo. Era um verdadeiro «mise-en-scène ou étalage de son prodigieu savoir» para empolgar os burguezes que a êle recorriam. Os inúmeros que-fazeres de boticário e clínico não lhe embaraçaram a atividade de manusear a fortuna, empregando dinheiro a juros em grandes e pequenos empréstimos. Envaidecia-se dêste evento de sua vida comercial. Gostava de relatar, a miúde, o nome e número de devedores. Longos meses se fez aprendiz de um dos mais reputados cirurgiões do Recife. Graças a êsse ensaio cirúrgico conseguiu entre clientes, firmar conceito no manejo do bisturi. Executava, com alguma técnica, intervenções de rotina. Nessas arrojadas tentativas operatórias logrou quase sempre, a despeito da falta absoluta de assepsia e antisepsia, sucesso pratico consoante dizeres da tradição. Sua farmácia foi vendida em 1900 ao farmacêutico José Gonçalves de Sousa Rolim que, ainda, hoje a conserva. Fabricava preparados. Um dos tais batisara com o nome pitoresco de «Elixir Vila da Cabra».

Mencionemos também na grande lista dos boticários Dário Duarte Corrêa Guerra, Domingos Pedroso, Saraiva, Manoel Felipe Teles, com sua carteira homeopática, José Antônio de Figueirêdo, Franco, Antônio Pedroso, com ambulância móvel no sítio Ponta da Serra, e Teófilo Siqueira, em Crato; João Anselmo, no Brejo Santo; José Caminha de Anchiêta Gondim, do Jardim; Joaquim Ferreira Lima, de Santana; Raul Milton, de São Pedro; Augusto Moreira, em Quixará; Júlio R. Coêlho, em Milagres. De Teófilo a expontaneidade sarcástica deveras prodigiosa e de que todos guardamos indelével memória fê-lo conhecido em todos recantos do Nordeste. Procedente de Missão Velha residiu no Juazeiro, por solicitação do Padre Cícero, de 1896 a 1904, Ernesto Ferreira Rabelo.

Por esta época à Barbalha serviram dois velhos práticos de farmácia Manoel Cândido das Dores, inventor do «Elixir de Caroba e Velame» e Fandeira de Melo. Na ausência de médicos, êsses abnegados pioneiros da arte hipocrática tornaram-se senhores da clínica no Cariri.

### MÉDICOS NOS ÚLTIMOS TEMPOS DO SÉCULO PASSADO

Passando, agora, aos médicos propriamente ditos, nos reportemos a João Capistrano, clinico no Crato em 1887. Algum tempo depois dos seus labores clínicos falecera aos 33 anos de idade. Era estudioso, inteligente e culto. Possuía boa biblioteca. Após o fim prematuro que teve, sua família vendeu-a a Secundo. Há ainda três médicos dignos de menção: Idelfonso Lima, Marcos Madeira e Sousa Mariz. O primeiro veio ter a São Pedro, buscando na ação tônica daquele clima serrano a regeneração da saúde algo comprometida. Galgou invejada posição social na política, chegando ao cargo de Deputado Federal e Secretário do Estado. Foi professor de Física e Química no Liceu do Ceará. Faleceu aos 52 anos deixando nome indelével na Medicina Cearense. Em companhia de Marcos Madeira estudara e emitira parecer sôbre a autenticidade do sangue da beata Maria de Araújo, na célebre questão religiosa ocorrida em 1890.

Desejoso de conhecer tanto o contágio como a marcha incidiosa e crônica do tracoma, cinco anos depois, em Abril de 1895, se transportou ao Cariri o renomado oculista Dr. David Otoni. No Crato demorou-se meses, retirando-se não por lhe faltar clientela, mas, tentado do desejo de conseguir melhoras ao estado de saúde. Fê-lo, porém, após concluir as observações onde pôde verificar as queratites e o entrópico e a influência do mosquito na veiculação do mal. Suas observações tendo por campo de estudos o Crato se acham publicadas numa das revistas médicas de São Paulo.

Como pálida homenagem à primeira médica cearense, e se-

gunda do Brasil, não esqueçamos a Dra. Amélia Beneboin Perouse. Como boa filha deste recanto da terra de Iracema, todo amor e ternura a cidade do berço, Dra. Amélia não vacilou em sacrificar conforto pessoal, interesse e alegrias domésticas, na velha cidade do Salvador, para prestar preciosa colaboração à medicina cariense.

## 1901 — 1910

Alvaro Fernandes, Dario Peixoto, Fernandes Távora, Belisário Cartaxo, Ignácio Dias, Flávio Gouveia, Araújo Jorge, João Augusto Bezerra, Irineu Bilhar, o ensaíador da cirurgia experimental em cães, foram os baluartes da clinica, no Cariri, na primeira década do século atual.

Supérfluo fôra enaltecer a vida de sacrifícios, de desprendimento, de altruísmo, e abnegação do seu apostolado na Medicina Rural. Destemidos palmilharam, naquele tempo de lampeão a gaz e sem automóvel, em todos os quadrantes, nossos agrestes sertões, levando aos lares distantes o lenitivo e a consolação.

## 1911 — 1955

No lustro de 1911 a 1916 tivemos Manoel Belém de Figueirêdo, Pedro Calixto de Alencar, Floro Bartolomeu, Filgueiras Sampaio, Irineu Pinheiro e Miguel Lima Verde. Ao tempo da revolução de 1914 estivera, no Juazeiro, clinicando alguns dias, Aurélio de Lacerda, médico em Fortaleza, onde maestrava a cadeira de História Natural, no Liceu do Ceará. Levou-o ali a convocação da Assembléia oposicionista ao Governo Franco Rabelo. Era ele veemente adepto daquele movimento contrário à situação política dominante. Viajado pela Europa e acostumado a labores clínicos nos centros civilizados que não em meio aos rudes caboclos, tinha por hábito, fôsse qual fôsse a categoria social do cliente, fazer ligeira esplanção técnica antes de o receitar e prescrever a recomendação dietética. Certa vez, chamaram-no para medicar uma mulherzinha do povo. Antes de receitá-la, proferiu como de costume, uma alocução gongórica, embora não fosse compreendido. Finda esta, lavor segura do termômetro e diz para a cliente: «coloque-o na axila». A paciente aturdiada segura nas mãos tremula o instrumento sem saber o que fizesse. Aproxima-se e tomado de súbita irritação arebata-o da enferma para êle próprio colocar na região mencionada. Com a naturalidade costumeira das almas simples exclama a doente: «Se soubesse que era no sovaco eu mesma tinha posto».

BELÉM, hoje, com farmácia no Juazeiro, ao tempo em que clinicou no Crato desfrutou largo conceito e lugar de invejável desta-

que, mormente na especialidade que abraçou. Valia-se de bons conhecimentos auridos como interno do professor Adeodato. Gynecologia é sua especialidade. No tocante ao exercício profissional poderíamos asseverar, sem exagêro, que seguiu as pegadas do mestre no critério, no ardor à profissão e no culto incessante ao trabalho.

FILGUEIRAS SAMPAIO permaneceu a'guns anos em Crato e outros tantos em Barbalha, sua terra natal. Pertenciu ao Corpo de Saúde da Armada, tendo servido no Arsenal da Marinha e Corpo de Fusileiros Navais. Em pleno exercício clinico em Cajazeiras do Rio do Peixe, insidioso mal lhe arrebatou a vida.

IRINEU PINHEIRO E LIMA VERDE. Até bem pouco tempo foram companheiros nossos. A maioria dos atuais médicos do Cariri deles nos recordamos de perto. Com ambos convivemos na mais intensa cordialidade. Com ambos privámos, dia a dia, tanto nas relações pessoais, como na labuta penosa do serviço clinico. Em relação ao primeiro os que o conheceram no auge da atividade médica efetiva, apontam-no como helo exemplo de profissional solícito e desvelado, aplicado e culto. Foi quem primeiro introduziu o microscópio no Crato. Embora não o manobrasse com habilidade e competência, contudo, utilizara-se com real aproveitamento, muitos anos antes do emprego que é hoje generalizado nos Hospitais da região, nos Centros de Saúde e Serviços Nacional da Peste. O campo de predileção especializado onde demoradamente militou, com dedicação e extremo entusiasmo, foi os estudos históricos. Entre os cultores das letras do Cariri fôra dos raros que ao lado do Padre Gomes e Denizart Macedo se applicou efetivamente à História. Historiador vocacional, viveu desde a mocidade perpassando às páginas da história dando alento a expansão real do seu espirito. Evocado da nossa epopéia passada, colecionou datas e fatos; catalogou alfarrábios; reviveu os terremotos politicos locais; pairou as vistas pacientemente sôbre os acontecimentos da revolução do Juazeiro; esquadrinhou episódios que remontam aos albores do povoamento e colonização; resumindo e transmutando tudo para um livro verdadeiramente notável — «O Cariri». Deixou-nos no prelo as «Efemerides» além de outros trabalhos regionais merecedores de referências elogiosas.

MIGUEL LIMA VERDE, Sempre o colega estimado e conhecido por quantos, nos 10 ou 15 últimos anos clinicaram, longe ou ligeiramente, nas cidades do Cariri, Sôbre desfrutar largo conceito clinico se impunha ainda pela prodigalidade magnifica. Sua formação democrática, a probidade, o valor moral e a responsabilidade de caráter levaram-no ao destaque nesta síntese em que evocamos os labores clinicos dos profissionais no Cariri. Desempenhou o cargo de mé-

dico do Matadouro do Crato. Sem vaidade profissional, sem alarde de conhecimentos, Lima Verde costumava fugir aos elogios e louvores emanados da gratidão e reconhecimento dos clientes. A vitória atribuía-a não a sua pessoa mas, ao auxiliar obscuro e anônimo que lhe coadjuvava na enfermagem.

Escreveu Tese de Dotoramento sôbre o «Endocrinismo Hipofizário». Em sumula foi médico nos moldes da prescrição hipocrática «um perfeito homem de bem, em quem a gravidade se reúne a benevolência».

ELISIO GOMES DE FIGUEIRÊDO E JOAQUIM FERNANDES TELES. Concluíram o curso na gloriosa Faculdade Baiana, em 1916. Duas grandes promessas de clínicos que a terra onde ambos tiveram a felicidade de nascer lhes almejava a chegada com esperança e ansiedade. Dir-se-iam predestinados ao renome que na razão direta do tempo merecidamente grangearam nos arrais da medicina.

Elisio, profissional de descurtino extraordinário, é modêlo de médico assim na dedicação ao doente, como no amôr ao trabalho. «Doublê» de literato e clínico. «Causer» dos mais festejados. Desde os bancos acadêmicos distinguiram-lhe a inteligência cintilante e a cultura invulgar. Recaiu-lhe com exatidão a escolha para orador na solenidade da formatura. «Associações Morbidas», trabalho de grande mérito, foi o assunto da tese de doctorando que recebeu nota distinta da banca examinadora. Está sempre atualizado na medicina. Um dos traços mais característicos da sua personalidade é a facilidade com que sabe firmar diagnôstico. No particular se lhe ajusta o têrmo do eminente professor Austragésilo: «É um perfeito diagnôsticista». Orador sem rival, imaginoso, inflamado, com estilo verbal e dialética irretorquível, consegue, nos arroubos tribunícios, agradar e arrebatrar as massas que as empolga e cativa, arrancando-lhes frementes aplausos. Talhado para o magistério a atividade clínica, no entanto lhe não permitira alcandorar-se na cathedra como todos esperavamos da sua radiante mentalidade.

TELES quando jovem, ainda, revelara clínico capacitado vigorosamente para o desempenho do exercicio consciente da profissão. Os médicos do Crato e cidades limitrofes fazemos-lhes justiça ao proclamar o sensato critério de profissional completo, meditado, prudente, esclarecido, sobretudo, na obstetria onde logrou renome de parteiro hábil. Dêle, não devemos esquecer que esteve algum tempo enamorado da politica. Exerceu a Prefeitura do Crato, foi representante na Assembléa Legislativa e Deputado Federal. Como politico soube e pode prestar à medicina e ao meio cariense um dos maiores concursos que, dentre em breve, teremos oportunidade de apreciar. Os

médicos do Cariri, vendo-lhe o valor inexcédível de clínico humanitário, aplaudimos-lhe sempre com grande clientela. Seu destino foi uma ascensão gloriosa em linha reta para a vitória.

Adálio Costa, Raul de Alencar, João Vitorino que faleceu precocemente, clinicaram, em Juazeiro, entre o período de 1919 a 1925.

José Furtado Filho, mais ou menos, por êste tempo, exerceu a oftalmologia, em Crato.

José Leite Maranhão, um dos mais afamados alunos que nos dera a Escola Baiana, logo após a formatura, moréjou em Milagres, sua terra, patenteando grande competência profissional. É-nós impossível, aqui, oferecermos o quadro completo e minucioso da sua personalidade. Assim silenciaremos os detalhes sôbre o êxito da eficiência clínica não só no Cariri, senão na capital do Estado. Possui sólido preparo na medicina e ciências gerais. Escreveu tésede dotramento «Da caxexia em Fanatologia Clínica» e outra sôbre «Aspecto Médico Legal da Oligofremia Larvar», para concurso ao professorado da Faculdade de Direito, do Ceará. Autor de extensa lista de mais de cem trabalhos entre os quais sobressaem «ENSAIOS ACADÊMICOS», «EDUCAÇÃO DO CARATER», pela «NACIONALIZAÇÃO DA JUVENTUDE», «CANTINAS ESCOLARES», «D. MELO, O GRANDE BISPO DE PELOTAS», trabalhos êstes onde sua inteligência excelentemente cultivada demonstra conhecimentos inulgarés de FILOSOFIA, SOCIOLOGIA, PEDAGOGIA, CLÍNICA GERAL e HIGIENE, em particular.

Alfredo Pinheiro também em mil novecentos e vinte passou clinicando pelo Cariri quando da propaganda da sua candidatura a deputado federal. Como elogio ao valor profissional basta dizermos: foi um dos muitos médicos da penúltima grande guerra. De feito, serviu aos Exércitos Aliados, na França, ao tempo da grande conflagração mundial que convulsionou a velha Europa toda, em mil novecentos e quatorze. Tivera, então, oportunidade de adquirir e aprimorar conhecimentos técnicos-cirúrgicos na Formação Sanitária do Front, dirigida pelo sábio professor CARREL. Refere-se, constantemente, com justo orgulho, a essa honrosa passagem do seu labor profissional. Clínica no Rio onde dirige um Estabelecimento de Saúde do qual é proprietário.

Leão Sampaio é incontestavelmente a personalidade de maior relêvo clínico, no Cariri. Desde 1921 exerce a clínica em Barbalha. Seu nome merece assinalado mênsc pelos benefícios que, a mancheia, prodigalizou do que pelo amôr acendrado à ciência e ao trabalho. Sua correção profissional corre parêlhas com os sentimentos que lhe or-

nam o espírito inclinado à caridade, à Justiça e ao bem. Sabe conquistar aos primeiros contactos a limitada confiança dos clientes. A fisionomia expansiva e simpática está a retratar na alma a bondade insinuante. Não sei de outrem que no exercício clínico mais se norteasse pelos preceitos da Deontologia Médica. A política não-lo roubou à atividade profissional, enviando-o desde a eleição de 1946 ao Palácio Tiradentes, onde, ainda, se encontra. já, agora, em terceiro mandato. Fato a lastimar se por outras modalidades e no próprio setor médico não viesse prestar-nos outros bons e inexcusáveis serviços. Graças ao seu esforço se erigiu, recentemente, sob a administração de Mário Mazoni, o amplo e moderno Hospital de Juazeiro.

O pranteado Xavier de Oliveira, no tocante a curta estada na cidade do Padre Cicero, em 1929, torna-se, aqui, digno de registro pela competência profissional que o sagrou bom psiquiatra e clínico. Faleceu, há poucos anos, no Rio, deixando à classe médica do Hospital Nacional dos Alienados sincero pesar e profunda recordação. Publicou trabalhos na especialidade como o «ESPIRITISMO E LOUCURA», «O MAGNÍFICO MANSO DE PAIVA», «O EXERCÍCIO E O SERTÃO», obras que gozam, não há porque se negue, de grande reputação. A êle devemos relevantes serviços, quando em 1935 irrompeu em Crato a epidemia do mal levantino que ceifou vidas preciosas e atrazou, sobreposse, o intercâmbio comercial do Cariri.

Apraz-nos, também, deixar consignado nesta apreciação oportuna o nome doutro filho não menos ilustre do Cariri, cujo valor intrínseco e mérito pessoal o projetaram nos meios científicos da Terra da Luz. Queremos nos referir a Fernando Leite. Apenas formado, na Bahia, em 1930, entrou no tirocinio clínico em Brejo Santo onde se tornou sobejamente conhecido e estimado dos conterrâneos que todos o souberam compreender. Ainda estudante e interna da Clinica Oftalmológica de que era titular e professor Cesário de Andrade, adestrara-se na especialidade de que seria mais tarde um dos mais exímios e festejados cultores. Redigiu a notável tese inaugural sobre a Tracoma e Sapiranga no Cariri. Inteligência muito lúcida, entusiasta da medicina, sempre estudando, sempre labutando, animado sempre de amor ao trabalho, conseguiu entre seus pares lugar de significativa notoriedade na lides da profissão. Chefia o Serviço de Saúde do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. É, sem sombra de dúvida, um dos luminares do magistério das Faculdades de Medicina e de Farmácia e Odontologia do Ceará, mercê do concurso excepcional daqueles predicados.

Otacílio Macêdo, Epifânio de Carvalho, Jeser de Oliveira, Josefina Peixoto, Antenor Gomes de Matos, Valdemar Pena, Maurício Teles, Siebra de Brito, Ataliba Barroso, Adelmir Pereira, Décio

Cartaxo, Júlio Araújo, Fábio Pinheiro Esmeraldo, Herbet Teles, Guttembergue Cariri, no Crato; Geneplides Matos, Jussier de Figueiredo, Mosar Cardoso, Conserva Feitosa, em Juazeiro; Pio Sampaio, João Teles Quezado, em Barbalha; Raimundo Alves e Antônio Cruz, em Missão Velha; Antônio Xavier Saraiva, em Milagres; Emilio Leite, em Mauriti, e Carlos Botelho, em Cariassú, não nos seria licito esquecer-los no passado clinico do Cariri.

A Cardiopatologia possui cultor na personalidade clinica eficiente e estudiosa de Quixadá Felicio. Projetou-se assim na Medicina como nas letras, galgando destaque pelas qualidades de jornalista apreciado e terso. Vem mantendo valiosa colaboração à imprensa de Fortaleza e Bahia.

No tocante à cirurgia, setor que o advento das Organizações Hospitalares desenvolvem, consideravelmente, cumpre-nos enumerar Nelson Carreira, Joaquim Gracindo, Deoclécio Dantas, professor de Anatomia na Escola Fluminense, Macário de Brito, Edgard Belém, Antônio José Gesteira e o autor deste escrito. Todos, um a um, se rocomendam não só pela inteligência e cultura, como também pelos recursos da técnica atualizada com a qual vieram laborar na projeção do nivel cirúrgico dos nosocômios Caririenses.

### SOCIEDADE MÉDICA

Por iniciativa de Gesteira que sobre ser cirurgião e artista da palavra, é dotado de vivacidade e apreciável facundia, fundou-se a SOCIEDADE MÉDICA DO CARIRI para intercâmbio de estudos. A necessidade da troca de idéias entre os membros da classe, os comentários sobre casos clinicos ocorrentes, os exames e observações, tudo isto lhe despertou o desejo da Agremiação que é o espelho do labor científico dos médicos da região.

### CASA DE SAÚDE NOSSA SENHORA DE LOURDES

Devemo-lhes também a Casa de Saúde Nossa Senhora de Lourdes. Estabelecimento, modesto é verdade, porém, eficiente, Vive sob sua direção. A êle consagra sua atividade e todas suas esperanças. Conta com dezoito leitos e o registro cirúrgico anual acusa uma média de 500 intervenções.

### HOSPITAL SAO FRANCISCO

Decorria o ano de 1932. Por essa época incidem, precisamente, as consequências d'uma das maiores crises que, de longe em longe, flagelam a Terra da Luz e se estendem por todo o território

do Norneste. Não há palavras que possam descrever as condições de penúria a que as mesmas reduzem nossa pobreza. Esmoleres rôtos e famintos perambulam pelas cidades sem forças para alcançarem os socorros que lhes podéssemos prodigalizar. Em meio a vastidão incalculável dessas misérias, Dom Francisco Pires, recém investido na missão de Príncipe da Igreja Cratense, tivera conhecimento d'um pequeno depósito, no Banco Caixaerial, de pouco mais de nove contos como, então, se denominava a quantia em referência. Desejoso de beneficiar seu rebanho espiritual, lembrou-lhe a ideia de empregar aquele dinheiro. Fê-lo da maneira que descriminaremos em detalhes. Em consonância absoluta com o desejo de D. Quintino, seu antecessor, que sempre nutrira esperanças de dotar o Crato dum Estabelecimento Nosoconial, deliberou o novo Bispo se apropriasse parte de casa de caridade para a instalação de uma Instituição Hospitalar com prévio consentimento das religiosas que dêste modo, ocupariam, apenas, a outra parte do prédio. Como as instalações destas caricessem reparos dos mesmos se encarregou Monsenhor Juviano Barreto.

A adaptação hospitalar, mau grado os esforços de Pinheiro Filho no objetivo de ao menos se aproximar do fim almejado, seria pouco depois suspensa, não por falta de recursos, mas para se abrigar no local os retirantes que apelavam para o lenitivo ao abandono. Atenuada, porém, a tragédia, com pequenos recursos advindos de donativos, festas e outros meios beneficentes, reiniciaram-se os serviços, já, agora, contando o encarregado com a cooperação de Nelson Carreira, médico paraibano, recém-chegado ao Crato. Pinheiro Filho tendo de ocupar o cargo de médico da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas passara a direção ao Nelson, fazendo-o, no entanto, com o hospital em franco funcionamento. Pinheiro Filho em realizando a fundação hospitalar não é só o médico abalizado, probo e humanitário que todos conhecemos. É muito mais que isto: é o batalhador incansável que nos deixou uma obra construtora como exemplo de vontade inteligente, de perseverança e de fé.

Estes os primeiros dias do Hospital São Francisco. Sua amplitude e vulto devemos ao dinamismo e eficiência de Fernandes Têles que arranjou verba, contornou dificuldades, aplainou embaraços, tomou providências que à sua operosidade remodeladora julgou necessárias por que a Instituição se instalasse condignamente. O edificio, o aparelhamento, o número de leitos, as três salas de intervenções acéticas, às cinco salas de curativos, o serviço de enfermagem, a limpeza, a ordem, o asseio, tudo isso impressiona ao mundo médico e ao público alheio as coisas da medicina. Faltam-lhe a Radioterapia, o Gabinete de Pesquisas Anátomo-Patológicas, o Banco de Sangue, o Serviço de Ematologia, a equipe especializada em Anestesia, o Apa-

relho para Metabolismo que avalie a resistência do operando; faltam-lhe ainda outros meios que se não pode abduzir em face das complicações a evitar. Em que pese, porém, as dificuldades apontadas, sua remodelação fincou, definitivamente, um marco de alto e impressionante relêvo, não somente na história médica do Cariri, senão também do Ceará. Apraz-nos, pois, exaltar o nome entre os Estabelecimentos congêneres do nordeste.

## ESTATÍSTICA

Da sua influência falá-nos a estatística abaixo, do ano de 1954.

Frequências: 11 927 — Número de pessoas atendidas: Méd. Inter. 1073 — Idem de pessoas atendidas sem internamento. 10854 — Idem de receitas, 2992 — Idem de consultas. 3580 — Idem de receitas aviadas. 3228 — Idem de curativos. 8414 — Idem de injeções praticadas. 24941 — Idem de pequenas intervenções cirúrgicas. 248 — Servido de Pronto-Socorro. 300.

## SERVIÇO DE HOSPITALIZAÇÃO

Entrados. 1048 — Saídos. 1039 — Óbitos. 39 — Transferidos para o ano. 34.

## CIRURGIA GERAL

Número de pessoas operadas. 871 — Número de intervenções. 991 — Apendicectomias supuradas. 18 — Apendicectomias não supuradas. 241 — Amputações. 20 — Costomias. 5 — Colecistectomias. 10 — Colporrafias. 5 — Curetagens uterinas 32. — Desarticulações. 4 — Eletrocoagulações. 45 — Ferimento por arma de fogo. 29 — Ferimento por arma branca. 42 — Hemorroidectomias. 4 — Herniorrafias 34 — Histerectomias vaginais. 7 — Histerectomias abdominais—totais. 1 — Histerectomias abdominais sub totais. 23 — Hidroceles. 12 — Laparatomias. 257 — Mamectomias. 7 — Ooforectomias. 17 — Perineorrafias. 11 — Talhas hipogástricas. 2 — Uretrotomias internas. 2 — Uretrotomias externas. 2 — Outras operações. 106.

## CLÍNICA OFTLAMO—OTO—RINO—LARINCOLÓGICA

Adenoides. 3 — Amigdalectomias. 28 — Caratas. 38 — E-nucleações. 2 — Entrópios. 15 — Eviscerações. 10 — Extra-

ção de corpos estranhos. 9 — Glaucomas. 6 — Iridectomias.  
7 — Polipos. 6 — Pterígios. 15 — Sinusectomia. 1 —  
Outros casos. 21.

### CLINICA ODONTOLÓGICA

Curativos. 297 — Extrações. 971 — Injeções anestésicas. 498

### CLINICA ORTOPÉDICA

Aparelhos gessados. 8 — Aparelhos de distensão. 12  
— Aparelhos simples. 39.

### PÓSTO DE PUERICULTURA

No Cariri não há descaso no tocante ao cumprimento das atividades que protegem a infância. Basta dizermos que ao lado do hospital temos um órgão no gênero—o Posto de Puericultura. Acentuemos-lhe a valia mercê da nunca louvada solicitude dos serventuários que o fazem digno de projetar-se, com fóros de relevo, no quadro geral da administração pública.

### MATERNIDADE

Como complemento a eugenia e defesa da população infantil criou-se, também, a assistência à gestante. Esse problema de capital importância na Medicina Social reclamou, de tempos a esta parte, incessantemente, a atenção da população local. Ao Conjunto Hospitalar anexou-se a Maternidade onde as parturientes têm filhos com mais conforto, sem os perigos das hemorragias, das retenções placentárias, das infecções fáceis de evitar com as medidas profiláticas. A Maternidade vem, ainda, por outro lado, prestando relevantes serviços com o difundir através da arte de enfermagem conhecimentos práticos de higiene obstétrica.

### LABORATÓRIO RAIOS X

Não há porque se negue a importância do laboratório e da radiologia como coadjuvantes valiosos da clínica. Tendo a medicina adquirido, no Cariri, nova orientação nos últimos decênios, era de se esperar contássemos com esses serviços. Reconhecendo esta necessidade, Darival Cartaxo e Dalmir Peixoto dotaram o Crato de estabelecimentos na espécie que vêm realmente prestando auxílio inestimável à clínica. No laboratório não se faz somente análise de urina, procura de óvos de protozoários nas fezes, a bacterioscopia do

escarro, senão ainda em outros líquidos do organismo humano que forneçam aos clínicos elementos elucidativos.

### SERVIÇO DE TRACOMA

Sendo ao que se sabe o Cariri grande foco de tracoma impunha-se a profilaxia sistemática da moléstia vez que acentua Eutique Leal «está interferindo na organização do trabalho e na economia individual do trabalhador». Dois fatores falam, promissoriamente, sobre os efeitos salutareos da Campanha anti-tracomatosa na região do Cariri.

De um lado, a atuação fecunda do Serviço Federal de Saúde que conta já com quatro postos anti-tracomatosos, naquela região, sediados em Crato, Juazeiro, Barbalha e Jardim. Encontram-se os mesmos sob a direção de Darival Cartaxo, Possidônio Bem, Lírio Calou e Salomão Sampaio, respectivamente, todos estes ilustres facultativos radicados à zona do tracoma e, por isso mesmo, animados dos maiores propósitos de pôr os seus conterrâneos a salvo da terrível oftalmose. Do outro lado, a existência, no arsenal terapêutico moderno, de substâncias tracomicidas de efeitos mais seguros na luta com o mal em aprêço. Não obstante a complexidade do problema em face dos fatores sociais de ordem variada medidas inteligentes, seguras estão sendo postas em prática por parte da Repartição a que está aféta tão magna tarefa de salvação pública. Estas medidas de ordem terapêutica e profilática são, como bem acentua o ilustre Fernando Leite, as duas chaves fundamedtais da ofensiva em ação. E para consolidação da campanha em aprêço já antivimos, em meio os maiores anseios e as mais vivas esperanças o milagre de Paulo Afonso que atuando, diretamente, sobre o aspecto econômico, possibilitará aos filhos do Cariri condições de vida capazes de redimi-lo de uma série de parasitoses, e entre elas o tracoma. E, entre as condições reclamadas por parte do apreciável número da população figura a alimentação, fator básico da grandeza de todos os povos. Aguardemos, confiantes, ação patriótica dos dirigentes do País e, de já, cantemos o hino de redenção da grande e querida terra dos verdes canaviais.

### OUTROS SERVIÇOS PROFILÁTICOS

Salientamos também os esforços sanitários de combate às endemias rurais e urbanas, á verminose, às moléstias venéreas, à par da vacinação anti-variólica e tífica, feitos através do Centro de Endemias do Crato, órgão mantido pelo Ministério da Saúde e que fôra inaugurado em janeiro de 1951. Este Centro preenche satisfatoriamente nossas necessidades se bem que nele ainda não funcione o

Serviço de Boubá, cujos estudos estão planejados. A atual direção está a cargo de Tadeu de Paula Brito. Dotado de espírito de organização, de par com grande capacidade de trabalho, dirige-o com acerto e destacada eficiência. Prova-o a Estatística, de 1952 a Outubro de 1955, que acusa 19.563 exames de fêses, dentre os quais 89 casos de shistosomose.

### SERVIÇO DE DOENÇAS VENÉREAS — CRATO-CEARA

#### ANO DE 1952

Comparecimento	Exame de Sangue	Injeções Aplicadas
2017	381	1069

#### ANO DE 1953

Comparecimento	Exame de Sangue	Injeções Aplicadas
6453	1074	3211

#### ANO DE 1954

Comparecimento	Exame de Sangue	Injeções Aplicadas
1656	490	1396

#### ANO DE 1955

Comparecimento	Exame de Sangue	Injeções Aplicadas
3590	717	2749

### SERVIÇO DE FEBRE AMARELA

Publicamos abaixo as atividades do Serviço Nacional de Febre Amarela no município do Crato, consoante os dados que nos foram fornecidos pelo grande higienista Dr. Anibal Santos que chefia esse Serviço no Nordeste.

#### 1) — CIDADE DO CRATO;

a) PESQUISAS E COMBATE DO TRANSMISSOR URBANO DA FEBRE AMARELA, O STEGOMYA AEDES AEGYPTI.

Em 2.3/1931 foi instalado o Pôsto de Serviço Contra esse transmissor. sendo encontrados com o mesmo 1.582 dos 1.899 prédios então existentes, o que forneceu um índice de positividade de 91,2.

Em 25/2/50 foram dedetizadas 17.950 depósitos (jarras, cacimbas, filtros, potes, tanques, caixa d'agua, etc.) existentes em 3.757 prédios também dedetizados.

Pelo resceneamento de 1955, procedido por este Serviço, a cidade apresentou 4.579 prédios e 19.794 habitantes.

b) VICEROTOMIA Em 16/2/1931 foi instalado e em 5/6/1938 encerrados os trabalhos de vicerotomia que visavam obtenção de fragmentos de fígado humano mediante a punção em cadáver com finalidade de descobrir casos ocultos de Febre Amarela.

## 2) MUNICÍPIO DO CRATO

### PESQUISA E COMBATE AO TRANSMISSOR URBANO DA FEBRE AMARELA

Localidades existentes.	276	(cidade, povoados, sítios)
Localidades positivadas para a estegomia	80	
Localidades dedetizadas	276	
Predios dedetizados em 1950	10.794	
Depósitos dedetizados em 1950	54.449	
Prédios existentes em 28/8/54	13.214	(uabanos 5.293 e rur, 7.921)
Habitantes em 28/8/54	50.735	(urb. 21.994 e rur. 28.741)

### OBSERVAÇÕES

O Serviço Nacional de Febre Amarela anteriormente se chamava Serviço de Febre Amarela.

Idênticos trabalhos feitos no município do Crato foram realizados em todo o Estado do Ceará.

O transmissor urbano da Febre Amarela está extinto no Ceará, desde 1950, quando foi encontrado o único fóco.

### CONCLUSÕES

Chegamos ao término da nossa jornada. A vastidão da matéria que ventilámos, a exiguidade do tempo que consumimos entre labores clínicos e encargos burocráticos inerentes às atribuições militares, e, sobretudo, a falta de meios por que inquiríssemos dos arquivos e reminiscências o condão da verdade sobre coisas das quais não temos impressões vividas nem o valor da contemporeidade só

nos permitiram tratar o assunto «a voil d'oiseau» sem descer a alongamentos enfadonhos, sem revolvermos a raiz dos detalhes minuciosos. No entanto, julgamos haver alcançado tríplice finalidade: na primeira, conseguimos mostrar o quanto vai de aperfeiçoamento da medicina, no Cariri, desde a temerosíssima cólera-morbo até os dias contemporâneos; da segunda, ressaltamos os êxitos felizes da classe a que pertencemos e cujos abnegados esforços servirão às gerações vindouras como modelo de honraria e dignidade; na terceira, evocamos o passado de trabalho e de triunfo por que todos guardem, nos momentos de lazer, o culto incessante e imorredouro da nossa tradição.

Num inquérito sôbre os mais importantes acontecimentos literários e artísticos de 1955, promovido pelo matutino «Unitário», assim se exprimiu o escritor Fran Martins:

«A PUBLICAÇÃO DE REVISTAS LITERÁRIAS NO CRATO [«ITAYTERA» e «PROVINCIA»].»

«Unitário» — 15/jan./1956.

# Café JACIRA

Primeira Qualidade

Puro, Garantido

Mido à vista do freguês

Mercearia Honor

de ANTONIO HONOR DE BRITO

Rua Santos Dumont. 51 — CRATO-CEARA'

# BRASIL DE SUEDES E JACINTOS ...

## Quixadá Felício

EM 1944, meu Filho vivia no mundo humedecido dos cueiros... E eu sonhava surpreendê-lo mais longe, na ilusão de que mais dias avançados, senhor da própria locomoção, estaria resolvido o problema crucial da vigilância permanente, aquêlê cuidado de todos os minutos para evitar que alguma queda rachasse a cabeça ou a perna do entesinho despercebido dos atalhos do caminho... Que estupidez a gente supôr que uma vítima da nossa imprevidência acarreta conseiras e preocupações quando ainda se debate entre fraldas e sapatinhos de tricô cor-de-rosa! Qual, amigos, a estafa vem depois. Depois é que vem a ansiedade, a obrigação maior e mais incessante de acompanhar todos os passos, todos os pequeninos vôos da avezinha tonta...

Hoje, meu Filho tem 12 anos. Uns dias mais e estará curando a 1ª. série ginásial, a que tem 10 ou 12 disciplinas, muito programa, muita coisa estéril, bem pouco de útil e lógico. Para muitos pais, eu sei, vêr um filho atingir a segunda etapa do frágil conhecimento humano, val uma bôa alegria. Sinto não pensar como a grande maioria dos pais brasileiros. A sensação que me

euvolve e que desata em tédio é bem outra, agora que olho o meu Filho com uma dúzia de setembros e um certificado do derradeiro exame primário. Me angustia a certeza do rapazito ir ficando homem neste país de jacintos, sueds, futebol e outras misérias. E me angustia mais a cruel certeza de que o plenamente beirando uma distinção, que o garôto marcou na hora de prestar contas à professora benevolente, é pelo menos o dôbro do escasso material que as lições puderam grudar ao espirito de facêtas apenas esboçadas, de leves cambiâncias... E o menino chega ao currículo secundário habituado ao ritmo do esforço-mínimo até às portas do ciclo universitário. Na Faculdade, o regime de indulgências continua... E assim vamos fabricando a mais densa e perigosa avalanche de boçalíssimos doutores. Com contadíssimas exceções. Amarga verdade, meus amigos. Mas, verdade que ninguém, de bom senso, poderá contestar.

Por que então não me vexar pela sorte do meu Filho? Dói na minha alma intranquilidade da perspectiva arrasadora. Os primeiros frutos estão aí, magnificamente viçosos: apenas um ou outro car o de maior responsabilidade administrativa escapa às ávidas mãos dos mediocres e vai esbarrar, ninguém sabe porque milagre, no pulso forte de cidadãos realmente indicados. Agora que a imoralidade se agiganta em todos os setores, que se pode esperar das gerações guris, dos meninos desencaminhados pela onta devastadora?

Espio o meu Filho com sobres-

saltos terríveis no coração. Penso nos quatro anos que ele terá pela frente, com muito futebol e crônicas mundanas envenenando nos cantos de maior destaque das colunas de jornais e revistas, ou nos melhores relêvos das programações radiofônicas. Quase sem esperanças no peito inquieto, ouvindo o ranger da coluna

que se esborça, arrastando a sociedade para o caos irremediável, fecho os olhos de medo e me interrogo baixinho, com um cansaço exquisito sufocando, estrangulando: haverá tempo. Senhor Deus, do meu Filho aprender a lêr daqui até lá, até o fim da segunda etapa? . . .

Crato, janeiro, 1956.

# — F. C. PIERRE —

PENEUS, CÂMARAS

E

ACESSÓRIOS

PARA CAMINHÕES

Enderço Telegráfico:  
PEÇAS

Rua Santos Dumonte, 52  
Crato—Ceará

*«Crato é a capital do Cariri, por sua situação no Vale, por seu comércio com os demais municípios e com os Estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba» — Joaquim Alves, «O Vale do Cariri», IN Revista do Instituto do Ceará, Tomo LIX — Ano LIX, 1945.*

## Comemorações, em Crato, do Centenário do Barão de Studart

---

Crato, comprovando mais uma vez seu elevado grau de civismo, comemorou brilhantemente o centenário de nascimento do grande cearense, desaparecido a 25 de Setembro de 1938 — Barão de Studart. Rotary Clube, Centro Cultural Pe. Anchieta, Lions Clube de Crato, Sociedade de S. Vicente de Paulo e Instituto Cultural do Cariri, cada um de per si, realizaram grandes homenagens ao grande vulto que nasceu, em Fortaleza, no dia 5 de Janeiro de 1856.

Em nossas páginas, noutra local, trazemos à lume o discurso pronunciado no Rotary local pelo apreciado homem de letras — Dr. Moacir Mota. No LIONS falou nosso secretário geral, Tenente Otacilio Anselmo e Silva, enaltecendo a figura gigantesca do Dr. Guilherme Studart. São trechos de sua oração:

«Numa época em que o tributo de admiração se tornou banal, pois vivemos presenciando o retorno dos velhos tempos em que os que se imolavam saudavam a Cesar, numa era, repito, em que os valores reais são esquecidos enquanto os nulos e mediocres são exaltados pelo fato de, graças a um passo de mágica, conquistarem posição ou fortuna, à primeira vista este tributo do LIONS CLUBE DO CRATO poderia ser confundido na torrente de homenagens que, sobretudo por interesse ou subserviência, nestes dias desfigura o verdadeiro sentido do culto».

«Pelo lado paterno trazia o sinete da dignidade britânica, e pelo materno o que havia de mais ilustre da aristocracia cearense.

É curioso, que logo ao nascer, o menino Guilherme trouxesse a marca indelével do Leonismo, pois, se por um lado o leão é o símbolo do Império Britânico, por outro lado Leonisia era o nome de sua genitora.

Todavia, o leonismo em Barão de Studart não se limitaria a este aspecto simbólico, porque ele foi, como demonstraremos, um verdadeiro leão na concepção mais lídima do termo.

Sua passagem pela terra não teve a efemeridade dos cometas, como Castro Alves, Alvares de Azevedo e outros. Sua vida foi tão longa quanto fecunda».

A palestra sobre o Barão de Studart, no Instituto Cultural do Cariri, coube ao nosso conterrâneo Professor José Newton Alves de Sousa, exercendo, com proficiência, o magistério secundário, em Salvador e então, em férias, nesta cidade. Tem vocação de orador, com palavra fácil e fluente. Analisou bem a vida luminosa do home-

nageado e proporcionou-nos uma das sessões solenes mais proveitosas do Instituto Cultural do Cariri.

Conseguimos colher algumas frases de sua conferência:

«Os grandes homens elevam-se acima da mediocridade geral, à guisa de culminâncias, em cujos ápices lucilam os clarões da imortalidade».

«Dificilmente, porém, a mediocridade consegue firmar-se na paisagem histórica dos acontecimentos. Isto, porque a mediocridade é substancialmente efêmera, por seu imediatismo, pela estreiteza de suas vistas, pela pobreza de seus ideais. O homem mediocre é o homem do AGORA, do JÁ, do LOGO. Por isto mesmo, não vai, geralmente, além dessa medida. O sábio e o santo, o grande ciminoso e o grande pervertido, embora situados em planos opostos, mais facilmente logram perpetuar-se na lembrança imorredoura dos pósteros».

«Com anos após seu nascimento e dezoito depois de sua morte, o Barão de Studart surge, no tribunal da História, para, ao lado de retumbantes homenagens, que lhe estão sendo prestadas, ser julgado pelos vivos.

Felizes os que, como êle, se põem acima do banco dos réus, à altura da cátedra judicial. Temos a impressão de que nós outros é que somos julgados, e êle o juiz. Isto ocorre com todos os que calcaram e calcam sob os pés, a mediocridade e planam vôo nas altas esferas da idealidade mais pura, do saber mais aprimorado, da virtude mais íntegra».

Depois de mais algumas considerações, passou o orador a falar sôbre o Barão de Studart, em suas três facetas de médico, intelectual e católico.

Assim concluiu o Prof. José Newton Alves de Sousa a brilhante palestra que deixou a mais viva impressão em toda a assistência:

«Rememorando, ainda que aligeiramente, e a modo de meditação, o culto eminente do Barão de Studart, convido-vos a seguir-lhe o exemplo:

A — Saibamos ser dignos de nossas profissões, como êle foi da sua.

B — Enobrecemo-nos, e aos outros, pelo reto uso da inteligência, como êle fez.

C — Pratiqemos a nossa fé, sem respeito humano, fundamentando-a na convicção e na Caridade, como êle praticou.

E O MUNDO SERA MELHOR».

# Feira—Retrato

## Econômico do Crato

J. de Figueiredo Filho

Felizmente escasseiam hoje as pessoas que pensam em extinguir as feiras semanais de Crato, pelo simples fato de não existirem antigamente, em cidades mais adiantadas. As feiras livres das capitais, com sua natural asafama, com amontoado de frutas e de gêneros alimentícios e com muito desleixo até, fizeram o milagre de habituar o granfinismo cratense com as tradicionais e sugestivas reuniões de sertanejos, em dias de segunda. Não são elas livres como as que se realizam atualmente nos grandes centros urbanos. Há impostos, tantos da Prefeitura como do Estado. Não deixam, porém, é de ser a venda direta do produtor ao consumidor, quando há intermediário, é seu lucro muito diminuto.

É a feira de Crato o retrato econômico do município e até mesmo de toda a região. Há outras igualmente importantes, na interlândia nordestina, podendo, às vezes, superá-las em volume de negócios, mas nenhuma a sobrepuja em pitoresco, variedade de produtos, ou objetos interessantes expostos à venda. Milhares e milhares de pessoas, de paragens diversas e centenas de veículos enchem as ruas cidadinas, naquele dia movimentadíssimo, quando se realizam transações comerciais que, de muito, supera a casa dos milhões. Mas, nem só de venda e de compras diversas se alimenta a feira de Crato. É ponto de reunião indispensável do homem dos campos, que deixa até de revolver o solo, ou de trabalhar na farinha e na moagem, para atender, sem falta, o encontro marcado na segunda-feira.

Para darmos mais viva impressão do que é aquêle aglomerado multiforme de sertanejos e até mesmo de elegantes filhos do Crato, de cidades vizinhas e mesmo das capitais, vamos percorrer, de relance, ruas e praças onde se derramam cereais, frutas, mercadorias variadíssimas e onde se acumulam veículos de todos os recantos nordestinos. Começemos pela Bárbara de Alencar, bem perto do prédio dos Correios e Telégrafos. Em frente à residência do Dr. Macário de Brito, debaixo do frondoso Benjamin, instala-se café ao ar livre em mesa coberta de toalha de pano ordinário, onde não faltam bôlos de milho, pão e chécaras de café. O freguês apressado ali mata a fome, mais barato do que em bares e restaurantes citadinos. A mulherzinha, no fim do dia, tem o apurado garantido para muitas despesas da semana. Logo na esquina, em direção do centro, alinham-

se cangaiñas e cadeiras ditas de Bodocó, mas, feitas em Ouricuri, no vizinho Estado de Pernambuco. Bornais da mesma procedência não faltam no mesmo local. 'O comboeiro e o sitiante encontram ali a cangalha de alabardão ou de palha de carnaúba para o burro e o gerico. A casa do pobre pode mobiliar-se, com pouco dinheiro, com aquelas cadeiras e de assento de sola e que abrem e fecham facilmente, por despositivo especial.

Mais adiante, em pequenas banquinhas, mulheres vendem azeite de côco de babassú, macaúba, mamona ou de pequí. E' fabricado o óleo em indústria doméstica dos brejos e dos pés-de-serra. Serve para condimento, lubrificante, clarificante de rapadura e o azeite de mamona crua é o conhecido e repugnante purgativo-óleo de ricino, pesadelo da criançada em indigestão. Vassouras de palha de carnaúba, com matéria prima retirada dos carnaubais entre Juazeiro e Missão Velha, são expostas à venda, como também abanos, urupenbas e chapéus de palha, da mesma procedência. Aqui e ali o gritito do vendedor de quebraqueixo, produto juazeirense, feito de côco e às vezes recheiado de castanha assada de cajú. Até pouco tempo, havia um deles que enchia a rua com esta estrofe, verdadeiro chamariz de fregueses:

«Quebra queixo da Bahia,  
Quem tem dinheiro compra,  
Quem não tem espia.»

Meninos irrequietos acercam-se das bancas, trocando seus cruzeiros por aquela guloseima, continuamente exposta à irreverência do mosqueiro e da poeta vinda de todos os recantos. Há outros pe-tiscos atraentes—tijolos de abacaxi, de corôa de frade, cunca de umbuzeiro, cascas de laranjas, buriti, fruta pão e banana, feitos com rapadura ou açúcar branco.

Antes da Bárbara de Alencar confluir com a Senador Pompeu, alinham-se sucessivas vendas de artefatos de couro, a maioria procedente da vizinha cidade de Juazeiro do Norte. E' mercadoria feita toscamente para ser vendida barata à população mais pobre e à qual se dá o nome de carregação. No meio de todas atrai o transeunte, pelo bom acabamento do material, a banca do Snr. Dimas Lucas de Sousa que tem sua oficina no centro urbano. No cruzamento da Bárbara de Alencar com a Senador Pompeu e noutros recantos da feira, garapeiros gritam chamando fregueses para seus refrescos gelados, das mais variadas côres e ao preço de 50 centavos o copo. Creio que variam apenas na côr e o proprio abacaxi que entra na composição, está, naqueles diversos depósitos, em doses verdadeiramente homeopáticas. A venda de garapa, como era outrora chama-

da qualquer refresco, é velha em Crato. No tempo em que se amarrava cachorro com linguça e nem se falava ainda em gêlo no interior, o veterano da guerra do Paraguai — Joaquim Farinha Sêca vendia cada copo de uma sua beberagem, a vinte reis. um vintem, gritando de vez em quando a atrair a freguesia: «Abacaxi tamarinado!» É escusado dizer que a garapa do herói que se celebrou, em Crato pelas potocas sôbre a guerra do Lopes, era adoçada com a rapadura fixe e de dôce fino do Cariri.

Nas bancas de sal de cozinha, procedente dos depósitos locais das salinas fortalezenses, arroz pilado, café em grão, açúcar e sabão em barras ou recortado, fabricado em usinas de Crato, Senador Pompeu, Iguatú ou na capital cearense. Em lugares diversos, meninos e mulheres vendem fóstoro e às vezes agulhas e grampos de cabelos. Tudo é meio de vida, por mais modesto que seja. No fim do dia há dinheiro, embora pouco, mas que serve para a ajuda nas despêsas caseiras, principalmente agora nos tempos bicudos que correm.

Ainda na Bárbara de Alencar, encontramos malas e malotas amontoadas. Ao aproximar-me do vendedor para colher os dados deste trabalho, notei logo sua aflição. Julgou tratar-se de fiscal, como me explicou depois, e que quisesse arrancar impostos excessivos, daquele precário negócio. Conhecido meu falou-me :

— Que está fazendo aqui, seu Zezinho ?

O primeiro a quem me dirigí criou alma nova em saber que não se tratava de gente do fisco.

Naquele local há feira bem sinistra — a dos fazedores de morte. Facas de ponta, peixeiras e punhais, desde o minúsculo para o adorno e limpeza das unhas, ao de maior proporção que só ficará bem em cintura de assassinos. São sempre mercadores de Juazeiro, que percorrem todas as feiras do Cariri. A quem encomenda, trazem rebenques com punhalzinhos bem escondidos e presos ao cabo.

Depois da rua João Pessoa, começam a aparecer joalheiros, com adereços diversos. No cruzamento das ruas, vendedores de óleo para cabelos expõem seu produto com a mais variável coloração e sempre com o cheiro aborrecido de essências baratas, mas que impressionam, de modo diferente, a pituitárias mal educadas. Pode a gente dar ali encontrão numa pipoqueira, instalada sôbre rodas e empurrada pelo vendedor que não se cansa de chamar a freguesia, com cantorias e com palavras elogiosas ao produto.

Na parte compreendida entre a João Pessoa e a Santos Dumont, estacionam bancas quase infindáveis de burudaqueiros, com sortimento variado de missangas e protegidas contra o sol com tolda

de lona ou de fazenda menos espessa. Vendem espelhos, pó de arroz, talco, ruge, baton, quadros, broches, e muitas bugingangas. A mocinha do mato não falta ali a fim de comprar a novidade da moda.

Mais acolá, alguém expõe sortimento de peneiras de flandres de todos os tamanhos. O vai-e-vem dos transeuntes é ininterrupto. De vez em quando, o encontro com conhecido:

—Como vai, compadre? Como deixou a obrigação?

Ou então:

—Que alma se salvou hoje? Você aqui? Tá chuído lá?

E encontram-se negociantes para o início de transação. Vellas mexeriqueiras a contar as novidades de seus pés-de-serras ou distritos. Passa a mocinha cheia de arrebiques, de alpercatas e de mangas bem curtas a querer imitar a cidadina com seus requebros. O rapaz e a moça não são os tímidos de outrora. Dizem gracejos um ao outro, acompanhados de tapinhas e pegado de mãos. Mas, o encontro do carregador, com saco, volume ou caçar à cabeça, não deixa o colóquio durar muito na rua movimentada. Passa êle gritando para abrir caminho.

—Oia a mala! Oia a mala?

Diálogos carinhosos são assim interrompidos ou transferidos para zonas de menor vai-e-vem.

A rua João Pessoa, o raizeiro expõe suas mezinhas. É o remédio do mato como a batata de teú, velame, cabacinha, ipeca, ou mesmo o importado, a exemplo da sena, maná, nózmoscada, bolinha de naftalina, ao lado de urucú para corar comida, anil ou temperos diversos. Mocinha modesta vende cachorrinhos de enfeites, feitos de pluma de barriguda. É bela manifestação de arte popular já um tanto evoluída. Há bonecas de pano, erectas, feiosas e muito mais apreciadas pelas meninas do que a mais bonita e bem confeccionada, oriunda da velha Europa ou do Japão milenar. O mesmo sucede com o pimpólho do sexo masculino, que prefere o cavalo de barro horrível ou o macaco de madeira, acionado por engrenagem de cordão e tariscas, do que o mais moderno brinquedo vindo da rica e variada indústria de São Paulo, ou Rio.

Já nas imediações da Santos Dumont, começam a aparecer as bancas de roupas feitas, tanto para crianças como para gente grande de ambos os sexos. São calças de carregação, silacs, blusas, saias e camisas de côres variadas. Beradeiro pode ali vestir-se, dos pés a cabeça, com o menor gasto de tempo possível. Procedem de costureiros de Juazeiro do Norte e até de Cajazeiras, na Paraíba. Por-



**Aspecto da intensa venda de roupas feitas na feira de Crato**

que não são costuradas em Crato mesmo? Preguiça do povo?

Procurei pesquisar as raízes dessa falta de comparecimento do cratense ao comércio de feitiço de roupas, em sua própria terra e em uma das feiras mais concorridas do Nordeste. Avultam os profissionais da máquina de costura no centro e nos subúrbios de Crato. Tem a cidade evoluído quase que vertiginosamente nos últimos anos.

Realizam-se festas, de quando em quando. No atelier da freguesia rica, da mesma forma que nos modestos bairros e nas alfaiatarias da cidade, não há nem tempo de se atender a freguesia da própria casa. Quem quiser vestido ou roupa em costureira e alfaiate, tem que entrar na fila. Por isso, não há tempo para a confecção de roupas feitas, nem para lojas e muito menos para a feira semanal.

Os vendedores de fumo estacionam à rua Santos Dumont, em frente ao Bar Ideal.

São rôlos de variadas espessuras e oriundos das mais diversas paragens sertanejas. Há fumo de boa qualidade e pecaios do mais



Comprando roupas de «carregação» na feira do Crato

infimo quilate. O Sovaco é dos melhores.

Araripina, Canabrava, no Quixará, Caririáçu e até a longínqua Alagôas são os abastecedores de fumo da feira de Crato. Há plantadores do Município também. Para não se gastar fósforos com o fumante, há em cada banca, corda de caroá a arder continuamente numa das pontas. É verdadeiro fôgo de monturo que nunca se apaga. Ali o cachimbeiro que pode comprar o cachimbo na esquina próxima, fumador de cigarro manso, ou do brabo feito de mortalha, ou de palha de milho, confeccionados no local com o canivete ou peixeira, pode experimentar o fumo acendendo-o na ponta da corda que arde ininterruptamente. Há vendedores de fumo desfiado e cortado, noutros locais de feira.

Bem perto fica a venda dos peixes. São sêcos, quase sempre. Piaus, curimatans, trairas dos açudes próximos e surubins, meio avermelhados, do S. Francisco. Depois rumas de cêstas e caçuás se sucedem, à espera dos atacadistas de frutas, mais de baixo. Amontoam-se, mesmo no chão, tranças de alhos e de cebolas, vindas das Guaribas, Santana do Cariri e Salgueiro, no Estado de Pernambuco. Amendoim em sacos são oferecidos aos transeuntes com seu nome

abrasileirado de mondubim. Descem das serras e dos pés-de-serras, num belo convite ao homem para cultivá-lo, em escala avultada, pois suas perspectivas para o futuro são das mais promissôras.

Aqui e ali, coisa bizarra para olhares de estranhos ao meio. Rosários compridos de côco de catolé ou babão, confeccionados pelas moradoras dos sítios caririenses e muito cobiçados pela meninada. Há vendilhões de louça de barro, de Picos, no Piauí, quase tão alvinhas quanto louça verdadeira.

Banquinhas de flôres artificiais e de toalhinhas e outros enfeites domésticos, baratos e inestéticos.

Já na confluência da José de Alencar, em frente ao Cine-Moderno, instala-se a feira dos passarinhos, delicias de muitas crianças e de muitos adultos também. São craúnas do Jaguaribe, coleiro e pintasilgo do Cariri, cabeças vermelhas, canção e sofreus. De quando em vês, passaro mais raro, a preços exorbitantes. Patativa azul ou sabiá. O numero de canário pé duro é avultado. Às vezes, até pode sobressair-se, não como aves canora mas como brigador de primeira. Gaiolas de todos os feitios encarceram os mimosos passarinhos e outras se acumulam sem hóspedes, para a venda. Há até gaiolas tipo viveiro e o melhor de tudo é que a fabricação continúa, enquanto dura a feira, para que o tempo seja bem aproveitado. A feira não continua pela José de Alencar. É ponto natural de estacionamento de «jeeps», camionetes e carros, todos particulares cujos donos hospedam-se no Grande Hotel.

Tem a feira de Crato sua história e tradição. Foi teatro de arruaças múltiplas em tempos passados, quando cabras arrelentos se engalfinhava com o soldado armado com seu rabo de galo e mesmo com outros cabras de patrões rivais. Hoje só é perturbada ligeiramente, quando se descobre algum ladrão a furtar, em banca ou em bolsos alheios. O gatuno corre no meio da multidão. E de todos os recantos ouve-se o grito :

—Pega o ladrão! Pega o ladrão!

Se o ladrão for bêsta, fica aturdido e vai abrecado na certa, mas, se fôr experiente, dobra a primeira esquina e calmamente se confunde com os inúmeros traseuntes.

A origem da feira de Crato perde-se na noite. A verdade é que nos veio de Portugal, como todas as feiras nordestinas. No século presente, parece que só foi interrompida, por algum tempo durante a revolta de Juazeiro contra o governo do Cel. Marcos Franco Rabelo, em 1914 e por ocasião da epidemia da Bailarina, em 1918. Na inauguração do trem, em Crato, no ano de 1926, todo o comér-

cio fechou, mas, a reunião semanal continuou, com seus burundangueiros, raizeiros, vendedores de frutas e de cereais e tudo que lhe dá movimento e colorido bem característico da terra caririense. Durante a peste bubônica, em 1936, diminuiu muito, porém, não perdeu o ritmo de regularidade. Entretanto, já foi antecipada. Ninguém acreditava que desse certo e até houve movimento para impedi-la. A eleição para Presidente da República, em 1955, caiu em segunda-feira. A Câmara de Vereadores e o prefeito Dr. Ossian de Alencar Arape anteciparam a feira para o domingo, 2 de Outubro, véspera do pleito eleitoral. No dia aprazado, quase ninguém a diferenciava de dia comum de feira, com seu movimento e seu zum-zum que se ouve de longe, quando se unem, em zoadas comuns, o vozerio do povo, o grito dos vendedores e «camelots», os inúmeros alto falantes, orquestras das casas comerciais e o buzinar constante dos «jeeps», carros de passeio, motocicletas, bicicletas, caminhões e ônibus.



Feira da farinha, em pleno centro comercial de Crato

Agora, percorramos a Praça Siqueira Campos e desçamos pela rua João Pessoa. É a artéria mais comercial da cidade e das mais bonitas também. Deparamos-nos logo com a feira da farinha. Sacos e mais sacos amontoam-se, enquanto outros estão de pé e abertos,

à vista do freguês, mostrando-lhe a qualidade do produto. Há a bem torrada e alvinha, fabricada em Tabocas, no Exú ou no município de Araripina. Chega-nos também de Araripe, no lado cearense da serra de igual nome. A procedente dos pes-de-serra caririenses não é tão boa como a de cima do chapadão. Retiram-lhe grande quantidade de goma e mesmo os tubérculos de mandioca não têm a riqueza e a exuberância dos que são arracados no Araripe. Sua cotação, portanto, é inferior no mercado, apesar de muitas vezes proceder de aviamento mais asseados. Aliás o preço da farinha, em 1955, nada tem de compensador, mesmo quando é da melhor qualidade. Quase não dá nem para pagar as despesas com o fabrico do alimento que é das principais rações cotidianas do sertanejo. Muitos antevêm até colapso da produção, na serra do Araripe, após muitos anos de prosperidade, quando a maioria dos aviamentos passou até a motorizar-se.

Vacilava o preço da farinha, em 1955, entre Cr\$ 100,00 a Cr\$ 120,00 a quarta. Na feira há produto inferior destinado à ração de animais. Só em tempos de seca periódica é consumida pelo caboclo. A goma de mandioca estava então a Cr\$ 5,00 o litro. Situa-se a feira da farinha entre as melhores casas de tecido da cidade. Há até campanha de muitos comerciantes que querem transferi-la para outro local. Alegam que a goma que se desprende, em partículas tenuíssimas, durante a medição da farinha, dissemina-se por partileiras, tecidos e vitrinas. Outros temem que a retirada de produto tão procurado, daquele trecho, venha a prejudicar seriamente as transações comerciais de suas lojas de fazenda.

Depois das sacarias de farinha, que ocupam grande parte da João Pessoa, sucede-se a secção do arroz, vindo em sua maioria do Maranhão. Só nos anos bons de inverno podem o Vale dos Carás e o município de Varzea Alegre suprir normamente o mercado caririense. O arroz de origem local está muito misturado de caços vermelhos e brancos.

Entre o edificio Antônio Luiz e a praça 3 de Maio, fica o mercado do feijão. Está aos montículos e ensacado. São ali despejados por caminhões de várias procedências, ou de costas de burros e jericos. Chega-nos do município, de Pernambuco e da Paraíba, Assaré e Santana do Cariri. O grosso do feijão é o de corda, o mu'atinho, em 1955, chegou a dar Cr\$ 20,00 o litro, em praça como a de Crato que teve sempre abundância do mesmo, pois, é alimento indispensável na casa do mais abastado.

Se Crato tivesse algum titulo do ponto de vista econômico, deveria chamar-se a cidade dos armazens, porque superabundam, superlotados, principalmente às vizinhanças da gare da R. V. C. e da estação rodoviária: São armazenistas que quase sempre compram,

em grosso, o feijão que escapa do retalho, na feira. O milho é vendido no mesmo trecho e estava em baixa cotação ao excesso da safra passada e a sensível falta de transporte na estrada de ferro.

A Praça 3 de Maio, há pouca coisa exposta à venda. Apenas cadeiras tipo vime, feitas de caruá e agave, em frente ao prédio da agência do Banco do Brasil. São muito bem acabadas por artistas locais, que aprenderam a trabalhar quase por conta própria.

No mesmo logradouro e por toda a extensão das ruas Monsenhor Esmeraldo, Cel. Luiz Teixeira e parte da Senador Pompeu, encontram-se, às segundas-feiras, dezenas e mais dezenas de veículos das mais diversas localidades. Caminhões de Picos, Pesqueira, Baixio, S. Paulo, Russas, Juazeiro do Norte, Exú, Araripina, Alagoas, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte e Fortaleza. «Jeeps» e carros de aluguel das vizinhas cidades, da capital cearense, do Recife e do Piauí. Os emplacados em Crato costumam estacionar à Praça Siqueira Campos e quando é auto de carga, defronte ao Posto Regente, à rua José Carvalho.

Está a cerâmica quase que concentrada à rua João Pessoa, nas proximidades da Fábrica Aliança. São quartinhas, ouoringas, potes, pratos, jarros e até vasos de quarto, feitos em Crato, com barro trazido de fóra. De Juazeiro há jarros de diversos tamanhos e modelos, apropriados para enfeite de jardins. Há brinquedos de crianças, cavalos, bois e às vezes cerâmica de ornamentação, tão bem trabalhadas como as de Carurú. Canos de manilhas são oriundos da Cerâmica Elba, fábrica mecanizada, instalada em plenos brejos de Crato.

Nas vizinhanças da Pensão Familiar, à rua Cel. Luiz Teixeira, há venda de carne seca de bode, dos Inhamuns, carne de porco e de gado, do Rio Grande do Norte. Não faltam nem mesmo avoantes tratadas, caçadas em pombais de Iguatú, Campos Sales ou Piauí.

Não raras vezes, nos deparamos com vendedores de versos matutos, editados em Juazeiro, Rio Grande do Norte e Bahia. São livrinhos impressos comumente com tipos defeituosos e muito mal revistos. Contam histórias de casos passados nos sertões ou que nos vieram da Europa, através da Península Ibérica, e que ficaram permanentemente vinculados ao folclore sertanejo. Na capa há sempre xilogravura que, algumas vezes, não deixam de denunciar bom artista, ou então clichês de estrêlas cinematográficas. Representam estas, as heroínas decantadas nos versinhos. Não falta o livrinho de lões ao Padrim Cicero, que traz na capa a sua figura de pé, a empunhar o indispensável bastão. Ao findar do ano para a entrada do outro, é infalível a profecia impressa sobre o próximo inverno, de autoria do profeta da moda. Outrora foi o de Canhotinho e hoje é do profeta de

Aracati. Aparece até, em certas ocasiões, o malandro desempenado que faz a propaganda dos versinhos, cantando em alta voz para os feirantes e sapateando ao ritmo do galope, do martelo ou do baião :

«Havia em uma cidade  
Um homem de muita riqueza  
Bem perto dele morava  
Um pobre por natureza  
Tanto tinha um de rico  
Como o outro de pobreza.

Esse homem era rico  
Senhor de muitos milhões  
Determinava a cidade  
Em muitas repartições  
Afiml satisfazia  
Todas as suas paixões».

Depois cessa de cantar e oferece o livro HISTORIA DE ZEZINHO E MARIQUINHA aos curiosos que dêle se acercam. A policia, nestes casos, bate em cima, cala o malandro para assim impedir a aglomeração que perturba a boa marcha da feira.

Outro elemento indispensável à segunda-feira é o fotografo ambulante. Faz sua exposição de caras horriveis, em pano preto pregado à parede. Mocinhas sorridentes, de lábios vermelhos, de baton barato, ou rapazes mais acahados, de silacs, sentam-se em frente a máquina fotogrâfica e colocam-se em posição aconselhada pelo fotógrafo. O retrato é instantâneo. Num abrir e fechar de olhos é entregue. Parece com tudo no mundo menos com o retratado. Mas o defeito não é do artista. O que se pode fazer de bom com fotografia copiada diretamente do positivo ?

Na feira há diversões. É o cosmorama a 50 centavos a olhadela, com vistas de santos e de cidades. Até já esteve nela o Zepelin que é especie de feira de amostras ambulante com casos de animais fenomenais, de 6 e 8 pernas, ou bonecas a imitar Marta Rocha, a 3 cruzeiros a entrada e tudo instalado em caminhão com carrocera fechada a formar pequena sala.

A rua Santos Dumont, no lugar onde há a feira cotidiana de Crato, estende-se a venda de frutas. Quando em maior quantidade amontoam-se em pilhas enormes pelo chão. São laranjas do Bai-xio, da Mata e do município de Barro. Bananas dos sitios, prata, anã, maçã ou sapo. Aparecem verdes, em caçuãs, para a venda aos centos, ou maduras, em cima das bancas. Às vezes, caminhões descarregam cargas de laranjas, chegadas diretamente da Bahia e de Carua-

rú. O abacaxi vem da serra do Araripe, de Raimundo Marinheiro e doutros lavradores, em caminhões. Há abacate, mangas, atas, pequi, macaúbas, limas, jacas, mamão, cajú, côco, fruta silvestre da serra como mangaba, cajuí, tudo isso de acôrdo com o tempo apropriado da safra. Na mesma secção há feijão verde, de sêca e de inverno, milho verde, gerimum, batata dôce e verduras diversas. Ali não falta a mãe de família com a empregada a sobraçar a cesta, para o suprimento da semana. Depois do inverno, caminhões chegam recheados de melancia do Piauí. Noutro recanto, vendem-se galinhas, capões, ovos, perús. O comprador de fora adquire caçuá, balaio ou cestas, compra frutas, embalando-as e pode despachá-la para qualquer ponto da via férrea, pelo misto de terça-feira. Caminhões e ônibus não faltam à tardinha da segunda, para qualquer parte.

Na feira se vende mel de abelha, jandaira, uruçú, de abelha italiana, ainda em favos amarelos claros.

Autos de carga e camionetes, carregados de louças, utensílios domésticos, quadros e espelhos, tudo de boa qualidade, oriundos de Caruarú e Fortaleza, estão agora percorrendo as principais feiras nordestinas. Em Crato, arranjam os negociantes ambulantes os seus lugares e expõem a mercadoria, logo procurada por inúmeros fregueses.

A rapadura como produto principal da terra não poderia faltar na feira. São elas vendidas, à rua Senador Pompeu, em frente ao Cariri Esporte Clube, desde a prata fina do Farias e do Belmonte, até o produto feito da bôrra, chamada de cachaça, destinada à ração de animais, em épocas de bom inverno e utilizada como alimento humano, em tempos de calamidade climática. São vendidas de uma a uma, em retalho, ou aos centos, principalmente a compradores de fora. Muitos preferem vender batidas, que são rapaduras temperadas e que dão melhor preço.

A feira é o mundo sertanejo em miniatura. Todas as raças e sub-raças, que formam o tipo brasileiro, desfilam pelas ruas sem constrangimento. O vaqueiro pode andar de gibão sem chamar a atenção de quem quer que seja. Irmão do Santissimo tira esmolas de opa, bolça e guarda-sol encarnado. Há miséria física e moral. O esmolet esfarrapado estende a mão implorativa ao transeunte. Há o desfile do meretricio, cheio de arrebiques e com decote ousado, infelizmente não muito pior do que muitas mocinhas, à cata de fregueses para o lupanar. Mas há pitoresco e alegria no meio de tanto reboliço. Fazem-se negócios vultosos e a feira é atração permanente para turistas. Não faltam cafés e restaurantes ambulantes, em plena rua, a cozinhar em fogareiros de carvão, vendendo em pratos de ágata, com colheres de arame, arroz, carne cozida, pirão e farofa, a preços acessíveis. Outros, em tabuleiros, expõem filhó, ou malabar, torrado em

azeite de côco, panqueca, pão de milho, tapioca, bolinhos e até bombons.

Em frente ao Armazém do Povo, a rua Bárbara de Alencar, estende-se a feira dos queijos. Há de qualho, de manteiga, e de leite de cabra, procedentes da serra do Araripe, de Campos Sales, Exú, Inhamuns, Rio Grande do Norte e Paraíba. Não faltam garrafas de manteiga da terra, bom tempêro para feijão verde e muita apreciada. O creme paraibano para as fábricas de manteigas é sempre presente na feira. Já houve tempo em que chegava, em grande parte, adulterado, merecendo por isso enérgica campanha das autoridades sanitárias.

À rua Bárbara de Alencar, o flandreiro expõe objetos de folhas de flandres, indispensáveis em casa. Aparecem candieiros de todos os matizes: alcoviteiras, cujo bojo é lata de manteiga vazia, outros com lampadas elétricas queimadas e faróis de garrafas cortadas. Vêem-se ferragens de Juazeiro, enxadas, foices, martelos e noutro local, com chão forrado de estopa, vendem-se chocalhos de todos os tamanhos.

No outro lado do Grangeiro, em frente ao mercado da carne e do Posto Regente, está a feira dos animais. É concorridíssima. Jumentos, éguas, cavalos e burros não faltam ali. Uns já velhos e cansados, com marcas de múltiplas pisaduras. Outros são novos em folha. Há verdadeiros profissionais que entendem bem do ofício e possuem todas as manhas de autêntico cigano. São peritos em passar animal ruim e comprar o melhor pelo menor preço. A corda para os cabrestos é comprada em frente ao prédio dos Correios, onde muitas são estendidas ao largo da rua. São cordas de caroá, de agave, em rolos volumosos e mesmo cabrestos de cabelo de animal, outrora companheiro inseparável do cavalo de sela esquipador.

As margens do Grangeiro é onde a cal de Quixará e até de Mossoró é oferecida aos construtores. Dura essa feira de sabado até segunda e no mesmo local a cal virgem é caldeada com a água do riacho que tem o pomposo nome de rio e corta a cidade, ao sopé dos altos do Seminário e da Matança Velha, mudado, agora para Alto da Independência. Nas proximidades da ponte vizinha à rua Pedro Segundo, acumula-se o carvão vegetal produzido na serra do Araripe, na zona fóra da Floresta Nacional. No Alto da Independência, nas proximidades do curral velho, às sextas-feiras e não às segundas, realiza-se a movimentada feira do gado que atrai compradores de todas as localidades caririenses. Chega-nos as rêsas a serem abatidas nos matadouros, dos Inhamuns, de Pernambuco e do Piauí.

Na feira de Crato artesãs da ruas dos Cariris, da Misericórdia e do bairro do Seminário vendem suas rêsas, à rua Senador

Pompeu, antiga do Fôgo. Naqueles bairros pobres, porém, de gente bem trabalhadora, em quase toda casa há tear pedal, primitivo ainda, mas, que dá o sustento a muitas famílias ou coopera para ajudá-las. Os fios já não são feitos em casa como antigamente e como ainda sucede na região do alto Jaguaribe. São comprados em mercearias de Crato em grande quantidade e procedem de Fortaleza e de Baturité. Até há pouco tempo, era chamado fio da Bahia, de onde nos veio primeiro, antes das fábricas da capital cearense. As rêdes de Crato são de 2 ou 3 panos, com costura unindo-os. Mesmo com a importação de rêdes de fábricas que são expostas na feira também, ainda há muito produto da terra vendido principalmente por mulheres que quase sempre são as suas fabricantes. Constituem as redeiras o mais numeroso artesanato de Crato, presentemente. Na cidade já existe pequena fábrica de rêdes que é embrião promissor de manufatura de maiores proporções.

É a feira de Crato o termômetro que marca os preços dos produtos principais do Cariri para toda a semana. Há comerciantes que conhecem todos os seus segredos e raramente apanham com emprego de capital.

Dura a feira de 6 às 18 horas, mas desde a vépera, começam a chegar sacos de cereais que ficam abrigados sob as marquises das casas comerciais do centro. Tem ela alguma coisa da alma do povo. Mesmo quem não tem dinheiro, nem qualquer negócio a tratar, sempre a frequenta para dedão de prosa com conhecido e como simples divertimento. Está idissolúvelmente arraigada em grande trecho do Nordeste. Dificilmente poderia ser extinta, sem grandes prejuízos para a coletividade.

Crato, Dezembro de 1955.

## HÁ CÊRCA DE UM SÉCULO...

Soma Geral do Inventário da Viscondessa do Icó, Proce-dido em Santo Antônio, Município de Saboeiro, em 4 de Fevereiro de 1859, a Qual Falecera a 2 de Dezembro de 1857.

Dinheiro	100:526\$000
45 Escravos	25:150\$000
12.357 Rêses	490:700\$000
2.019 Animais	103:390\$000
96 Leguas de terras e 76 posses de terras nas províncias do Ceará e Paraíba.	210:000\$000
Ações do Novo Banco de Pernambuco	5:000\$000
Seis casas em Saboeiro e Tauá	6:000\$000
Em Dividas	8:306\$000

SOMA 1.024:427\$000

(Dados colhidos no arquivo de Francisco Gomes de Oliveira Braga).

# AVE LIBERTAS

---

Saudação ao Congresso Abolicionista Cearense, o primeiro celebrado no Brasil, na cidade de Maranguape, em 26 de maio de 1881.

Barbosa de Freitas (\*)

Salve ! da glória os romeiros ! . . .  
Os combatedores bravos  
Que na luta dos escravos  
Se levantaram do chão ! . . .  
Salve ! ó pleiade bendita  
Que ampara a causa dos fracos,  
Salve ! novos espartacos  
Da arena da escravidão ! . . .

Salve ! ó vós, que suspendeis  
O martelo do progresso,  
A cujo som o Universo  
Ergue os braços p'r'amplidão !  
Salve ! ó vós—demolidores  
Das paredes tenebrosas,  
Das espirais assombrosas  
Do templo da escravidão !

Salve ! ó vós—os mandatários  
Da bem dita Liberdade !  
Que difundis a Igualdade  
Do Brasil no coração ! . . .  
Salve ! ó vós—os lutadores  
Da mais sublime contenda,  
Que carregais por legenda  
—O futuro da Nação ! ,

(\*) Antônio Barbosa de Freitas nasceu em Jardim, no ano de 1860. Filho de pai incógnito, teve na pessoa do dr. Antônio de Araújo

Lima, Juiz Municipal de sua terra natal, um tutor e mestre, que logo lhe descobriu o gênio poético. Após colher os conhecimentos necessários ao manejo das letras, matriculou-se no Seminário de Fortaleza, onde recebeu completa instrução em matérias do primeiro curso de humanidades, tendo abandonado a carreira eclesiástica por falta de vocação. O fato causou profunda mágoa à sua mãe, Maria Barbosa da Silva, cuja afeição pelo filho jamais feneceu, mesmo quando o poeta se transformou em boêmio errante. Barbosa de Freitas faleceu na manhã do dia 24 de janeiro de 1883, no hospital da Santa Casa de misericórdia de Fortaleza, contando apenas 23 anos e 2 dias de idade. Sua pobreza não lhe permitia comprar nem o papel em que lançava suas inspirações. Tendo tomado o caminho das tavernas, nada lhe restaria, senão a morte pelo álcool. Dos amigos que teve, apenas um acorreu em seu auxílio depois de morto; José Teixeira de Miranda, que se incumbiu do seu entêrro.

# Serraria Monteiro

de J. Monteiro & Cia.

Das mais bem montadas do

interior cearense.

Beneficia madeira para construção.

Rua Almirante Alexandrino, 85.

CRATO — CEARÁ

# Emancipação Econômica do Ceará

**Abelardo F. Montenegro**

## 1 — A ECONOMICA CEARENSE.

A economia cearense fundamenta-se, ainda, no sistema tradicional de exportação de produtos primários para os mercados estrangeiros. Permanece como fornecedora de matérias primas.

É essa uma das características da própria economia nacional. Como salienta autorizado historiador econômico, tudo está disposto no objetivo do eficiente funcionamento do preceptado sistema tradicional. A disposição da população, a estrutura agrária, os centros urbanos e os fatores sociais e políticos agem em tal sentido.

Não devemos esquecer que êsse sistema tradicional dominou pelo espaço de quatro séculos, e que, hoje, ainda vigora, dificultando que a economia se volte para a satisfação das necessidades da população.

Quando os produtos primários se desvalorizam, a economia cearense entra em crise, acarretando desastres e ruínas.

Área de sêca, com uma economia alicerçada na exportação de produtos tropicais, o Ceará está sujeito aos azares dos mercados internacionais.

O sistema tradicional de economia de que vimos falando ainda encontra, entre nós, certas dificuldades, quais sejam a ausência de um porto devidamente aparelhado, bem como meios de comunicação e transportes, que liguem as várias regiões do Estado.

As nossas indústrias lutam com a carência de energia elétrica. Sem a solução do problema fundamental da sêca que nos aflige, periódicamente, o fortalecimento do sistema econômico que deve voltar-se para as necessidades da população, a economia cearense permanecerá sujeita a imprevisíveis dessoramentos.

O parque industrial cearense é muito reduzido, limitando-se, quase exclusivamente, aos têxteis e às cleaginosas.

O valor total da produção industrial do Ceará, conforme o Censo de 1950, foi de Cr\$922.450.000,00. Dêsse total, Cr\$22.975.000,00, ou seja, 89,2%, representam contribuição das indústrias de transformação.

As cinco principais indústrias de transformação, na ordem decrescente do valor da produção, de acordo com o senso industrial, foram as seguintes :

Têxtil	Cr\$ 350.433.000,00	38,0%
Química e Farmacêutica	Cr\$ 176.240.000,00	19,1%
Produtos alimentares	Cr\$ 149.326.000,00	16,2%
Transformação de minerais não metálicos	Cr\$ 22.272.000,00	2,4%
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	Cr\$ 20.973.000,00	2,3%

## 2 — AREA SUB-DESENVOLVIDA.

Na concepção moderna de sub-desenvolvimento, a idéia de pobreza é predominante. A idéia de sub-desenvolvimento «pertence ao mesmo gênero de problema que o da existência, em uma sociedade, de grupos de indivíduos com níveis de vida extremamente baixos».

Sub-desenvolvimento significa «um atraso substancial no processo de crescimento econômico, o que resulta do não aproveitamento das melhores técnicas conhecidas, e se reflete numa baixa renda média PER CAPITA».

A luz da moderna concepção de sub-desenvolvimento, não há dúvida que o Ceará é um Estado sub-desenvolvido.

Apenas 42,0% do território cearense corresponde à área explorada, isto é, lavouras e pastagens. A renda PER CAPITA das pessoas ocupadas nas atividades agrícolas, pastorais e extrativas é de Cr\$ 3.580,00. A renda PER CAPITA nas atividades industriais é de Cr\$ 5.400,00. A renda PER CAPITA da população ativa é de Cr\$... 6.640,00. A renda PER CAPITA da população total é de Cr\$... 2.900,00. Isso tudo demonstra o baixo poder aquisitivo da população cearense.

Se compararmos os dados acima com dados idênticos de um Estado do Sul, veremos a desigualdade chocante. Na verdade, poucos países do mundo apresentam diferenças mais contrastantes entre duas zonas do seu território.

Foi defrontando com esse doloroso contraste que o Conselheiro Luís Gomes de Sousa, em seu Relatório sobre as economias regionais, afirmou o seguinte :

«Não podemos imaginar o que seja comer, morar e vestir com renda que em média não atinge sequer dois mil cruzeiros por ano. Essa disparidade constitui uma tremenda injustiça social, mas é um mal crônico que não nos parece capaz de ser curado senão a lon-

go prazo, mediante luta constante e verbas permanentes nos orçamentos da União».

O desenvolvimento do Ceará é um problema de aumento de renda PER CAPITA<sup>8</sup>, e que só pode ser obtido por meio do crescimento econômico. O desenvolvimento seria conseguido por meio da aceleração do crescimento, de modo a recuperar o atraso em relação ao sul do país. É tudo isso decorreria de um maior grau de intervenção estatal, de maior auxílio do Governo Federal, do cumprimento das obrigações constitucionais.

### 3 — TRATAMENTO DESIGUAL.

No concôrto da Federação, o Ceará ocupa lugar de destaque no setor da exportação, vindo logo depois de São Paulo, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Bahia, Paraná e Pernambuco. Isso quanto à tonelagem e ao valor global das mercadorias.

Da exportação de cera de carnaúba, algodão, peles, couros, mamona e óleos, para o exterior, obtém o Estado apreciável quantidade de divisas que seriam mais elevadas se o Ceará possuísse um pôrto aparelhado que lhe permitisse exportar outros produtos, principalmente de origem mineral.

Região pobre, embora de grandes possibilidades de recuperação, os problemas da economia cearense estão indissolúvelmente ligados a diversos órgãos da administração federal, motivo por que a solução dos mencionados problemas depende da execução das obras da alçada do Governo Federal.

Em Mensagem apresentada ao Poder Legislativo, o Governador Stênio Gomes, em 25 de março de 1955, considerava problemas vitais, de cuja solução depende o desenvolvimento da economia cearense, os seguintes:

a) Conclusão e ampliação do Pôrto do Mucuripe e melhoramento do Pôrto de Camocim;

b) reaparelhamento técnico da R. V. C. e prosseguimento das obras de melhoramento das suas linhas;

c) continuação das obras dos grandes açudes Banabuiú, Pentecostes, Araras, etc., e de outros planejados, inclusive o de Orós e, também, dos canais de irrigação projetados;

d) eletrificação da zona sul do Estado pela energia hidrelétrica de Paulo Afonso;

e) fomento e construção de açudes particulares em coope-

ração e de poços tubulares;

f) melhoramento das rodovias e ferrovias federais no Estado e asfaltagem das primeiras;

g) melhoramento do algodão e ampliação da sua área de cultura;

h) exploração da nossa riqueza mineral;

i) fomento de cultivo das plantas industriais como a cana-de-açúcar, o coqueiro, o cajueiro, a oiticica, etc., e das oleaginosas adaptáveis ao Ceará;

j) melhoramento da pecuária e fomento da produção de pequenos animais domésticos;

k) Incentivo à construção de silos para o armazenamento de gêneros alimentícios e de forrageiras;

l) continuação das obras rodoviárias e ferroviárias previstas para a inter-comunicação do Ceará com o Norte e Oeste do país.

Os problemas acima mencionados, pelo seu vulto, não podem ser solucionados, tão somente, com os recursos da precária economia cearense. Imprescindem da permanente ajuda do Governo Federal. Da solução desses problemas, depende o desenvolvimento da economia cearense, ultrapassando a etapa de área atrasada e sub-desenvolvida.

Só com o auxílio federal, a economia cearense, devidamente planejada, trará o bem-estar social, elevando o padrão de vida de suas populações e o seu consequente poder aquisitivo, e ampliando, ainda, o mercado interno.

Estudando o desenvolvimento da economia brasileira, observamos aquela disparidade entre Norte e Sul a que já nos referimos, bem como, com tristeza, verificamos o tratamento desigual dispensado pelos poderes públicos federais e incompatível mesmo com o próprio princípio federativo que estrutura o Estado brasileiro.

Chamando a atenção para o tratamento desigual que o Governo Federal dispensa a Norte e Sul, aquinhoando este em detrimento daquele, não nos move nenhum sentimento subalterno. Ao contrário, assim agimos impulsionados pelo mais acendrado amor fraternal, com os olhos voltados que estamos para a prosperidade da grande pátria.

---

DE ACÓRDO com a estatística de janeiro de 1956, existiam 8 923 Rotary Clubs congregando, no mundo inteiro, 423.000 sócios.

# THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR

## REPRESENTAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Revendedor autorizado da S. A. PHILIPS DO BRASIL

*Distribuidor dos Rádios:*

Philco, Telefunken, Siemens e Pioner

*Fogões DAKO a carvão e a gaz de kerosene, vendas a prestações e a vista com descontos especiais.*

Liquidificadores S P A N, cofres, máquinas de escrever e calcular

Enceradeiras «ARNO», Painéis de Pressão «PANEX», Motores para beneficiamento de mandioca, Grupos eletrogenos para iluminação de Engenhos e Casas de Farinha

Cafeteiras e objetos para presentes.

Lâmpadas, tungas, baterias e material elétrico em geral.

## Thomaz Osterne de Alencar

End. Telegr.: OSTERNE—Caixa Postal 16—Fone 21-74

Crato — Rua Dr. João Pessoa, 113 — Ceará

# Reminiscências

PEDRO SAMPAIO

A primeira vez em que estive no Crato, foi no ano de 1914, alguns meses depois da revolução de Juazeiro.

A êsse tempo, os trens da então Estrada de Ferro de Baturité, chegavam apenas até Iguatú e nem sequer ainda se pensava na possibilidade de uma viagem em automóvel e muito menos em avião, ao sertão do Cariri.

Quem, de Fortaleza, demandasse essas paragens, teria de submeter-se à estafante viagem de trem até Iguatú e daí por diante, à outra mais incômoda e martirizante, em lombo de cavalo ou em liteira. Mas, para isso, dois requisitos eram indispensáveis: — resistência física e coragem. Resistência para suportar, por três ou quatro dias, a marcha de um animal geralmente lerdo e chotão, e, coragem, porque, mal seido das escaramuças sangrentas por que passara o sul do Estado ainda continuava infestado de cangaceiros das hostes guerreiras do Padre Cícero.

Iguatú era, pois, o lugar onde, obrigatoriamente, se deveria estacionar para descansar, refazer forças, arranjar matula e contratar condução para prosseguir a caminhada.

Hospedando diàriamente dezenas de forasteiros de todas as

classes sociais, quente como uma fornalha, sem o menor conforto, nada convidativo era o ambiente dessa cidade de fim de linha.

O local onde se achava sua sórdida estalagem, era como uma alfueja argelina em que, para enganar os incautos se mercadejavam bugigangas de mil espécies.

E, a fervilhar pela praça e adjacências, homens de caras patibulares; comboeiros de camisa fora do cós e faca à cinta, cuspinhando através dos dentes, limados e tilintando esporas por entre caçuás de frutas e de rapaduras; mulheres de faces macilentas, vestidas de chitas berantes e cachimbando acoradas e aos grupos; meninos andrajosos e sujos com bandejas de doces pontilhados de mósca.

Aqui e ali, sôb as mongubeiras copadas, animais prêsos pelos cabrestos, rilhando os dentes nos freios e espanejando com as caudas a moscaria que os atezava.

E sôbre tudo isso, um sol que tinha nas pedras das ruas esburacadas e que parecia querer ferver a água das poças barrentas dos caminhos.

Éramos oito os participantes dessa caravana. Uns viajavam a cavalo e outros em liteiras de cortinas de lona, cujos varais ran-

giam amarrados às ilhargas de burros mansos e sonolentos.

Mês de Outubro.

De quando em quando, quebrando a aridez e a monotonia da estrada larga e arenosa, uma árvore frondejante; uma oiticica esgalhada; um pássaro a voar; um inseto zumbindo; um sertanejo que passa, batendo as alpargatas nos calcanhares, como fugindo ao seu destino e como querendo mostrar que naquêlê silêncio tumular nem tudo era morto.

Viajamos o dia todo. Anoitecia, quando alcançamos o primeiro pouso, um alpendrado de telha, à beira da estrada. O guia e seu ajudante desarrearam os animais, estenderam as rêdes e, com acendalhas catadas na redondeza, atizaram o fogo. Em espêtos assaram, então, cheirosos macos de carne que, gulosamente, comemos com pirão de leite.

Noite deliciosa e bem dormida, à luz das estrêlas e quase ao relento.

Lembrei-me, então, do Príncipe da Grande Ventura, do Jacinto do Eça que, supersaturado de tédio e de conforto, depois de saborear em Tormes, «louro frango assado no espêto», contemplou, debruçado à varanda de sua quinta, (como nós fazíamos estirados em nossas rêdes), «o doce socêgo crepuscular e a Vênus diamantina, lânguida anunciadora da noite e dos seus contentamentos».

E pela madrugada cheirando a mato, entremunhados e saudosos

da rêde macia, ainda com escuro, continuamos estrada a fóra a cumprir o nosso fadário.

No dia que seguiu, à tardinha, passamos em frente a um muro todo feito de pedras sôltas, ajustadas, umas às outras e como a esconder da curiosidade dos que passavam, a dezenas de cruces plantadas desordenadamente do outro lado do muro.

Perguntei ao guia que cemitério era aquêlê.

—«Nôr não. Não é sumitéro, não. Aí tão enterrado os MACACOS que morreram brigando com a gente do meu padim».

—Que macacos?

—Os puliça . . .

E eu revi a luta inglória que, por politicagem, acabava de ensanguentar os sertões cearenses.

Ao amanhecer do quarto dia de viagem, avistamos os arredores da cidade do Crato.

Foi como, se atravessando um deserto sem fim, vissemos a miragem de um oasis abençoado.

E realmente, nos poucos dias que passamos na bela e próspera capital do Cariri, tivemos a impressão de que, muito em breve, o Crato seria a cidade de progresso e de futuro que, hoje, figura entre as mais adiantadas do HINTERLAND brasileiro.

---

ITAYTERA é o símbolo da  
opulência intelectual do Cariri.

Habitue-se a tomar o seu cafésinho no

# CAFÉ EXPRESSO LÍDER

*Situado na Praça Siqueira Campos, no coração de Crato, o*  
**CAFÉ EXPRESSO LÍDER** tem por lema:

**Qualidade - Higiene - Serviço**

O café servido no EXPRESSO LÍDER provém da serra de Baturité onde se produz o melhor café do Brasil.

---

Tabacaria com cigarros e charutos das mais variadas marcas e artigos outros ligados ao ramo.

---

Um lembrete do EXPRESSO LÍDER:

«O café aumenta a capacidade de trabalho do coração».

## TAVARES & FILHO

==== Vendem pelos menores preços da praça: ====

Camas PATENTE

Fogões TIETÉ

Arame FARPADO

Balanças FILIZOLA

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO:

Cimento — Ferro Redondo — Sanitários

**TAVARES & FILHO**

FONE: 22-11 — Telegrama: TAVAFILHO — Caixa Postal, 33

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, N.º 160/170 — RUA SENADOR POMPEU, 82

*Crato — Ceará*

# INVASÕES FRANCESAS E HOLANDEASAS NO BRASIL

*Lutas contra êsses invasores e sua influência na  
formação do espírito nacionalista brasileiro.*

(Extrato de uma palestra, pronunciada no  
23.º B. C., em setembro de 1955, para os  
candidatos à Escola de Comando e Estado  
Maior do Exército).

Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro

## 1 — Antecedentes.

Com o ciclo da navegação e as consequentes descobertas, tomou grande incremento o comércio de PORTUGAL com as ÍNDIAS, e a LISBOA iam ter as especiarias, o âmbar e outros produtos que eram distribuídos para os países do Norte pelos holandeses e alemães, que àquela cidade, principalmente os primeiros, conduziam madeiras e produtos manufaturados. Era intensíssimo o comércio entre as duas nações e a sumacas e outras embarcações holandesas chegaram, até mesmo, a vir ao BRASÍL onde, algum tempo após o descobrimento, era permitido, observadas determinadas condições, mesmo a fixação de estrangeiros. Isso porque PORTUGAL desejava povoar e colonizar sua nova e vasta descoberta, embora sua pequenissima população e o desmedido interesse despertado pelas especiarias da ÍNDIA, em detrimento do diminuto ou quase nenhum interesse pelo BRASIL onde, além de pau de tinta e pouco mais, nenhuma riqueza era conhecida.

Com a «Reforma», Lutero e Calvino, a EUROPA foi assolada por tremendas lutas e perseguições religiosas; Felipe II da ESPANHA, arvorado paladino da Religião Católica, fez guerra aos países protestantes, notadamente à HOLANDA, que sangrava defendendo sua independência e liberdade religiosa. Por outro lado, os demais países europeus não concebiam que coubesse só aos países descobridores direitos absolutos sobre as novas terras descobertas.

E a cobiça às riquezas surgidas aqüem Atlântico, particularmente nas possessões espanholas, desencadeou o corso nos mares e a pilhagem dos navios obarrotados de ouro e prata que, especialmente do PERÚ e MÉXICO, navegavam para os portos espanhóis. Impôs-se, então, o desenvolvimento das marinhas da HOLANDA, ALEMANHA e INGLATERRA.

O BRASÍL, de certo modo abandonado nos primeiros 20 anos após o descobrimento, em que — podemos afirmar — só houve

reconhecimentos geográficos que determinaram seu imenso contórno, foi palco da pirataria universal, notadamente de especuladores franceses, alemães e judeus, que estabeleceram o tráfico do pau brasil. É que à côrte de D. Manoel só preocupavam os produtos lucrativos do oriente, e à terra brasileira se fixavam, tão somente, aventureiros audazes e degredados.

Em fins dêsse reinado, em face da pirataria dos traficantes, prejudicando o monopólio da corôa, impunha-se colonizar ou perder a nova terra; e passou o trono português a cuidar mais dela.

No trono D. João III (1521-1557), apelou-se para o sistema das Capitánias Hereditárias e foram criadas 12, com o objetivo de colonizá-la de qualquer forma.

Faltando-lhes, porém, a unidade e o interesse comum, foram suprimidas, 16 anos após, as excessivas franquias e ficaram subordinadas a um govêrno geral, com sêde na BAHIA. Os interesses se voltavam do oriente para o Ocidente. No fim do XVI século, o rei D. Sebastião pereceu com a fina flôr da nobreza portuguesa nos campos de Alcacer Kibir e o seu sucessor, o Cardeal D. Henrique, velho, fraco e alquebrado, de tal forma se conduziu que, após sua morte, a corôa passou à cabeça de Felipe II da ESPANHA. D. Antônio, Prior do Crato, pretendente ao trono Português, procurou o apoio da FRANÇA e assinou, com Catarina de Medicis, um contrato pelo qual ela se comprometia a fornecer uma esquadra, 12.000 homens, armas, e munições, em troca, simples e apenasmente, da entrega, do vasto e cobiçado BRASIL!

Fracassado o empreendimento, submeteu-se PORTUGAL ao trono da ESPANHA, e, para o BRASIL, cujos habitantes já se haviam habituado a bastarem-se a si mesmos nas lutas contra corsários, flibusteiros e índios, criou-se o seguinte quadro:

—extinguíram-se as questões de domínio e de fronteira entre colônias portuguesas e espanholas;

—transformou-se em reduto do sentimento português, decorrendo uma intensa corrente imigratória calculada em mais de 100.000 almas;

—estabeleceu-se a liberdade de comércio com todas as colônias epanholas;

—sofreu as consequências dos ódios e lutas da HOLANDA e outros países com a ESPANHA.

Dêsse modo, no primeiro quartel do XVII século, está o BRASIL senhor mais de 800 léguas de costa — da barra de Parana-

guá à foz do Potengi, — conquista prodigiosa para o tempo e para o punhado de titans que a conseguira, lutando incessantemente contra corsários e índios e, sobretudo, contra a naturaza selvagem e fantástica.

Como decorrência natural dêsse ambiente de lutas gigantes-cas contra tantos e tão perigosos inimigos, surgiu imperiosa a neces-sidade, para o conquistador e povoador, de estreitar os laços de união e cooperação com seus semelhantes, parentes, auxiliares, subordinados, escravos e vizinhos, resultando o estabelecimento, ao longo da costa conquistada, graças ao poderoso auxilio da religião católico e do indio aliado, de uma sólida, firme, oportuna e perfeita coesão cu-jas raizes estavam na própria terra.

Se no XVI século a missão fôra conquistar a costa len-tamente e povoá-la com a imigração e a miscigenação diminutas, no seguinte seria povoá-la em larga escala e, aproveitando o dominio es-panhol, conquistar terras e mais terras, fixando os mais amplos limi-tes para o BRASIL, além, muito além do famigerado meridiano de TORDESILHAS. E, consequentemente, defendê-lo a todo transe, tan-to que, pelo seu porfiado trabalho nas mais dispares atividades já se ia modelando um facies peculiar na sociedade colonial que se esboçava.

Quase com os próprios recursos, com o trabalho ingente dos seus habitantes, a colônia exigira fortificações pela costa, pro-tegendo seus fogos, sua gente, suas culturas e seu comércio; com es-fôrço incomum e tenacidade raras, conseguira estabelecer a manocul-tura latifundiária com seus engenhos e «casas grandes» no Norte, e criado uma indústria de construção naval, enchendo seus portos de embarcações várias.

Embora e apesar da fragilidade das estatísticas e de infor-mações fidedignas, encontramos no BRASIL dêsse primeiro quartel do referido XVII século:

—uma população da ordem de 250.000 almas distribuídas por PERNAMBUCO, BAHIA, ESPÍRITO SANTO, RIO DE JA-NEIRO e SÃO VICENTE;

—no Norte, a criação e o desenvolvimento do ciclo do açúcar, com o amontoamento de riquezas, elevando ao mais alto grau o comércio e o luxo (registravam-se 366 engenhos, a maioria em PER-NAMBUCO, e a exportação de 120 toneladas de açúcar — importante para a época);

—no Sul, o surgimento do bandeirismo, da conquista dos sertões longínquos, para delimitá-lo em toda a sua grandeza.

Êsse o Brasil que suportou o impacto das principais inva-sões.

## 2 — Causas.

Conquistando sua Pátria ao mar e «passando a viver no mar e do mar», tornaram-se os holandeses navegadores mercantes ousados e corsários temíveis. E o mesmo destino que a posição marítima no litoral europeu assegurava a PORTUGAL, caberia à HOLANDA, possuidora de um instinto de comércio igualmente inteligente e desenvolvido.

Pretendendo portugueses e espanhóis terem aberto o Oriente, fechado pelos turcos, ao Ocidente e ao mundo, estabeleceram o monopólio do comércio. E os governos europeus o reconheciam, por impotência, muito embora auxiliassem, secretamente, as tentativas contra aquêlê privilégio.

Nasceu, então, a luta renhida em que franceses, ingleses e sobretudo, holandeses, pela pirataria e o corso, fizeram aos privilegiados, para a conquista da liberdade de comércio. E, para tanto, impunha-se a organização de um poder naval que superaria o dos rivais.

Por outro lado, consequência das lutas religiosas decorrentes da «reforma», povos oprimidos por perseguições constantes, aspiravam fugir, à procura de alívio em novas terras

Além de tudo, anexada a Corôa Portuguesa à Espanhola, e sendo esta inimiga e achando-se em beligerância com a HOLANDA, natural seria que êsse estado se refletisse ou repercutisse nas colônias daquela.

E, resumindo, temos as causas primordiais das principais invasões ao BRASIL colônia :

- reação contra o monopólio;
- guerra entre a HOLANDA e a ESPANHA;
- necessidade de bases aquém Atlântico, por forma a permitirem o apresamento das riquezas carriadas para os cofres espanhóis;
- fuga às perseguições religiosas e busca de asilo e refúgio;
- cobiça às riquezas já conhecidas e às prováveis, e desejo à posse da terra, privilégio exclusivo, até então, de PORTUGAL e ESPANHA.

## 3 — Principais invasões.

A — Francesas.

a — no RIO.

Nicolau Durand Villegagnon, por experiência de suas via-

gens, julgava ser de grande interesse para a FRANÇA a posse do RIO DE JANEIRO, já iniciada por vários franceses. E poderia favorecerê-lo seu rei, considerando a guerra surda de reclamações e protestos de PORTUGAL à FRANÇA, contra piratas bretões e normandos que salteavam a GUINÉ e o BRASIL.

E, por intermédio do Almirante Coligny, foi de fato favorecido, conseguindo dois navios de guerra e um transporte para a expedição composta de calvinistas, colonos e aventureiros.

Zarpando do HAVRE, aportou ao RIO em novembro de 1555, no pequeno ilhéu da LAGE, de onde, com seus 80 colonos, se transferiu definitivamente para a ilha de SEREGIPE, atual VILLEGAGNON, entrincheirou-se nos pequenos montes vizinhos e construiu o forte COLIGNY.

No ano seguinte, recebeu a pequena feitoria francesa cêrca de 300 colonos que se espalharem pela ilha de PARANAPUAN, atual GOVERNADOR, e margem ocidental da baía, e fizeram grandes e florescentes plantações.

A colonização sàbiamente iniciada, e que deveria constituir o asilo do protestantismo francês, foi perturbada pela discórdia, conduzindo Villegagnon a reembarcar para a FRANÇA alguns calvinistas, regressando êle próprio em 1559, à procura de meios para conquistar o BRASIL aos portugueses. Nada conseguindo, por lá ficou, deixando a colônia francesa ao acaso e ao seu próprio destino.

Era, ao tempo, governador geral do BRASIL Duarte da Costa que, por dificuldades várias (desentendimento com o bispo, lutas contra os índios em várias Capitanias e falta de recursos), não os poud molestar.

Assumindo Men de Sá o govêrno geral em 1557, e tendo recebido um reforço de náus que pedira a PORTUGAL, decidiu expelir os franceses fortificados no RIO, o que realizou em 1560, investindo-os, derrotando-os, fazendo prisioneiros e destruindo as fortificações de SEREGIPE. Essa vitória, porém, não foi decisiva: a maioria dos vencidos havia debandado e se internado pela floresta, voltando ao litoral tão logo Men de Sá regressou à BAHIA.

Impunha-se fundar, como núcleo de resistência à pirataria, uma cidade; e fê-lo Estácio de Sá, próximo ao PAO DE AÇÚCAR, na PRAIA VERMELHA, onde se fortificou e donde escaramuçava com os franceses e índios seus aliados, sem outros resultados que recíprocas perdas inúteis.

Cientificado dessa situação, embarcou Men de Sá na BA-

HIA, na esquadra de Cristovão de Barros, demandou para o Sul, reuniu no ESPÍRITO SANTO numerosos índios sob o comando do bravo Ararigbóia, aos quais juntou reforços de outros índios e embarcações em SÃO VICENTE, aprobeu para o RIO, investiu e derrotou decisivamente os franceses no ano de 1567, quando foi transferida para o MORRO DO CASTELO, ou realmente fundada, aos 20 de janeiro, a cidade de SÃO SEBASTIAO DO RIO DE JANEIRO.

Ararigbóia, batizado com o nome de Martin Afonso, não voltou ao ESPÍRITO SANTO; fixou-se com os seus companheiros na PRAIA GRANDE e fundou a atual NITERÓI.

b — No Maranhão.

Desiludidos da FRANÇA ANTARTICA — no RIO —, mas não do BRASIL, cujo dominio português jamais reconheceram, planejaram os franceses fundar a FRANÇA EQUATORIAL.

Em 1594 os armadores Jacques Riffault e Charles des Vaux fixaram-se na ILHA DO MARANHÃO, apoiados pela indiada, como já acontecera com seus compatriotas no Sul, e patrocinados pela corte de Henrique IV, que antevia no cometimento o ensêjo de dominio no futuro.

Em 1612, uma expedição sob o comando de La Ravardière, agregou-se à primeira e, conjuntamente, fundaram a cidade de SÃO LUÍS, com colonos católicos e protestantes.

Em 1613, considerando o progresso daquela colônia, Jerônimo de Albuquerque, partindo de PERNAMBUCO, e agregando às suas forças Martin Soares Moreno — colonizador do CEARÁ — e índios amigos, aproximou-se dos invasores, fundou o FORTE DE CAMOCIM, e determinou ao «guerreiro branco» o reconhecimento, por mar, do litoral maranhense.

Atraídos às ANTILHAS por um temporal, Soares Moreno não pôde cumprir a missão, a não ser da EUROPA, de onde, muito depois, mandou informações ao governador no RECIFE, e Albuquerque decidiu retroceder para o lugar JERECOACARA, onde fundou a povoação de NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO e recolheu-se a PERNAMBUCO, permanecendo os adversários entreolhando-se indecisos, à distância.

No ano seguinte, Jerônimo de Albuquerque, tomando a iniciativa, desembarcou com 500 homens em GUAXENDUBA—atual ICATU—e daí conseguiu derrotar os franceses, que acharam por bem assinar a paz, enquanto acordaram em enviar mensageiros às cortes de FRANÇA e ESPANAA, para decidirem a quem caberia a posse da terra litigiosa.

Nêsse interim, Alexandre de Moura, de patente superior à Jerônimo de Albuquerque, chegando com Soares Moreno e grandes socorros de combatentes e armas, violou a paz, deu combate aos franceses, bateu-os fâcilmente, obrigou-os à capitulação e à retirada para a Pátria, tratando-os, no entanto, com grande dignidade.

Foi ocupado definitivamente o porto de SÃO LUÍS, e, como ato de feliz previsão, determinou o govêrno a fundação e colonização do PARA', em 1616, por Caldeira Castelo Branco. Estenderam-se para o extremo Norte os núcleos de colonização portugueza, e, em 1621, foi creado o Estado do MARANHÃO, compreendendo êste e os territórios do CEARA', PIAUÍ e PARA'

### c — Novamente no RIO

No fim do XVII século e comêços do XVIII, sangrava a EUROPA com a chamada guerra da sucessão da corôa espanhola, com repercussão na colônia aquêr-mar, em que se verificarm agressão e represálias dos franceses, por Des Gezemer em 1695 na ilha GRAFDE e Duclerc em 1705 em PERNAMBUCO. que saquearam povoações e apresaram navios.

Ainda Duclerc, em 1710, surgiu no RIO a 16 de agosto com uma flotilha de 6 navios, simulou desembarque e, encontrando resistênciã, foi desembarcar 1.000 homens em GUARATIBA, os quais marcharam por terra durante 7 dias e penetraram na cidade, graças à incúria do governador Castro Moraes que não foi batê-los em pontos propícios, em terreno completamente desconhecidos do invasor.

No coração da cidade, a bravura de Bento do Amaral Gurgel, do Mestre de Campo Gregório de Moraes, de frei Francisco de Menezes, da Companhia de Estudantes e de outros elementos da população, constituiu a resistênciã e, quando os franceses já encurralados num trapiche, entre e fogo adverso e o mar, já muito dizimados e sem esperanças de volta da esquadra, renderam-se. E foram vítimas do furor e das vinganças da canalha de rua, ocorrendo o morticínio de centenas de homens após a rendição. Dois dias após a catástrofe surgiu a esquadra de Duclerc que foi aprisionado e, seis mêses depois, embora huovesse conquistado a simpatia da sociedade, amanheceu assassinado no seu leito. O crime foi atribuído a dois embuçados.

A FRANÇA encolerizou-se com tamanho e injusto morticínio e decidiu vingar a ofensa. E deu tal missão ao hábil e glorioso oficial René Duguay Trouin, que surgiu na baía de GUANABARA aos doze de setembro de 1711 com 16 náus da Marinha Real e 4 particulares. E, embora as fortalezas e trincheiras da cidade e uma frota portugueza de 4 náus e 2 fragatas, através os fogos, as-

senhoreou-se do pôrto e da ilha das COBRAS, que não foi defendida; combateu de 16 a 19 de setembro e, percebendo a franqueza dos defensores, intimou-os à rendição, exigindo a punição dos assassinos de Duclerc e a satisfação das antigas ofensas contra os prisioneiros trucidados desumanamente. O governador Castro Moraes repeliu a intimação mas, sem aguardar os reforços solicitados a MINAS GERAIS, fugiu para IGUAÇÚ. Estabeleceu-se o pânico e a cidade se rendeu e foi saqueada Duguay Trouin, com grande e elevado brio, sonsequiu restabelecer a ordem e exigiu 600.000 cruzados de resgate, justamente quando chegavam os socorros mineiros constantes de 6.000 homens comandados por Antônio de Albuquerque, que não mais agiu.

E Duguay Trouin, recebia a última prestação do resgate, se retirou a 13 de novembro.

Aqui cabe ressaltar que, em 1893, os revoltosos agiram análogamente aos franceses de Trouin: como estes, pretenderam tomar a cidade e foram repelidos por Floriano; perceberam as vantagens da ilha das COBRAS, nela se instalaram, e Floriano ocupou o Morro de SÃO BENTO, os canhoneou e os repeliu. E mais, parecendo-lhe mais provável o desembarque na região da SAÚDE, vigiou atentamente esse trecho da cidade. Floriano temendo os revoltosos pela mesma frente pela qual penetrara Duguay Trouin, nela se cobriu.

B — Holandesas.  
a — Na BAHIA.

Em guerra com a Espanha, assinou a HOLANDA, em 1609, uma trégua de 12 anos. Um ano antes de expirar a mesma, foi organizada, nessa república, uma companhia com grandes capitais para, com esquadras, pilhar as riquezas espanholas originárias do MÉXICO, PERÚ, e ÍNDIAS, bem assim para assenhorear-se de terras próprias para o comércio.

E daí surgir, por volta de 1621, a Companhia das Índias Ocidentais, à semelhança de uma outra que já obtivera êxito no extremo Oriente.

Sua zoda de ação seria o corredor atlântico, entre a AFRICA e a AMÉRICA, e, de 1623 a 36, armara 800 navios, apresara 500 e dividira a lucros extraordinários.

E 1624 apresentara-se uma grande esquadra com o objetivo de conquistar BAHIA. Compunha-se ela de 23 navios e 3 iates, conduzindo 2 200 soldados e marinheiros e 500 bocas de fogo, sôb o comando do Almirante Jacob Willekens. Era a comandante das tropas e governador da terra a conquistar Joan Von Dorth.

Informes da projetada invasão chegaram, de MADRID e LISBOA, ao conhecimento do governador Diogo de Mendonça Furtado e se espalharam pelos núcleos populacionais brasileiros que cuidaram da defesa. O governador, na BAHIA, chamou às armas os patriotas, organizou novas milícias, guarneceu as fortalezas e conseguiu insuflar o entusiasmo desejável.

O inimigo, porém, não aparecia e pouco a pouco foi desaparecendo o ardor; todos voltaram às lavouras e negócios abandonados; «a paz sufocou o alarido da guerra», os campos voltaram a repovoar-se e a cidade voltou a tranquilizar-se.

De súbito, na manhã de 9 de maio, surgiu na barra a numerosa esquadra inimiga e despejou o fogo de seus canhões sobre a cidade alvoroçada, imbele e desprevenida, que apresentou fraca e inútil defesa, por se acharem fora dos postos ou dispersos seus defensores.

O inimigo, a 10, desembarcou no pontal de SANTO ANTONIO, dominou resistências esparsas sob o terror pânico dos habitantes que fugiam, prendeu o governador no palácio e recolheu-o a uma das náus. No dia imediato, Joan Van Dorth, que chegara atrasado, apossou-se do govêrno, julgando estabelecido seguro o dominio holandês no BRASIL. E seguiu-se o apresamento, no pôrto, de 30 náus carregadas, e de outras que, desconhecedoras dos acontecimentos, foram entrando no mesmo.

Passado, entretanto, o terror e o pânico motivados pela brutalidade da surpresa, foi se organizando, no interior baiano, um Exército para resistir ao invasor que permanecera encurralado na cidade. Enquanto não chegava Matias de Albuquerque — governador de PERNAMBUCO —, designado, por via de sucessão, substituto de Diogo de Mendonça Furtado no govêrno geral, foi escolhido para dirigir e administrar a guerra o bispo D. Marcos Teixeira. Este deu o comando das forças a Lourenço Cavalcanti e Antônio Carlos de Barros, arregimentou 2.000 homens, exortou a coragem dos combatentes, pegou em armas, deu o exemplo e, com ardileza, sitiou a cidade ocupada. Sendo êsse tremendo esforço, porém, superior à sua idade e energias, faleceu no mês de outubro.

Chegara, então, para comandar a ação o Capitão Mór da PARAÍBA Francisco Nunes Marinho, mandado com socorros de PERNAMBUCO por Matias de Albuquerque e, ainda, no fim do ano, o brasileiro D. Francisco de Moura, despachado da EUROPA para assumir o comando das tropas na BAHIA, como de fato assumiu, recebendo-o de Nunes Marinho. E foram criadas as célebres, audazes e eficientes Companhias de Guerrilhas e Emboscadas...

Ao par da situação na BAHIA, organizou o governador es-

panhol a esquadra da restauração sob o comando de D. Fradique de Toledo, que defrontou SALVADOR aos 25 de março de 1625, ligou-se com as forças de terra, reforçou-as com tropas de desembarque, ocupou a barra e completou o sítio da cidade.

Nas hostes adversas a situação não era bôa: a maior parte da esquadra se retirara, perecera a maior parte dos seus melhores e mais experimentados chefes, lavrava a indisciplina e, sobressaltados os flamengos por tão grande perigo, resistiram tão somente um mês, capitulando a 30 de abril, com a entrega da cidade, de toda a atilharia, armas, munições, etc., e a garantia de regresso à HOLANDA.

E a 1.º de maio tremulavam no tópo dos mastros as bandeiras da ESPANHA e PORTUGAL.

Três semanas depois, atrazada pelas tempestades, apareceu, sob o comando de Hendrikszom, uma esquadra de 34 navios trazendo socorros, mas houve por bem não lutar e regressou aos penates.

E somente em 1627 nova esquadra comandada por Piet Heyn voltou a pilhar o porto e recôncavo da BAHIA, afrontando as baterias dos fortes e retirando-se como e quando julgou oportuno.

#### b — Em Pernambuco.

Em 1629, teve conhecimento o govêrno espanhol de que os holandeses pretendiam invadir e conquistar PERNAMBUCO, apetrechando para tal empresa grande esquadra. Matias de Albuquerque, governador de PERNAMBUCO, então na EUROPA, foi despachado para a séde do seu govêrno com o desprezível auxilio de 3 caravelas e 27 soldados.

Efetivamente, a 14 de fevereiro de 1630, grande esquadra com mais de 50 navios, com 1.200 canhões e 7.200 homens, comandada por Loncq, defrontou OLINDA, desembarcou tropas na região de PAU AMARELO, um pouco ao Norte da cidade, e investiram por terra e, não obstante a heróica resistência de Salvador Azevedo com um punhado de soldados, tomaram-na. Fizeram o mesmo, a seguir, com o RECIFE, cujos naturais, por falta de defesa, haviam obstruído a enseada do porto com velhos navios, incendiado os trapiches com depósitos no valor de 4.000.000 de cruzados, por ordem de Matias de Albuquerque, e retirado para o interior, após tenaz resistência.

Como já ocorrera na BAHIA, foram criadas emboscadas e guerrilhas, que se organizaram a meio caminho entre as duas cidades conquistadas, no local que se então, denominou ARRAIAL DE BOM JESUS, ao qual acorreram guerreiros já nototáveis como Luis Barbalho, Lourenço Cavalcanti e outros, iniciando se uma luta que,

com maior ou menor intensidade, duraria 24 anos e expulsaria o invasor flamengo.

Dai, do ARRAIAL DE BOM JESUS, Matias de Albuquerque, embora com poucos recursos, hostilizou intermitentemente o inimigo que foi forçado a abandonar OLINDA, após incendiá-la, e concentrar-se no RÉCIFE, onde ficou circunscrito por dois anos.

Em julho de 1631, com o objetivo de socorrer a colônia, chegou à BAHIA uma esquadra sob o comando de Dom Antônio Oquendo que, em setembro, zarpou com o objetivo de desembarcar reforços em PERNAMBUCO, na região de SANTO AGOSTINHO, o que não realizou por ter a doze, ainda em águas baianas, travado batalha com a esquadra holandesa de Pater, que, apesar da morte deste, resultou indecisa.

Em 1632, a população, sem esperanças e por julgar imprópria a hostilização às autoridades holandesas, em proveito das portuguesas, aceitou, em grande número, o comércio com os flamengos, que julgavam bem intencionados. E Calabar, mameludo disposto, profundo conhecedor da região e dos processos de combate dos patriotas, por temer a sanções por faltas cometidas, bandeirou-se para o inimigo e, então, dilatou-se o domínio batavo com o ataque e vitória fácil sobre a vila de IGARAÇÚ, seguida por repetidos assaltos a localidades, todos igualmente bem sucedidos, com pilhagem e incêndios.

Convém destacar-se a queda do baluarte do RIO FORMOSO, em que Pedro de Albuquerque, com 20 combatentes e 2 velhos canhões, escreveu uma página épica, resistindo a 600 homens até que só ele, mais seu parente Jerônimo de Albuquerque, existiam, feridos e exangues, causando profunda admiração e respeito ao inimigo. Que bravos!

Mais tarde caíram CABEDELO em 1634, e os demais arraiais de emboscada em 1635, do RIO GRANDE DO NORTE a PORTO CALVO e foz do Rio SÃO FRANCISCO.

Desprovido de recursos e de elementos para continuar a resistência, decidiu Matias de Albuquerque retirar de SERINHAEM, apelando para que o acompanhassem os que desejavam ser fiéis à pátria e à religiã.

E, precedido por uma vanguarda de índios e seguido por grande multidão com seus pertences, retirou para o Sul arrostando as privações e perigos de longa marcha, por florestas, em terreno infestado de inimigos até ALAGOAS. Em PORTO CALVO, de onde era natural e se achava Calabar que fôra levando reforços, venceu Matias de Albuquerque numa emboscada, as forças do holandês Picar, que se rendeu, entregando os seus trezentos soldados, mais da metade brasileiros e entre estes Calabar, que expirou no patíbulo o crime de sua infâmia.

Em 1636, Rojas e Borjas, que veio substituir Matias de

Albuquerque, desembarcou em ALAGOAS com 170 homens, travou, contra o parecer de Bagnuolo, um combate em MATA REDONDA, foi derrotado por Artichosfski e faleceu na peleja.

O Conde de Bagnuolo assumiu o comando das tropas restantes e, por deficiência de unidades regulares, voltou ao sistema de guerrilhas, em que se distinguiram e se cobriram de glórias o índio Felipe Camarão, o preto Henrique Dias, o branco Vidal de Negreiros, Dias de Andrade, Sebastião Souto, Rebelinho e outros valentes filhos da gleba invadida e depredada, que levaram a efeito ataques constantes e inquietantes aos holandeses, incursionando até à VÁRZEA, nas proximidades do RECIFE, e mesmo além, até GOIANA e mesmo até à PARAÍBA, de onde regressavam seguidos de milhares de moradores que fugiam ao domínio flamengo, deixando a terra arrasada, o que preocupava sobremaneira o invasor pelos prejuízos causados à lavoura, criação e abastecimentos em geral.

Decorridos sete anos de reação permanente e lutas constantes, os filhos da terra não estavam submetidos ao jugo do invasor, e este não tinha liberdade de locomoção nas terras conquistadas porque nas vilas e engenhos destruídos e nos caminhos, deparava-se com a morte a cada instante, «na ponta de uma flecha ou de uma bala partida de um arco ou mosquete emboscado».

Se tantos anos de lutas praticamente ininterrupta, de destruição, intranquilidade e terror haviam criado uma barreira de incompatibilidades e intolerâncias entre os da terra e os alienígenas conquistadores, era verdade, por outro lado, que por toda parte se manifestava um desejo velado de paz e harmonia que permitissem o retorno ao trabalho e à prosperidade antiga.

E isso ocorreu, aparentemente, com o desembarque do príncipe Maurício de Nassau no ano de 1637, em PERNAMBUCO, onde foi recebido por todos como pacificador. Governando com justiça e moderação, auxiliando o restabelecimento das atividades agrícolas, foram rareando as guerrilhas e Nassau conseguiu pacificar o território até o RIO SÃO FRANCISCO onde fundou, em PENEDO, o forte Maurício, retirando-se Bagnuolo para a BAHIA.

Pelo mar, houve represálias e ataques dos holandeses a SALVADOR e ao recôncavo, sendo repelidos. Foi ocupado o Ceará em 1638.

Em 1639 chegou à BAHIA o Conde da Torre, novo governador geral, que passou o ano em preparativos para atacar o grosso das forças flamengas em PERNAMBUCO. Fazendo seguir para lá, por terra e sucessivamente, os contingentes de D. Felipe de Moura, de Henrique Dias e de Bagnuolo, partiu com a esquadra luso-espanhola em 17 de novembro, desembarcou um contingente em ALAGOAS e prosseguiu para o Norte a 14 de dezembro, batendo-se com a esquadra holandesa, que partiu do RECIFE, sucessivamente em ITA-

MARACA, a 10 de janeiro de 1640, na altura do Cabo BRANCO, a 13, defronte de CABEDELLO, a 14; e, finalmente, na foz do POTENGI, a 17, onde saíram derrotados os luso-espanhóis.

Um contingente de 1.300 homens desembarcado daquela esquadra na baía dos TOUROS, sob o comando de Luiz Barbalho, marchou pelo sertão invio, lutando contra índios e contra tudo, por 2.000 Km. até à BAHIA, ombreando-se com os bravos das Termópilas, e escreveu na história outra página épica.

A êsse contingente de bravos, de passagem por PERNAMBUCO, juntaram-se os de Vidal de Negreiros, Camarão e Henrique Dias.

Em abril dê-se mesmo ano, Nassau tentou novas investidas contra SALVADOR e o Cel. Ko.n contra a região do rio REAL, fracassando tôdas.

Com a noticia da restauração portuguesa, foi, no BRASIL, reconhecido rei de PORTUGAL D. João IV em fevereiro de 1641 e como a HOLANDA fazia guerra à ESPANHA, parecia terminada a luta.

E foi celebrado um ajuste entre PORTUGAL e HOLANDA, em 12 de julho, para suspensão do conflito, devendo cessarem as hostilidades após a sua ratificação, menos quanto ao BRASIL, onde deviam cessar logo.

Procedeu-se, então, ao desarmamento e embarque para a EUROPA de contingentes napolitanos e espanhóis e aguardou-se o embarque dos holandeses.

Nassau, porém, quebrando o ajustado, prosseguiu nas operações e ocupou SERGIPE em setembro e o MARANHÃO em novembro, sob protestos do governador geral marquês de Montalvão.

A deslealdade de Nassau calou fundo no ânimo dos luso-brasileiros, fazendo ruir o prestígio e simpatia que grangeara dos nordestinos, que já também explorados pela ganância dos argentários judeus e cristãos novos do RECIFE, só pensavam na reação e expulsão dos flamengos.

E surgiu providencialmente Vidal de Negreiros arauto da idéia de redenção da Pátria brasileira.

Em setembro de 1642, os maranhenses, reunidos em torno de Muniz Barreto e inflamados por Vidal de Negreiros, rebelaram-se contra os holandeses e, auxiliados pelo PARÁ, bateram as forças do Cel. Henderson e de Jacob Evers em janeiro de 1644, forçando-os à retirada para o CEARÁ e, a seguir, para o RIO GRADNE DO

## NORTE.

Quando essa notícia chegou ao RECIFE, Nassau estava de regresso à HOLANDA, o que fez embarcando na PARAIBA aos 22 de maio de 1644.

Encorajados pela vitória do MARANHÃO e animados por Vidal de Negreiros, a alma do movimento restaurador, formaram os luso-brasileiros, o «grupo dos Independentes», com o compromisso formal de expulsar os holandeses do BRASIL, apesar dos entendimentos, marchas e contra-marchas do governo português que pretendeu atender à pretensão da HOLANDA, deixando-a com a posse da terra.

Entre outros, compunham-no João Fernandes Vieira em PERNAMBUCO, André Vidal de Negreiros na PARAIBA, o governador Teles da Silva na BAHIA.

E as conspirações e preparativos se sucederam ativamente...

Enviando os holandeses ao interior um destacamento com o objetivo de bater o que eles chamavam insurretos, decidiu Antônio Dias Cardoso enfrentá-los, e bateu-os no monte das TABOCAS, próximo da atual VITÓRIA DÊ SANTO ANILÃO. Era o começo do fim.

Para invésir contra OL NDA e RECIFE, os contingentes vitoriosos reuniram-se aos índios de Camarão e Rodela e do preto Henrique Dias, enquanto na BAHIA, Vidal de Negreiros e Soares Moreno organizaram 2 Terços, transportaram-nos por mar, desembarcaram em TAMANDAÉ, ocuparam SERINHAEN a 4 de agosto de 1645 e bateram os defensores da região.

Do monte das TABOCAS, os contingentes reunidos seguiram para incorporarem-se aos de Vidal de Negreiros do CABO, para captura do qual foi destacado Soares Moreno, ao mesmo tempo que o grosso perseguiu os holandeses na direção do RECIFE, alcançando-os no engenho CASA FORTE, onde foram batidos por Vidal e Fernandes Vieira a 17 de agosto, ao mesmo passo que a fortaleza do CABO capitulava para as forças de Soares Moreno reforçadas pelas de Vidal, a 3 de setembro.

E a tempestade se desencadeou por toda a parte e o flamenço foi batido: na PARAIBA a 11 de setembro, em ALAGOAS em 17 e 19 de setembro, em OLINDA a 20 de setembro, no RIO GRANDE DO NORTE e PEARA' em outubro. Os nossos estabeleceram novo ARRAIAL DE BOM JESUS, ou pouco aõ Sul do primeiro, em 1646, donde continuaram o hostilizar os holandeses, novamente circunscritos ao RECIFE.

A partir de 1648 entrou-se na fase decisiva da luta liber-

tadora, depois do fracasso dos flamengos sôbre PENEDO e ilha ITAPARICA.

Teles da Silva foi substituído por Souza Menezes no govêrno geral, e o mestre de campo Barreto de Menezes, com um reforço de 300 homens, foi enviado a PERNAMBUCO, para o comando geral das Fôrças.

A 19 de abril dêsse ano, Barreto de Menezes informado de que fôrças de Van Sckope marchavam para o Sul, precedeu-os nos montes GUARARAPES e bateu-os apòs violenta batalha, graças à bravura já conhecida do Vidal de Negreiros, Camarão e Henrique Dias.

Com essa derrota o flamengo passou a agir com mais prudência em terra, redobrando, porém, o esforço pelo mar, assolando o litoral da BAHIA, sem vantagens.

Procurando fugir ao cêrco do RECIFE, cada vez mais apertado, pensaram os dirigentes adverses em levar, por terra, uma diversão com fôrças contra a BAHIA, e mesmo contra ESPIRITO SANTO.

E, com êsse desideratum, deixaram o RECIFE em 18 de fevereiro de 1649, repiliram pequeno posto da BARRETA e seguiram para o Sul pela estrada que conduz a GUARARAPES.

Barreto de Menezes, informado do fato, seguiu-os e, no fim da jornada, tomou contacto com os ho.andeses nos Montes GUARARAPES, na mesma posição em que se encontravam nossas fôrças em 19 de abril de 1648.

E, supondo que os luso-brasileiros os atacariam, na manhã seguinte, naquela direção, cavaram trincheiras face a N. E. durante toda a noite.

Barreto de Menezes, porém, contornando os montes protegido pela escuridão, apresentou-se pelo S., e o inimigo cuidou da nova frente; não sendo atacado até á tarde, no entanto, decidiu regressar ao RECIFE e, quando abandonava as posições nos montes, foi atacado e vencido pelos patriotas, que alcançaram brilhante vitória.

A partir daí a situação se tornou, dia a dia, mais premente para o invasor que, com a presença da esquadra portuguesa do Almirante Pedro Jacques de Magalhães, perdeu, também, o domínio do mar, e foi levado à capitulação, assinada a 24 de janeiro de 1645 na campina de TABORDA. A 28 entravam nossas fôrças vitoriosas no RECIFE. Estava restaurado PERNAMBUCO!

Cabe aqui divulgar incisivo e justo conceito do atual Ge-

neral Antônio de Souza Júnior.

«A primeira batalha dos GUARARAPES, estudada no quadro de sua época e guardadas as proporções, é um grande acontecimento militar, digno de figurar com realce entre os que deram renome de grandes Capitães a Gustavo Adolfo, Turenne e outros chefes militares do século XVII. Os brasileiros, pela sua admirável intuição da guerra, mostraram-se avançados de mais de um século, em relação aos chefes e as idéias militares contemporâneas». Não parece absurdo concluir que, respeitadas as proporções, óbvio, nas pugnas do RECÔNCAVO aos GUARARAPES encontramos bem nítido um esboço do quadro da guerra moderna».

«Como ocorreu na última guerra, não foi empregada a política da terra devastada, a ação dos guerrilheiros e o princípio da concentração de esforços ?

«A procura de uma batalha decisiva e a idéia de aniquilamento do inimigo, características fundamentais da guerra moderna, não se encontram materializados nas duas batalhas do GUARARAPES ? »

#### 4 — Consequências.

A vitória final contra os invasores, particularmente contra os holandeses, pelas armas dos filhos da terra quase sôzinhos, deu-lhes a consciência do seu próprio valor, a razão primordial de seu auge, de seu amor à terra, ao mesmo tempo que garantiu a unidade política do país, a manutenção da civilização latina íntegra, a unidade da língua e da religião em toda a sua plenitude.

«Reinóis como Barreto de Menezes, ilhéos como Fernandes Vieira, masombos como André Vidal de Negreiros, índios como Felipe Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos, curibocas, mestiços de todos os matizes e de todas as regiões combateram unânimes pela liberdade divina».

«Opera-se uma solda entre todos os elementos étnico; e estava plasmado o espírito nacionalista brasileiro . . . »

«As lutas com os holandeses revelaram o BRASIL a si mesmo; expulsos êsses, os brasileiros deram corpo e alma ao BRASIL». Confirma-o êsse pequeno e significativo trêcho do compromisso de 23 de maio de 1645:

«Nós abaixo assinados, nos conjuramos, e prometemos em serviço da liberdade, não faltar a todo tempo que fôr necessário, com toda a ajuda de fazendas e pessoas, contra qualquer inimigo, EM RESTAURAÇÃO DA NOSSA PÁTRIA» . . . Brotara e se consolidara,

de fato, a nacionalidade e a generosa, forte e brava alma da gente brasileira!...

Fortaleza, 15 de fevereiro de 1956.

#### AUTORES CONSULTADOS:

- Capistrano de Abreu.
- João Ribeiro.
- Brigadeiro Lysias Rodrigues.
- Gen. Tasso Fragoso.
- Maj. Antônio de Souza Júnior.
- Engel Seuter.
- Manoel Diegues Júnior.

---



---

## UM ÊRRO HISTÓRICO

---



---

Os revolucionários do Forte de Copacabana, cujo número a crônica manteve em 18, somavam, na realidade, 28. Eis os seus nomes: 1.ºs tenentes Antônio de Siqueira Campos e Eduardo Gomes, 2.º, ten. Mário Carpenter, 2.º ten. intendente Newton Prado, 1.º mecânico eletricitista José Pinto de Oliveira, auxiliar mecânico Artur Pereira da Silva, cabo Raimundo de Lima Cruz e soldados Manuel Antônio dos Reis, Benedito José do Nascimento, Antônio Camilo de Freitas, José Rodrigues da Silva, José Joaquim da Costa, José Climpio de Oliveira, Manuel Ananias dos Santos, Heitor Ventura da Silva, Pedro Ferreira de Melo, Marcelo Miranda, José Rodrigues Marmeleiro, Hildebrando da Silva Nunes, Francisco Ribeiro de Freitas, Rosendo Cardoso, Alberto Alves da Cunha Machado, Sandoval Alexandre Vicente e os civis Lourival Moreira da Silva, Joaquim Pereira Júnior, Antônio Luciano da Silva, Manuel Felipe da Costa e João Anastácio Falcão de Melo.

«O tenente Siqueira Campos reuniu então os seus companheiros, no total de 28 HOMENS, partiu em 28 pedaços uma bandeira brasileira, entregando um pedaço a cada combatente e, com eles, abandonou o forte, vindo atacar as forças legais na praia.

Em caminho, juntou-se ao grupo o civil Otávio Corrêa, que foi ferido mortalmente em combate, vindo a falecer pouco depois».

—General de Divisão Abilio de Noronha, «Narrando a Verdade», páginas 27, 28 e 29. São Paulo — 1924.

# MOSAICOS LEÃO

Fabricado em distintas e variadas padronagens  
e com material de primeira qualidade

—POR—

**Olavo Caçula Rocha**

Rua Mons. Assis Feitosa, 97

CRATO — CEARA

# Farmácia São José

— DE —

**Alfredo Alencar Filho & Cia. Ltda.**

Mantém grande sortimento de especialidades  
Farmaceuticas, nacionais e estrangeiras,  
vendendo ao público pelos melhores  
preços da praça.

*Rua Bárbara de Alencar, 191*

CRATO — CEARA

# JOÃO BRÍGIDO

Celso Gomes de Matos

Não sei porque a maioria dos homens que deixaram na terra o vestígio de sua passagem, como João Brígido, têm tido uma discutida interpretação sociológica.

Aventurando-me a escrever sôbre tão controvertida figura humana, de início eu me pergunto: teria sido João Brígido um anjo defensor do Bem contra o Mal ou o próprio gênio do Mal ?

Duas vidas, assim penso, ainda não foram biografadas no Ceará—uma é a do Pe. Cícero e a outra é a de João Brígido dos Santos. Muitos fatos a respeito de ambos nos levam a pensar como por exemplo, o do embuste daquele sangue saído da boca pecaminosa da beata Maria de Araújo da ocasião em que a mesma recebia das mãos do Pe. Cícero a hóstia consagrada, De João Brígido, quanto à sua valentia comprovada, se dizem coisas de caráter quase sobrenatural. E por isto, examinados devidamente os dois, resulta que eles não foram anjos nem o demônio, mas simplesmente homens que pela sua sagacidade e inteligência, souberam dominar multidões. Salomão muito perderia, creio, se visto de perto, como Adolf Hitler pelo seu camareiro, Pe. Cícero, nos seus conselhos, possuía segredos à Salomão, e João Brígido, falando de Deus e o mundo e nunca sofrendo nada por isto, encarnava em si mistérios que «la raisou ne cannait pas». João Brígido não era conhecido lá fora, Agripino Grieco dizia que se João Brígido se não tivesse escondido na Província, seria no jornalismo, uma das nossas grandes figuras nacionais. De fato, João Brígido fez época no Ceará. Daí o motivo por que todo o Crato se abalou na noite de 7 de Julho de 1955 e foi ouvir, no salão nobre do Edifício Caixeiral, a palavra de um seu contemporâneo, pessoa da sua intimidade, a qual lhe imitara até a voz—o prof. Raimundo Gomes de Matos. Aqui, no Crato, quando abri os olhos à luz do dia e os ouvidos às vozes do mundo, foi ouvindo contar as proezas de João Brígido. Muitas exatas, mas outras contestáveis.

Por isto, dele gravei na tela do meu subconsciente em plasmagem, mais de um retrato.

E foi de posse tão somente dessas idéias indeléveis, porque da infância, que aventurei fazer este trabalho.

Quatro são os retratos que gravei. O primeiro e o maior de todos: o da sua valentia pessoal. Segundo, o do historiador e sociólogo. No terceiro eu vejo o homem político. E no quarto, o advo-

gado jornalista.

NO JORNAL—Desavindo que esteve de Antônio Bezerra com êste terçava armas em forte e memorável entrevêro jornalístico a propósito de fatos históricos e, conquanto João Brígido não fôsse tão exato quanto Antônio Bezerra, venceu, sem contudo me convencer. João Brígido como jornalista era superior ao autor de «Algumas Origens do Ceará». Disto não há duvida.

Imagino-o com aquêles seus 26 anos a fundar no Crato, o «Araripe» e a lançar no Cariri as primeiras sementes do jornalismo regional. Disse João Climaco, em interessante artigo sôbre João Brígido, que um jornal no Cariri, naquele tempo, só podia ser muito atrasado. E' um engano. O «Araripe» foi superior intelectualmente, segundo o testemunho de Irineu Pinheiro que m'o lia na sua coleção, aos jornais que possuímos agora.

João Brígido, se era valente por um mero acidente do seu caráter indomável, acontece ainda que era o fruto da mentalidade do seu tempo, o que quer dizer, tempo bárbaro.

Naquele tempo, os jornais instilavam puro veneno. Porejavam ódio. Através da ipinosis da imprensa já se sabia matar no sertão. Para dar uma idéia aproximada da bruteza do tempo, vejamos como muito depois ainda escrevia o Pe. Joaquim de Alencar Peixoto a propósito do espólio de José Marrocos em cujo espólio estavam «os panos sagrados» Êstes panos da beata Maria de Araújo foram queimados pelo Monsenhor Joviniano Barreto. Porque o Juiz do Crato, que era o Dr. Raul de Sousa Carvalho, os apreendesse para só entregá-los a um seu herdeiro sobrevivente, o Pe. Peixoto escreveu a seguinte verrina pelo «Rebate», de Juazeiro:

«Turiba sem vergonha, escoria da magistratura cearense, entrega o furto, ladrão!»

O furto eram os panos. E Turiba era Raul. Sendo o juiz homem de baixa estatura, no mato, temos uma abelhinha chamada Turiba, e vem daí o apelido. A linguagem era essa.

Os jornalistas antigos não só rosnavam, se engalfinhavam às vezes como cães enfurecidos. No Crato, ao prof. Penha foi atribuída a autoria de certo artigo que ofendia aos potíticos dominantes. Não era dele o artigo, soube-se depois. No entanto, custou-lhe cara a imputação.

Foi derribado em plena rua e, deitado do cavalo abaixo, esfregaram-lhe um jornal na cara.

Os políticos mais do que isto faziam pela posse do mando.

considerada ainda hoje como uma fonte de riqueza.

O estômago nunca deixou de ser a grande lei da vida.

Pois bem, dêste cubiçável bolo, João Brígido, em virtude de só viver na oposição, não conseguia nenhuma fatia. Era homem de muita coragem pessoal na oposição

Debalde se tem tentado descobrir o segredo desta verdadeira força mágica. Donde vem essa auréola de muito respeito para com certos homens tida erroneamente como mera felicidade? Fico a pensar que o mistério da coragem pessoal é... muito pessoal, tanto do que ataca como do que é atacado. Quando alguém enfrenta sério perigo e não é nunca atacado, costuma o povo dizer: é porque formiga sabe que folha rói. De fato, João Brígido era folha de urtiga.

NA ADVOCACIA — O Dr. Gomes de Matos disse na sua conferência que João Brígido era o advogado dos fracos e citou o caso de Etelvina Roças, desvairada mulher que, desprezada pelo amante, o abatera a tiros de revólver. Mas para mim a sua maior sagacidade se revela no caso de Emiliano Cavalcante. Sabino do Monte que o dissera, se fosse vivo, João Brígido que tinha o intento das raposas velhas, farejou o caso, foi no rastro, mas só desferiu o golpe no momento psicológico. E este caso de um enforcamento misterioso, apesar de muitas provas indiciárias, conseguiu colocá-lo na penumbra. Foi um caso que só não enganou ao grande Juiz de sentença, o Dr. Abner de Vasconcelos.

Agora, vamos ver o quarto retrato de João Brígido.

Este é o menos claro nas suas tintas. Refiro-me às anedotas, às atoardas e boatos.

Dizem que noticiando no seu jornal a chegada em Fortaleza de um seu amigo chamára-o de correligionário e de capitão. Boa patente para o tempo da arrogância da Guarda Nacional, e mais que boa, ótima para quem não era nada. No outro dia, lá vem a «República», órgão do governo, trazendo um protesto do referido matuto, dizendo que amigo sim, mas correligionário não. Não.

Não era correligionário de João Brígido. Volta a «República» e explica o caso. Diz que êle era realmente capitão, mas capitão de cigano com vários chamados à policia por furtos de cavalos. E que se a folha da oposição o tinha chamado de correligionário e amigo o tinha feito com a intenção secreta de provocar-lhe uma surrada pela policia do Acioli. E não fica aí. No meio de uma multidão de casos, verídicos uns, e inventados outros, João Brígido tornou-se o homem do dia. Mas um só caso revelaria tudo quanto às

mutações bruscas da sua índole. E foi o que mais calou no espírito público. É aquele, que quando já velho e cego, ditava para o «Unitário». Dizem que, atacando um seu adversário político, chamára-o de prefeito incapaz, delapidador dos cofres públicos e desonesto, quando sua neta o chamou atenção:

—Vovô êle rompeu com o govêrno e aderiu ao nosso partido.

E é aí que João Brígido, sem mudar o período, continuou:

Isto dizem os seus inimigos: Mas para nós que o conhecemos de perto sabemos que êle é um cidadão probo, prestimoso, honesto etc.

Só êste episódio define o homem que se explodia, como um emotivo que o era, ao mesmo tempo amainava a sua paixão a ponto de tudo perdoar. Sabe-se que o seu amigo de hoje era o seu maior inimigo de amanhã. Do Acioli foi muitas vezes amigo e outras tantas inimigo.

Não sabia guardar ódios. Se viveu em lutas constantes, isto se deve ao imperativo do seu caráter e não à ganância de mando a qualquer preço.

E o homem que nunca adormeceu sem contar mais um inimigo, morreu em paz.

Como disse, são várias as interpretações, apesar de sua vida ter sido um livro aberto. Muito se tem escrito sobre João Brígido. De minha parte, não botei estantes abaixo.

Mas confesso: em todas as notas que apanhei na infância ainda não ví o João Brígido real, feito sem deformações, o João Brígido desconhecido que existirá talvez.

Para êste falta um biógrafo.

### O SEU NASCIMENTO

Nasci capixaba, diz ê'e nas suas memórias, e a 3 de Dezembro de 1829, na vila de S. João da Barra.

O menino devia chamar-se Francisco, como era uso do tempo, em homenagem ao santo do seu dia que era S. Francisco Xavier. Mas, não seguindo a fclhinha, o seu pai, em reunião de família, acertou em lhe dar o nome de seu padrinho João Batista de Castro. Foi alistado cristão na capela de uma fazenda chamada Barra Sêca.

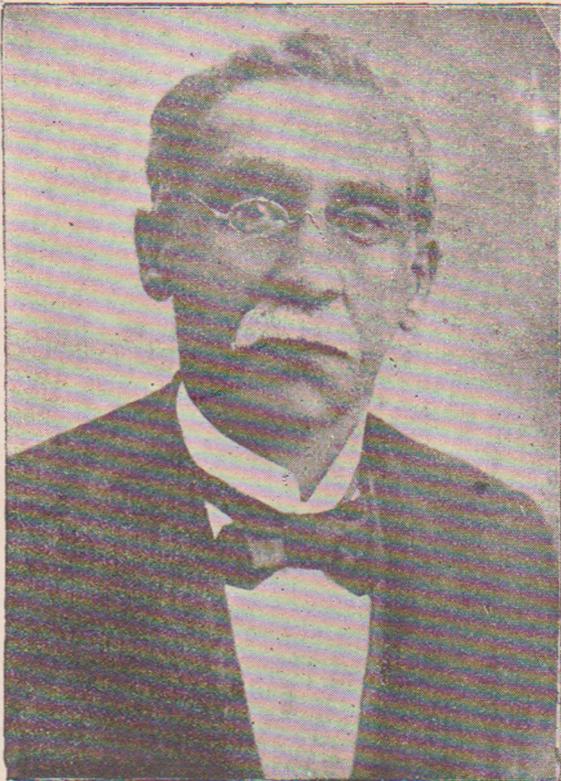
No «Unitário», ao escrever êle as suas memórias que batizou de «OS MEUS ANOS», já contava, completos, 70 anos de idade.

Tendo sido menino terrível e, na idade adulta, o mais destemido dos jornalistas, êle mesmo, contando os tropeços de sua vida, se admira ter vivido tanto. Morreu aos poucos, devagarinho, em agonia que durou três dias, mas, de posse dos seus sentidos, não aceitou nunca a confissão de hora de morte que a família lhe oferecia. Forte até o fim.

Verificado o óbito, teve grande acompanhamento seu entêrro.

E é aí, diante de uma verdadeira consagração pública, que observa Gomes de Matos mais um caso da psicologia das multidões, dizendo que de todos aquêles viventes que levavam o féretro só a dois êle não tinha atacado: eram aos cavalos da carreta.

NOTA: Em 1903, cinquenta e dois anos da fundação do «Araripe», João Brigido lançava em Fortaleza e em oficinas de um pauperismo notável, os fundamentos do «Unitário». Quer dizer, o «Unitário» é seu desde aquela época em que já o escrevia ditando. O tempo, como acontece com os seres humanos, em vez de acabar fê-lo crescer, sendo hoje um dos maiores e mais conceituados jornais de Fortaleza.



|||

Jornalista João Brigido dos Santos, homenageado, em Crato, por ocasião do centenário do «O ARARIPE», dirigido durante 10 anos pela sua magistral pena.

# PERGUNTA

LUIZ SAMPSON

Há uma procura inútil do outro tempo:  
Um triste canto, um riso, um olhar de môça,  
a calma, o brejo, o canavial, silêncio,  
uma inocência que fugiu sem nome  
e o desejo de amar sem ser ninguém.

E êle, que era tão bom e ela, tão pura?  
A morte foi aos poucos semeando  
e aos poucos carregando essa colheita  
gôrda e farta de sêres e de mundos.  
Lá se vai ela convocando a amada,  
os amigos, a estrêla, o côrpo e a alma,  
a rosa, o sonho, a adolescência, o mêdo.  
(Permanente desjém sem fantasia).

Tão facil era imprecuar quanto esquecer.  
Do fim não cogitar: estava longe.  
era impossível, era alucinação.  
Vastos o campo e a estrada. Esta paisagem!  
Passos lentos e calmos, despedidas,  
adeus! Era tão bom dizer adeus  
enquanto ela chorava uma cantiga  
e êle esquecia o tempo e a imensidão.

E isto agora é silêncio, é paz, é amôr  
ou descoberta em vão, desesperada,  
segredando a falência do desejo?  
Não mais benção, nem riso ou despertar,  
num beijo ou puro olhar nas caminhadas,  
nem segrêdo contado, irrefletido,  
nem beleza, nem fim, nem madrugada . . .

Os olhos pesam sem rancôr.

Ninguém.

(Sítio Jacob, 18 de junho de 1955).

---

# Vicente, Esse Desconhecido

---

J. Lindemberg de Aquino

Vicente Rosal Ferreira Leite é positivamente o mais desconhecido dos nossos ilustres conterrâneos. Ninguém lhe lembra o nome. Ninguém lhe conhece a obra. Ninguém o exalta. É esse desconhecimento para com o nosso Vicente é verdadeiramente revoltante. Revoltante, sim, porque Vicente merece ser lembrado, querido e admirado por todos os



*Vicente Leite*

cratenses, pelo muito que fez em benefício do engrandecimento do nome da sua cidade querida. Que dizer de Vicente Leite, o grande Vicente Leite, quando tão pouco é o generoso espaço que me reservam nesta publicação dos intelectuais, quando tão vagos são os meus conhecimentos sobre êle e sua obra, também? Poque eu não pretendo fazer literatura do seu nome. Apenas lembrá-lo aos meus conterrâneos, tentando reparar uma injustiça que se vem fazendo a êle, pois não é justo, a meu modo de ver, que continue esse véu de esquecimento ensombrando a sua figura.

Pois bem, amigos, dir-lhes-ei quem é Vicente Leite. Nasceu êle na Batateira, Distrito Cratense, antigamente chamado Matadouro. Aos 6 de agosto do longinquoano de 1900, filho de pais modestos e obscuros. Seu pai fabricava fo-

gos, que vendia para as festas da cidade. Era o conhecido Felix Fogueteiro, por apelido, mas o seu verdadeiro nome era Felix Ferreira Leite. A senhora sua mãe ainda vive, no Rio. Seu nome — D. Maria Rosal Leite.

Vicente foi sempre um menino pobre, sem recursos, e sentiu desde o início de sua vida a predestinação para a Arte—para a pintura, através da qual retrataria mais tarde a Natureza com a sua beleza infundável e eterna. Desde cedo que começou a pintar, mesmo em papeis e paredes. Depois, jovem ainda, depois de muita luta, viu o seu esforço reconhecido pelo então presidente do Ceará — o sobralense Dr. João Tomé, que lhe concedeu uma pensão para ir se aperfeiçoar no Rio de Janeiro. Ali o ambiente era mais largo, mais propício ao desenvolvimento de sua Arte. Inspiração não lhe faltava. Ele a tinha dentro de si, desde os tempos em que menino tomava banho às margens do Batateira. Tinha a inspiração gloriosa e transmitia em quadros de expressiva beleza, que causavam admiração a todos os que conheciam as suas telas. Especializou-se na paisagem. Era do seu próprio eu, vinha-lhe da sua alma, a lembrança que jamais se apagava da paisagem verde dos canaviais da sua terra, paisagem verde de esperança e de felicidade que ele pouco teve.

«Pintava apaixonadamente, diz Bruno da Menezes, objetivando perfeição dos seus trabalhos nos

minimos detalhes».

No Rio cursou com brilho a Escola Normal de Belas Artes, o marco decisivo para o aperfeiçoamento das suas habilidades de paisagista. Um dos seus mais belos quadros reflete a beleza das praias cearenses, com os coqueirais balançando á brisa marinha. Pouco tempo, porém, passou recebendo a subvenção pequena que o Estado lhe dava. Tal, porém, não abateu o seu ânimo forte de cariense. Enfrentou o revés da sorte com galhardia e coragem. Houve uma vaga na Escola de Belas Artes. A da Cadeira de pôse plástica. A ela ele concorreu galhardamente, impávido, em meio a dezenas de outros candidatos.

O destino lhe foi generoso. Venceu o concurso para aquela Cadeira, obtendo o primeiro lugar! Ai então começou a época mais gloriosa da sua vida. Pintou e ensinou, ao mesmo tempo. Ia se aperfeiçoando, ganhando terreno vantajosamente, ganhando cartaz em todos os círculos artísticos do Rio. Começou então a expôr os seus quadros no Salão Oficial, todos os anos, e foi cada vez se impondo mais pela beleza e pela humana e expressiva poesia das suas telas, de rara suavidade.

Em 1924, o primeiro prêmio—menção honrosa. Em 1926 ganhou a medalha de bronze. A esse prêmio se seguiu em 1929 a medalha de prata. Continuou expondo e pintando paisagens cada vez mais belas. Era um continuo aperfeiçoar. 1935 foi um ano de

sorte para Vicente. Nesse ano êle obteve o prêmio de viagem pelo Brasil. O seu maior sonho. Ai êle se expandiu de fato, deu largas à sua Arte, se embebedou de côres e de paisagens todo o território nacional, comungou com a Natureza, dela retirando quadros inesquecíveis de suprema magia, de coloridos verdadeiramente extasiantes. Dessa sua viagem pelo País em 1935 Vicente Leite trouxe para o Rio, uma imensa bagagem de quadros que tiveram grande aceitação nos meios artisticos.

Veio 1940. O seu quadro ENTARDECER obteve tão tremendo êxito no Salão Oficial que Vicente Leite ganhou o prêmio de viagem ao Exterior. Essa viagem, porém, ele jamais realizaria. O conflito entre as Nações se iniciara há pouco na Europa, ensanguentando a terra Mártir. Não seria aconselhável partir. E êle não partiu. Em 1941 foi membro do júri na exposição daquele ano no Salão Nacional de Belas Artes. Nesse ano ele expôs RIBEIRÃO, Expôs também MINHAS ARVORES e PAISAGEM DO CAMPO BELO; 1941 porém seria o seu último ano de vida. Uma erupção no rosto que lhe havia nascido se desenvolveu, grangrenou, levou-o para um internamento, que seria o último, na Beneficência Portuguesa. Ali, visitado por amigos e familiares, foi se acabando aos poucos, até que veio a expirar na manhã de 15 de outubro. Foi uma consternação geral nos meios artisticos de todo o País. O seu entêrro foi

uma verdadeira consagração, a êle tendo comparecido o que de mais expressivo havia no mundo político, administrativo, social e artístico da Capital Federal.

Quase todos êsses dados que disse aqui foram obtidos através do livro do meu liustre amigo Bruno de Menezes, cratense de boa têmpera, publicado no ano passado.

Bruno é um entusiasta do Crato e das cousas e figuras de nossa terra. Vem publicando uma série de pequenos opúsculos em que dá a conhecer aos seus conterrâneos os vultos mais significativos nascidos no glorioso torrão cearense.

Bruno lançou uma idéia brilhante, no Instituto Cultural do Cariri. Uma idéia que merece ser estudada com mais carinho: o Crato deve erigir um monumento a Vicente Leite, para lembrar a sua figura às novas gerações. Uma idéia louvável, que contou desde logo com o apoio da entidade. Porque lembrar Vicente Leite às futuras gerações é um dever todo nosso, sagrado, do qual não nos devemos descuidar. O brilhante vereador Aluisio Cavalcante apresentou na Câmara Municipal um projeto de lei que dá o nome de Vicente Leite a uma das ruas da cidade.

A meu ver essa homenagem ainda é pouca, se atestarmos para a grande figura que foi o nosso conterrâneo. Já sugeri diversas vezes o dar-se o nome de Viceute Leite ao próspero

Distrito da Batateira, onde ele nasceu, E sugeri tambem que a campanha do seu monumento fosse de fato realizada, para a concretização dessa ideia de Bruno de Menezes. Porque o nosso Vicente Leite merece as homenagens dos seus conterrâneos, injustamente lhe desconhecem a obra e o valor.

Não é justo que esqueçamos a sua figura quando todo o País a tem no coração, quando os seus quadros se arham nas mais ricas mansões nacionais. Vicente, esse desconhecido, é,

em si, um monumento que honraria qualquer cidade que lhe servisse berço. Porque, pintando, transmitindo para as telas nota a beleza que ele sabia ver e descobrir na Natureza, porque, pintando, ele pintava a propria natureza nos seus quadros, porque, pintando, finalmente. Vicente Leito deixava gravado na tela a mais sublime e gaudiosa das mensagens—a mensagem da beleza universal, que o seu espirito iluminado e privilegiado por Deus trazia para a terra, como ofertório glorioso ao povo da sua Pátria

# Posto São Cristovão

—ORLANDINO SILVA—

DEPOSITÁRIO DISTRIBUIDOR DA

ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRASIL

Enderêço Telegráfico:— O R S I L V A

Inscrição N°. 184 — Telefone: 22—33

CRATO — Rua Ratisbona S/N — CEARA

Combustíveis, Lubrificantes, Pneus e Câmaras,

*Peças e Acessórios Ford, Chevrolet e Jeep.*

Gazolina — Oleos — Graxas, etc.

LAVAGEM, LUBRIFICAÇÃO E PULVERIZAÇÃO

—SERVIÇOS EM GERAL—

# MÃE!

Mãe !—monossílabo de raro encanto,  
Tesouro de carícia e de valor,  
Base de suportar tristura e prantos,  
Pálio de luz, de afeto, paz e amor !

Mãe !—cofre perene de desvêlo tanto,  
Sol de imensa bondade e encantador  
E—graças ao amor teu sublime e santo—  
Do ingrato filho asilo acolhedor !

Mãe !—teu ósculo inspira confiança,  
Teu riso é inócuo como o da criança,  
Tua lágrima é pura e divinal.

Mãe !—foi por ti que o amor aos homens veio,  
Tu que dás vida à vida no teu seio,  
Onde um Deus se nutriu por ser mortal !

*Pedro Ferreira*

Ubajara—1955

Do livro inédito—«Ilusões».

**P**or ocasião da chegada do poeta Patativa à capital paraense, houve o seguinte diálogo entre o repentista de Assaré e o escritor José Carvalho:

**JOSÉ CARVALHO:**

«Você, que agora chegou  
Do sertão do Ceará,  
Me diga que tal achou  
Da cidade do Pará?»

**PATATIVA:**

«Quando eu entrei no Pará,  
Achei a terra maior,  
Vivo debaixo de chuva,  
Mas pingando de suor.»

**Nota da Redação :** De fato, em Belém, cidade de calor abrasador, chove pontual e diariamente às 15 horas.

## - Casa Campinense -

— EDSON CASTRO —

Peças FORD, CHEVROLET e JEEP — PNEUS, CÂMARAS, COMBUSTÍVEIS e LUBRIFICANTES.

Teleg. ECASTRO — Fone: 22-99 — Rua Monsenhor Esmeraldo, 162  
CRATO — CEARÁ

*SECÇÕES ESPECIALIZADAS:*

**CASA DAS MOLAS**

Rua Monsenhor Esmeraldo, 157

Molas para veículos de todos os tipos.

**SACARIA CAMPINENSE**

Rua Tristão Gonçalves, 26

Sacos de algodão e de juta para cereais.

# AMIZADES VALIOSAS

MARIA ALAIDE MACÊDO

(Especial para ITAYTERA).

Sou uma apaixonada da Crítica Literária e embora não me considere bastante preparada, ainda, para enfrentá-la, tenho, graças à mesma, adquirido amizades preciosíssimas dentro do mundo intelectual.

Sem falar em J. de Figueirêdo Filho, Pe. Antonio Gomes, Filgueiras Lima e outros cearenses maravilhosos que me têm presenteado com a sua estima, procurarei reportar-me às amizades adquiridas desde que deixei o Ceará, em março de 1952.

Principio pela «Poetisa de Tambaú», CLÉLIA LOPES DE MENDONÇA. Havia eu lido o seu livro de versos — DEVANEIOS — primeiro por ela publicado, quando ainda morava no Recife. E um belo dia fui a João Pessoa especialmente conhecê-la de perto. Do nosso encontro sôbre a areia macia de Tambaú, ouvindo o suave marulhar das ondas tabajaras, nasceu uma grande amizade cuidadosamente cultivada em três anos de correspondência assídua. CLÉLIA acaba de lançar ao público seu segundo livro de versos — CAMINHOS DE SONHOS — em que se revela exímia no soneto clássico, hêrmético e metrificado. Tem em preparo «VITRINE AZUL» e uma autobiografia cujo titulo ainda não escolheu.

Depois foi NANCY GUAHYBA MARTHA, a poetisa de «ANFORA PARTIDA», um dos melhores livros de sonetos escrito por u'a mulher. Depois de ler o seu livro, no Recife, escrevi para o JORNAL DO COMMÉRCIO uma apreciação e por felicidade um recorte foi ter às mãos da poetisa. Recebi uma carta do Rio, agradecendo a crítica favorável e dizendo ser a primeira recebida do interior do Brasil trocámos outras cartas. Quando vim morar no Rio NANCY foi me esperar no GALEÃO. Orientou-me em tudo. Tornou-se minha amiga, confidente, irmã mais velha e conselheira. É uma das amizades que mais prezo e por coisa alguma do mundo gostaria de perdê-la,

Outro paraibano entra no rol das minhas boas amizades intelectuais — JOSÉ LINS DO RÊGO. O querido romancista nordestino, criador incomparável de tipos sertanêjos, autor dos melhores romances da atualidade focalizando os problemas do Nordeste, tornou-se meu amigo através de pequena apreciação que fiz sôbre o seu livro «CANGACEIROS». Telefonou-me uma vez, outras vezes, almoçámos juntos e sempre que nos encontramos temos oportunidade de um bom papo.

FLORENCE BERNARD, cronista da primeira página de O CRUZEIRO, é um tipo à parte. Fiz-lhe um bilhete, depois de ler uma de suas melhores crônicas. Ela me telefonou e nossos espíritos se aproximaram numa comunhão de idéias. Combinámos um chá na «COLOMBO», que ainda não saiu, mas é bem possível que não chegue a esfriar...

Depois desta foi SELENEH DE MEDEIROS, a MAIOR poetisa brasileira da atualidade (e quiçá de todos os tempos). Autora de 6 grandes livros de versos, SELENEH está na liderança da Poesia feminina, pelo menos na opinião dos que têm a capacidade de sentir-lhe o talento inigualável.

De todos os seus livros e que mais me impressionou foi «ALMA CIGANA», coletânea de poemas eróticos bem apropriados à época freudiana que atravessamos. Depois de ler êste livro, que não foi bem recebido pela crítica do grupo moralista, fiquei com vontade de conhecer a poetisa e logo que cheguei ao Rio fui procurá-la no escritório do seu espôso. SELENEH me recebeu cordialmente e desde então ficámos amigas. Algum tempo depois recebi um convite para ir ao seu apartamento em Copacabana e não sei de coisa mais construtiva dentro do meu estágio para ingressar na vida intelectual. Lá estava PLÍNIO TRAVASSOS DOS SANTOS, um dos moiores homens que possuímos dentro do campo cultural.

Conversámos algumas horas e um ano já decorreu desde que iniciámos proveitosa (para mim) troca de cartas. DR. PLÍNIO que é o Fundador e Diretor de um grande museu — o MUSEU MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO — além de poeta e historiador, é conferencista de mérito, conhecido em toda a paulicéia. Passei férias em sua residência, onde me tornei íntima de sua esposa ANINHA e de CLARILSE, sua filha única. De minha estada de 18 dias em sua casa, na «CAPITAL DO CAFÉ» ou «CIDADE DO FUTURO», como chamam Ribeirão Preto, resultaram amizades valiosas para mim.

Uma delas foi a do cronista do «Diário da Manhã», ALVIM BARBOSA. Êste moço ao completar 20 anos de idade foi incumbido de criar uma Página Literária dentro do seu jornal, e tem-se revelado um jornalista inato. Colaborando há um ano para o dito jornal, tendo tido oportunidade de receber muitos números e apreciar os trabalhos do ALVIM. Aliás o nosso amigo também faz poesia moderna, mas é de suas crônicas que eu gosto. Quando estive em Ribeirão pedi-lhe emprestado um arquivo de crônicas e li todos os seus trabalhos numa noite, tendo dormido depois de 3 horas da manhã. A meu ver êle tem grande inclinação para a Crítica Literária, principalmente por ser inteligentíssimo, imparcial e dotado de senso especulativo.

Ainda em Ribeirão Preto conheci D<sup>a</sup>. ZORAIDE FREI-

TAS, professora em S. Paulo. Apaixonada pesquisadora de assuntos industriais, ZORAIDE é notável conferencista e tem em preparo uma grande obra sobre a «História do Ensino Industrial no Brasil. Nunca havia encontrado uma senhora que falasse tão bem. Quando ela terminou sua palestra «FALANDO DE HISTÓRIA» fui cumprimentá-la. No dia seguinte acompanhei-a numa visita ao MUSEU MUNICIPAL e ficámos nos conhecendo bem.

Nova amizade tenho a registrar quando de minha permanência na «CIDADE DO FUTURO». Trata-se de PIROSKA KISZELY, poetisa e pintora impressionista, natural da Hungria. PIROSKA é uma espécie de mãe espiritual que adquiri em minha viagem e quando passei por São Paulo, de regresso ao Rio, fui visitá-la 3 vezes em seu apartamento, à rua Silveira Martins. Um dos seus quadros «Menina-Moça» inspirou-me longa crônica e ela ficou tão emocionada ao ler o meu trabalho, que me presenteou com o dito quadro. Atualmente está empenhada numa exposição de pintura em favor da campanha de BERNADETE XAXIER GOMES. Fomos juntas visitar Bernadete. Dediquei-lhe meu programa de Poesia na Rádio Gazeta e Piroaska ficou tão encantada com a menina de aço, que resolveu expor seus quadros, para ajudá-la na construção do Hospital de Cancer do Recife. Aliás, coisa interessante: PIROSKA, Bernadete e eu somos três apaixonadas da Cidade Mauricea que ainda continúa sendo para nós a MAIS BELA E MELHOR DO MUNDO!...

Mais um personagem importante desejo apresentar aos olhos dos que têm a paciência de me ler. É LAURINDO DE BRITO, poeta de São Paulo, com 8 livros publicados e trabalhos traduzidos até em italiano, como por exemplo o seu maravilhoso «SAO PAULO»! Este poema, bem como o seu livro «CAMINHOS DE MINHA VIDA», já vai alcançando a 8ª edição, o que não é comum quando se trata de um poeta ainda jovem e cheio de vida. Inimigo acérrimo do Modernismo, LAURINDO deixou-me sensibilizada quando antes mesmo de me conhecer pessoalmente, fez questão de que eu me hospedasse em sua casa. É um dos homes que desfrutam de maior prestígio nas letras paulistanas. Sua casa grande, antiga e bem conservada, é uma espécie de Parnaso dos poetas brasileiros e sua esposa e musa inspiradora é pianista de renome.

Ainda em São Paulo conheci três poetas que me receberam cordialmente e com quem estou mantendo correspondência. São eles JUDAS ISGOROGOTA, o poeta lírico o poeta da infância, de quem recebi há pouco preciosa coleção autografada de cinco volumes. Escondido sob um pseudônimo quasi amaldiçoado, JUDAS é uma criatura simples, pura e boa. É pouco trancado, embora nascido em Alagoas e não em São Paulo. Aliás, nem sempre o paulista é «fechado»

como dizem por aí...

PAULO BONFIM valeria uma viagem a MARTE só para ser conhecido. Alto, jovem e bonitão, é uma simpatia contagiante e tem talento para emprestar a muita gente que faz parte da A.B.L. Tem seis livros publicados. É partidário da poesia moderna, absolutamente hermética, metrificada e rimada com ritmo absorvente. Fiquei meio «aluada» depois que li seu último livro. Depois de reler 12 vezes o exemplar que êle me dedicara num almôço de poetas em São Paulo, fiz-lhe uma carta em versos. Trata-se de «TRANSFIGURAÇÃO» livro de 25 sonetos, na minha opinião o MAIOR livro de versos que já li!

FERNANDES SOARES pode e deve ser chamado «CONSUL DA POESIA» em São Paulo. Em seu escritório de advocacia reúnem-se todos os poetas da atualidade para lhe dedicar livros, trocar versos e conversar sobre política.

De sua lira, pelo NATAL, me chegaram versos como estes, numa bela vista da Capital de Anchieta:—

Ó tarde de verão,  
ó rosa do crepúsculo,  
derrama tuas pétalas  
de suave ternura  
sôbre a minha saudade!  
Em todas as roseiras  
ex stem mãos rezando  
preces de eternidade!!!

Depois que a gente conhece São Paulo o Rio perde todo o encanto de cidade dos prazeres e da boemia. Porque São Paulo é realmente a Capital da America do Sul... em tudo!

Aqui no Rio tenho conhecido outros vultos importantes dentro de minhas predileções literárias. De junho a setembro de 1955 estive frequentando um Curso de Crítica Literária na Academia Brasileira de Letras e foi lá que tive ensêjo de conhecer alguns «Imortais». Dentre êsses estão ADELMAË TAVARES que sempre me chama «amiguinha». Enviei-lhe 100 trovas pedindo que mandasse suas impressões. Procurei-o em seguida e tive a satisfação de ouvir de sua boca as palavras mais amáveis e encorajadoras que jamais esperei ouvir. E nunca mais deixei de ir cumprimentá-lo, quando as aulas terminavam e de bater um papo com o «Rei da Trova». Outro que conheci de perto, um sujeito maravilhoso, foi AUSTRAGÉSILO DE ATHAIDE, cronista de «O Cruzeiro», possuidor de uma cultura assombrosa. MANUEL BANDEIRA, o Pai da Poesia Moderna, é outro com quem conversei algumas vezes. Ainda ganhei dêle duas de-

dicatórias, embora não seja muito fan de sua poesia. BANDEIRA está chegando aos 70 e últimamente declinou da mais alta honra que um homem poderia almejar, a de ser Presidente da Academia. O lugar era seu, por direito de quem ocupou no ano anterior o lugar de Secretário Geral. Mas êle preferiu repouso e numa entrevista aos jornais afirmou que vai se aposentar do cargo de Catedrático na Universidade do Brasil. E conclue: «mas da Poesia jamais me aposentarei». Alceu Amoroso Lima, Gustavo Barroso, Cassiano Ricardo, Levy Carneiro e outros conheci ligeiramente, como professores.

Na crônica diária e semanal tenho minhas predileções. É a dupla HENRIQUE PONGETI — ELSIE LESSA a minha favorita. Conheci Elsie pessoalmente há uma semana, quando do lançamento, na Livraria São José, (o Paraíso dos Intelectuais) do seu livro de crônicas — ARMAZÉM DA LUA. Tenho a impressão de que ela ficou exausta de tanto escrever dedicatórias a uma fila enorme de fans que acorreram à Livraria. Quando eu ia saindo com o meu exemplar, dei com LINS DO REGO num canto da casa e lhe disse umas trovas, a respeito da prometida coleção de seus livros, que não veio pelo NATAL, como eu esperava. Fui convidada para um almoço e acredito que pelo menos a resposta virá à minha pergunta sobre quando sairá a coleção.

Noutro cantinho da Livraria, conversando com alguns letrados, estava ENEIDA, a cronista popular dos crimes e casos da atualidade, no Rio e em São Paulo. Eneida foi muito gentil ao me oferecer seu livro «Alguns Personagens».

Mas a minha última conquista preciosa no campo das amizades intelectuais foi HENRIQUE PONGETTI, o «Mestre Pongetti», como o chamam Lins do Rego e todos os que o lêem. Escrevi-lhe uma carta datilografada às pressas no escritório e logo depois fui procurada ao telefone. Gostei de conversar com êle e logo que terminem suas férias em Petrópolis, vamos ter um encontro, para nos conhecermos pessoalmente. PONGETTI tem uma coluna diária no «O GLOBO» e escreve para revistas como «MANCHÊTE», «QUERIDA», etc: Mas é em «O GLOBO» que o leio diariamente. Podem me faltar os cruzeiros do bonde, dos cafézinhos, do cinema e mesmo do almoço, mas os Cr\$ 2,00 do jornal jamais deixariam de ser reservados porque ler os meus cronistas prediletos (PONGETTI, LESSA, REGO e ANTONIO MARIA) é comer o meu pão espiritual de cada dia. E se por um acaso da sorte eu tiver de algum dia deixar o Rio, levarei comigo uma assinatura de «O GLOBO», para qualquer parte do mundo (até mesmo para a LUA) aonde for.



## ALFAIATARIA CARVALHO

DE

Cícero Barbosa de Carvalho



Confecção perfeita de  
roupas para homens.



Da capital cearense ao vasto  
Cariri, só uma ALFAIATARIA se  
impõe pela execução dos  
seus trabalhos.



Rua Dr. João Pessoa, 65  
CRATO-CEARÁ

## CASA ALENCAR

— (FILIAL) —

**M. ALENCAR & Cia.**

Rua Dr. João Pessoa, 106—Telegr. ALENCAR—Crato-Ceará

*Vendas em grosso e a varejo*

Tecidos finos e grossos e seus artefatos.

CHAPÉUS, PERFUMES E BIJOUTERIAS

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

—CASA ALENCAR—

A CASA DOS QUE SABEM COMPRAR

# ISTO É CRATO

Escreve: MOACYR GONDIM LÓSSIO

## Nota Prévia

O presente trabalho é apenas uma singela contribuição ao estudo do Município do Crato, para cuja colaboração não nos animaram pretensões literárias.

Conquanto seja um estudo objetivo, onde avultam o aspecto geográfico e os dados estatísticos, não poderíamos tentar fazê-lo sem uma referência à evolução histórica e social do Município.

Dêsse modo, dividimos o ensaio em quatro partes: A primeira se refere aos acontecimentos sociais e políticos que aqui se desenrolaram; a segunda focaliza o aspecto geográfico do Município; a terceira se apoia na linguagem eloquente dos números e a quarta, finalmente, apresenta aspectos fotográficos.

As duas primeiras partes foram elaboradas com elementos esparsos de diferentes documentos (anuários, monografias, e outras publicações) nos quais podemos constatar divergências de opinião, aliás, comuns em assuntos de tal natureza. Todavia, tivemos o cuidado de selecionar o mais verdadeiro.

Quanto à terceira parte, cuidámos, sobretudo, de atulizar todas as informações obtidas sobre estatística, de modo a proporcionarmos aos estudiosos do assunto, meios que lhes pирmitam, além do conhecimento, confrontar o Município do Crato com os de todo o Estado, principalmente com os da região caririense.

Temos, pois, a satisfação de apresentar dados e fatos positivamente reais. Expomos o Crato na sua verdadeira grandeza, notadamente no seu aspecto cultural moral, material e religioso, pois, somos dos que compreendem que o gráu de adiantamento de uma cidade e de um povo é conhecido, em primeiro lugar, pela sua civilização, levando-se em conta, antes o gráu da sua cultura intelectual e formação moral que sua situação topográfica ou densidade demo-

gráfica.

Enquadrado neste critério, Crato aqui está com uma incontestante hegemonia religiosa, educacional, econômica e social, reafirmando sua justa denominação de METRÓPOLE DO CARIRÍ.

Por último, formulamos nossos agradecimentos às repartições e pessoas gradas, graças às quais podemos colher os dados necessários à efetivação deste trabalho: Prefeitura Municipal, Coletoria Estadual, Coletoria Federal, Cartórios do Registro Civil e Auxiliares da Justiça, Sr. Agente da Estatística, meu Ilustre chefe de repartição, Senhores diretores de Estabelecimentos de Ensino e, finalmente, os Rvmos. vigários locais.

## ASPECTOS HISTÓRICOS

«A história, diz Cicero, é a testemunha dos tempos, mestra da vida, luz da verdade.»

Segundo alguns historiadores, a penetração do território do Crato se deu no século XVII, chefiada pelos irmãos Lobato Lira, que se instalaram às margens do rio «Itaytera», hoje Batateira, onde se encontra encravada a cidade.

Contando com ótima posição geográfica, sobretudo em comparação aos povoados do alto sertão, com terras propícias ao cultivo da cana de açúcar, arroz, milho, feijão etc. indispensáveis à vida do homem, o antigo aldeamento fundado por Frei Carlos Maria de Ferrara, converteu-se rapidamente em povoado próspero, notadamente depois que os abastados Manuel Carneiro da Cunha e Manuel Rodrigues Ariosto requereram para si e seus herdeiros uma data de terras de sesmaria, com seis léguas de extensão e uma para cada lado do rio Salgado. O povoado chamou-se Miranda, Missão do Miranda ou dos Cariris Novos.

O Município foi criado desmembrando-se o seu território do Icó, quando foi elevado à categoria de distrito pela Carta Régia de 6 de Maio de 1758. Somente seis anos depois, foi instalado, isto é, a 21 de junho de 1764. Neste mesmo ano se transformou em Vila sob a denominação de Vila Real do Crato.

A Lei Provincial n.º 623, de 17 de Outubro de 1853, elevou-a à Cidade quando já apresentava franco desenvolvimento comercial e contava com um número de habitantes elevado, maior mesmo do que da própria Icó. Passou a denominar-se simplesmente Crato.

A população cratense participou dos movimentos revolucionários de 1816 e 1824, ambos com raízes no Recife,

Já naquela época, os anseios de liberdade e civismo empolgavam os habitantes do Crato. O Diácono José Martiniano de Alencar, seu irmão Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, José Pereira Filgueira, Inácio Tavares Gondim, Frei Francisco de Santana Pessoa e a potentada fazendeira Bárbara de Alencar, irmã dos dois primeiros, são nomes que povoam a história do Ceará, sobretudo pelo idealismo com que hastiaram a bandeira da República que, embora por oito dias, existiu na Vila do Crato e na de Jardim:

O Município de Crato sofreu sucessivos desmembramentos com a constituição dos de Jardim, Barbalha, Missão Velha, Caririáçu, Juazeiro do Norte. Quixerá, agora Farias Brito, Santana do Cariri etc.

Pela história da formação judiciária, o Município nunca foi termo. Pelo alvará de 27 de junho de 1816, que ordenou passasse a ser cabeça de Comarca do Ceará a Vila de Fortaleza ao em vez de Aquiraz, foi criada a Comarca de Crato, compreendendo os termos dos distritos de Icó, São João do Príncipe, Campo Maior de Quixeramobim, Santo Antônio de Jardim e São Vicente Ferrer de Lavras. Foi seu primeiro Ouvidor José Raimundo do Passo de Porbem Barbosa, empossado a 17 de dezembro de 1817.

A Lei estadual nº 1005, de 4 de junho de 1951 dividiu a comarca em duas Varas — 1ª e 2ª. A 2ª Vara foi solenemente instalada em 5 de julho do mesmo ano.

Foi seu primeiro Juiz Dr. José Jucá Filho e seu 1º Promotor Dr. José Ribeiro Dantas.

Crato, segundo o quadro administrativo vigente, é constituído de cinco distritos: Crato (sêde), Lameiro, Muriti, Santa Fé e Dom Quintino.

## ASPECTOS GEOGRÁFICOS

### POSIÇÃO GEOGRÁFICA:

ASPECTOS FÍSICOS	Área por distrito:
Área: 1.113 km <sup>2</sup> .	CRATO: . . . . 199 km <sup>2</sup>
Altitude: 422 m.	LAMEIRO: . . . . 216 km <sup>2</sup>
Longitude. W. Gr. 39° 08' 21»	MURITI: . . . . 209 km <sup>2</sup>
Latitude: 7° 13' 51».	SANTA FÉ: . . . . 240 km <sup>2</sup>
	DOM QUINTINO: . . . . 249 km <sup>2</sup>
	TOTAL. . . . 1.113 km <sup>2</sup>

Temperatura (C)		
Média das máximas.	. . .	32
Média das mínimas.	. . .	22
Média compensada .	. . .	27

## TA'BUA — INTINERA'RIA:

### Distância do Município à Capital do Estado:

a) Pela Estrada de ferro (R. V. C.)	600 kms. e 633 ms.
b) Em linha reta.	399 kms.
c) Direção: SSO.	

### Distância do Município às Cidades Vizinhas:

a) Crato a Juazeiro do Norte.	13 kms.
b) Crato a Barbalha (via Juazeiro do Norte).	27 kms.
c) Crato a Jardim (via Juazeiro-Barbalha).	69 kms.
d) Crato a Caririaçu (via Juazeiro do Norte).	40 kms.
e) Crato a Farias Brito.	56 kms.
f) Crato a Santana do Cariri.	44 kms.
g) Crato a Exú (Pernambuco).	63 kms.

## ASPECTOS ESTATÍSTICOS

### Preços Médios de Alguns Gêneros Alimentícios no Comércio Varejista

— 31 — XII — 955 (Cr\$/kg):

Açúcar.	. . . . .	8,00
Arroz descascado (tipo médio)	. . . . .	7,50
Banha.	. . . . .	45,00
Batata inglesa.	. . . . .	6,00
Café em pó.	. . . . .	48,00
Carne fresca (sem osso) 1ª qualidade.	. . . . .	35,00
Carne fresca (sem osso) 2ª qualidade.	. . . . .	30,00
Carne de sol.	. . . . .	35,00
Manteiga (enlatada)	. . . . .	84,00
Toucinho salgado.	. . . . .	20,00
Feijão (de corda)	. . . . .	6,50
Farinha de mandioca	. . . . .	2,50
Pão de trigo.	. . . . .	12,00
Galinha ou frango.	. . . . .	40,00
Ovos de galinha (dúzia)	. . . . .	12,00

## SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA — Recenseamento Geral de 1950

Município e Distritos	T O T A I S			POPULAÇÃO PRESENTE					
				Segundo a situação do domicílio					
				Quadro urbano		Quadro suburba		Quadro rural	
	TOTAL	Homens	Mulhers.	Homens.	Mulhers.	Homens	Mulhers.	Homens	Mulhers.
CRATO	46.408	21.612	24 796	2.320	3 382	4.926	6.148	14.366	15.266
Crato	24.786	11.129	13.657	1.915	2.904	4.721	5.924	4.493	4.829
Lameiro	6.244	2.998	3 246	157	183	92	107	2.749	2.956
Muriti	5.746	2.796	2.950	103	129	65	68	2.628	2.753
Santa Fé	6 619	3.223	3.396	28	29	11	11	3.184	3.356
Dom Quintino	3.013	1.466	1.547	171	137	37	37	1.312	1.372

### População Estimada Até 31 — XII — 955:

Município e Distritos	T O T A I S			POPULAÇÃO PRESENTE					
				Segundo a situação do domicílio					
				Quadro urbano		Quadro suburba		Quadro rural	
	TOTAL	Homens	Mulhers	Homens	Mulhers	Homens	Mulhers	Homens	Mulhers
CRATO	57.266	26.591	30.635	2.973	4.346	6.382	7.972	17.236	18.317
Crato	31.291	14 017	17.274	2.489	3.775	6.177	7.705	5.391	5.794
Lameiro	7.490	3.506	3.894	188	219	110	128	2.298	3.547
Muriti	6.892	3 354	3.358	123	154	78	81	3.153	3.303
Santa Fé	7.940	3.866	4.074	33	34	13	13	3.820	4.027
Dom Quintino	3.613	1.758	1.855	140	164	44	45	1.574	1 646

## População da Cidade e das Vilas—Estimativa—31-XII-955

CIDADE E VILAS	POPULAÇÃO PRESENTE				T O T A I S	
	Segundo a situação do domicílio					
	Quadro urbano		Quadro suburba.		Repitição do Nome	Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
CIDADE:						
Crato	2489	3775	6137	7705	Crato	20106
VILAS:						
Lameiro	188	219	110	128	Lameiro	645
Muriti	123	154	78	81	Muriti	436
Santa Fé	33	34	13	13	Santa Fé	93
Dom Quintino	140	164	44	45	Dom Quintino	393

REGISTRO CIVIL:	1955
	Dados numéricos
a) – Casamentos :	
1—Crato	116
2—Lameiro	28

(Continuação)

3—Muriti	19			
4—Santa Fé	13			
5—Dom Quintino	29			
<b>TOTAL</b>	<b>205</b>			
<b>b) — Nascimentos:</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>	<b>Nati-morto</b>	<b>Total</b>
1—Crato	568	469	6	1043
2—Lameiro	105	76	—	181
3—Muriti	24	18	—	42
4—Santa Fé	28	31	—	59
5—Dom Quintino	35	74	—	119
<b>TOTAL</b>	<b>760</b>	<b>668</b>	<b>6</b>	<b>1444</b>
<b>c) — Óbitos :</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>	<b>Total</b>	<b>O a 1 ano</b>
1—Crato	198	193	391	148
2—Lameiro	10	18	28	12
3—Muriti	11	11	24	13
4—Santa Fé	4	2	6	2
5—Dom Quintino	22	37	59	23
<b>TOTAL</b>	<b>285</b>	<b>261</b>	<b>508</b>	<b>198</b>

# DADOS ESTATÍSTICOS DO MUNICÍPIO

Nº. de Ordem	NOME DA DOENÇA
1	Tuberculose do Aparêlho Respiratório
2	Tuberculose, outras formas
3	Febres tifóide e paratifóides
4	Desenterias
5	Difteria
6	Sarampo
7	Tifo e outras doen. causadas por Rickettsia
8	Malária
9	Anemias
10	Meningite
11	Reumatismo articular agudo
12	Doença reumática crônica do coração
13	Doença arteriosclerótica e degenerativa do Coração

# — Óbitos por causa morte

## NÚMERO DE ORDEM DOS DISTRITOS

1	2	3	4	5	Total
8	2	1	1	—	12
3	1	—	—	—	4
14	1	3	—	16	34
1	—	—	—	—	1
1	—	—	—	—	1
3	1	—	—	3	7
1	—	—	—	—	1
1	—	—	—	1	2
1	—	—	—	—	1
1	—	1	1	—	3
1	—	—	—	—	1
6	—	—	—	—	6
14	—	—	—	—	14

14	Outras doenças do coração	20
15	Hipertensão sem menção do coração	7
16	Hipertensão com doença do coração	5
17	Gripe	3
18	Pneumonia	9
19	Bronquite	2
20	Úlcera do estômago e do duodeno	9
21	Apendicite	2
22	Oclusão intestinal e hérnia	1
23	Gastrite, duodenite, enterite e colite	92
24	Cirrose do fígado	12
25	Nefrite e nefrose	20
26	Lesões devido ao parto	3
27	Infecções dos recém-nascidos	10
28	Outras doenças particulares à primeira infância	12
29	Senilidade sem menção de psicose	14
30	Tôdas as outras doenças (Resíduo)	49

1	1	1	3	26
—	—	—	—	7
—	—	—	—	5
1	—	—	—	4
—	—	—	—	9
—	—	—	—	2
—	—	—	—	9
—	—	—	—	2
—	—	—	—	1
10	1	—	11	114
—	—	—	1	13
—	—	—	—	20
1	—	—	—	4
—	—	—	—	10
3	4	6	1	26
—	—	—	—	14
8	4	3	8	72

(Continuação)

31	Acidentes	7	—	—	—	1	8
32	Envenenamento	1	—	—	—	—	1
33	Câncer	6	—	—	—	—	6
34	Debilidade	26	1	—	1	—	28
35	Homicídio	1	—	—	—	—	1
36	Congestão	12	1	1	2	3	19
37	Afogamento	1	—	—	—	—	1
38	Volvo	1	—	—	—	—	1
39	Hemorragia	2	—	—	—	—	2
40	Crise renal	1	—	—	—	—	1
41	Intoxicação	6	—	—	—	—	6
42	Hidropisia	1	—	—	—	—	1
43	Queimadura	1	—	—	—	—	1
44	Asma	—	—	1	—	—	1
45	Verminose	—	1	—	1	—	2
46	Coqueluche	—	—	1	2	2	5
TOTAL GERAL		391	32	18	18	51	509

## Consumo de Energia Elétrica e Preço de KWH:

### DADOS NUMÉRICOS

a) Número de logradouros com iluminação domiciliária	44
b) Número de ligações domiciliárias	1.758
KWH . . . (único)	1.60
Vela mês . . (única)	0,30

### Número de Logradouros Públicos Iluminados:

a) em toda a extensão	38
b) parcialmente dotados de iluminação	12

Número de lâmpadas ou focos	538
Número médio de velas de cada lâmpada ou foco	40

## Abastecimento D'água:

a) — Captação e adução	{	1 — Número de mananciais captados	1
		2 — Capacidade total e captação em m/3 24/horas	1.260
		Extensão total das linhas adut. (mts). Número	6.000 1

b) — Distribuição e abastecimentos:	{	Reservatório:	
		2 Capacidade total (m/3)	420
		3 Extensão total das linhas distribuidoras	3.925

Número de bicas, torneiras e chafarizes	6
Número de prédios abastecidos	1.274
Número de logradouros com canalização total	9
Número de logradouros com canalização parcial	25

## Número de Prédios Existentes na Séde Municipal:

a) Zona urbana	1.896
b) Zona suburbana	3.042
<b>TOTAL:</b>	<u>4.938</u>

O município possui: 1 avenida, 58 ruas, 2 travessas, 8 praças e 3 ladeiras.

## Base Econômica:

Agricultura. (Cana de açúcar, arroz, feijão, milho, farinha de mandioca, algodão e frutas diversas).

### Estabelecimentos Econômicos — Indústria de transformação agrícola:

a) — Engenho de rapadura e aguardente	86
b) — Aviação de fazer farinha de mandioca	189
c) — Indústria de beneficiamento de algodão	5
d) — Indústria de sabão, óleos vegetais e resíduos	2
e) — Indústria tipográfica	5
f) — Indústria de produtos alimentícios	14
g) — Indústria de madeira (serrarias e marcenarias)	13
h) — Indústria de calçados	9
i) — Indústria de bebidas (fabrico de vinhos em geral)	8
j) — Indústria de mozaico	2
k) — Indústria de outras naturezas	29
l) — Indústria de concertos em geral	31
TOTAL:	<u>413</u>

### Estabelecimentos Bancários:

a) — Banco	3
b) — Cooperativa	3

### Comércio:

a) — atacadista	28
b) — varejista	323

### Estabelecimentos Escolares:

a) — Estabelecimentos que ministram ensino primário geral.

1 — Grupos Escolares	3
2 — Escolas Reunidas	2
3 — Escolas Auxiliares	33
4 — Cursos de Alfabetização de Adultos	14
5 — Escolas Municipais	83

6—Escolas Particulares	7
<b>TOTAL</b>	<b>142</b>

### Estabelecimentos que ministram ensino extra-primário

a) — Cólégio	1
b) — Centro de Iniciação Profissional	1
c) — Curso de Datilografia	2
d) — Curso Doméstico	2
e) — Escola Técnica de Comércio	1
f) — Escola de Música	1
g) — Ginásio	1
h) — Seminários	2
i) — Tiro de Guerra	1
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>

### Imprensa:

a) — Jornais	2
b) — Revistas	2

### Rádiodifusão:

Rádio Araripe—ZYH-20—Diários e Rádios Associados.

### Amplificadoras:

a) — Amplificadora Cratense	
b) — Empresa de Propaganda Cariri	

### Associações Esportivas e Culturais:

a) — Esportivas	6
b) — Culturais	16
<b>TOTAL</b>	<b>22</b>

### Assistência a Desvalidos:

a) — Associações de Assistência	5
b) — Estabelecimentos de Assistência	7

### Assistência Médico-Sanitária:

a) — Ambulatórios	2
b) — Casa de Saúde	1
c) — Hospital Geral	1
d) — Hospital Infantil	1
e) — Maternidade	1
f) — Policlínica	1
g) — Posto de Puericultura	1
h) — Lactários	2
i) — Centro de Endemias Rurais	1
j) — Posto Móvel de Tracoma	1
k) — Posto de Saúde	1
l) — Serviço Nacional de Peste	1

### Diversões:

a) — Cinemas	4
b) — Clubes recreativos	4
c) — Parques Infantis	2
d) — Auditórios	3

### Locais Destinados à Prática de Esportes:

a) — Estádio	1
b) — Campos	3
c) — Rinha de Galo	1

### Congregações e Associações Religiosas:

a) — Diocese do Crato	5
b) — Paróquia N. S. da Penha	11
c) — Paróquia São Miguel Arcanjo	7
TOTAL	<u>23</u>

### Associações de Beneficência Mutuária:

1 — Centro Trabalhista do Crato
2 — Circulo Operário do Crato
3 — União Artística Beneficente do Crato
4 — União dos Trabalhadores do Cariri

### Empresas ou Serviços de Transportes:

a) — Rodoviário	7
b) — Ferroviário	1

c) — Aéreo 2

### Cadastro Profissional:

a) — Médicos	20
b) — Dentistas	8
c) — Farmaceuticos	10
d) — Agrônomos	4
e) — Agrimensor	1
f) — Veterinário	1
g) — Advogados	9
h) — Pessoal Técnico de Comunicações	14
i) — Relojoeiros	5
j) — Pessoal de Manutenção e Reparação de Automóveis	8
k) — Protético	1
l) — Parteiras	2
<b>TOTAL</b>	<b>83</b>

### Casa de Pasto:

a) — Hotéis	6
b) — Pensões	8
c) — Bares e Sorveterias	12
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>

O Município possui 784 propriedades agrícolas.

### Fomento da Produção

Serviços existentes 5

### Automóveis e Outros Veículos Rodoviários:

a) — Automóveis comuns (inclusive «jeeps»)	123
b) — Ônibus	22
c) — Camionetas	6
d) — Ambulância	1
e) — Motociclos	51
f) — Caminhões	116
g) — Veículos fechados para transp. de mercad.	2
h) — Camionetas (inclusive as do tipo «jeep»)	5
i) — Veículos para transportes de animais	3
j) — Tratores	3

k) — Bicicletas	119
TOTAL	451

**Vias de Comunicação:**

e) — CORREIOS E TELÉGRAFOS:	
Agência Postal Telegráfica-Telefônica	1
b) — SERVIÇO TELEGRÁFICO DA R. V. C.:	
Estação da Rêde de Viação Cearense	1
c) — EMPRESA TELEFÔNICA	1

**P O L Í T I C A**

**Partidos Políticos Existentes e Registrados:**

- a) — União Democrática Nacional (U.D.N.)
- b) — Partido Social Democrático (P.S.D.)
- c) — Partido Social Progressista (P.S.P.)
- d) — Partido Trabalhista Brasileiro (P.T.B.)
- e) — Partido de Representação Popular (P.R.P.)

**Eleitores:**

a) — Número de inscrições	17.145
b) — Zona eleitoral	27 <sup>a</sup> .
Número de vereadores	11

**Confronto da Arrecadação Municipal, Estadual e Federal no**

**Município no último quinquênio: Cr\$**

ANOS	MUNICIPAL	ESTADUAL	FEDERAL
1951	2.677.371,70	3.751.173,50	1.906.024,90
1952	3.665.946,40	4.424.743,20	2.713.937,00
1953	4.619.715,80	5.613.616,30	2.448.833,80
1954	4.247.978,20	8.291.035,20	2.886.837,70
1955	6.344.183,10	10.534.915,30	3.750.980,30

*As primeiras eleições municipais se realizaram em 1891. Foram os seguintes cidadãos eleitos: Prefeito Municipal ou Intendente — JOSÉ GONÇALVES DA SILVA — Ve-*

readores — ANTONIO FERREIRA LÔBO — *Presidente, Antônio Esmeraldo da Silva — Secretário, Antônio Ferreira de Mélo, José Pinheiro Bezerra de Meneses e Clarindo Rodrigues Costa.*

## Prefeitos do Crato Até a Data Atual:

A começar de 1873, dirigiram a Comuna os seguintes cidadãos:

- 1--José Soares Barbosa
- 2--Francisco Gonçalves Aleixo
- 3--Antônio Luis Alves Pequeno
- 4--João Correia Linhares
- 5--Manuel Felipe Teles
- 6--José Gonçalves da Silva
- 7--Alexandre Gomes Amorim
- 8--Antônio Esmeraldo da Silva
- 9--João Bispo Xavier Sobreira
- 10--José Alves de Figueiredo
- 11--José Belém de Figueiredo
- 12--José Francisco Alves Teixeira
- 13--Antônio Luis Alves Pequeno
- 14--Teodorico Teles de Quental
- 15--Antônio Luis Alves Pequeno
- 16--João Ranulfo Pequeno
- 17--José Alves de Figueiredo
- 18--Dr. Joaquim Fernandes Teles
- 19--João Evangelista Gonçalves
- 20--Dr. Antonio de Alencar Araripe
- 21--Ten. João de Pinho Pereira
- 22--Dr. Jorge Schinorr
- 23--Dr. José Colombo de Scusa
- 24--Dr. Miguel Lima Verde
- 25--Dr. Antônio de Alencar Araripe
- 26--Antonio Pinheiro Gonçalves
- 27--Dr. Antonio Pinheiro
- 28--Filemon Fernandes Teles
- 29--Alexandre Arraes de Alencar
- 30--Dr. Wilson Gonçalves
- 31--Dr. Hermes Paraíba
- 32--José Teúnas Soares
- 33--Álvaro Peixoto de Alencar
- 34--Filemon Fernandes Teles
- 35--Antonio Esmeraldo da Silva

- 36--José Luis de França  
 37--Filemon Fernandes Teles  
 38--José de Alcântara Vilar  
 39--Aldegundes Gomes de Matos  
 40--Dr. Décio Teles Cartaxo  
 41--José Pinheiro Esmeraldo  
 42--Antonio Xenofonte  
 43--Dr. Ossian de Alencar Araripe -- Atual.

### Criação de Distritos:

Crato (sede)	6 de maio de 1758
Lameiro	4 de fevereiro de 1858
Muriti	20 de dezembro de 1938
Santa Fé	20 de dezembro de 1938
Dom Quintino	16 de julho de 1906.

### Criação de Cartórios:

Cartório de Registro Civil (Cumulativo) 1891.

Os demais Cartórios de Registro Civil das 4 Vilas acima aludidas, foram criados num só ano: — 1939.

### Culto Católico:

#### I — DIOCESE DO CRATO:

a)--Bispos	2
b)--Sacerdotes	29
c)--Vigários	28
d)--Vigários Coadjuutores	8

### Histórico

A Diocese do Crato, sufragânea da Arquidiocese de Fortaleza, da qual foi desmembrada, foi criada pela Bula de SS. o Papa Bento XV, «Catholicas Ecclesiac» de 20 de outubro de 1914. Seu primeiro Bispo foi Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, eleito a 10-3-1915. Tomou posse da Diocese em Fortaleza, aos 25-12-1915, falecendo o primeiro Bispo, foi governada pelo Vigário Capitular Mons. Vicente Sôter de Alencar, desde dezembro de 1929 até 10 de janeiro de 1932, quando tomou posse o segundo Bispo Dom Francisco de Assis Pires que graças a Deus, ainda dirige as nossas almas, auxiliado pelo Sr. Dom Vicente de Paula Araújo Matos, cuja posse se deu a 15 de agosto de 1955.

Ao ser desmembrada de Fortaleza, a Diocese contava com 21 Paróquias. O primeiro Bispo elevou êste número para 26, e conta, atualmente, 30 Paróquias.

A Diocese abrange os seguintes Municípios: Acopiara, Asaré, Araripe, Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Campos Sales, Caririáçú, Cedro, Farias Brito, Icó, Iguatú, Jardim, Jucás Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Missão Velha, Mauriti, Milagres, São-boné, Santana do Cariri, Tauá e Várzea Alegre.

## II — Paróquia Do Crato:

- 1) Paróquia de Nossa Senhora da Penha
- 2) Paróquia de São Miguel Arcanjo

## Paróquia de Nossa Senhora da Penha

### 1 — Data da Fundação:

- a) instituição: em Março de 1762.
- b) inauguração: a 4 de Janeiro de 1768.

### 2 — Limites:

- a) AO NORTE: Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Farias Brito, Paróquia de São Pedro de Caririáçú e Paróquia de São Miguel Arcanjo de Crato;
- b) A LESTE: Paróquia de São Miguel Arcanjo de Crato e Paróquia de Santo Antônio de Barbalha;
- c) A OESTE: Paróquia de Senhora Santana de Santana do Cariri;
- d) AO SUL: Paróquia do Menino Jesus de Exú Pernambuco.

NOTA: A Paróquia de N. S. da Conceição de Farias Brito, invade esta Paróquia no distrito de Dom Quintino, apodegando-se dos seguintes sitios: Cachoeira, Caninana, Mulungú e Sanharól e a Paróquia de São Pedro de Caririáçú, no mesmo distrito, invade os sitios Folgado da Onça, Jaburú e Jenipapeiro.

## III — Histórico:

A maioria dos historiadores, contando-se entre êles Barão

de Sturdart, João Brígido e outros, asseveram ter Frei Carlos Maria de Ferrara, fundador a cidade do Crato.

Por isso mesmo Crato pode gloriar-se de ter nascido no zêlo evangélico de um Missionário.

Frei Carlos Maria de Ferrara, Capuchinho do Recife, aqui chegando por volta de 1730, fundou a Missão do Miranda, no Sítio Miranda.

Logo depois, isto é, em 1745, passou-se para uma elevação mais ao Sul, dois quilômetros de distância do seu lugar primitivo, onde construiu uma Igreja de taipa no lugar que hoje se assenta a Sé Catedral.

Chefiou a Missão até o ano de 1570.

A êle sucedeu Frei Joaquim de Veneza (1750-1760) e depois Frei Gil Francisco de Palermo (1760-1764), auxiliado por Frei Luís Lopes de Andrade.

Já em 1745, como ficou dito, estava construída a Igreja da Missão e, em Março de 1762, instituída a Freguesia da Vila do Crato, sob a invocação de NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA. A inauguração, porém, só se fez a 4 de Janeiro de 1768, quando se desmembrou da Freguesia de Missão Velha.

**Números de Habitantes Católicos — estimativa até 31-XII-1955**

a) SÉDE DA PARÓQUIA: (compreendendo mais ou menos dois terços da cidade)

	Homens	Mulheres	Total
	5748	7652	13400
b) Zona RURAL: (*)	<u>9498</u>	<u>10210</u>	<u>19708</u>
Totais	15246	17862	33108

(\*) Zona rural aqui, quer dizer: interior do distrito Crato, o distrito Lameiro, sua respectiva Vila e o Povoado Guaribas, distrito de Santa Fé e sua Vila e o distrito de Dom Quintino, sua respectiva Vila e o Povoado de Ponta da Serra menos os sítios: Cachoeira, Caninana, Mulungú, Sanharól, Folguedo da Onça, Jaburú e Jenipa-peiro, por pertencerem as Paróquias de N. S. da Conceição de Farias Brito e São Pedro de Caririaçú, respectivamente, conforme se conclui da descrição de limites.

### Movimento Religioso Durante o ano: (1955)

1. BATIZADOS	Nascido em 1955	1504
	Nascidos em 1954	120
	Nascidos antes de 1954	21
TOTAL:		1645
2. Crisma		1129
3. Comunhões		193679
4. Casamentos		304
5. Extrema-Unções		187
6. Encomendações		17
7. Procissões		19

A Paróquia possui 11 Associações Religiosas e 9 Escolas Catequéticas, destinadas à primeira Comunhão e perseverança.

## Paróquia de Nossa Senhora da Penha

### — C R A T O —

#### Dados Biográficos dos Vigários:

##### a) GALERIA DOS VIGARIOS:

1) Pe. Manoel Teixeira de Moraes, colado, vindo de São Mateus.

2) Pe. Antônio Lopes de Macedo, interino, pediu «uma porção das rendas de sua Majestade aufficiente para a erecção da Capela-Mor da nova Matriz», onde hoje é a Sé.

3) Pe. Antônio Teixeira de Araújo, também interino. Sobre os primeiros Vigários, não se encontram informações.

4) Pe. Antonio Leite de Oliveira, que tinha jurisdição ainda em 1779.

5) Pe. Manoel Carlos da Silva Saldanha: nascido em 1800, foi Vigário colado, mas sendo «visitador salesiano», se fez substituir frequentemente pelos Padres Manoel Felipe Gonçalves, Pedro Antunes de Alencar, Joaquim Ferreira Lima e outros. Faleceu em setem-

bro de 1841.

6) Pe. Mancel Joaquim do Nascimento, no exercício desde maio de 1838. Colocado por carta de 11 de junho de 1842 e empossado a 31 de julho do mesmo ano. Faleceu a 2 de setembro de 1883.

Pe. Antônio Fernandes Távora: nomeado a 19 de setembro de 1883 e empossado a 14 de outubro. Exonerado a 11 de Janeiro de 1892.

8) Pe. Antônio Alexandrino de Alencar: nomeado a 11 de janeiro e empossado a 14 de fevereiro de 1892. Exonerado a 23 de maio de 1900.

9) Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva: nomeado a 23 de maio e empossado a 10 de junho de 1900, foi eleito Bispo do Crato a 10 de março de 1915.

10) Pedro Esmeraldo Gonçalves: nomeado a 5 de janeiro de 1916 e exonerado a 20 de janeiro de 1917.

11) Pe. Joviniano Barreto: nomeado a 20 e empossado a 21 de janeiro de 1917 e exonerado a 20 de fevereiro de 1919.

12) Pe. Plácido A. de Oliveira: nomeado a 10 de março de 1919 e exonerado a 8 de janeiro de 1921.

13) Pe. Francisco de Assis Feitosa (Mons.): nomeado a 8 de janeiro e empossado a 12 de março 1921. Faleceu a 30 de abril de 1952.

14) Pe. Luís Antônio dos Santos: interino.

15) Pe. Rubens Gondim Lóssio: nomeado a 9 e empossado a 13 de julho de 1952. Ainda em exercício.

a) GALERIA DOS COADJUTORES : (a partir de 1870).

1) Pe. Pedro Ferreira de Melo: nomeado a 27 de janeiro, empossado a 19 de fevereiro de 1871 e exonerado a 5 de novembro de 1872.

2) Pe. Francisco Rodrigues Monteiro. nomeado a 11 de dezembro de 1873, empossado a 2 de fevereiro de 1874 e exonerado a 9 de novembro de 1875.

3) Pe. José Leonardo da Silva: nomeado a 7 de março, empossado a 2 de abril de 1876 e exonerado a 24 de novembro de 1877.

4) Pe. Francisco Rodrigues Monteiro: nomeado a 12, empos-

sado a 30 de março de 1879 e exonerado a 10 de novembro de 1883.

5) Pe. Joaquim Soter de Alencar, nomeado a 12 de fevereiro, empossado a 8 de março de 1885 e exonerado a 29 de março de 1886.

6) Pe. Manoel Felix de Moura: nomeado a 24 de setembro, empossado a 1 de outubro de 1886, exonerado a 11 de abril de 1888.

7) Pe. Joaquim Soter de Alencar: nomeado a 26 de julho, empossado a 21 de agosto de 1892.

8) Pe. Pedro Hermes Monteiro: nomeado a 9 de fevereiro, empossado a 31 de março e exonerado a 3 de setembro de 1894.

9) Pe. Augusto B. de Menezes: nomeado a 4 de dezembro de 1895 e exonerado a 23 de fevereiro de 1897.

10) Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos: nomeado a 2 e empossado a 29 de janeiro de 1899.

11) Pe. Juvenal Colares Maia: nomeado a 28 de dezembro de 1903 e empossado a 4 de janeiro de 1904. Exonerado a 7 de julho de 1908. Vigário de Araripe por alguns meses, volta sendo exonerado a 20 de maio de 1910.

12) Pe. José Alves de Lima: nomeado em janeiro e empossado em fevereiro de 1913. Exonerado em dezembro de 1915.

13) Pe. José Ferreira Lôbo: nomeado em junho de 1916 e exonerado a 13 de fevereiro de 1921.

14) Pe. Manoel Alcantara: nomeado a 8 de março de 1921 e exonerado em junho de 1923.

15) Pe. Pedro Inácio Ribeiro: nomeado a 19 de julho, empossado 19 de agosto de 1928. Exonerado a 30 de novembro de 1929.

16) Pe. João Antonio de Araujo: nomeado em maio de 1932 e exonerado em janeiro de 1933.

17) Pe. Francisco Luna Tavares: nomeado a 9 de julho de 1954 e exonerado a 30 de janeiro de 1953.

18) Pe. Antonio Onofre de Alencar: nomeado a 18 de fevereiro de 1953 ainda em exercício.

## Vocações Fornecidas Pela Paróquia

1--Pe. Cicero Romão Batista

- 2--Pe. Emidio Lemos
- 3--Pe. Alexandrino F. Cerbelon Verdeixa
- 4--Pe. Antônio Beserra de Menezes
- 5--Pe. Bernardino Gomes Leitão
- 6--Pe. Canuto L. Augusto de Lima
- 7--Pe. Francisco Lopes Abath
- 8--Pe. Irineu Lima Verde Soares
- 9--Pe. Joaquim de Alencar Peixoto
- 10--Pe. Monsenhor José Alves de Lima
- 11--Pe. Joaquim Ferreira de Melo (Bispo de Pelotas)
- 12--Pe. José Alves de Macêdo
- 13--Pe. José Ferreira Lima Sucupira (Cônego)
- 14--Pe. Joaquim Ferreira Lima Verde
- 15--Pe. Joaquim Ferreira Lima Seca
- 16--Pe. Juvenal Colares Maia
- 17--Pe. Manoel Carlos da Silva Peixoto
- 18--Mons. Miguel Tavares Campos
- 19--Mons. Pedro Esmeraldo da Silva Gonçalves
- 20--Pe. Pedro Ferreira de Melo
- 21--Pe. Pedro Luis Arnaud
- 22--Pe. Francisco Linhares
- 23--Pe. Arnaldo Melo
- 24--Pe. Anibal de Melo
- 25--Pe. José Honor de Brito
- 26--Pe. Geraldo Vieira

## Paróquia de São Miguel Arcanjo:

### 1 — Data da Fundação:

- a) instituição: 7 de outubro de 1947
- b) inauguração: 19 de novembro de 1947

### 2 — Limites:

- a) A OESTE: Paróquia de N. Senhora da Penha do Crato;
- b) A LESTE: Paróquia de N. S. das Dôres de Juazeiro do Norte e Santo Antônio de Barbalha;
- c) AO NORTE: Paróquia de N. S. da Penha do Crato;
- b) AO SUL: Paróquia de N. S. da Penha do Crato, Paróquia de Santo Antônio de Barbalha e Paróquia do Menino Jesus de Exú-Pernambuco.

**NOTA :** —Esta Paróquia invade a de N. S. das Dôres de Juazeiro do Norte, apoderando-se dos seguintes sítios: São José, Cabo Verde, Leite, Pau Sêco, Sítio Novo, Trapalhada, Logradouro e Mangueiras.

### Historico:

A Paróquia de São Miguel Arcanjo tem sua matriz na Igreja de São Vicente Ferrer.

O templo foi construido pelo Padre Lauro Pita e José Eurico, os quais atenderam ao desejo do Sr. Bispo Dom Francisco de Assis Pires.

Trata-se de um reprodução de antiga igreja erigida na praça Siqueira Campos pela genitora do Rvmo. Padre Pedro Ribeiro da Silva, fundador da Igreja de Nossa Senhora das Dôres do Sítio Taboleiro, atual Juazeiro do Norte.

Cêrca de um terço da população urbana e suburbana pertence a paróquia de São Miguel. É separada da Paróquia de Nossa Senhora da Penha por uma linha divisória que se inicia no rio Grande, segue a rua José de Alencar, atravessa a Praça Siqueira Campos e continua na rua Mons. Assis Feitosa até o fim.

### Número de Habitantes Católicos: Estimativa até 31—XII 1955.

a) Sêde da Paróquia: (compreendendo mais ou menos um terço da cidade).

	Homens	Mulheres	Total
	2.754	3.623	6.377
b) Zona rural: (*)	<u>7.008</u>	<u>9.101</u>	<u>16.109</u>
Totais :	9.762	12.724	22.486

(\*) Zona rural aqui quer dizer: parte do distrito Crato todo o distrito de Muriti e sua respectiva Vila e o povoado de Baixio dos Ferreiros e os sítios São José, Cabo Verde, Leite, Pau Sêco, Sítio Novo, Trapalhada, Logradouro e Mangueiras, da Paróquia de Nossa Senhora das Dôres de Juazeiro do Norte.

**NOTA :** —Exclua-se dos totais acima 21 homens e 40 mulheres da Igreja Protestante Assembléa de Deus e 18 homens e 17 mulheres da Igreja Batista.

## Movimento Religioso: (1955)

1) Batizados	Nascidos em 1955	622
	Nascidos em 1954	197
	Nascidos antes de 1954	<u>129</u>
	TOTAL	948
2) Crismas		381
3) Comunhões		60.782
4) Casamentos		124
5) Extrema-unções		289
6) Encomendações		121
7) Procissões		3

A Paróquia possui 7 Associações Religiosas e 1 escola Catequética destinada a primeira Comunhão e perseverança.

A direção desta Paróquia foi entregue aos Padres da Sagrada Família.

## Galeria dos Vigários:

- 1—Padre Xavier Nierhoff
- 2—Padre Frederico Nierhoff
- 3—Padre Jacó Schhe
- 4—Padre Frederico Nierhoff. (Em exercício)

## Monumentos Históricos da Cidade do Crato:

### Monumento a «Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva»

O Busto é constituído de cimento e ferro, em tamanho ampliado, com pedestal de mármore. Homenagem da Diocese de Crato.

Localização — À Praça da Sé, com a frente voltada para a Sé Catedral coincidindo com a porta principal.

Inscrição — «Homenagem a Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. Primeiro Bispo de Crato e seu grande benfeitor».

Ato inaugural — 12 de setembro de 1935.

Escultor — Agostinho Balmes Odisio — Italiano.

### **Casa Onde Funcionou o Juri Que Condenou à Força «Joaquim Pinto Madeira»**

Edifício tipo colonial, constituído de tijolo e cal, com piso de lage. Possuía uma porta e três janelas, tendo sido reduzido à metade, por medidas urbanísticas, restando-lhe duas portas.

Localização — Praça da Sé, 288, servindo atualmente de residência e mercearia.

### **Cristo Redentor**

Imagem de Cristo constituída de ferro e cimento armado, em tamanho ampliado, assentada sobre uma torre denominada «Coluna da Hora». Sua base é de pedra e cal.

Inscrição — Lado Norte: «Construída em 1938. Sendo Prefeito Alexandre Arraes de Alencar». Lado Sul: «A Prefeitura Municipal Ao Sentimento Católico do Povo do Crato». Lado Oeste: «Agostinho Balmes Odisio — Arquitecto Escultor». Lado Oriental: «Chistus Regnat Vincit Imperat»: «Sêde Benvindo. Nesta Terra Há lugar para tôdas as pessoas de Boa Vontade».

Localização — Centro da praça Dr. Francisco Sá, com a frente voltada para o levante.

Ato inaugural — ~~1940~~ 1938

Iniciativa — Oficial (Govêrno Municipal).

### **Gruta de Lourdes com a Imagem de Nossa Senhora de Lourdes**

Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, esculpida em gesso, com pedestal de alvenaria. Homenagem da Diocese do Crato.

Inscrição — «Maria Concebida sem pecado Rogai por nós que recorremos a Vós».

Localização — Rua Dom Quintino, s/n, ao lado da Capela de Santa Teresa de Jesus».

Ato inaugural — 30 de maio de 1935.

Escultor — Agostinho Balmes Odisio — Italiano.

### **Samaritana**

Monumento de cimento e cal com base de pedra e cal.

Inscrição — «Raimundo Marques, pouco antes do seu trágico desaparecimento, pôs tôda sua alma nesta «Samaritana» que legou a Crato como símbolo da bondade imortal de sua gente. Crato, 21-6-1952».

Localização — Praça Dr. Francisco Sá, lado Poente.

Ato inaugural — 21 de junho de 1952.

Escultor — Raimundo Marques — Cratense.

Iniciativa -- Particular. (Do próprio Autor).

### Oratório de «Nossa Senhora de Fátima»

Imagem de gesso em nicho de mármore.

Inscrição -- Lado Norte: «Homenagem dos Motoristas do Crato». Lado Oeste: «Inaugurada com a presença da Peregrina Mundial. 14-XI-1953». Lado Leste: «Jardim Nossa Senhora do Rosário de Fátima».

Ato inaugural -- 14 de novembro de 1953.

Localização -- Jardim Nossa Senhora de Fátima, entre a Sé Catedral e Casa Paroquial.

Escultor -- Ignora-se.

Construtor do Nicho -- Vicente Marques.

### Obelisco do «Centenário do Crato»

Monumento constituído de um obelisco representado por uma pirâmide de tijolo e cal, com 16 metros de altura. Encerra na sua base uma urna onde foram depositados documentos e objetos alusivos ao ato e à época.

Localização -- Centro do Jardim 3 de maio.

Ato inaugural -- 17 de outubro de 1953.

Iniciativa -- Oficial (Govêrno Municipal).

Construtor -- Vicente Marques -- Cratense.

Inscrição -- Lado Norte: «Jardim e obelisco construídos na administração do Dr. Décio Teles Cartaxo e inaugurados em 17-X-1953». Lado Sul: »Resolução 623. Art. Único: A Vila de Crato fica elevada à categoria de Cidade com a mesma denominação; Revogadas as Leis em contrário. A) Dor. Joaquim Vilella de Castro Tava-

res». Lado Leste: «17 de outubro de 1853. 17 de outubro de 1953». Lado Oeste: «Obelisco comemorativo do Primeiro Centenário de Elevação de Crato a cidade, sendo Presidente da República Dr. Getúlio Vargas, Governador do Estado Dr. Raul Barbosa, Prefeito Municipal Dr. Décio Teles Cartaxo, Deputado Federal Dr. Antônio de Alencar Araripe. Deputados Estaduais Filemon Fernandes Teles e Dr. Wilson Gonçalves. Presidente da Câmara José de Alcântara Vilar. Técnicos: Júlio Saraiva e João Ranulfo Pequeno».

### Imagem de «Nossa Senhora da Assunção»

Imagem de bronze com pedestal de alvenaria.

Inscrição -- Uma placa de bronze com a efigie do Papa Pio XII. «Maria foi elevada aos céus; os anjos se rejubilam, louvam e bendisem ao Senhor! Ave Maria!»

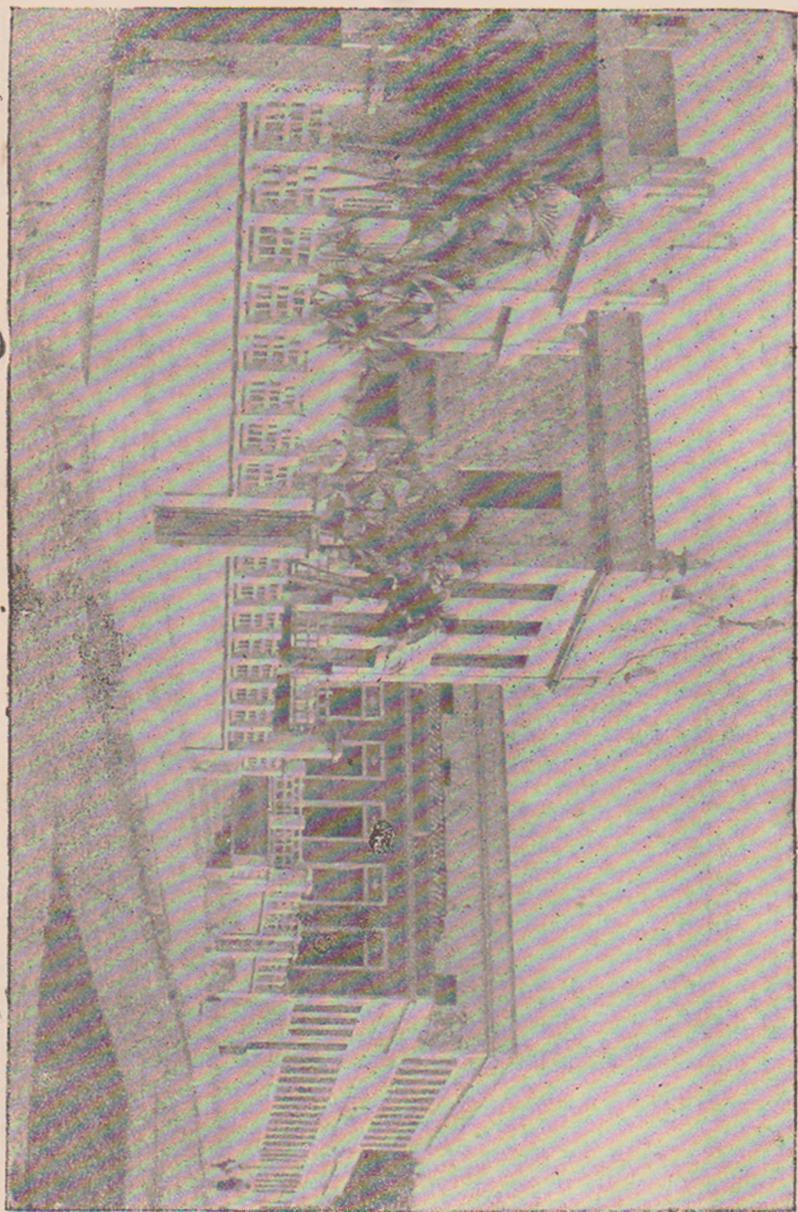
«Pronunciamos, declaramos e definimos ser dógma, revelado por Deus, que A Imaculada Virgem Maria Mãe de Deus, após a sua Vida Terrena, foi elevada em corpo e alma à glória celestial. Papa Pio XII -- Vaticano, I-XI-MCML». A Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus e Rainha Universal, homenagem da Diocese de Crato, celebrando a sua gloriosa assunção e o 1º centenário do dógma da Imaculada Conceição, em 8 de dezembro do ano mariano de MCMLIV. Bispo Diocesano: Dom Francisco de Assis Pires. Cura da Catedral: Pe. Rubens Lóssio».

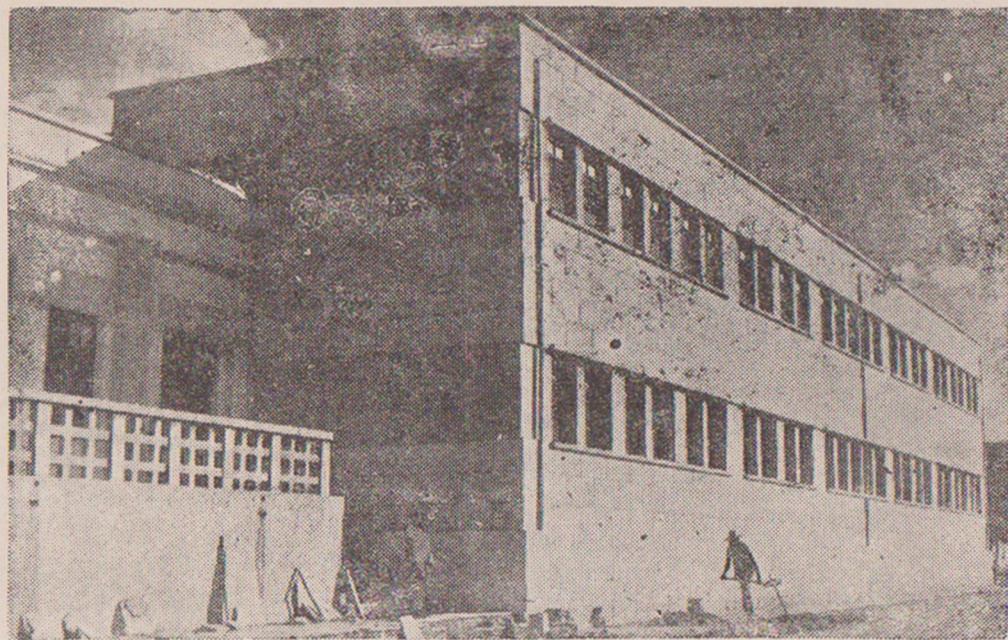
## Administração Atual do Município

Dr. Ossian de Alencar Araripe — Prefeito Municipal	
1--Antônio Xenofonte de Oliveira — Pres. da Câmara	U.D.N.
2--José Luís de França—Secretário	U.D.N.
3--Dr. Derval Peixoto de Alencar	U.D.N.
4--José Pinheiro Esmeraldo	U.D.N.
5--Joaquim de Sousa Brasil	U.D.N.
6--José de Alcântara Vilar	U.D.N.
7--Dr. Aluísio Cavalcanti	P.S.D.
8--Espedito Pinheiro Teles	P.S.D.
9--Antônio Araújo Quezado	P.S.D.
10--Aldegundes Gomes de Matos	P.S.P.
11--Mário Correia de Oliveira	P.T.B.

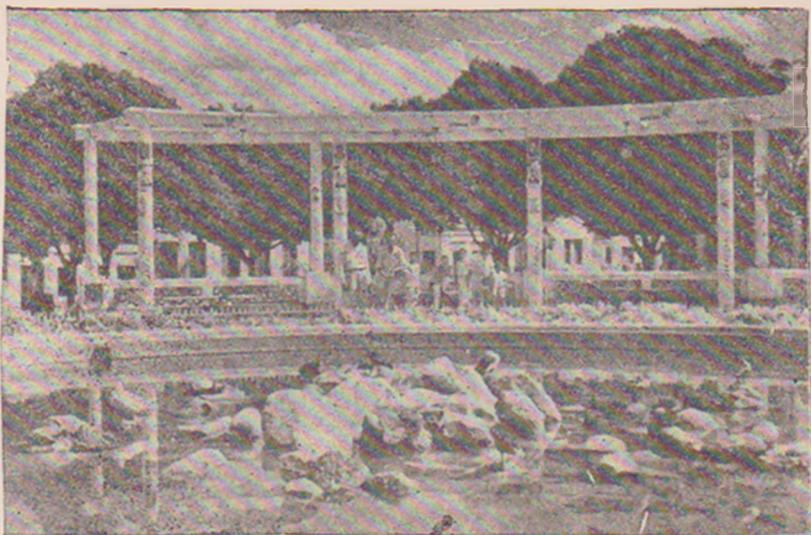
O Prefeito acima referido foi eleito pela coligação U.D.N.—P.T.B.—P.R.P.

Visão magnífica do Ginásio Santa Teresa de Jesus, um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino secundário do Nordeste.

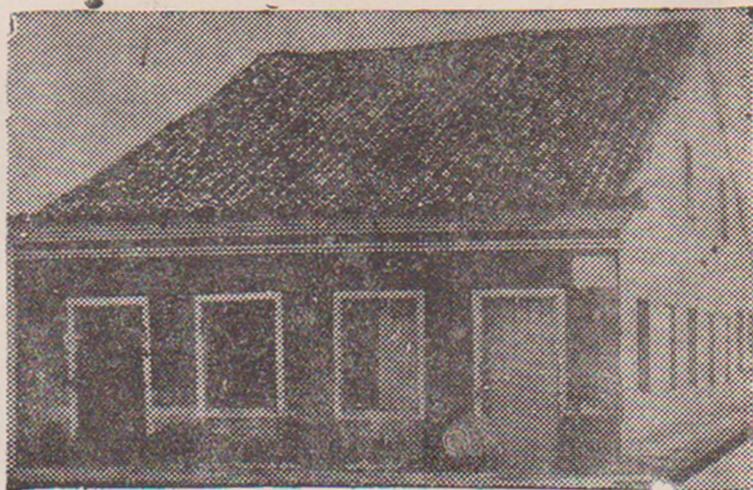




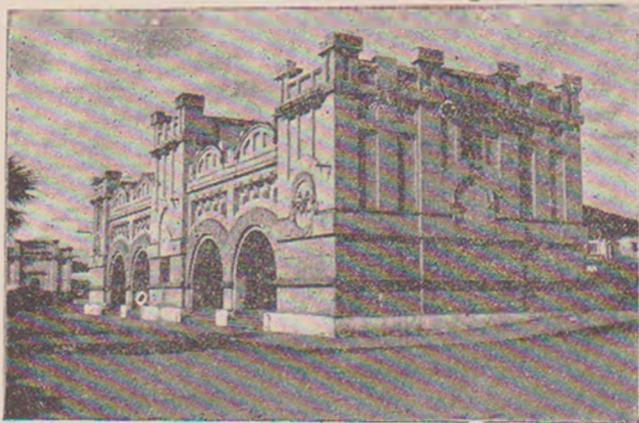
**COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO.** No gênero, um dos mais tradicionais  
Estabelecimentos de Ensino do Nordeste.



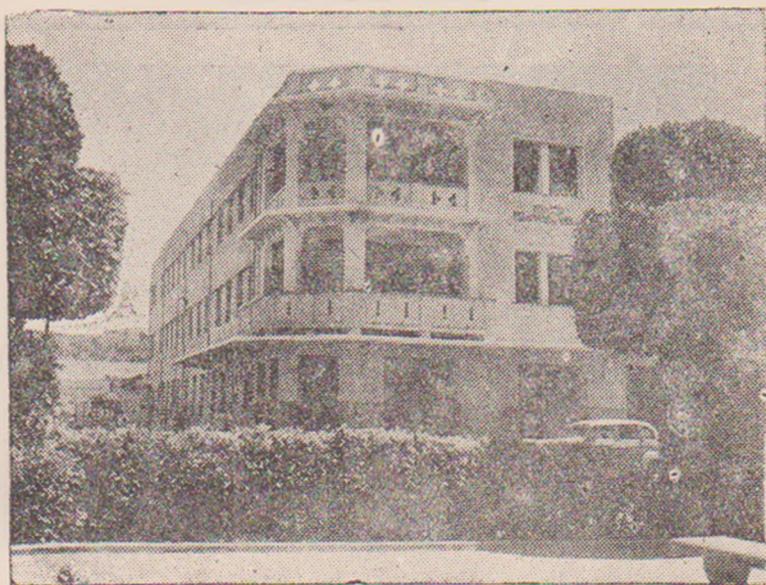
**Jardim Frei Carlos Maria de Ferrara, no local onde teve origem o povoado do Crato. A homenagem ao fundador da Missão do Miranda foi iniciativa do Instituto Cultural do Cariri.**



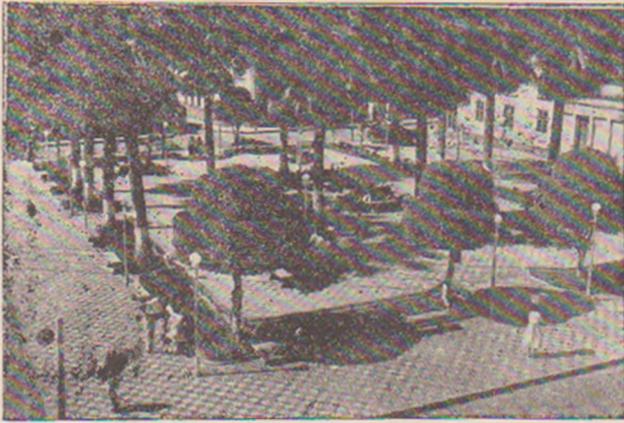
**Casa onde funcionou o júri que condenou à força «JOAQUIM PINTO MADEIRA».**



ESTAÇÃO DA RÉDE DE VIAÇÃO CEARENSE



Edifício do GRANDE-HOTEL



Vista parcial da Praça Siqueira Campos, onde outrora existiu a Igreja de São Vicente Ferrer, referida nos dados sôbre a Paróquia de São Miguel Arcanjo.



Edifício do CRATO—HOTEL



PRAÇA JUAREZ TÁVORA, vendo-se o obelisco comemorativo do centenário da cidade e a nova Igreja de S. Vicente Ferrer, Matriz de São Miguel Arcanjo.

1254



Casa de Saúde Nossa Senhora da Conceição

# Canção de Paí Joaquim

---

Meton Barreto de Moraes

Na minha aldeia natal, aqui, ao pé desta montanha, cousas se passam e ficam plantadas na sua solidão. Não tem de que se tire uma bôa historia para se contar:

Arranaj-se só, um céu claro, finamente azul e lavado; algumas estrelas esquivas—Aldebaran, Pelux—e tantas outras; uma brisa amena de perfume agreste; e o cheiro da terra viril. Mas, isto não bastará para uma historia.

Procuremos, à roda, personagens.

Uma mulher formosa e, um curiboca de atitudes impressionantes, novo, com sangue na face e viveza no olhar.

Arranjemos a historia.

Cuidemos, sem demora, de trazer um violão para o curiboca, e, deixemos que êle cante.

Que bem será vê-lo cruzar as pernas, olhar o céu enlustrado, e, aos primeiros dedilhos, jogar floradas de tons no espaço claro da noite.

E, depois, ouvi-lo desatar a voz potente, e as coplas, uma a uma, cheias de um forte amor contrariado, alcançarem-se na harmonia que a musica langorosa distende.

O langor que apõe na musica, desenha no verso, e tange ao violão, ha de ser o langor desse Brasil caboclo.

A mulher não terá arifício algum.

Na polpa rosea dos seus labios estará um coração humido de juventude e vida. E, no peito, outro, em que se filtra o amor...

Nos olhos andam, reandam, a atração dos abismos. E, no corpo capitoso, as linhas medidas da raça, forjada nos colloquios ribeirinhos à sombra dos peraus sertanejos, à telha vã das senzalas e de alguma mansão patriarcal, com um amor que é Amor.

Ouvindo o curiboca, suspende o croché, mostra os dentes alvos, iguais, ajustados em fila, sob o riso doce e o rebate do coração.

Escuta.

Tem um suspiro. Sente um fremito.

E corre, como se fosse atraída pelo tropeiro.

Ha sutilezas da noite, leveza no luar e o céu parece fundir-se à terra, ao prestígio emocionante da canção.

Ninguém suporta o reclamo amovavel.

Cousas do canto caboclo, puro, afinado ao epinício da serenata chorosa.

É canto tecido com rumor de galhos tenros, com frabelo de palmeiras, com rumorejar de regatos, com cheiro de flor virgem, silvo de cigarra, e harmonia de astros que formam Cruzeiro, e, unem-se em Marias. É canto do Brasil.

O curiboca largou o violão, e a cobocla cobriu-o com um olhar.

—«Ih! que abismo!» disse êle.

Ela sorriu e o coração dos labios abriu-se de repente, para receber o tropeiro.

—«Ih! eu tenho mêdo» voltou o curiboca.

A mulher veio vindo. Tinha o odor das rezinas da terra, e, um garbo que se não diz.

—O Senhor canta que é uma maravilha.

—Gostou?

—São cousas que fatam à alma.

—Melhor do que isso, é a canção que não cantei.

O luar esplendia.

Aqui, na minha aldeia, há sinceridade até nas histórias.

Será que encontrámos, agora, um motivo para tecer um hino à terra?

Não sei.

Posso é dizer, apenas, que reandam por aqui, serestas e amor.

E, tudo tão brasileiro, como a canção que Pai Joaquim cantava para mim.

Brasil cabôclo!...

Eu adoro êsse Brasil cabôclo.

---

---

# ESBOÇO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BREJO SANTO

---

---

OTACÍLIO ANSELMO E SILVA

A exemplo do que ocorre à maioria das localidades sertanejas, a crônica do Município de Brejo Santo é obscura e omissa, sobretudo no que tange ao período anterior à segunda metade do século passado, ou mais precisamente, antes do ano de 1858.

Dois fatores vêm contribuindo para o esquecimento do seu passado histórico: a relativa escassez documental e uma tradição confusa e viciosa.

Todavia, são causas mesológicas, pois vivemos num país cujos estudiosos não são unânimes em afirmar se o mesmo foi descoberto por acaso ou de propósito...

Trata-se, em última análise, de males remotos herdados dos primeiros povoadores, cujo nível de instrução e alfabetização era pouco elevado. Ademais, faltou àquêles o sentido positivamente colonizador da terra descoberta, conforme acentua Vianna Moog.

X X X

É indiscutível que os primitivos habitantes de Brejo Santo pertenciam à numerosa tribo Cariri, que «foi encontrada ocupando uma área não muito extensa, que se estendia do sul do Ceará ao centro da Bahia e do oeste de Pernambuco às quebradas orientais da Borborema». (1)

Também é certo que outras hordas ocupavam pontos daquela área, pois «viviam naquele âmbito, interpostos com os Cariris, tribos gê, tupi, fulniô, taraririú, caraiba e outras de origem ainda não determinadas». (2)

A presença dos Cariris no riacho dos Porcos, admitida pelo mestre Th. Pompeu Sobrinho, está comprovada com os vestígios que as populações indígenas deixaram nas terras úmidas daquele rincão e o testemunho de Milliet de Saint-Adolphe, ao referir-se ao povoado

---

(1) Th. Pompeu Sobrinho, «História do Ceará».

(2) Id., ob. cit.

de Macapá, atual Jati, onde esteve antes do arruamento de Brejo Santo :

«Macapá. Povoação de pouca importancia da provincia do Ceará, no districto da villa de Bom-Jardim, e 5 lagoas d'ella. Está exposta ás incurções dos indios bravos, os quaes, no anno de 1838, arruinarão-lhe os fazendeiros, e os de Carnaúba e de Pajehú». (3)

Ainda mais: sete anos depois da passagem daquele viajor, isto é, em 1845, o pernambucano José Francisco da Silva, bisavô paterno do historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo, por ocasião de sua primeira vinda ao então Brejo dos Santos, deparou-se com uma aldeia de indios na serra do Bom Nome enquanto realizava uma caçada. Conforme esclarece o Pe. Gomes, seu bisavô escapou da agressividade dos selvagens pela intervenção de um índio manso com o qual já havia mantido relações de amizade.

### X X X

Não se pode determinar a época exata do aparecimento do homem branco nas terras de Brejo Santo. Entretanto, provado como está que o riacho dos Porcos foi o caminho dos bandeirantes que descobriram o Cariri, movidos ou não pela cobiça da terra, o fato verificou-se depois de 1650. E se são verdadeiras as conclusões a que chegou João Brígido, que situa a chegada dos exploradores baianos ao Cariri entre 1660 e 1680, é evidente que o chamado homem civilizado pisou os massapês de Brejo Santo à mesma época, logicamente antes de atingir o âmago da região caririense.

Realmente, as primeiras terras do Cariri concedidas em datas de Sesmarias, conforme documentos oficiais, foram demarcadas na bacia do riacho dos Porcos, no decênio de 1680—1690. (4)

Eis uma lista dos sesmeiros que obtiveram terras em 1688 na referida região: Bento Correia de Lima, Simão Correia de Lima, Francisco Pereira, Maria Fialho, João de Barros Pereira, Da. Júlia Fialho, José Correia Lima, Maria da Conceição Pachêco e Sebastião Pachêco. (5)

Nenhum destes porém, como se vê nos referidos documentos, ocupou sua terra no tempo determinado. Novos pedidos foram feitos em 1703, quando se efetivou a posse das datas cedidas. Assim ocorreu com os capitães Bento Correia Lima e João Dantas Aranha, cujas datas de Sesmarias lhes foram concedidas aos 21 de março de

(3) Milliet de Saint-Adolphe, «Diccionario Geographico, Topographico e Histórico do Império do Brazil», T. II, pág. 6, 1845 — Paris.

(4) «Datas de Sesmarias», Vol. 10 — Fortaleza-Ceará.

(5) Id:

1703. Bento e Aranha residiam em Goiana, Pernambuco. O escritor João Brígido, sem designar data, aponta Bento Correia Lima como primeiro povoador «no riacho dos Porcos». (6)

É estranhável que o historiador Irineu Pinheiro não tenha feito referências a êsses fatos no seu livro «O Cariri», em cuja página 13, apoiado em Antônio Bezerra, atribui o descobrimento do Cariri em 1702.

Verifica-se, pelo exposto, que as terras de Brejo Santo ocupam o primeiro lugar na descoberta e parcial povoamento do Cariri.

Tudo indica porém que a área daquele atual Município foi apenas e por muito tempo, um trecho do itinerário dos povoadores desta região.

É curioso que as terras paradisíacas que caracterizam aquela próspera cidade não tenham despertado o interesse dos precursores da colonização caririense. Por mais estranho que pareça, suas numerosas fontes inexauríveis, ao contrário do que se observa no desenvolvimento doutras regiões, não determinaram, de início, a formação de um grupo populacional.

Na realidade, o antigo sitio Brejo ficou à margem do povoamento do Cariri, na simples condição de zona de currais e ponto de passagem obrigatória dos que se dirigiam à famosa região caririense, cujas vias de acesso (caminhos), partindo «da antiga fazenda Vila-Bela, hoje Serra Talhada, e da povoação de Cabrobó, localidades pernambucanas, convergiam e se fundiam nas alturas de Jati (outrora Macapá), passando, o primeiro, por Belmonte, hoje Maniçobal (7), e o segundo, por Salgueiro. Dêsse ponto de fusão, rumava-se para Jardim e terra dos atuais municípios de Porteiras, Brejo Santo, Milagres, Mauriti e Missão Velha. Eram as estradas Vila-Bela—Cariri e Cabrobó—Cariri». (8)

X X X

Outro ponto obscuro da crônica de Brejo Santo é o que se refere ao início do seu povoamento.

Três indagações devem ser formuladas a respeito:

Quem, Quando e Onde.

(6) João Brígido, «Ceará — Homens e Fatos», pág. 74.

(7) Há pouco, Maniçobal passou a denominar-se São José do Belmonte.

(8) Pe. Antônio Gomes de Araújo, «A Bahia nas Raizes do Cariri», em «Itay-tera», n.º 1, pág. 3.

Em tórno de quem teria sido o primeiro habitante de Brejo Santo subsiste uma tradição oral e escrita com mais de dois séculos, segundo a qual, foi D. Maria Barbosa a primeira proprietária de terras naquelas plagas.

Figura de lenda, Maria Barbosa é apontada como baiana, viúva, mãe de dois filhos varões, dona de fazendas em Porteiras e residente na Bahia. Dali nunca saíra, ao que se diz. Sua fazenda Brejo seria gerida por um dos filhos. A própria tradição é omissa nesta particularidade.

Embora não existam documentos que atestem a veracidade da tradição oral, o nome da discutida fazendeira ficou vinculado à terra. De fato, «Brejo da Barbosa» foi o nome que substituiu «Fazenda Brejo» (ou «Sítio Brejo») e precedeu o topônimo Brejo dos Santos, penúltima denominação do atual Município.

Não é vaga, portanto, a denominação Brejo da Barbosa, cujo nome está autenticado na sesmaria pela qual o alagoano ten.-cel. Antônio Mendes Lobato e Lira adquiriu terras naquela região, aos 28 de janeiro de 1714. (9)

Para corroborarem esta assertiva, aqui estão informações elucidativas colhidas pelo autor no arquivo do historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo:

1. Numa escritura de compra e venda, em que «NICODEMOS, LINS & CIA.», adquiriram uma serventia d'água do sítio Brejo, que fôra outrora de Maria Rita e, por esta, herdada de seus pais Pedro Escobar e Rita Pereira Lima, filha de João Pereira Lima, lê-se «Brejo da Barbosa». O certificado de escritura dos posseiros Limas, foi requerido no Cartório de Jardim, em 1909. Tudo consta do inventário de João Pereira Lima, existente no referido cartório, sendo tabelião Lúcio de Sá Barreto.

2. A denominação «Brejo da Barbosa» está mencionada em onze escrituras de compra e venda a favor de José Jacinto de Araújo, atual proprietário do Sítio Nasçença.

É admirável que o famoso panfletário João Brígido tenha se esquivado de comentar a tradição que afirma ter sido Maria Barbosa a pioneira do senhorio da fazenda «Brejo», pois no seu livro (ob. cit.), ao enumerar as terras que os Lobatos possuíam no Cariri, cita o «Brejo da Barbosa». (10)

(9) Pe. Antônio Gomes de Araújo, «Um Civilizador do Cariri», pág. 6.

(10) Aliás, há um equívoco na denominação do sítio, possivelmente do compositor tipográfico, pois «Brejo do Barbosa» é o que ali está escrito.

É provável que a velha crônica sôbre a viúva baiana tenha sido deturpada pelas gerações passadas. Jamais, porém, foi inventada.

O que está difinitivamente fora de dúvida é a existência de um posseiro anterior ao ten.-cel. Antônio Mendes Lobato e Lira nas terras adquiridas pelo mesmo, isto é, no «Brejo da Barbosa», cujo proprietário outro não seria senão a viúva Maria Barbosa de que fala a tradição.

Portanto, até que provas dumentais digam o contrário, a primeira proprietária de terras no atual Município de Brejo Santo foi a viúva baiana Maria Barbosa.

De acôrdo com a tradição, Maria Barbosa nunca residiu na sua fazenda Brejo. Tendo dois filhos varões, é claro que pelo menos um dêles tenha vindo ao Brejo quando da aquisição da propriedade, ou, porventura, ali tenha residido nos primeiros tempos.

Dêsse modo, não se pode apontar o primeiro indivíduo que habitou a região, que poderia ter sido um feitor da fazenda em aprêço.

### X X X

A tradição não menciona a época em que se acostou àquelas terras o seu primeiro habitante. Sendo absolutamente certo que o fato aconteceu antes de 1714, atribui-se que o evento se verificou no limiar do século XVIII.

Quanto à última indagação, é historicamente certo que o povoamento de Brejo Santo começou simultaneamente no atual sítio Nascimento e na região do Poço, que é um novo distrito da Comuna.

O Poço, por motivo de ordem geográfica, não se desenvolveu. O estabelecimento da estrada dos boiadeiros, que partindo de Vela Bela para o Cariri passava no pátio da fazenda Nascimento, distanciou-o da nova rota dos povoadores da região caririense.

Num documento muito antigo figura o nome de um dos primeiros barões feudais, cujos domínios se estendiam àquelas paragens.

Trata-se do testamento de Matias de Lima Taveira, lavrado no sítio «Tabocas», aos 17 dias do mês de agosto de 1750, pelo qual se vê que o testador possuía terras no «Poço», «Canna Braba» e «Canna Brabinha». (11)

Outro opulento possuidor de terras no Poço, depois de Ta-

---

(11) «Testamento do capitão Matias de Lima Taveira, 1750». Cartório de Noêmi Jácome de Carvalho, Missão Velha-Ceará.

veira, foi o capitão Bartolomeu Martins de Morais, cidadão português, casado com Ana Maria Ferreira, tronco dos Martins de Morais. Suas fazendas de gado vacum e cavalari estavam situadas no Poço, Porteiras, Pilar e Riachão.

Lógicamente, ao antigo Brejo da Barbosa estava reservado o papel de embrião social da atual cidade de Brejo Santo.

«Evidenciemos esta verdade histórica com o que publicou Joaquim Amaro:

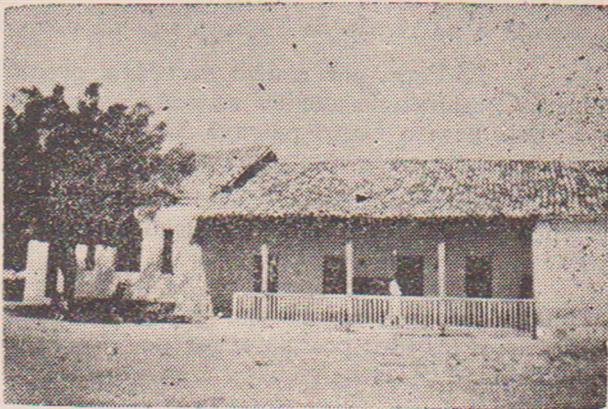
«Ao sudoeste da actual villa do municipio de Brejo dos Santos, sita no extremo sudeste do Estado do Ceará, estende-se uma faixa de terreno pantanoso que forma uma ilha em meio daquele sertão adusto. Este oasis de entranhas proliferas alimenta-se de fontes riquissimas que nascem ao pé duma serra rochosa e pouco elevada.

Paralelos á ella, caminham os brejaes e as nascenças, numa extensão de quinhentos metros.

A ultima fonte, a contar do oriente para o occidente, é a maior pela abundancia extraordinaria d'agua que fornece. A nascença é o seu nome, o qual ampliou-se mais tarde á fazenda e sitio existentes nas suas adjacencias.

Ali se estabeleceram os primeiros habitantes que deviam povoar aquella nesga do territorio cearense.

.....  
A casa da «Nas-  
cença». Esta ca-  
sa de fachada es-  
cura foi o ponto  
inicial do povoa-  
mento de Brejo  
Santo.



.....  
Como testemunha secular deste facto historico, lá se vê exprimida entre dois casarões construidos depois, uma grande casa de taipa, de solidez admiravel. Foi a primeira casa que se levantou no mu-

nicípio de Brejo dos Santos e que abrigou os seus primeiros povoadores » (12)

## X X X

Com o falecimento de Maria Barbosa, a fazenda Brejo foi dividida em duas porções das quais se constituíram herdeiros os dois filhos varões da extinta.

Um dêes, Francisco Pereira Lima, herdou a data do Brejo, a começar da Cacimbinha para Leste em linha N.—S. extremado-se a Oeste com a data da Nascimento, que tocou ao irmão, cujo nome está olvidado.

O irmão de Francisco não se estabeleceu no chão herdado, para o qual constituiu feitor na pessoa de Gonçalo de Oliveira Rocha, que acabou comprando a fazenda administrada.

Francisco, porém, ocupou seus domínios. Sua presença ali, em 1763, está assinalada pela crônica eclesiástica, pela qual se vê que nascera em Pambú, depois Bom Conselho, no NE. baiano.

Radicando-se definitivamente na fazenda Brejo, Francisco Pereira Lima contraiu núpcias com a cariense Teodora Maria da Conceição. Do consórcio nasceram vários filhos, aos quais foi legada a fazenda, inteiriça.

Teodora, que sobreviveu ao marido, constituiu procuradores no Cartório desta cidade do Crato, em 4 de julho de 1785. O instrumento de procuração diz que ela residia «na sua Fazenda Brejo deste Termo».

Quanto ao proprietário da fazenda «Nascimento», tenente Gonçalo de Oliveira Rocha, o seu nome aparece na mesma crônica eclesiástica no ano de 1748, precisamente no dia 20 de maio. Era alagoano, casado em segundas núpcias com Joana Martins de Moraes e faleceu no dia 20 de agosto de 1799, com 96 anos de idade.

Desaparecido o tenente Gonçalo, seu filho e homônimo capitão Gonçalo de Oliveira Rocha (que a tradição corrompeu para Lopes) herdou a fazenda «Nascimento».

Aos 10 de novembro de 1806, de acordo com a referida crônica eclesiástica, o capitão Gonçalo de Oliveira Rocha contraía matrimônio com Joana Maria das Virgens ou Joana Pereira Filgueira, filha legítima de Inácio dos Santos de Oliveira Brito e de Francisca

---

(12) Joaquim Amaro, «Historia do Banditismo da família Santos Chicote», pág. 75, 1928 — Recife.

Teodora da Conceição ou Francisca Pereira Filgueira, irmã do capitão-mór José Pereira Filgueira.

Do capitão Gonçalo nasceram nove filhos: Pedro, Francisco, Davi, João, Manuel, Cosmo, Antônio, Joaquim e Ana Inácio de Oliveira Santos. (13)

Evidentemente, esta foi a fase embrionária da futura comunidade, durante a qual, com o advento dos Santos, surgiu o topônimo Brejo dos Santos. (14)

A tradição é pouco elucidativa sobre os fatos daquela época, com exceção da crônica criminal dos Santos da qual se ocuparam João Brígido e Joaquim Amaro.

A fazenda Nascimento pertenceu aos Santos até 1850, data em que foi adquirida pelo coronel Simplicio Pereira da Silva. A presença do célebre caudilho do Pajeú em Brejo dos Santos, é palpável até o ano de 1858, quando levou à pia batismal sua filha Maria. (15)

Depois de Simplicio, a «Nascimento» passou, sucessivamente, às mãos de João Alves Biró, Manuel Inácio Medeiros, Antônio Leite Rabelo da Cunha, Raimundo Tavares de Souza, Basilio Gomes da Silva e José Jacinto de Araújo, seu atual proprietário,

- (13) Os dados genealógicos contidos no presente trabalho, foram colhidos, na sua maioria absoluta, no arquivo do abalizado historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo.
- (14) A denominação atual do Município—Brejo Santo—é inadequada, e n originalidade e atentatória à tradição secular da terra. Brejo Santo é uma designação inexpressiva, incorreta e sem fundamento, pois ali jamais houve santo, nem mesmo milagres à moda Maria de Araújo, fiel executora dos processos químicos do professor José Marrocos tão brilhantemente analisados pelo Rev. Pe. Antônio Gomes de Araújo nesta edição de «Itaytera». Este sacerdote, em palestra com o autor, emitiu o seguinte juízo sobre o assunto: «Opino, pessoalmente, que a denominação «dos Santos» e «Santo» não se justificam. A primeira funda-se: a) no número — circunstância psicologicamente impressionante — dos irmãos Santos; b) na truculência dos mesmos, inédita na crônica do crime de Brejo, e só igualada à de seu descendente Chico Chicote. A atuação dos irmãos Oliveira Santos, tomados no conjunto, foi negativa no processo da evolução de Brejo Santo». Um belo conceito, não há dúvida. Entretanto, o autor está pelo restabelecimento do antigo nome BREJO DOS SANTOS, nome consagrado por cerca de cinco gerações e varrido da linguagem soberana do povo por um decreto—lei estadual, num regime de camisa—de—fôrça, que foi o chamado Estado Novo. Julga o autor que, sendo o topônimo uma síntese da origem histórica, nada mais justo do que a preservação da originalidade da velha denominação «Brejo dos Santos». De resto, a tradição criou e ainda conserva nomes como «Emboscadas», «Ingá do Bacamarte», «Riacho do Sangue», «Guerrilhas» e outros.
- (15) Maria — filha legítima de Simplicio Pereira da Silva e sua mulher Cândida Firmina dos Santos. Nasceu a 2-12-1858. Batizada no sítio Brejo pelo Pe. Joaquim de Sá Barreto, vigário de Jardim». (Livro de Registro de Batizado da Freguesia de Jardim, 1858—1861).

De Manuel de Oliveira Santos, «um dos sobreviventes do ataque da NASCENÇA», (16) nasceu Donina Maria de Jesus (Rita).

Donina consorciou-se com o capitão Francisco Pereira de Lucena, natural de Sousa, Paraíba. Este casal foi o tronco da numerosa família Inácio de Lucena, mais conhecida por Chicote, que era o apelido daquele varão. São filhos do referido casal: José, Joaquim, Manuel, João, Pedro e Francisco Inácio de Lucena, cujos nomes estão ligados aos episódios que agitaram a política de Brejo Santo durante vinte anos, a contar de 1909.

X X X

O longo período da crônica de Brejo Santo que se estende do ano de 1714 a sexta década do século passado, caracterizou-se pela inoperância dos grandes proprietários daquelas terras férteis, no sentido espiritual, orgânico e construtivo.

Realmente, dentro daquela área cujos limites são o arco do valente riacho dos Porcos (17) e a corda interrompida da serra do Araripe, a civilização claudicou por espaço de 146 anos, não ultrapassando o ciclo curraleiro. Era o apêgo à vida rural, que ainda sobrevive em certos ramos dos antigos fazendeiros, entervando a formação urbana.

Ali vivia «uma população rarefeita, constituída de assalariados, meieiros e rendeiros, gente humilde, mas heróica.» (18)

Jardim, cuja autonomia administrativa foi inaugurada em 3 de janeiro de 1816, (19) era a séde do poder civil e religioso. Por outro lado, o rincão estava subordinado à comarca de Crato.

(16) Joaquim Amaro, op. cit.

(17) Não obstante ser o «riacho dos Porcos» o maior curso d'água do Vale do Cariri, seu nome foi absorvido pelo «Salgado», inegavelmente um rio de menor significação, quer em extensão, quer em volume d'água. O fenômeno porém não é caso raro na toponímia dos rios brasileiros. Idêntica impropriedade ocorreu com o rio «Araguaia», o qual, medindo 2.074 quilômetros de curso, perdeu seu nome ao ser alcançado pelo «Tocantins», cuja extensão linear é de 1.952 quilômetros. O «riacho dos Porcos», cujas cabeceiras são as fontes de Croatá e Boca da Mata, no Município de Jardim, percorre 125 quilômetros até a confluência com o rio «Salgado», à montante de Ingazeiras, distrito de Aurora. Ao passo que seu afluente, o «Salgado», tem apenas 58 quilômetros de curso. Levando-se, pois, em consideração essa superioridade de 67 mil metros, nada mais justo do que se chamar «riacho dos Porcos» o rio à jusante da junção dos dois cursos d'água. NOTA: As medidas relativas aos dois rios, à falta de um curvímeter, foram feitas empiricamente. Conquanto não exprimam exactidão, a diferença entre os referidos rios é rigorosamente superior ao desenvolvimento do de menor extensão.

(18) Pe. Antônio Gomes de Araújo; op. cit., pág. 7.

(19) «Sinopse Estatística do Município de Jardim», I. B. G. E., Rio-1948.

Não há memória de fatos notáveis durante aquela recuada época. O acontecimento mais importante que a tradição preservou é o que se refere à uma redemarcação dos sítios «Brejo», «Muquém» e «Bom Nome», iniciada no dia 11 de outubro de 1853, no sítio «Salvaterra», e terminada em novembro do mesmo ano, na fazenda «Cacimbas», onde residia o autor que a requereu, coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha. As audiências do rumoroso fato foram presididas por João Emídio Capibaribe, juiz municipal do Crato, funcionando como escrivão Joaquim de Oliveira Lima, notário da mesma cidade. Entre os réus figurava o condômino Símplicio Pereira da Silva, o qual, segundo a tradição oral, desafiara o autor no decorrer das audiências.

O coronel Pedro Martins de Oliveira Rocha, que faleceu aos 120 anos e está sepultado na capela de Nazaré, além de Milagres, era filho legítimo do já citado tenente Gonçalo de Oliveira Rocha e Joana Martins de Moraes, filha do fundador da família Martins de Moraes na ribeira do Riacho dos Porcos, capitão Bartolomeu Martins de Moraes, da cidade do Porto, casado com Ana Maria Ferreira, da cidade do Salvador. (20)

X X X

Até o ano de 1858, «na área da atual cidade de Brejo Santo, recortavam-se os perfis de duas casas apenas, o prédio-logradouro dum curral de gado bovino, de propriedade do coronel Antonino Cardoso dos Santos, e a vivenda de Antônio José de Souza e sua esposa Senhorinha Pereira Lima, bisneta do aludido patriarca do sítio «Brejo», Francisco Pereira Lima». (21)

Foi exatamente naquele ano que se iniciou a formação urbana do antigo domínio da discutida viúva Maria Barbosa, com a chegada do varão José Francisco da Silva, procedente de Águas Belas, Estado de Pernambuco, que veio acompanhado de mulher e filhos. Entre êstes havia Basílio Gomes da Silva, que mais tarde se tornaria o chefe de maior prestígio da futura comunidade, como se verá no curso do presente trabalho.

Logo depois, sobretudo por motivo de grave inimizade com o coronel Clementino Cavalcanti, chefe político de Águas Belas, vieram jutar-se a José Francisco da Silva numerosos parentes seus, acompanhados das respectivas famílias.

Assim é que, em datas sucessivas, aportaram em Brejo Santo Inácio Gonçalves Bezerra, «Inacinho», com seus filhos adultos João

(20) Informações colhidas no arquivo do historiador Pe. Antônio Gomes.

(21) Pe. Antônio Gomes de Araújo, id., id.

Gomes da Silva, Manuel Inácio Bezerra, Joaquim Inácio da Silva Torres, Carlota Maria Gomes, Félix Inácio Bezerra e Antônio Inácio Bezerra; Cândida Gomes da Silva, c. c. João de Barros Cavalcanti; Maria Francisca Gomes da Silva, c. c. o alferes José Pereira Nunes, bisavós paternos do autor; Luzia Inácio Bezerra, c. em primeiras núpcias com Antônio Nunes Barreto; Ponciana Maria Bezerra, que foi casada e deixou prole; Anselmo Teles de Carvalho, em companhia dos pais e dos irmãos Estevão Pedro, Maria e Catarina.

Dos filhos de José Francisco da Silva, pioneiro dêsse movimento migratório, apenas dois não se fixaram em Brejo Santo: Inácio Gomes da Silva e Victor José Modesto. O primeiro voltou para Águas Belas; e o segundo retirou-se para o sítio São Gonçalo, onde lançou uma das raízes sociais do atual Município de Araripina, na justa expressão do Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Quanto aos outros, que eram Antônio Gomes da Silva Bastos, Lourenço Gomes da Silva, Luzia Gomes da Silva e Basílio Gomes da Silva, estabeleceram-se definitivamente na pátria adotiva.

Com o advento dos emigrantes aguabelenses, gente forte e laboriosa, estava esboçado o povoamento da futura comunidade, e nada mais evitaria o seu desenvolvimento.

Anos depois, outras famílias chegavam ao nascente povoado. Os Sá Batinga, oriundos de Cabrobó, Estado de Pernambuco, os Perziras de Lucena e os Alves de Moura, vindos de Nazaré, no município paraibano de Sousa, os segundos em 1867, e os últimos em 1877.

Em breve o grupo familiar de Águas Belas formou numeroso bloco parental, o qual, com o passar dos tempos, foi acrescido pela inclusão de novas famílias através de uniões matrimoniais. Dêsse modo, aquêlê grupo pioneiro estendeu seus ramos aos Lucena, Alves de Moura, Araújo Lima, (22) Leite Rabêlo etc., resultando a formação de um dos maiores clans parentais, de consaguíneos e afins, do Cariri.

É fato incontestável que o aparecimento da gente de Águas Belas pôs fim definitivo à vida pachorrenta e sedentária dos antigos habitantes da região.

Foi, positivamente, o alento civilizador por ela trazido que modificou o cenário, dividindo os latifúndios em propriedades produ-

---

(22) Do casal José Florentino de Araújo Lima — Antônia Gomes de Araújo, respectivamente; filhos de Amaro Florentino de Araújo e João Gomes da Silva, nasceram Francisco de Araújo Lima, Maria Gomes de Araújo, Amaro Florentino de Araújo Lima, Leopoldina de Araújo Lima, Joaquim Florentino de Araújo, José de Araújo Lima Ana, de Araújo Lima e Antonio de Araújo Lima.

tivas, incrementando a agricultura e a pecuária, estabelecendo o pequeno comércio e, sobretudo, construindo o seu centro populacional, o qual, mal desabrochava, sofreu o impacto do «cholera morbus», no meado de abril de 1862. Os vestígios daquela desgraça pública ainda permanecem no espírito das gerações atuais e num pequeno espaço de terreno abandonado, situado ao fundo do atual cemitério.

Malgrado os efeitos da calamidade, o povoado cresceu. A prova evidente de sua evolução ia patentear-se dois anos depois, quan-



**Doa. BALBINA LÍDIA VIANA ARRAIS,**  
primeira professora pública de  
Brejo Santo.

do os pioneiros resolveram dotá-lo de um templo, cujo terreno foi oferecido por Francisco Alves de Moura. (23) Traçou-lhe os limites e lançou-lhe a pedra fundamental o conspícuo Padre José Antônio Maria Ibiapina. Reza a tradição que no decorrer daquele ato, dirigindo-se ao medidor da área escolhida, dissera em tom profético o grande missionário e civilizador do Nordeste: «Estenda a linha que será matriz». (24)

Com efeito, a linha foi estendida e a capela se tor-

(23) São bisnetos de Francisco Alves de Moura: Dr. Fernando Leite, José Leite de Moura (Leitinho), já falecido, Dr. Emílio Moura Leite, Mário Leite de Moura e Hamilton Leite de Moura.

(24) Embora não exista referência documental à visita do virtuoso sacerdote à terra brejosantense, aquêles acontecimento se verificou nos primeiros dias de dezembro de 1864, por ocasião de sua ida ao lugar de Porteiras, onde erigiu um cemitério e impulsionou as obras da Capela de N. Senhora da Conceição. Consequentemente, dezembro de 1864 foi a data de início da construção da atual Matriz de Brejo Santo.

nou matriz. (25)

X X X

Já em 1874 (26), o recém-criado povoado começa a figurar na política municipal de Jardim, sendo escolhido para representá-lo junto aos chefes do Partido Conservador daquela cidade, o agualense Basílio Gomes da Silva. É o início da vida pública desse honrado cidadão, cujo prestígio coadjuvado pelo desenvolvimento da povoação, impôs a criação do distrito. De fato, o distrito foi criado pela Lei Provincial n.º. 1.708, de 25 de julho de 1876 (27), com a qual também foi criada a freguesia. (28)

A florescência porém da jovem povoação iria ser perturbada a começar do ano imediato à criação do distrito, pela seca de 1877 e por bandos de cangaceiros vindos, sobretudo, da Paraíba e do Município de Milagres.

Naquele ano calamitoso, exatamente a 2 de setembro, tomou posse da Freguesia o seu primeiro vigário, o Pe. Francisco Lopes Abath, ilustre filho do Crato e um dos mais nobres representantes do clero cearense do passado, o qual, graças à sua formação de sacerdote ingurgal, foi amado pelos coevos e venerado pelos pósteros.

O Vigário e a Freguesia eram pobres, como acentua o historiador Pe. Antônio Gomes. Contudo — e apesar dos efeitos da terrível seca e do banditismo — a obra dos pioneiros não sofreu solução de continuidade. Isto se verifica na crônica eclesiástica, porquanto, confrontando-se os anos de 1878 e 1888, cons-

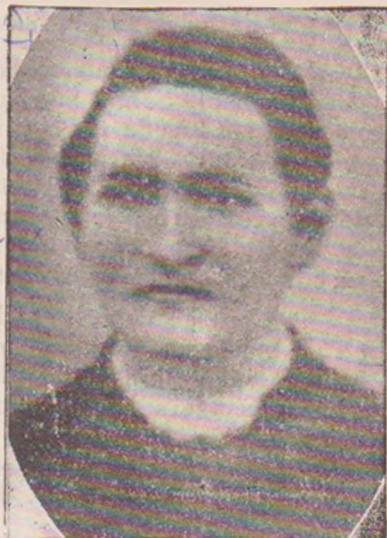
(25) Em 1909, a nave lateral esquerda do templo foi construída. As despesas foram efetuadas pelo coronel José Florentino de Araújo Lima, avô materno do Pe. Antônio Gomes de Araújo.

(26) Houve um equívoco do autor de «Um Civilizador do Cariri» (op. cit.), que atribuiu o ano de 1864 (pág. 9), como data da iniciação política de Basílio Gomes da Silva.

(27) «Sinopse Estatística do Município de Brejo Santo», I. B. G. E., Rio—1948.

(28) O Sagrado Coração de Jesus continuou sendo o padroeiro da nova Matriz, cuja atual jurisdição abrange Saco da Pedra Branca, Simão, Cachoeirinha, Esperança, São Sebastião e Porteiras.

(29) «Liv. de Reg. de Batizados», Paróquia de Brejo dos Santos.



**Pe. FRANCISCO LOPES ABATH,**  
primeiro vigário de Brejo Santo.

tata-se uma diferença, para mais, de 46 casamentos e 410 batizados. (29)

Alguns aspectos daqueles tempos heróicos foram registrados pelo venerável Pe. Abath, no já semi-destruído «Livro do Tombo da Freguesia de Brejo dos Santos». Eis alguns trechos das Memórias do querido guia espiritual, cujos restos mortais repousam sob o tecto acolhedor da Matriz que governou durante um quarto de século:

«No dia dois de Setembro de 1877, cheguei a esta Freguesia como vigário encomendado, e tomei posse pelas onze horas do mesmo dia, assistindo ao acto o Rvmo. Vigário de Missão-Velha Pe. Felix Aurelio Arnaud Formiga».

«As chuvas neste anno foram escassas, tanto no Cariry como nos sertões visinhos, o que fez afluir para esta e outras freguesias visinhas, onde poderiam encontrar recursos, uma multidão de emigrantes superiores aos recursos dos logares».

«Durante a secca e annos seguintes accrescem grandes terrores nos habitantes, que ameaçados em sua vida e propriedade deixaram suas residencias» .

«Somente depois de perseguidos e presos os bandidos, voltaram para os logadores de suas residencias.»

«Nestas circumstancias, ficaram os povoados desta freguesia bastante deshabitados, reduzindo-se Porteiras a oito moradores.»

Efetivamente, vários grupos de cangaceiros palmilhavam o chão de Brejo Santo, antes mesmo da chegada do Pe. Abath. O flagelo começou nos fins de 1874, com o bando de Inocêncio Pereira da Silva, vulgo Inocêncio Vermelho, foragido da vila de Misericórdia, Província da Paraíba, onde assassinara Andreino de Araújo. (30) Gozando da proteção do Juiz Municipal do Jardim — dr. Antônio Augusto de Araújo Lima — Inocêncio chegou a exercer funções policiais contra criminosos desvalidos, em toda zona banhada pelo riacho dos Porcos.

Logo depois, evadido da cadeia do Crato, juntou-se ao grupo de Inocêncio Vermelho, o criminoso João Calangro, natural de Milagres, onde era conhecido por João Senhorinha. Seu verdadeiro nome porém era João de Sousa Calangro. (31)

(29) «Liv. de Reg. de Batizados», Paróquia de Brejo dos Santos.

(30) Abelardo F. Montenegro, «História do Cangaceirismo no Ceará», Fortaleza—1955.

(31) João Calangro era de estatura baixa, sardento e de cabelos côr de fogo, e não deve ser confundido com o negro João Calangro, perverso cangaceiro de Antônio Quelé, abatido no dia 27 de novembro de 1910 por companheiros seus, nas proximidades de Jati, entre a ladeira do Pacífico e a fazenda Oitis, de cuja morte se ocupou «O Rebate» (Juazeiro), de 4-12-1910.

Em junho de 1876, Inocência foi morto no Poço, por Sebastião Pelado, o qual executava ordens de Antônio Tomaz de Araújo Aquino, irmão de Andreilino de Araújo. Morto Inocência, João Calangro assumiu a chefia do grupo, ao qual se incorporou Antônio Vermelho, irmão de Inocência, a fim de liquidar Sebastião Pelado.

Entrementes, Pelado formou outro grupo.

A luta entre êsses bandos rivais, cuja zona de operações se estendia ao território paraibano, atingiu seu climax quando Dinamarico e José Pombo Rôxo foram abatidos, respectivamente, por João Calangro e Gato Brabo, e Manuel de Barros, do séquito de Calangro, foi morto por Pelado.

Naqueles velhos tempos, Brejo era o lugar mais preferido pelos bandoleiros que infestavam o Cariri, por motivo de suas condições naturais. No meado de 1876, procedente da vila de Várzea Alegre, ali se acoistou o fascinora Luis de Gois, acompanhado de José de Ataíde Siqueira. Estes nomes foram mencionados na «Fala» do Presidente da Província, desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, em 2 de julho de 1877. (32)

Para agravar ainda mais a situação dos habitantes da região, forças irregulares do cap. José Mateus Pereira da Silva, morador na comarca de Vila Bela, da Província de Pernambuco, chegaram ao Brejo em perseguição ao grupo de Calangro, por motivo da morte do sicário José Roberto, num tiroteio em Porteiras entre a gente de Calangro e o bando de Pelado. Este, que se achava incumbido por Mateus de lhe entregar a orelha de João Calangro, foi abatido no embate seguinte entre os dois grupos.

Os ribeirinhos sofriam agora, além dos saques dos grupos rivais, as maiores violências da força pernambucana, a qual, a pretexto de perseguir Calangro, praticava uma série de delitos contra indefesos sertanejos. (33) Contra tais atrocidades insurgiu-se o tenente Alfredo da Costa Weyne, que se achava em Milagres com força insuficiente para dar cabo de Calangro.

«O sul cearense vivia dias incertos. Além dos Calangros, operavam os Viriatos na Boa Esperança e os Barbosas no Salgadinho. A parte, mas sob os auspícios de João Calangro, havia surgido, em Milagres, o grupo dos Quirinos, chefiados por três irmãos, o mais velho dos quais se chamava Quirino. Agiam também, sob a proteção de Calangro, Jesuino Brilhante e Gato Brabo, os dois últimos também no comando de grupos». (34)

(32) Abelardo F. Montenegro, «História do Cangaceirismo no Ceará».

(33) Id., ob. cit.

(34) Id., ob. cit.

Tendo expulsado do Ceará as forças do cap. Mateus, Calangro recrudescceu sua ação delinquente em todo o Cariri. Enquanto aquêle era acusado pelos caririenses de haver dizimado seus rebanhos de gado, Calangro, «protegido pelas autoridades», segundo correspondências de Barbalha publicadas no jornal «Cearense», consolidava seu prestígio, o qual lhe permitiria reunir 100 homens a qualquer hora. (35) Dai o seu título de General Brigadeiro, atribuído por si mesmo.

Em breve, porém, continuas desavenças puseram fim à aliança de João Calangro com os Quirinos. Um cronista da época, citado pelo escritor Abelardo F. Montenegro e que se escondia sob o pseudônimo de Azéglio, assim se referiu aos dois grupos hostis: «Os dois bandos transitavam pelas fraldas da Serra do Araripe. Emboscavam-se reciprocamente. Cada um dos beligerantes se esforçava por aumentar as suas hostes, o que não era difícil, pois até os soldados de linha dos destacamentos de Jardim, Missão Velha e Milagres desertavam e se reuniam aos bandidos.»

Remontam àquela época os sucessivos tiroteios travados entre os dois bandos rivais nas feiras de Brejo e Porteiras, onde os cangaceiros se fartavam de cachaça e arruaçavam livremente.

Um tiro acidental porém havia de determinar o fim daquele estado de coisas. Num dos primeiros dias de feira do ano de 1878, Calangros e Quirinos se defrontaram no antigo «Comércio» de Brejo Santo, na rua Velha. No decorrer do tiroteio, o velho aguabelense Inácio Gonçalves Bezerra, o já citado Inacinho, foi morto por um tiro do grupo de João Calangro, que, na realidade, não lhe foi dirigido. Pai estremoso, Inacinho procurava os filhos na área perigosa. Estes, em número de cinco, imediatamente após o crime, partiram em perseguição aos Calangros, abatendo um dos bandidos no lugar Canafistula, a três quilômetros do povoado. No dia seguinte, retomaram a trilha dos bandoleiros com o auxílio de um índio domesticado, exímio rasteador.

Calangro, como de costume, dispersara o grupo para embaraçar seus perseguidores. Contudo, não evitou que mais dois sicários do seu séquito fôssem derribados de uma árvore, na serra de Cana Brava, quando devassavam uma colmeia. (36)

(35) Id., ob.cit.

(36) Logo depois do episódio de Cana Brava, João Gomes da Silva foi ao lugar Piçarra, informado que fôra da presença de Calangro naquele sítio. Não o encontrou porém. No dia seguinte, recebeu um recado do famoso bandido, aconselhando-o a ficar em casa e deixar a perseguição a cargo dos seus cabras. De sua tocaia, Calangro deixou João Gomes passar em paz, reservando a carga do seu trabuco para os indivíduos do seu nível.

Após êsses acontecimentos, que tiveram grande repercussão na própria Capital, o Presidente da Província — dr. José Júlio Albuquerque Barros — resolveu agir decisivamente contra aquêles grupos de malfeitores. A frente de 500 homens, o coronel José Canuto de Aguiar chegou em Brejo Santo no dia 2 de outubro de 1878.

A tropa dividiu-se em vários pontos das comarcas de Barbalha e Jardim. Vanguardado por grupos montados, o grosso da força expedicionária foi lançado no encalço dos guerrilheiros de Calangro, enquanto todas as aguadas eram guarnecidas. (37)

A campanha chefiada por Canuto de Aguiar foi coroada de pleno êxito. Grande número de bandidos caiu nas malhas da policia, muitos tombaram na luta e outros fugiram.

Gato Brabo, natural de Milagres, depois de escapar de um cêrco na serra do Braga, foi prêso no termo de Sousa, Paraiba. Seu chefe, João Calangro, abandonou Brejo Santo bindo a serra do Araripe. Para desnoartear seus perseguidores, amarrou as alpercatas aos pés com as pontas voltadas para os calcanhares. Calangro homisiou-se no sitio Silvério, na residência do Padre Manuel Antônio de Jesus, proprietário do mesmo e amigo do famoso bandoleiro.

O sacerdote, que faleceu aos 76 anos, em Juazeiro do Norte, no dia 27 de janeiro de 1911, ocultou o bandido, arrumou um pilão numa rêde, mandou o sacristão tanger o sino da capela e anunciou a morte de João Calangro. «Enquanto se efetuava o entêrro, o cangaceiro fugia para o Piauí, de onde não se tinha mais noticia dêle.» (38)

A tranqulidade voltou ao seio da população ordeira de Brejo Santo. Entretanto, por volta de 1887, novos grupos de cangaceiros começaram a surgir nos antigos domínios de João Calangro.

«Nessa época, Viriatos e Brilhantes reviviam as lutas dos grupos de bandoleiros ocorridas durante a grande sêca de 1877-1879.» (39)

Os Brilhantes eram chefiados por MIGUEL Raposo de Souza PLACIDO, valente e perverso bandoleiro da Província da Paraiba. Residia no Poço, onde foi morto. Certo dia do ano de 1890, Miguel Plácido recebeu a visita de João Marreca e mais três cabras

---

(37) Reza a tradição que na cauda do grupo de Calangro marchava um cabra munido de ramagem, com o fim de apagar a pista dos companheiros. Os bandidos iludiam as sentinelas das aguadas com o bater de chocalhos nas horas mortas da noite.

(38) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.

(39) Id., id.

de Antônio Quelê, os quais, segundo afirmavam, dirigiam-se ao Crato. Miguel matou um suino de cuja carne os cangaceiros almoçaram fartamente e encheram os bornais. Horas depois das despedidas, Miguel Plácido saiu para dar água a um cavalo. Caiu varado de balas antes de atingir o roçado. Seu cadáver, que foi objeto da curiosidade popular, foi sepultado no cemitério de Brejo Santo.

Além destes episódios, nada mais foi preservado pela tradição escrita e oral sobre o cangaceirismo em Brejo Santo durante o regime imperial.

X X X

Ao mesmo tempo que resistiam às duras provas de três calamidades (peste, seca e banditismo), os fundadores do antigo Distrito de Brejo dos Santos mantiveram o ritmo de trabalho criador que se transmitiria às gerações futuras.

Depois do quadriênio de fome — 1877-1880 — durante o qual o próprio Vigário foi auxiliado financeiramente por um bloco de cidadãos generosos, transmudou-se a paisagem da gleba. O povoado, que se desenvolveu em torno da antiga capela, começou a ser acrescido de novos edifícios. E naquelas terras de transição entre a serra e o sertão, novas fazendas de gado surgiram, os rebanhos se multiplicaram e a lavoura firmou-se no primeiro plano de atividades daquela gente laboriosa.

O Brejo Santo daqueles tempos está fielmente retratado pela pena brilhante do Pe. Belarmino José de Souza, que ali esteve em 1884 secretariando D. Joaquim José Vieira, cuja visita pastoral constituiu o maior acontecimento da época.

«Chegamos nesta Freguesia na manhã de 29 de julho. Ali encontramos uma população pobre, mas prendada dos melhores predicados, convicta e animada para as nobres conquistas do trabalho de que vive na confiança de seus perseverantes esforços. Não obstante batida pelo bando de sicários que no triênio da seca devastaram àquêle e outros lugares, do que ainda encontramos vestígio, a população do Brejo é bastante valorosa e resignada na história que conta de seus infortúnios. A casa que nos deram, em falta de outra, para hospedagem, foi a que serviu de trincheira de um dos grupos facinorosos, que sustentaram um tiroteio com outro grupo, não menos insolente e cruel, que disputava a posse do lugar! (40) Foi real-

(40) A casa aludida é situada na rua Velha, que pertenceu, depois, a Antônio de Zuza Gabriel, vulgo Medalha. Os grupos referidos pelo cronista eram o de João Calangro e o dos Quirínos. Àquella época, exercia as funções de sacristão Antônio Simplicio do Nascimento, natural de Goianinha, atual Jamacará. Foi ele o primeiro sacristão de Brejo Santo.

mente uma época de terror, a do triênio da sêca, principalmente no sertão do Cariri, flagelado pelos grupos sanguinários, que nada respeitavam, nem honra, nem propriedade, nem a vida de ninguém.

Ali vimos as portas da referida casa crivadas de balas, e com admiração S. Excia. Rvma. teve que lamentar o fato, e condenar o estado bárbaro de nossos centros nas épocas de sua anormalidade. Pois bem; esta circunstância inspira-me a dizer que o lugar da desordem e do crime foi convertido em lugar de ordem e de paz; e que a terra profanada pelo pé do malvado cearense foi santificada pela presença do Apóstolo da Igreja! Do mesmo lugar donde partiram balas, partiram bençãos! Ali estivemos dois dias, prestando S. Excia. Rvma. os serviços de sua consoladora visita. Crismando cêrca de 500 pessoas, dirigiu do púlpito algumas palavras, chamando a atenção dos povos para o máu estado da Matriz. Sendo nova a Freguesia, e lutando com adversidades de todo gênero, o respectivo Vigário Francisco Lopes Abath fez muito em conservar-se no seu posto e manter as coisas contra a invasão dos bandidos. Durante nossa estada no Brejo foi grande a concorrência dos fiéis. Os confissionários sempre foram frequentados pela maioria do povo durante os trabalhos da visita. Concluindo, dirigo um voto de louvor ao Sr. João Climaco de Araújo Lima, pelos bons serviços que nos prestou, e bem assim a outros dignos amigos e fervorosos católicos da religiosa Paróquia.» (41)

X X X

Politicamente, os habitantes do Brejo formavam um só bloco sob a badeira do Partido Conservador, vulgarmente chamado «Caranguejo», como acentua o historiador Raimundo Girão. Tinham como líder o honrado cidadão coronel Basílio Gomes da Silva.

Com a criação da Vila de Porteiras (Lei n. 2.169, de 17 de agosto de 1889), Brejo passou a pertencer àquêlê Município. O próspero Distrito porém estava a um passo de sua emancipação política, cujo advento foi abreviado pelas novas condições criadas pela proclamação da República, levada a efeito a 15 de novembro de 1889.

Realmente, no dia 5 de novembro de 1890, às dez horas, foi instalada a Vila de Brejo dos Santos, por força do Decreto estadual n.º. 49, de 26 de agosto do ano referido (42), de autoria do

(41) Pe. Pelarmino José de Souza, «Visita Pastoral de D. Joaquim José Vieira ao Sul da Provincia», Fortaleza-1884.

(42) «Sinopse Estatística do Município de Brejo Santo», I.B.G.E., Rio-1948

Governador do Estado, tenente-coronel Luiz Antônio Ferraz. (43)

A transição de regime não alterou a vida politico-partidária do Brejo Caída a Monarquia, a instauração da nova ordem, tal e qual a Abolição, foi acolhida como fato consumado, continuando à testa da uniforme massa eleitoral o já citado coronel Basílio Gomes, por cuja indicação foram nomeados os membros do Conselho de Intendentes: Lourenço Gomes da Silva, Benevenuto Bezerra da Paixão, José Florentino de Araújo Lima e José Moreira Tavares. (44)

A chefia do executivo municipal coube a Lourenço Gomes da Silva, que fôra aclamado Presidente do Conselho de Intendentes, cargo que corresponde hoje ao de Prefeito.

### X X X

Afastado dos centros mais populosos e distando mais de cem léguas da Capital, o novo Município permaneceu contando apenas com o esforço de seus habitantes e a cooperação ativa do burro, do cão, do cavalo e do boi-de-carro. A civilização continuou a arrastar-se com a derrubada das matas, sob o fogo das brccas, ao som de chocalhos e o aboio dos vaqueiros. O machado e a foice, o facão e a enxaca eram os instrumentos do progresso. Quanto à ação do poder governamental, era ali representada pelo fisco e o «rabo de galo».

As pontas de trilho da Estrada de Ferro Baturité estavam em Acarape. Nos anos anteriores a 1890, havia um correio particular para as comunicações com Fortaleza. O estafeta heróico era João Gabriel, que fazia o itinerário de ida e volta em 15 dias, passando por Icó. Sua caminhada até o fim da linha é qualquer coisa de notável.

De acôrdo com o recenseamento de 1890, a população do recém-criado Município era de 2.801 habitantes. A instrução — único meio de clevar um povo — já preocupava aquela gente. Era a época em que o ensino primário estava a cargo de velhos professores, cuja austeridade lhes dava grande prestígio e inspirava terror à criançada.

Foi por volta de 1887 que chegou ao Brejo o primeiro professor particular. Chamava-se Mino Israel Samuel Krebs. Sua vinda de Macapá (Jati), fôra solicitada por Manuel Inácio Bezerra ao velho Anastácio, residente no pé da ladeira do Pacifico, naquele povoado. Ainda vivem alguns ex-alunos daquele mestre pioneiro, como Tiago Inácio Bezerra e Manuel Inácio de Lucena (Manuel Chicote).

(43) Comandante do 11º Batalhão de Infantaria acantonado em Fortaleza.

(44) Ata da Inauguração da Vila de Brejo dos Santos.

Depois de Krebs, em ordem cronológica, exerceram o magistério particular em Brejo os seguintes professores: PEDRO DA COSTA NOGUEIRA, que veio de Milagres. JOSÉ DE SOUZA CAMILO FILHO, cuja escola funcionou numa das dependências da mansão do coronel Basílio Gomes da Silva, na rua da Taboqueira. Com o professor Camilo estudaram todos os filhos do coronel Basílio. Aquela foi a primeira escola do meu pai. VALERIANO SOARES DA MOTA, um caboclo do pé da serra do Araripe. Sua escola foi estabelecida numa casa onde hoje se situa a usina da firma Nicodemos, Lins & Cia. JOAQUIM FERRAZ DOS SANTOS, natural de Porteiras.

A escola de Ferraz funcionou, seguidamente, numa pequena casa defronte ao bêco da rua Velha, ainda existente, e noutra casinha do lado oposto da mesma rua, no extremo Leste. (45)

Em 1892, Brejo Santo foi aquinhoada com um professor público, na pessoa do mestre Genuino Lima Roldão. Transferido de Porteiras, Genuino estabeleceu sua escola numa casinha da rua Velha, onde, depois, foi construída a Cadeia. Com sua saída de Brejo, permaneceram vagas as três cadeiras criadas para o Município, até o decurso de 1897. (46)

No ano seguinte, porém, uma nova fase do ensino teve início na antiga vila de Brejo dos Santos, com a chegada de D. Balbina Lídia Viana Arrais, que ocupou a cadeira mista até sua aposentadoria, em 1919. (47)

Entretanto, a instrução continuava sendo um problema para a florescente comunidade, cuja população infantil exigia mais estabelecimentos de ensino.

---

(45) Mestre Ferraz faleceu no sítio Canafistula, perto de Baixo do Couro, atual Getúlio Vargas. Seu cadáver foi o primeiro a ser sepultado no cemitério de Jati.

(46) «Almanaque do Ceará», 1897, pág. 11.

(47) D. Balbina nasceu em Lavras da Mangabeira, no dia 5 de dezembro de 1862. Prestou concurso para o Magistério Público no antigo Liceu do Ceará, em 1884, sendo aprovada com distinção. Em janeiro do ano seguinte, foi nomeada para o cargo de professora da cadeira do sexo feminino de S. Pedro do Crato (Caririassú), no governo de Carlos Honorio Benedito Otoni. Exerceu o professorado em Várzea Alegre, Lavras, Barbalha e Iguatú. Esta cidade voltou à V. Alegre, e dali foi removida para Brejo Santo, em 25 de junho de 1898, ao tempo do Presidente Antônio Pinto Nogueira Acióli. Sua escola foi instalada numa ampla casa do coronel Basílio Gomes da Silva, à rua da Taboqueira, transferindo-se, depois, para o centro da cidade. Era casada com Lídio Dias Pedroso, que faleceu em Brejo. Espírito cristão por excelência, caráter sem jaça e equilíbrio moral à toda prova, D. Balbina faleceu aos 89 anos, no dia 28 de fevereiro de 1951, depois de haver instruído nas letras duas gerações.

Novamente, coube ao povo solucionar seus problemas. Uma nova escola particular foi instalada, sob a direção do professor João Inocêncio, o qual foi aludido por seu ex-discípulo Pe. Antônio Gomes de Araújo, em fulgurante nota reminiscente para cujo teor abrimos espaço, certos de que, ao fazê-lo, tributamos uma justa homenagem aos velhos mestres do A B C, que tanto contribuíram para a formação social do querido rincão. (48)

«O professor que deu início ao desarne de minha inteligência chamou-se João Inocêncio da Silva. O fato ocorreu no ano de 1908.

Imigrante em Brejo Santo, êsse professor viera de Flores do Pajeú. De naturalidade pernambucana, moreno claro, cabelos e olhos pretos, cabeça redonda, servida por uma testa larga, estatura regular e bem estruturada, olhos penetrantes e serenos a traduzirem um espirito reflexivo, sisudo sem afetação, orçando meio século de idade, casado—João Inocêncio incutia a seus alunos respeitosos temor, pois sabia aliar a energia à tolerância. Enquanto presidia-nos aos estudos, fabricava sapatos, com o que implementava as despêsas do trem de vida. Ensaivava-nos na arte da escrita, fazendo rascunhos que cubriamos à tinta feita de anilina. As aulas iniciavam-se às dez e terminavam às dezesseis horas com intervalos de recreios de quinze minutos. Decorávamos a taboada de Abilio Cesar Borges psitacisticamente. Aos sábados pela tarde, havia sabatina da taboada, precedida de treino recordativo do que havíamos aprendido durante a semana. Tudo cantado em alta voz em conjunto num tedioso retoton, a que o meu colega e primo Basilio Gomes Neto, decurião da classe por nomeação do professor, chamava «toeira da taboada». Às catorze horas, precisamente indicadas por um relógio de sol chanado no pátio da vivenda, começava a maratona identificadora do rendimento escolar semanal no dominio dos números. Formados em semicírculo à frente do professor de palmatória ao lado, esperávamos de braços cruzados, o início do seríssimo interrogatório. Vencer um quesito, deixado sem resposta pelo inquerido imediato, por alguns ou por todos, era «passar o quinal», e correspondia a tantas palmatoas aplicadas pelo vencedor quantos fossem os vencidos. E ai do vencedor que palmatoasse com brandura. Recebia do professor um bolo em ponto alto para aprender a descer a palmatória sôbre o vencido sem dó nem piedade.

João Inocêncio era pernetta da perna esquerda e usava muleta. Pagávamos a mensalidade de dois mil reis, mas o agradáva-

---

(48) Em 1883, duas escolas particulares funcionaram por algum tempo, as quais eram dirigidas, respectivamente, por Joaquim de Souza e Antônio Simplicio do Nascimento.

mos com insistentes presentes à custa de nossos pais.

O patrimônio cultural de que disponho na hora presente teve seu impulso inicial na escola particular de primeiras letras daquele herói anônimo cuja figura vinculou-se-me ao espírito e me acompanhará indefinidamente.



**Ten. Cel. BASÍLIO GOMES DA SILVA**, patriarca e primeiro chefe político de Brejo Santo.

e no qual se manteve até 1909, inclusive. Chefe municipal do Partido Republicano Cearense («Aciolino»), Basílio Gomes tudo fez pelo en-

(49) «Almanaque do Ceará», 1897, págs. 28 e 29.

Foram meus colegas nessa escola: José Basílio, o citado Basílio Gomes Neto, Gerson Gomes de Lucena e João Gomes de Lucena, entre outros.»

Malgrado o seu isolamento dos centros mais adiantados e, sobretudo, à falta de assistência do Governo Estadual, a antiga vila de Brejo dos Santos manteve, ao passar dos anos, o seu lento mas ponderável processo evolutivo.

Consultando velhos documentos no arquivo do estudioso Hermógenes Martins, verificamos o nível do seu progresso em 1895. A população do Município ascendia a 4.800 habitantes. O número de casas na sede da vila era de 207 e nos campos de 850. Existiam 3 engenhos de madeira e 30 aviamentos de fazer farinha. Havia 11 casas de comércio a retalho e uma escola particular frequentada por 20 alunos. O número de eleitores era de 223 e o de juizes de fato de 87. A Coletoria Estadual e a Câmara Municipal arrecadaram, respectivamente, 2:400\$000 e 2:600\$000. Além do padre encomendado, que governava a Matriz e 2 capelas filiais, havia um advogado provisionado. Naquele ano, foram celebrados 298 batizados e 42 casamentos e ocorreram 52 óbitos. (49)

Chefiava o executivo municipal o coronel Basílio Gomes da Silva, cargo que já vinha exercendo desde 1893

grandecimento de sua pátria adotiva. Entre outras realizações, construiu a Cadeia Pública, o Quartel de Policia e um edificio destinado ao funcionamento do executivo municipal, da Câmara de Vereadores e da Pretoria, situado na praça da Matriz, devidamente mobiliado, conforme atas de 28-7 e 20-XI de 1903, da mencionada Câmara, cuja primeira eleição remonta ao ano de 1892. Quatro anos depois, em 1907, quando o centro comercial já havia abandonado a rua Cel. Ferraz (rua Velha), o patrimônio municipal estava acrescido de seis edificios.

## X X X

O desenvolvimento de Brejo Santo acentuou-se em 1893. Naquele ano já estavam em franco funcionamento as seguintes repartições: Agência do Correio, Coletoria Estadual e Delegacia de Policia, à frente das quais se achavam, respectivamente, João Gomes da Silva Basilio, Antônio Silião Bispo e Manuel Inácio dos Santos (Mané Tonhinho). José Moreira Tavares era o escrivão da Coletoria, e Joaquim Gomes da Silva (Peixe), o carcereiro. Manuel Gomes da Silva foi o primeiro comandante da Guarda Municipal. (50)

A contar daquela data, a pequena vila já possuía as características das cidades rústicas do Nordeste, cujos fatos sociais mais importantes se resumiam às feiras semanais, missa aos domingos, casamentos e festas religiosas. (51)

A última década do século XIX terminou sem deixar memória de outros fatos além da vigência do primeiro código de posturas, promulgado no dia 11 de novembro de 1898.

## X X X

A 13 de janeiro de 1903, um infausto acontecimento abalou a alma do povo de Brejo Santo: faleceu o Pe. Abath.

(50) O primeiro cidadão que exerceu função policial no Brejo foi o aguabelense Victor José Modesto. No Natal de 1872, ao entrar na C-pela, ouviu o seguinte conceito que lhe fez Joaquim Cardoso dos Santos: «Delegado forte para os fracos.» No dia seguinte, Modesto cercou-lhe a casa e aprisionou uns criminosos ali homisiados. O ato não foi apolado por Basilio Gomes, que censurou o irmão. Modesto, homem temperamental, retrucou-lhe: «Tome sua merda. Eu não trabalho com covardes.» Foi após tal incidente que Victor José Modesto se estabeleceu em Araripina, como já se viu atrás.

(51) «O Rebate», de 19-12-1909, transcreveu a seguinte notícia social de Brejo, publicada em «A União», de Barbalha, de 12 do mencionado mês: «Em sua fazenda QU-IMADA DO MEIO o major Manuel Inácio Bezerra festejou condignamente o casamento de duas filhas suas, deixando seus convivas penhorados pela gentileza com que foram tratados.» Nota do autor:— As nubentes eram Luzia e Carmina, que se casaram, respectivamente, com Francisco Gomes da Silva Basilio e Cassiano Inácio Bezerra Sobrinho.

O pranteado vigário foi substituído pelo não menos virtuoso Pe. João Casimiro Viana, que assumiu suas funções no dia 29 de março do mesmo ano. (52)

Sacerdote culto, inteligente e progressista, Pe. Viana, do próprio púlpito, iniciou uma campanha esclarecedora sobre o cultivo do algodão, incentivando o plantio e fazendo até distribuição de sementes da malvacea aos seus paroquianos. Incorporado o algodão à lavoura do Município, logo depois era instalada em Brejo u'a máquina de beneficiamento, cujo aquisitor foi o cidadão Manuel Inácio Bezerra, filho. (53)

Ajustando-se admiravelmente ao meio, Pe. Viana imprimiu um novo ritmo à marcha da civilização na sua nova paróquia. Fundou a Conferência de São Vicente de Paulo; empreendeu a reedificação da Matriz desde os alicerces; edificou, ajudado por Antônio Bernardino de Maria, a capela do Bom Jesus da Esperança; fundou uma escola noturna para a educação das crianças pobres; criou a Associação do S. Coração de Jesus; ampliou o cemitério e reedificou a capela do mesmo; fez-se professor de português, francês e latim de uma pleiade de jovens, entre os quais se incluíam os filhos do coronel Basílio Gomes, Joaquim (Quinzô), Francisco, Pedro e Antônio Gomes da Silva; iniciou a reedificação da capela de N. S. Santana, na Cachoeirinha, construída por Pedro de Oliveira Santos; fundou em Porteiras uma Conferência de S. Vicente de Paulo; fez ali um cemitério; formou um patrimônio para a padroeira de Porteiras, cuja capela ornamentou e supriu de utensílios necessários, e construiu sua própria residência a poucos passos da Matriz.

X X X

Em 1904. voltou a governar o Ceará o comendador Nogueira Acióli. A política de interesses pessoais — como ainda hoje — empolgava os espiritos. Estava generalizado no Cariri o regime de de-

- (52) Pe. Viana era irmão de D. Balbina. Nasceu em Lavras, a 7 de set. de 1876. Iniciou seus estudos em 1893, no Seminário Episcopal de Fortaleza. Em 1897, transferiu-se para o Seminário Arquiepiscopal da Bahia, onde terminou o seu curso. Nomeado censor daquele estabelecimento em 14-2-1898, Pe. Viana recebeu a primeira tonsura em 29-9, as ordens menores a 1-5-1901 e as ordens sacras de Presbítero no dia 29 de set. do mesmo ano. Logo depois celebrou sua primeira missa em Brejo Santo. Designado para coadjutor do vigário de Itapipoca, assumiu suas funções em 2-2-1902. Foi pároco de Trairi, a contar de 16-5-1902, durante 9 meses, onde o autor, em 1928, obteve referências elogiosas à sua passagem por aquela antiga vila. De lá viera para Brejo. Foi grande colaborador de «Cetama», de Barbalha.
- (53) Aquela máquina pioneira, cujo locomóvel de 24 HP foi trazido do porto de Aracati por 24 juntas de boi, pôs fim ao sistema rudimentar das boladeiras, das quais toram precursores Manuel Estevão, Manuel Inácio de Lucena e Lourenço Gomes da Silva.

posições pelas armas, inaugurado em 1901, em Missão Velha, com a deposição de Antônio Róseo Jamacarú, efetuada por Antônio Joaquim de Santana. O fato reproduziu-se em Crato (1904), Barbalha (1906), Lavras da Mangabeira (1907), Campos Sales (1908) e Araripe (1909). Revivia o cangaceirismo. Ainda em 1908, Santana do Cariri e Aurora foram palco de sangrentos acontecimentos. «Os coronéis e chefes políticos caririenses cercavam-se de cangaceiros importados de outras regiões contra os quais não se movimentavam as autoridades, já por impotência, já por parcialidade política.» (54)

O Governador Nogueira Acióli, em todas as deposições, permanecia neutro, no dizer da oposição, esperando tranquilamente o resultado, a fim de entregar o penacho ao vencedor. (55)

Enquanto isso acontecia na maioria dos municípios cearenses, Brejo Santo permanecia em completa paz, imune do caciquismo matuto como ficaria isento do fanatismo religioso instituído no Juazeiro, graças, sobretudo, à formação moral e espiritual do seu chefe, coronel Basílio Gomes, que era refratário à violência e ao embuste. (56)

Contudo, de um modo ou de outro, a política de Brejo Santo iria sofrer a influência do novo sistema instituído nos sertões. Foi exatamente no auge daquelas conturbações políticas (1909), que surgiu um novo líder com pretensões ao governo municipal — Manuel Inácio de Lucena — cujo prestígio se firmava dia a dia. Homem clarividente, Basílio Gomes não se opôs ao desejo do amigo. Cedeu-lhe a Intendência e passou a apoiá-lo. «Por força dessa elevação moral, Brejo Santo gozou dos benefícios da paz entre seus filhos, enquanto o Patriarca influenciou decisivamente em seus destinos políticos e sociais.» (57)

### X X X

No dia 20 de abril de 1911, após haver prestado os mais relevantes serviços à comunidade, faleceu o Padre Viana, cuja vida ficou irrevogavelmente ligada à história de Brejo Santo. Como seu antecessor, foi sepultado na Matriz, sob o olhar compungido dos seus paroquianos. Sucedeu-lhe o erudito Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, que tomou posse da Paróquia a 9 de julho do referido ano. (58)

(54) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.

(55) «Unitário», edição de 14-6-1910.

(56) Leia-se «Um Civilizador do Cariri», pág. 25, autor citado.

(57) Pe. Antônio Gomes de Araújo, ob. cit., pág. 17.

(58) Relação dos vigários de Brejo Santo que se sucederam depois do Pe. Leopoldo: — 5-1-1913 — Pe. Raimundo Monteiro Dias. 11-11-1915 — Pe. Manuel da Silva Porto. 13-1-1916 — Pe. João Albuino Pequeno. 31-12-1922 — Pe. Manuel Raimundo Nonato Pita 1-1-1930 — Pe. Pedro Inácio Ribeiro.

Em «O Rebate», edição de 4-6-1911, está inscrito o necrológio do Pe. Viana, traçado por «Um amigo»:

«Há homens cuja vida é tão útil à sociedade pelos atos de benemerência que pratica que, quando tropeça na sepultura, deixa na terra um vácuo impreenchível. O Revmo. Padre João Casimiro Viana, ex-vigário da vila de Brejo dos Santos, últimamente falecido, foi um desses homens. Quer se o encarasse pela superioridade de seu talento e pela ilustração que possuía, quer se o encarasse pela sua perfeição moral, como cidadão e como sacerdote católico, era por todos admirados. E o que mais o destacava, realçando a gradeza do seu espírito, era a modéstia com que êle velava todos os seus feitos. De modo que, quem o não conhecera de perto, quem com êle não convivera, e quem não sentira todas as pulsações, pelo bem, de seu coração benfazejo, não pode calcular quem fôra aquêl virtuoso padre. Por isso, amigo que dêle fôra, resolvi muito superficialmente fazer pública a sua biografia, conforme os dados ao meu alcance, para que os atos de sua vida neste mundo de transição sirvam de exemplo edificante aos seus pôsteros.»

Nos anos de 1911 e 1912, Brejo Santo participou dos dois únicos acontecimentos políticos de importância na região: o pacto de harmonia política realizado em Juazeiro, no dia 4-10-1911, sob os auspícios do Pe. Cicero, e a reunião dos chefes políticos carienses presidida por Moreira de Souza, levada a efeito em Barbalha, no fim do ano seguinte, a qual tinha por objetivo o apoio a Franco Robelo, empossado no governo a 14 de julho. Àquelas assembléias, cujo fim era o combate ao banditismo dominante, compareceram os chefes de todos os municípios do Sul do Estado, com exceção de Lavras ao conclave de Barbalha.

X X X

Durante o biênio 1912-1914, governou o Município o cidadão João Inácio de Lucena. Seguiram-lhe os seguintes gestores: Joaquim Gomes da Silva Basilio — 1914-1916. Manuel Inácio Bezerra — 1916-1918. José Nicodemos da Silva — 1918-1919. João Inácio de Lucena — 1919-1927. Joaquim Inácio de Lucena — 1927-1929. Manuel Leite de Moura — 1929-1930. João Anselmo e Silva — 1930-1931. Luiz Gonzaga Júnior — 1931-1934. Franclin Tavares Pinheiro — 1934-1935. José Matias Sampaio — 1935-1945. José Jacinto de Araújo — 1945-1946. Joaquim Leite de Araújo — 1946. Vicente Alves de Santana — 1946-1947. Napoleão de Araújo Lima — 1947-1948. Dionísio Rocha de Lucena — 1948-1951. Antônio Alves Santana — 1951-1955. Dionísio Rocha de Lucena — 1955 (atual quatriênio).

Em 1913, foram celebrados 605 batizados e 129 casamen-

tos, tendo havido 175 óbitos. No ano seguinte, quando a população era avaliada em 17.908 habitantes, houve 126 casamentos e 740 batizados. É curioso que dentro dêsse periodo haja diminuído o número de filhos ilegítimos, pois, enquanto nasceram 28 em 1913, apenas 18 foram constatados em 1914. (59)

Relativamente ao movimento armado de Juazeiro, rebeldia de jagunços iniciada a 9 de dezembro de 1913 por Floro Bartolomeu, Brejo Santo teve a ventura de não ser molestada pela horda de salteadores e assassinos que dali promanaram, não obstante a desmoralização sofrida por um dos capitães de fanáticos nas ruas do Brejo, pouco antes da eclosão daquela desordem coletiva. (60)

Todavia, uma forte animosidade reinava entre o situacionismo de Brejo Santo e o de Porteiras, a qual recrudesceu no curso do primeiro semestre de 1915.

Antevendo as consequências daquela rixa, o coronel Basilio dirigiu o seguinte telegrama ao Pe. Cicero :

«Milagres — N° 9 7-5-15. Exmo. Revmo. Pe. Cicero. Confiado vosso incontestável valor êste pôsto por Vossa Revma. minha humilde disposição, tomo liberdade pedir vossa valiosissima intervenção para pacificar questão Chicotes Cardoso marcham em inconciliável conflito. Peço intervenção urgente. Saudações. Basilio Gomes.»

Por outro lado, despontava antiga rivalidade entre os habitantes dos dois municípios, oriunda de uma frustrada pretensão dos porteirenses, os quais, em 1880, pleitearam a mudança da sede da Freguesia para Porteiras, alegando, sobretudo, a abundância do seu povo e a pobreza da população de Brejo. A pretensão em aprêço foi indeferida com base no parecer do então Bispo Diocesano, notável documento trasladado nas Memórias do Pe. Abath. (61)

(59) «Correio Eclesiástico», edições de maio e junho de 1915.

(60) De passagem por Brejo Santo, Manuel Calixto entrou numa mercearia. Enquanto bebia cachaça, dirigia insultos aos adversários de Floro e exhibia uma cédula de 200\$000 para quem declarasse ser rabelista. Tendo conhecimento daquela provocação, João Gomes da Silva Basilio dirigiu-se ao jagunço e declarou-lhe: «Pronto um, cabra, que vai dizer de graça. E gritando: «Sou rabelista! Viva Franco Rabelo!» Foi o bastante. Manuel Calixto «meteu o rabo entre as pernas» e escafedeu-se para seu «habitat».

(61) «Residência Episcopal do Ceará, 25 de agosto de 1880. Exmo. Sr. Conselheiro André Augusto Fleris. Em officio de 19 do corrente, solicita V. Excia. o meu parecer sobre a petição dos habitantes de Porteiras, da Freguesia de Brejo dos Santos, dirigida à Assembléa Legislativa Provincial, em que pedem a transferência da sede da dita Freguesia, da povoação de Brejo dos Santos, onde se acha, para a de Porteiras. Alegam êles ser o distrito de Porteiras mais populoso e, em sua maioria, de proprietários abastados, ao passo que os habitantes de Brejo acham-se em extrema pobreza, sem poderem con-

Foi, portanto, em consequência dêsse conflito de ordem bairrista que, em Brejo, a rixa política tomou o aspecto de movimento de massa.

Estavam coligados contra Raimundo Cardoso dos Santos, chefe supremo de Porteiras, Mousinho Cardoso, os Chicotes e José Inácio, chefes influentes de Brejo e Milagres, os quais, depois de mandarem assaltar, à mão armada, a propriedade do adversário, expediram telegramas à imprensa de Fortaleza e do Rio e ao Presidente da República, clamando por providências, já que não confiavam no Govêrno do Estado. (62)

Reportando-se àquêlas acontecimentos, assim se exprimiu Abelardo Montenegro: «O caso de Porteiras reproduzia o crime de Aurora. A despeito de não dirigir-se contra os poderes públicos, as suas consequências influíam no espírito turbulento de muitos chefes locais, naturalmente inclinados à expansão de sentimentos de revolta. Benjamin Barroso compreendia que a vida normal nos povoados cariarienses repousava na paz armada; que havia ali rivalidades sangrentas entre localidades; que naquela região campeavam a ignorância, o feiticismo religioso e político e a falta de justiça; que a respeitabilidade de um cidadão estava na ordem direta do número de cangaceiros a seu serviço.» (63)

Finalmente, no dia 13 de junho de 1915, cêrca de 300 homens tendo à frente os coligados, desfecharam o ataque à vila de Porteiras. O ten. Artur Inácio, que comandava 40 praças, resistiu 11 horas. Seu último reduto foi o cemitério de onde se retraiu com o chefe deposto, segundo declarou anos depois ao autor.

Imediatamente após aquêles acontecimentos, o Govêrno Estadual organizou uma expedição militar com o fim de dar combate sem trêgua ao banditismo, para cujo comando foi escolhido o coronel

---

correr com o aumento da respectiva Igreja, ao que tenho a honra de responder que o meu parecer é que a séde da dita Freguesia continú a ser na povoação de Brejo dos Santos, como foi designada com a criação da Freguesia. Porque, se os habitantes de Porteiras dizem que o seu distrito tem mais população, o mesmo Pároco atesta que assim é, mas que acha-se ella disseminada pelas abas da serra, ao passo que a de Brejo dos Santos está aglomerada junto à Matriz, formando o povoado do mesmo nome. Quanto ao dizerem que os de Brejo se acham em extrema pobreza, acho ser mais uma razão para se não mudar a séde para Porteiras, cujos habitantes abastados e ricos, como são segundo elles mesmos dizem, estão mais no caso de procurar os socorros espirituais no Brejo dos Santos do que éstes que moram em Brejo, que, estando em extrema pobreza, ficarão privados de socorros espirituais, e sem meio de os procurarem, caso seja mudada a séde. (a) † Luís, Bispo do Ceará.» — Livro do Tombo da Paróquia de Brejo dos Santos.

(62) Abelardo F. Montenegro. ob. cit.

(63) Id., id.

Ernesto Ramos de Medeiros, tenente do Exército em comissão na Polícia Militar do Estado.

«Na ocasião em que o coronel Medeiros aceitava o convite, em Palácio, estava presente o sr. Antônio Botelho Filho, que ouviu do Governador as seguintes palavras dirigidas àquêlê militar: — Você vai ao Cariri e a outras cidades do sertão. Não poupe bandido. Execute-os sumariamente.» (64)

A força expedicionária — cêrca de 500 praças — acantonou em Brejo dos Santos. Dalí, durante três mês, o coronel Ernesto dirigiu as operações. As ordens do Governador Benjamin Barroso foram rigorosamente cumpridas. Mais de 200 criminosos foram aprisionados. Chá Preto e Ferrugem morreram fuzilados. Manuel Silião, delegado de Brejo, foi levado à cadeia e processado. Todos aquêles que tomaram parte no ataque a Porteiras encontraram na fuga o único meio de salvação do cárcere.

O Cariri foi pacificado.

X X X

Restabelecida a ordem no interior do Estado, Brejo Santo partilhou da relativa tranquilidade que caracterizou os primeiros tempos do periodo governamental do Dr. João Tomé.

Tendo sobrevivido — não se sabe como — a sêca do 15, o galhardo povo brejosantense recrudescceu suas atividades nos campos recém-devastados.

Dêsse modo, 1917 veio encontrá-lo em franco periodo de recuperação. Êste foi um ano de gratos acontecimentos na Comuna, a começar pela instalação da Agência Telegráfrica (pôsto telefônico), cujo ato inaugural contou com a presença do capitão do Exército José Bezerra de Menezes. (65)

Manuel Rodrigues, emigrado de Flôres (Pernambuco), institui as Cavalhadas, em cujas corridas ganham fama Domingos Lourenço da Silva, Misael Fernandes Pinheiro. (66) Pedro Chicote, Francisco Florentino de Araújo, Pedro Tavares, Joaquim Amaro, Antônio Leite Teixeira, José Piancó e Cassiano Inácio Bezerra Sobrinho.

(64) Id., id.

(65) Em 1917, foram expedidos 556 telegramas num total de 9.616 palavras, e recebidos 505, somando 8.000.

(66) Misael F. Pinheiro é o atual Coletor Estadual. Em ordem cronológica, foi antecedido por Antônio Silião Bispo, João Alves de Moura, Tiago Inácio Bezerra e José Inácio da Silva.

(67) Nerú, de Barbalha, foi o primeiro mestre da banda de música. Sucederam-lhe João Alberto, Francisco Pereira Lima (Baião), Olívio Lopes Angelim e João Cândido de Sousa.

A cabaçal de Felix da Goianinha é ofuscada pela banda de música fundada por Tiburtivo Inácio da Silva Torres. (67)

Logo é despertado o pendor artístico de alguns jovens, sobretudo pela difusão das melodias de Patape Silva e dos dobrados da Banda do Corpo de Bombeiros, através do gramofone do lojista Manuel Leite de Moura, cujos discos tinham o sêlo da tradicional Casa Edson, do Rio de Janeiro.

Nasceu o Tiro de Guerreiro n. 421. Entrementes, o ex-seminarista Joaquim Gomes da Silva Basílio (68) funda o Colégio São José, do qual se tornam professores o Pe. João Albuino Pequeno e Nicolau Viana Arrais (Vianinha).

X X X

1919 constituiu um hiato na evolução econômica e social do Brejo, cujo povo, antes de sofrer os efeitos da seca, começou a inquietar-se com o renascimento do cangaceirismo em suas fronteiras. De fato, às 7 horas de 20 de janeiro daquele ano, Luís Padre e os asseclas de José Inácio assaltaram Dona Praxedes Furtado de Lacerda, em seu sítio Nazaré, município de Milagres, roubando-lhes todo o dinheiro. (69)

Por outro lado, 1919, ano em que surgiu em Brejo o primeiro automóvel, vindo do Recife para o Crato, assinala o início das questões políticas do Município, com a abertura da luta eleitoral pela governança do Estado entre Justiniano de Serpa e Belizá-



Sub-Diacono Antônio Comes da Silva (de pé) e seu irmão Joaquim Gomes da Silva Basílio (Quinzô)

(68) Joaquim, mais conhecido por Quinzô, foi contemporâneo do irmão Antônio Gomes, no Seminário de Fortaleza. Este, nascido aos 13-2-1887, faleceu em Brejo a 15-2-1916, às vésperas do sacerdócio, menos de dois meses após ter recebido a ordem maior do subdiaconato. Espírito inteligente e culto, p. 15 do-

rio Távora, o primeiro, apoiado pelo situacionismo, e o segundo, candidato das forças de oposição. Era o tempo em que o Governo não perdia eleições.

Não obstante êsses fatos, o Município manteve sua evolução. A população, em que pese a imperfeição do recenseamento, atingiu a cifra de 5.617 habitantes em 1920. Naquele ano havia 171 estabelecimentos rurais distribuídos entre 134 proprietários, cujo gado existente era o seguinte: Bovino—3.498, Equino—533, Asinino e Muar—310, Ovino—801, Caprino—1.211, Suino—611. (70)

Havia 2.400 lavradores, 2.000 roçados, 1 sítio de cana, 1 motor a vapor, 10 aviamentos para farinha, 1 prensa de algodão, 4 açudes, 2 teares a mão, 1.600 casas, 1 máquina de descarregar algodão e 6 casas comerciais. (71)

Marcantes acontecimentos tiveram curso em 1820. No dia 20 de jan., um espetáculo inédito teve por palco o edificio da Câmara Municipal. Um faquir indiano—O ENTERRADO VIVO— ali foi sepultado para permanecer 2 horas sob a terra. Decorrido cêrca de 30 minutos, um frêmito agitou a assistência. A quinhentos metros dali, no seu sítio Nascimento, o coronel Basilio Gomes estava sendo saqueado pelo grupo de Sinhô Pereira e Luiz Padre. Acabou-se a função.

Apesar de instado por Francisco Basilio, filho do coronel, o capitão José dos Santos Carneiro, que comandava cêrca de 100 homens, marcou passo durante quase duas horas, só chegando a Nascimento depois da retirada dos salteadores.

Outro fato curioso foi o aparecimento dos jornais "O Besouro" e a "Flor", dirigidos, respectivamente, por José Moreira Tavares, que foi o primeiro tabelião da Comuna, (72) e Pedro Gomes da Silva Basilio, linguista e brilhante poeta. Escritos à mão, êsses jornais saíam uma vez por semana.

minava integralmente o latim, o francês e o inglês, brilhante em matemática, história, direito; filosofia; hermenêutica etc., segundo o testemunho de um dos seus contemporâneos de curso, Antônio Gomes escreveu cartas, artigos de jornal e ensaios poéticos, até em francês, proferiu discursos e conferências. Suas produções, que se achavam em poder do pai, foram destruídas no saque da Nascimento pela horda de Sebastião Pereira. Uma porém ficou como que uma prova do seu invejável talento. Trata-se de um belo trabalho sob o título «Curso Teológico atual de Fortaleza», inserto no CORREIO ECLESIASTICO, n.º. 17, de 14-10-1914, que é um primor de relêvo espiritual.

(59) Abelardo F. Montenegro, ob. cit.

(70) Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, «O Ceará no Centenário da Independência do Brasil.»

(71) Id., id

(72) O officio respectivo foi criado pela lei n.º. 289, de 13-8-1896.

No dia 20 de abril, foi fundada a primeira farmácia do Município. A Farmácia Oswaldo Cruz, que se tornou o centro principal de reunião social do meio, foi fruto do esforço pessoal do seu fundador João Anselmo e Silva, pai do autor, o qual, para submeter-se ao exame de habilitação em Fortaleza, deslocou-se a pé e de maca às costas, sob a inclemência de rigoroso inverno, até Lavras da Mangabeira, então última estação da E. F. Baturité. Deve-se àquele advento o aparecimento dos primeiros médicos em Brejo Santo: drs. João Victorino da Silva e Joaquim Pinheiro Monteiro, aquele já falecido, e este, atual chefe do Serviço de Saúde da 10ª. Região Militar, no posto de tenente-coronel. (73)

Também ali estiveram exercendo atividades profissionais os irmãos Miguel e Joaquim Alves, cirurgiões-dentistas. Joaquim porém só se preocupava em ler e escrever.

Nos últimos dias daquele ano, uma peça teatral foi levada à sena, cujo palco foi armado no salão da Prefeitura Municipal. A organizadora do arrojado empreendimento foi a professora diplomada Luiza Grangeiro (D. Lili), que escolheu para galã o moço Manuel Alves de Moura.

Foi nessa época que apareceu em Brejo a primeira lanterna de pilha, nas mãos de um cunhado do tenente Peregrino Montenegro, então ali estacionado.

Brejo porém era uma ilha centralizada numa região infestada de cangaceiros. Por isso, transformou-se em base de operações contra o banditismo, em consequência do convênio policial interestadual realizado no Recife, em dezembro de 1922.

Dai por diante os fatos decorridos são parcos e esparsos. Em 1923, o maior acontecimento social foi aparecimento de José Soares Gouveia, o aclamado Tio Juca dos nossos dias. Jovem, vigoroso, inteligente, culto e boêmio, Gouveia polarizou, dede logo, toda a vida social da Cidade. Tornando-se hóspede infalível de João Anselmo, com quem se ajustou integralmente, Gouveia passou a viver mais em Brejo do que em Barbalha, onde residia na qualidade de fiscal de

---

(73) Até o fim do terceiro lustro d'este seculo, a medicina popular em B. Santo foi exercida por «Seu» Lino, antigo vaqueiro do cel. Basilio. Com rara habilidade, aquêle medicastro arrancava dentes, curava punhaladas, tratava de fraturas, extraia balas, applicava clisteres etc. Seus instrumentos cirúrgicos eram apenas um boticão e um fino carudo de borracha, com o qual localizava projectis. Entre os antigos clientes do velho Lino figuram Anselmo Teles de Carvalho, avô paterno do autor, cujos dentes foram extraídos a dedo, e o Rev. Pe. Antônio Gomes, cujo antebraço direito fraturado em criança, é hoje 100% perfeito.

rendas federais. Gouveia é um nome que ficou vinculado à crônica de Brejo Santo. (74)

X X X

1925 começou com a reabertura do Colégio São José, dirigido por Pedro Gomes da Silva Baslio. Naquele estabelecimento, cuja vida foi efêmera, eram ministradas as seguintes matérias: Português, Geografia, Matemática, História e Francês. O ano terminou com o aparecimento de Lampião na fazenda de Francisco Xavier, no Poço. Noticiando o fato, "O Ceará", de 24-12-1925, reproduziu declarações do bandido ao fazendeiro, segundo as quais estava recrutando homens para fazer guerra contra os Estados da Paraíba e Pernambuco.

Em maio de 1926, no lugar Ôlho d'Água dos Santos, doze civis cercaram Raimundo Moraes (Mundinho), bandido errante que pertencera aos grupos de Sinhô Pereira e Lampião. Mundinho, que era natural de Brejo, foi ferido na perna mas resistiu durante 10 horas. Conduzido à Cidade, onde foi alvo da curiosidade dos antigos companheiros de infância, o bandoleiro submeteu-se à uma dura operação efetuada por Dr. Caminha, que lhe amputou a perna com facas e serrote de açougue. Após aquêlê martírio, Mundinho solicitou um confessor. Pe. Nonato ouviu-lhe por mais de uma hora. De resto, solitário e êbrio inveterado, veio a falecer no ano passado na mais negra miséria. (75)

Ao chegar outubro, a agência do Banco do Brasil suspendeu a cobrança de títulos na praça de Brejo Santo, por motivo de o Município ter voltado a ser percorrido por bandos de cangaceiros, conforme telegrama do respectivo correspondente.

1927. No dia 1º de fevereiro, no sítio Salvaterra, um contingente policial fuzilou Antônio Grangeiro e Leuro, cujos cadáveres foram incinerados. Comandava a força o ten. José Gonçalves Bezerra. Horas depois, ocorreu a hecatombe de Guaribas, cujo relato assim foi feito pelo escritor Abelardo F. Montenegro (ob. cit.), segundo informações colhidas pelo autor com pessoas da família Lucena Chicote:

«(74) Anedotista fecundo e recitador brilhante, Gouveia organizou tertúlias e piqueniques, caçadas e excursões. Desafiou o bandido Paraíba, partilhou do «sete-e-meio» do casarão de Bom de Ouro, advogou criminosos desvalidos, distribuiu dinheiro com a pobreza e nunca multou ninguém.

(75) Antes de morrer, R. Moraes aceitou em narrar para o autor episódios de sua vida pregressa. Em dado momento, quando se referia ao seu batismo de fogo no grupo de Sinhô Pereira (combate de Carnaúba-Pajeú), o ex-bandido expandiu-se num pranto convulsivo sem mais poder pronunciar uma só palavra.

«Chico Chicote estava cortando maniva em companhia de Mané Caipora e Sebastião Cancão, quando se aproximava de sua casa no sítio Guaribas, uma volante da polícia cearense, comandada pelo ten. José Gonçalves Bezerra. Joaquim Morais, morador de Chicote, sentindo a aproximação da força e julgando tratar-se do grupo de Lampião, disparava o primeiro tiro. A polícia cercava a casa de Joaquim que resistia até morrer. Logo depois, desfechava a polícia o ataque contra Chico Chicote. Atraída pelo fogo, chegavam duas volantes policiais, sendo uma de Pernambuco e outra da Paraíba, enxertada esta de cangaceiros a serviço da família Salviano, inimiga fidalga de Chicote desde que este matara Sinhô Salviano, no município de Brejo. Executavam o cerco da casa de Chicote dentro de poucos minutos. No interior da mesma, três homens se preparavam para a resistência: Chico Chicote, Mané Caipora e Sebastião Cancão.

Do lado de fora, na retaguarda dos soldados e cangaceiros, dois fiéis moradores de Chicote: os irmãos José e Manuel Francisco. Começava a luta desigual. José Francisco, depois de certo tempo, não satisfeito por estar separado do patrão, resolvia furar o cerco. Caía, porém, varado de balas, já na calçada da casa da fazenda. Após várias horas de fogo, dois filhos de Chicote, em companhia do destacamento policial de Porteiras e de alguns amigos, acorriam em auxílio do pai. O grupo de 16 homens conseguia furar o cerco e avizinhar-se da cidadela. Chicote, porém, repelia a idéia de abandonar a sua casa. Por outro lado, o destacamento de Porteiras verificava que Chicote estava sendo atacado pela polícia e não por Lampião. Os 16 homens retornavam, por isso, a Porteiras. Mais de 400 soldados tomavam parte no ataque. Enquanto lutavam, Lampião, no lugar Malhada Funda, na Serra do Araripe, assistia a refrega de camarote e dizia aos do seu grupo: «Se fôsse meu amigo eu ia lá.» Durante a resistência, Chicote procurava convencer a Caipora e a Cancão de que deviam fugir. Caipora, porém, retrucava: «Eu sempre lhe disse que no lugar onde lhe matassem o meu cadáver seria encontrado a duas braças do seu. Agora chegou a hora de cumprir a minha palavra.»

Cancão, porém, por imposição de Chicote, safava-se. Sem munição para resistir por mais tempo, reservava Chicote algumas balas para o último ato. O ten. Verissimo intimava-o a render-se. Chicote repelia a intimação e desafiava a que entrasse no quarto em que se achava. Nessa disposição, lutava até ser abatido. Penetrava a polícia no reduto de Chicote. Achava-o de joelhos em terra, amparado à parede, na posição de atirar, com o derradeiro cartucho na culatra do rifle. A pele do seu corpo inteiramente negra e o rosto, as mãos e os braços ainda sujos da fumaça da pólvora, constituíam a prova das 36 horas de fogo intenso.»

O episódio de Guaribas repercutiu fundamente na política

brejosantense, agravando cada vez mais o antagonismo entre os Amaros e Chicotes, a êsse tempo liderados, respectivamente, por Joaquim Amaro e Joaquim Chicote.

Em março, a população de Brejo sofreu as mais violentas arbitrariedades por parte de volantes de Alagoas e Pernambuco. Em abril, porém, ocorreu um fato compensador com a chegada do Pe. Antônio Gomes de Araújo, que acabava de receber a ordem do presbítero.

O ano terminou com a morte do bandido Sabino das Abóboras, no lugar Piçarra, quando o grupo de Lampião ia sendo aniquilado por uma volante da policia pernambucana, sob o comando do ten. Arlindo Rocha.

### X X X

Em consequência da vitória pelas armas da Aliança Liberal, em outubro de 1930, foi nomeado prefeito o farmaceutico João Anselmo e Silva. Tropas do 23 B. C. percorreram o Município apreendendo armas.

Nas eleições realizadas em 1935, foi eleito prefeito José Matias Sampaio, o qual, favorecido pelo regime instituido em novembro de 1937, consolidou seu prestigio politico até o seu desaparecimento. Foi nessa época que o cangaceiro Moreno inquietou o Município. Numerosos contingentes policiais foram lançados em sua perseguição. Até um campo de pouso foi construido nos arredores da Cidade, com o fim de facilitar as operações. Data daí a descida do primeiro avião em Brejo. Tudo inútil, porém.

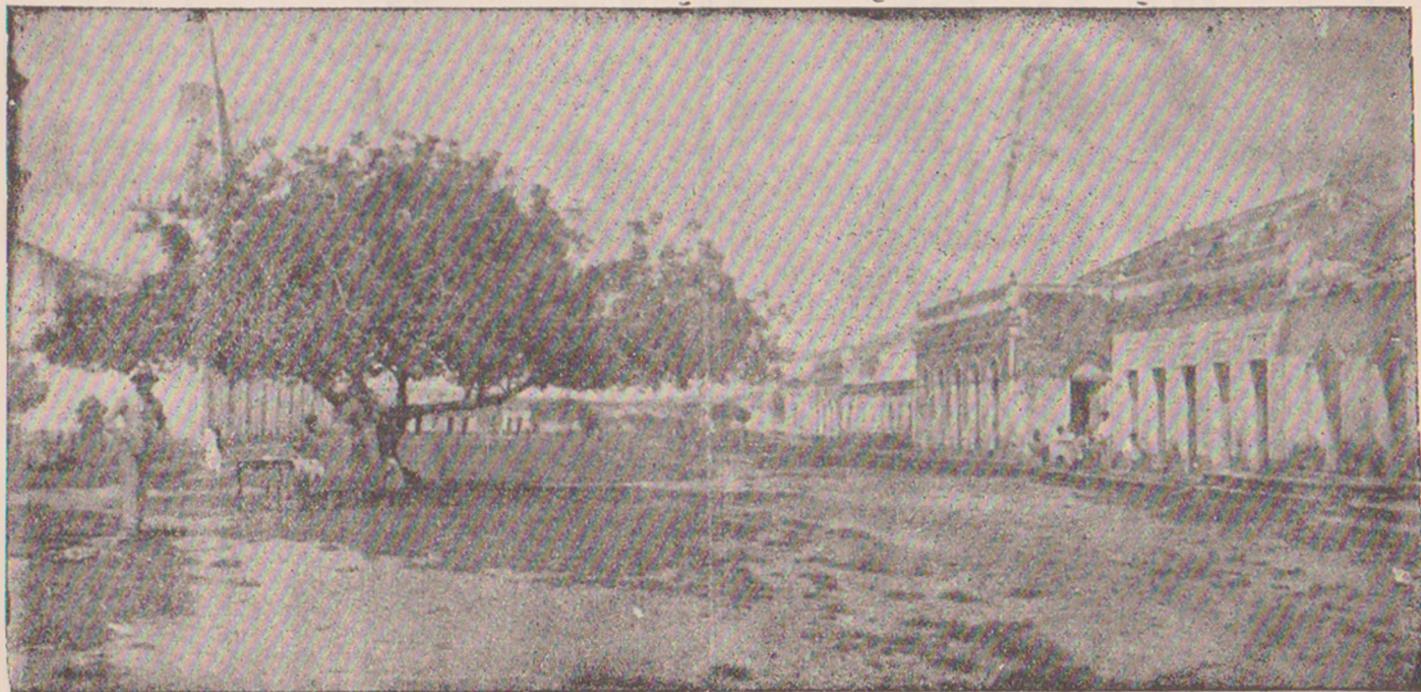
Em 1943, com a fundação da firma industrial «Nicodemos, Lins & Cia.», a Cidade passou a ser iluminada com energia elétrica. E no fim do ano seguinte, foi atingida pela Transnordestina, estrada militar cujo esquema foi traçado pelo saudoso general Manuel Rabelo.

Aos 30 de julho de 1947, por iniciativa de Manuel de Sá Roriz, foi fundada a Cooperativa Mista de Brejo Santo, tendo sido eleito presidente o industrial Joaquim Nicodemos de Araújo.

1948 assinala um novo impulso de progresso material na Comuna com a construção de novas ruas e transferência dos estabelecimentos comerciais para outro setor.

A 19 de dezembro de 1949, houve um desabamento parcial da Matriz, causando a morte de duas pessoas e graves ferimentos no coletor Misael Fernandes Pinheiro.

Quanto à população (exclusive Porteiras), que era de



Um aspecto de Brejo Santo da terceira década do século atual.

---

---

13.833 habitantes em 1940, somou 17.938 em 1950, dos quais 2.945 residem na Cidade. Dêstes, 1.392 são alfabetizados, e 1.032 não sabem ler e escrever. (76)

Município agrícola por excelência, em 1952, Brejo Santo ocupou o 3º. lugar no Estado na produção de milho, com 152.500 sacos de 60 quilos, e o 4º. na produção de algodão arbóreo, com 250.000 arrobas. (77)

Evidentemente, êstes resultados são espantosos, levando-se em conta que esta produção foi obtida com os processos rudimentares da agricultura.

A Cidade, que está dotada de um regular serviço de canalização d'água instalada na gestão do ex-prefeito Antônio Alves Santana, ainda conserva a marca do pioneirismo que caracteriza sua formação, através dum estabelecimento de ensino particular, mantido há vários anos pelo professor José Teles de Carvalho.

X X X

Como último fato dos acontecimentos históricos de Brejo Santo, figura o assassinato de José Matias Sampaio, ocorrido no dia 8 de setembro de 1952.

Apesar de se tratar de um político de real influência no meio, cujo desaparecimento determinou a retirada de várias dezenas de famílias para o Sul do País, o crime não perturbou a marcha evolutiva do Município.

X X X

Sabendo-se que um quilowatt é igual à energia de 27 operários, é fácil de imaginar-se o panorama econômico e social que Paulo Afonso vai proporcionar no futuro àquêl Município...

(76) «Sinopse do Município de Brejo Santo» — 1948 — IBGE.

«Anuário Estatístico do Brasil» — 1953 — Conselho Nacional de Estatística — IBGE.

(77) Waldery Uchôa, «Anuário do Ceará», 2º. Vol. — 1953-1954.

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantar-se os poderes nas mãos dos máus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.

RUY BARBOSA

# **BANCO DO CARIRI S. A.**

**Praça Siqueira Campos, N. 2**

**Prefira, para todas as suas operações  
bancárias, esta antiga e tradicional  
instituição de crédito.**

# Aderson Tavares & Cia.

Ferragens, Conexões,

Louças, Miudezas.

Tintas e Óleos.

*Rua Bárbara de Alencar, N.º 176*

Telegr.: ADERVARES — Caixa Postal, 24

CRATO — CEARA

---

## A CRATENSE

DE

EUCLIDES F. LIMA

CRATO — Rua Bárbara de Alencar, 161/163 — CEARA

**Tecidos - Chapéus - Sombrinhas - Guarda**

**Chuvas - Camisas - Pijamas - Roupas feitas**

==== **Linhas - Bordados - Rendas** ====

E mais um mundo de artigos para homens,

mulheres e crianças.

# A Contribuição dos Romeiros na Construção Econômica do Cariri

Escreve: José de Figueiredo Brito

No limiar dêste século eram ainda esparsas as habitações rurais do Cariri, especialmente nas serras. Existiam maior número de rurícolas nas baixadas do vale e nas faixas ribeirinhas onde os descendentes dos sesmeiros haviam formado suas culturas agrícolas e suas criações de gado.

Entre as sédes das fazendas, os principais núcleos populosos, andavam-se quilômetros sôbre caminhos sombreados pelo arvoredo das caatingas marginais. Nas chapadas das serras eram mais extensos êsses percursos, que às vezes alcançavam léguas.

Faziam-se as roças nos arredores dêsses agrupamentos de casas exceto nas baixadas e nas margens dos rios onde as moradias se achavam mais espalhadas e a agricultura estava mais desenvolvida.

A pouca densidade demográfica, a prodigalidade dos invernos, a vastidão das áreas cultiváveis em cada fazenda, a urberdade das terras quase virgens, o viço e o alto rendimento da lavoura, a salubridade dos campos e a confinação em comum das propriedades tornavam os fazendeiros desambiciosos e amigos de seus moradores dos quais não exigiam renda.

Não havia estradas e nem meios de taansportes, senão o burro, para o escoamento dos pequenos excedentes das colheitas e, por esta razão, os camponezes cuidavam mais da criação de rézes e miúças do que das sementeiras.

Mas um dia surgiu o fanatismo do Juazeiro, depois a estrada de ferro, depois o automóvel e a ronqueira e semi-paradisiaca vida caririense tomou o roteiro da civilização.

Os «milagres fenolftaleínicos» da beata Maria de Araújo atraíram para a Paróquia do Padre Cícero Romão Batista milhares de famílias camponezas de outros Estados que ali ficaram e constituíram a histórica meca. Tratando-se de gente paupérrima e não havendo em Juazeiro trabalho para todos, o padre encaminhou muitos romeiros para os campos inexplorados do Cariri, particularmente para a serra do Araripe e de São Pedro, recomendando-lhes que aforassem, arrendassem e comprassem aquelas terras e ali vivessem sob sua proteção espiritual. Dessa maneira amparava êle seus afilhados e combatia, veladamente, a ociosidade, a promiscuidade e a miséria amea-

çadora.

Os latifúndios serranos, sopesseranos e ribeirinhos foram assim povoados, especialmente depois de 1914. As feiras caririenses ficaram anualmente abarrotadas de produtos agrícolas, que passaram a ser exportados em larga escala, e o Cariri grangeou o título de celeiro do Estado.

Na serra do Araripe, pertencente à União, onde não havia água e sim onças, os bravos romeiros se fixaram em pequenas frentes aforadas por intermédio dos municípios, cobriram-nas de mandioca e abacaxis, abriram barreiros e montaram aviamentos manuais. Foi épica a sua luta inicial porque se alimentavam pouco e mal e bebiam água apanhada a duas e cinco léguas de distância. Mais tarde parecia ter sido executado ali um plano de reforma agrária tal era o sistema de ocupação coletiva da chapada.

Na serra de São Pedro operou-se o mesmo fenômeno com a diferença de que, não sendo devolutas as suas terras, os romeiros compraram aos latifundiários pequenas frentes de 10 a 100 braças e nelas se fixaram, cultivando cereais. As terras do sopé da mesma serra e parcialmente dos Carás foram igualmente retalhadas e cultivadas pelos romeiros.

Temos após a devastação das matas do planalto araripano uma densa pastagem ali se desenvolveu despertando a ambição dos sitiantes e criadores do vale que, a pretexto de «despastar» seu gado, mandavam soltar na serra as suas manadas que destruíam a lavoura dos posseiros. Estes procuraram mas não encontraram justiça e terminaram vencidos pelos prepotentes invasores de suas SITUAÇÕES. Uns foram esbulhados e outros premidos a vender barato os seus direitos.

Hoje a serra do Araripe está quase despovoada e suas terras devolutas «pertencem» a êsses invasores, havendo dêles que «posuem» até quatro léguas quadradas sob cêrca de arame em cujas mangas o pequi ou carne vegetal nativa já não pode ser colhido livremente. A lenha e as madeiras de construção são vendidas por preços elevados. Alguns dêsses grandes «proprietários» serranos têm boa cultura de mandioca com aviamentos a motor e pessoal assalariado.

As terras da serra de São Pedro, dos tableiros de seu sopé e dos baixios caraenses estão voltando também ao regime do latifúndio, mediante outro processo dos abastados. A história começa assim: um pequeno proprietário, esmagado pela carestia e desajudado pelo poder público, vende sua posse de terra a um rico. Este espera que o vizinho entre também em agonia e assim vai alargando

o seu domínio e o arrendando pelo sistema da meia.

Nesta altura do desequilíbrio entre a produção e o consumo, fator principal da carestia, é de admirar que os governadores cearenses, olhando o passado e encontrando êsses frutíferos ensaios de colonização das terras sulcearenses, aprovelem a DEBACLE da economia estadual consentindo que os milionários das cidades se apoderem até das terras devolutas, promovam a expulsão sistemática dos posseiros e explorem com a meia os trabalhadores que não podem emigrar.

Faltam-lhes a visão da realidade contemporânea, o zêlo pelos destinos sócio-econômico do Estado e pelos da própria democracia.

---

“Uma casa sem livros é como um corpo sem alma”.

CÍCERO

---

## FARMACIA CONFIANÇA

de LEONÍSIO VIEIRA & CIA.

*Grande estoque de medicamentos vendidos aos preços melhores da praça—O maior escrúpulo no aviamento das receitas.*

Rua Tristão Gonçalves, 94

(Em frente ao prédio dos Correios e Telégrafos)

CRATO

CEARA'

# Casa Abidoral

Recebeu:—Bicos, Bordados, Fitas Gregas, Botões de enfeifes, Gravatas, Perfumes diversos.

*Meias e uma infinidade de artigos que só o freguês  
pode ver melhor.*

Tudo por preço de abafar!

CRATO — Rua Bárbara de Alencar, 128 — CEARÁ

---

## Sapataria Popular

Antônio Mariano Filho

CALÇADOS

COUROS

SOLA E FERRAGENS

Rua Senador Pompeu, 98 — Crato-Ceará

Leitor Amigo ! Atenção !

# A «CASA VENUS»

A bem de sua numerosa freguesia, acaba de renovar  
o seu variado estoque de

«Sedas», «Linhos», «Tropicais», «Bramantes» e tudo o  
mais que se relacione com a sua elegância e distinção.

Faça sua economia fazendo suas compras na CASA VENUS

TELEFONE: 21-64

Rua Dr. João Pessoa: 92

GRATO — Ceará

## GINASIO NOSSA SENHORA DAS DORES

SOB INSPEÇÃO FEDERAL

*Ciclo ginásial—Curso primário e normal*

Direção da educadora FRANCISCA DE JESUS CAVALCANTE

*Conseguiu impor-se ao meio graças a sua sadia orientação e competência de seu corpo docente.*

SENADOR POMPEU

CEARA'

— ALMINO & CIA. LTDA. —

FÁBRICA ALIANÇA

Extração de óleos vegetais—Refinaria e Saboaria  
Beneficiamento de algodão

Produtores dos Sabões:

Crato—Araripe—Popular—Vegetal

*Inscrição 408 — Caixa Postal 44*

TELEGRAMA : — „ALMINO» — Telefone: 21-11

Rua Senador Pompeu, N. 10 — CRATO-Ceará

---

---

**PÔSTO REGENTE**

DE

Mário Correia de Oliveira

Gasolina Texaco, Óleo — Lavagem de Carros,

Lubrificação e Pulverização.

Rua Bárbara de Alencar

CRATO — CEARÁ

# Newton Teixeira

*Representações:*

Fábrica de Tecidos SÃO JOSÉ, Rêdes, Fios, Toalhas, Tecidos.

Charutos SUERDICK, os mais afamados do  
Brasil — Bahia. Velas da Fonte — Recife.

Cortume Cearense S. A. — Fortaleza

Fábrica Lafayette — Papel — Recife.

Cortume J. Joaquim — Fortaleza.

Caixa Postal, 32      -      End. Telegr.: «Luteixeira»

CRATO

CEARÁ

---

— Farmácia Nossa Senhora de Fátima —

*DE*

Maria Astrês & Cia. Ltda.

*Grande sortimento de especialidades farmacêuticas,  
a preços módicos.*

**Compras diretas nas principais praças do país.**

**Manipulação a cargo de sua farmacêutica proprietária.**

***ASSEIO E PONTUALIDADE***

**Rua José de Alencar, 97**

CRATO

—

CEARÁ

# FLORESTA NACIONAL ARARIPE-APODI — CRIAÇÃO E FINALIDADE — SUA ATUAÇÃO NA CHAPADA DO ARARIPE.

*Antonio Alves de Queiroz*

(Engenheiro-Agrônomo)

(Do Instituto Cultural do Cariri)

Vem de longe a voz de alerta a favor das florestas em nosso país. José Bonifácio, o Patriarca, estudioso dos problemas nacionais, lançando a vista ao futuro, anunciou, em tom profético, as seguintes palavras: «que as nossas matas, preciosas em madeira de construção civil e nautica, estavam sendo destruídas pelo machado assassino do negro e pelas chamas devastadoras da ignorância. Os cumes de nossas serras, fonte perene de umidade e fertilidade para as terras baixas, e de circulação elétrica, estavam sendo escaldados pelos ardentes estios do nosso clima. Precisamos conservar, como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas florestas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade, caracterizavam o nosso belo país.

A natureza fez tudo a nosso favor; nós, porém, pouco ou nada temos feito a favor da natureza. Nossas terras estão ermas; nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo; nossos montes e encostas vão-se escaldando diariamente e, com o andar do tempo, faltarão as chuvas fecundantes, que favorecem a vegetação e alimentam nossas fontes e rios, sem o que, o nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos páramos e desertos áridos da Líbia. Virá então esse dia terrível e fatal, em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros cometidos».

O dia não se demorou em vir. Hoje, o que se vê é a terrível realidade de um Brasil, cujas reservas florestais estão desaparecendo assustadoramente, ficando a terra cada vez mais enfraquecida com o arrasamento das selvas.

Já Coelho Neto dizia: «Nós que somos o povo do deixa andar, que nos embalamos nos braços da Providência, que só nos preocupamos com o sol que brilha sem nos lembrarmos da noite vindoura; nós que vivemos de esperanças, alardeando jactanciosos que possuímos uma natureza incomparável, que a nossa terra é um manancial perene; nós infelizmente já começamos a sentir que o manancial esgota-se e já nos levantamos para esperar, de pé, a miséria que se anuncia.

A devastação das florestas brasileiras é crime que se pratica, desde tempos imemoriais.»

E Euclides da Cunha, em «Contrastes e Confrontos», verdadeira: «Temos sido um agente geológico nefasto e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia.

É o que nos revela a história. Foi, a princípio, um mau ensinamento do aborígene. Na agricultura do selvagem era instrumento proeminente o fogo. Entalhadas as árvores pelos cortantes «dijis» de diarito, e encoivados os ramos, alastravam-lhes por cima as caítaras crepitantes e devastadoras. Inscreviam depois em cercas de troncos carbonizados a área em cinzas, onde fôra a mata vicejante, e cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte até que, exaurida aquela mancha de terra, fosse abandonada em «caçpuera», jazendo dali por diante todo o sempre estéril, porque as famílias vegetais, renovadas no terreno calcinado, eram sempre tipos arbustivos, diversas das da selva primitiva. O selvagem prosseguia abrindo novas roças, novas derribadas, novas queimadas e novos círculos de estragos; novas capueiras moinhas, vegetando tolhiças, inaptas para reagir contra os elementos, agravando cada vez mais os rigores do próprio clima que as flagelava — e entretecidas de carrascais, afogadas em macegas, espelhando aqui o facies adoentado da «caatanduva» sinistra, além a bravesa convulsiva das «caatingas».

Veio depois o colonizador e copiou o processo. Agravou-o ainda com se aliar ao sextanista ganancioso e bravo, em busca do selvicola e do ouro.»

Citando êsses três grandes vultos da literatura nacional, vemos em que termos foi colocada a importância do problema florestal.

Desde os tempos do Império, vem-se ressaltando o valor das florestas para a vida humana.

Hoje, a ninguém é dado ignorar que onde não há florestas, as condições favoráveis de vida se reduzem ao mínimo, em face da extensão e do volume consumido da matéria prima que elas oferecem — lenha e madeira.

É preciso que haja, portanto, uma atividade florestal permanente, capaz de assegurar o rendimento das florestas à altura das exigências domésticas e solicitações da indústria.

«Atividade florestal! Eis um tipo de trabalho humano ainda não consagrado em nosso país. Eis aí, um dos pontos iniciais da questão florestal no Brasil!» (Virgílio Gualberto)

### Serviço Florestal do Ministério da Agricultura

Em seu livro «Direito Florestal Brasileiro», o Dr. Osny Du-

arte Pereira diz que «embora tivéssemos um Jardim Botânico, criado pelo Alvará de 1.º de março de 1811, atravessamos todo o Império e grande período da Primeira República, sem uma repartição autônoma, com a finalidade de superintender a atividade florestal do país. As matas eram vistas apenas como fontes da Receita Pública e administradas pela Real Fazenda, com o exclusivo intuito de colher as rendas dos cortes de madeiras, especialmente do pau brasil. Os juizes conservadores eram admitidos com esta finalidade precípua. Fundaram-se vários Jardins Botânicos pelo país (Bahia, em 7 de janeiro de 1825; Cuiabá, em 11 de março de 1825; Aracajú, em 27 de maio de 1825; Ouro Preto, em 14 de julho de 1825; Olinda, em 27 de setembro de 1825; São Luis, em 7 de dezembro de 1830, etc.) e pelo Decreto de 28 de julho de 1860, foi criada a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, mas, um órgão nacional de proteção às florestas não existiu.

Sobrevindo a República, em que a matéria foi transferida para os Estados, varias unidades organizaram pequenos serviços, sem eficiência.

Só pelo decreto n.º 4.421 de 28 de dezembro de 1921, foi criado o Serviço Florestal do Brasil, regulamentado com o decreto n.º 17.042 de 16 de setembro de 1925.

Com a Revolução de 1930 e a conseqüente centralização do Poder, em 1933 foi feita uma reorganização do Ministério da Agricultura e no Serviço de Fomento da Produção Vegetal, criou-se uma Seção de Reflorestamento. Ao Horto Florestal da Gavea, criado em 1910, foram acrescentados outros: o Horto Florestal de Ubajara no Ceará, o Horto Florestal de Ibura, em Sergipe e o Horto Florestal de Lorena, em São Paulo.»

Pelo Decreto-lei n.º 982 de 23 de dezembro de 1938, foi definitivamente reorganizado o SERVIÇO FLORESTAL DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.

Seu regimento atual é o estabelecido pelo Decreto n.º 16.677, de 29 de setembro de 1944.

### Finalidade do Serviço Florestal

O Serviço Florestal, diretamente subordinado ao Ministro da Agricultura, tem por fim promover a criação, fomento, proteção e a melhor utilização das florestas do país.

Compõe-se de sete departamentos: Jardim Botânico, Seção de Silvicultura, Seção de Proteção Florestal, Seção de Tecnologia de

Produtos Florestais, Seção de Parques e Florestas Nacionais, Seção de Administração e Biblioteca.

## Seção de Parques e Florestas Nacionais

Conforme nosso objetivo, fazemos aqui referência especial à Seção de Parques e Florestas Nacionais. É da competência desta Seção — orientar, coordenar e fiscalizar o trabalho dos parques e florestas nacionais; elaborar os programas de ação e promover a criação de parques e florestas.

### Parques e Florestas Nacionais

Chama-se Parque Nacional a região natural que o governo de um país coloca sob a proteção do Estado, a fim de conservar flora e fauna, como defesa contra as devastações feitas pelo homem.

Aos Parques Nacionais compete — conservar para fins científicos, educativos, estéticos ou recreativos as áreas sob sua jurisdição; promover estudos da flora, fauna e geologia das respectivas regiões; e organizar museus e herbários regionais.

Em nosso país, temos os exemplos admiráveis dos seguintes Parques :

Parque Nacional de Iguaçu, no município da Fcz do Iguaçu, Estado do Paraná, possuindo a área de 200.000 hectares (criado pelo decreto-lei n.º 1.035 de 10-1-1939);

Parque Nacional do Itatiaia, no município de Rezende, Estado do Rio de Janeiro, com uma área de 12.000 hectares (criado pelo decreto-lei n.º 1.713 de 14-6-1937);

Parque Nacional da Serra dos Orgãos, situado no Estado do Rio de Janeiro, abrangendo os municípios de Teresopolis, Petropolis e Magé. Possui uma área de 10.000 hectares. Foi criado pelo decreto-lei n.º 1.822, de 30-11-1939.

Parque Nacional de Paulo Afonso, localizado entre os Estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco; possui uma área de 16.865 hectares. Foi criado pelo decreto n.º 25.865, de 24-11-1948.

Temos uma única Floresta, a Floresta Nacional Araripe-Apodí, que abrange duas glebas distintas, sendo uma na Chapada do Araripe, situada nos limites do Ceará, Pernambuco e Piauí, e outra, na Chapada do Apodí, entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Foi criada pelo decreto-lei n.º 9.226 de 2 de maio de 1946.

## Finalidade da Floresta Nacional Araripe - Apodí

Coube ao SERVIÇO FLORESTAL a iniciativa de criar, em 1946, a Floresta Nacional Araripe-Apodí, com a finalidade de utilizar, fomentar e proteger as matas existentes nas chapadas do Araripe, ao sul, e do Apodí, ao leste do Estado do Ceará.

A Floresta Nacional tem por fim, também, a coordenação para proteção de nascentes d'água, conservação da fauna, localização das pastagens para criação, além de promover facilidades de recreação pública.

## Atuação da Floresta Nacional na Chapada do Araripe

A Floresta Nacional Araripe-Apodí, diretamente subordinada à Seção de Parques e Florestas Nacionais, tem sua sede em Fortaleza.

A parte referente ao Cariri está em pleno funcionamento. O Setor Araripe, da Floresta Nacional, tem sua sede em Crato. Dadas as atividades nêste Setor, a administração da F. N. A. A. já fez o indispensável reconhecimento e estudo na chapada do Araripe, tendo fixado a área florestal, compreendida na sua jurisdição, em 34.790 hectares, parte mínima que está sendo defendida e conservada, apesar da relutancia dos que ignoram a finalidade do nosso trabalho.

Na referida área, as terras, a flora e a fauna estão sujeitas ao regime estabelecido pelo Código Florestal aprovado pelo decreto n° 23.793, de 23 de janeiro de 1934.

O Setor Araripe, da F. N. A. A., desde 1948, vem sendo assistido tecnica e policialmente por um agrônomo-chefe, que dispõe de um corpo de guardas florestais, os quais residem em casas bem construídas e nos pontos principais de defesa da mata.

Dentro das possibilidades de seus pequenos recursos, a administração da F. N. A. A. tem realizado muitos trabalhos dignos de menção. Podemos citar, em resumo, as seguintes providências :

a) inicialmente, determinou-se a proibição dentro da área da Floresta Nacional, de brocas para novos plantios de mandioca e abacaxí, de corte de madeira verde, de fabrico de carvão, da fixação de novos moradores no altiplano, da criação de caprinos e suínos soltos, sendo que essa medida, não relaxada até hoje, tem surtido grande efeito no sentido de garantir ao nosso serviço um melhor dominio da situação;

b) fez-se a delimitação, por meio de cercas de arame far-

pado, da área da F. N. A. A., medindo 34.790 hectares e compreendendo diversos padrões de vegetação nativa na chapada do Araripe; convém esclarecer que, apesar de ter sido destruída em grande extensão pelos inimigos do serviço oficial, a rede de arame farpado surtiu um duplo efeito: i) o ar a faixa que constitui a Floresta do todo da serra, e estabelecer maior controle administrativo;

c) foram construídas nos primeiros anos de trabalho, várias casas de taipa na chapada, para os servidores florestais; depois, com as determinações de ordem superior, foram construídas casas modernas do tipo «Casa Rural Brasileira», destinadas aos guardas florestais, localizadas nos seguintes pontos: Serra das Flores, Ladeira do Caldas, Malhada Bonita, Ladeira do Belmonte, Ladeira Central, Ladeira das Guaribas e Baixa do Maracujá. Todas as residências possuem cisternas ou tanques, para comportarem água proveniente das chuvas. Durante o ano de 1954, construímos duas dessas residências, acrescentando reparos em todas as cisternas existentes;

d) foi iniciada a construção de quatro barreiros com a capacidade para 2.000 metros cúbicos d'água; dois desses barreiros já foram concluídos em dezembro de 1954;

e) houve a feitura de cercas de arame farpado para delimitação de mangas, tendo sido construídas, durante o ano de 1954, as seguintes: manga da Baixa Rasa, manga das Guaribas, manga da serra das Flores e manga da Malhada Bonita, todas sob a responsabilidade dos guardas florestais que nelas residem. Temos observado os resultados positivos dessas delimitações; ninguém toca nos arames das cercas com o intuito de roubá-los ou destruí-los; tudo tem sido conservado nas mangas; o guarda que vive no local de uma manga fiscaliza tudo; sabe de suas atribuições; zela a floresta de sua manga, não deixa o lenheiro penetrar; não é permitida a extração de madeira; a mata fica em plena conservação, forma-se o bloco denso da floresta, dada a facilidade da multiplicação das espécies nativas;

f) construiu-se a residência moderna do agrônomo-chefe na chapada, à margem da rodovia Crato-Araripe; dispõe a mesma de uma cisterna com capacidade para 60.000 litros d'água e de um poço perfurado; foram construídos como partes complementares, um depósito, um portão e um muramento de proteção ao recinto. Resta apenas concluirmos a instalação elétrica, bem como, a instalação da bomba no poço perfurado de 200 metros de profundidade.

A administração da Floresta Nacional está interessada em criar um ambiente de conforto e bem-estar na chapada do Araripe. Já dispomos de fios suficientes e adequados para montar a linha telefônica do Escritório em Crato à residência do agrônomo na chapada.

g) foram perfurados dois poços profundos à margem da rodovia Crato-Araripina, afim de que, com a instalação de bombas, seja feito o necesssário abastecimento água ao Serviço Florestal.

h) DESPOVOAMENTO.— Com relação ao trabalho de despovoamento, paulatinamente e com a respectiva indenização, estão se retirando os lavradores da área defendida. Pelo que se observa, não é possível a permanência de alguns moradores na área da Floresta Nacional, pois não sendo permitido brocar, não podem fazer plantio de mandioca, de abacaxi e de outras culturas; por outro lado, não podem criar caprinos, ovinos e suínos soltos dentro da área limitada pela Floresta Nacional. A melhor solução é a retirada por uma questão de sobrevivência. Muitas famílias, em face das exigências regulamentares, têm-se retirado à procura de melhores condições de vida. Isso, de modo geral, acontece com a gente pobre; ao passo que, tendo em vista os grandes proprietários, a solução viável é a indenização relativa às benfeitorias existentes.

i) FISCALIZAÇÃO NA CHAPADA DO ARARIPE.— Tem-se acentuado dia a dia o esforço pela defesa e conservação das matas remanescentes na chapada do Araripe, no trecho delimitado pela administração da F.N.A.A. Apesar do pequeno número de guardas florestais de que dispomos, vamos fazendo um trabalho de esclarecimento e, ao mesmo tempo, de repressão, em benefício do Setor Araripe, da Floresta Nacional.

Tudo temos procurado fazer para manter em ordem o serviço de fiscalização nas principais cabeças de ladeira por onde passam os lenheiros. Dentro da Floresta Nacional, não permitimos a extração de carvão vegetal. Em pequena quantidade, e sob especial vigilância, damos, às vezes, permissão para extração de madeira seca, em lugares determinados.

As cabeças das ladeiras — Guaribas, Central, Belmonte, Farias, Caldas e Flores — estão bem defendidas e policiadas, pois nessas ladeiras existem residências onde moram guardas florestais com suas respectivas famílias.

Para melhor orientação do serviço de fiscalização, a chefia do Setor Araripe tem expedido as seguintes permissões: 1) PERMISSÃO para extração de LENHA SÊCA uma légua depois da cabeça de ladeira, com a condição de ser retirada em animais; 2) PERMISSÃO para extração de LENHA DE BROCA de brocas da zona agrícola; 3) PERMISSÃO para extração de madeira seca, em pequena quantidade, em lugares indicados; e 4) PERMISSÃO para extração de CARVÃO VEGETAL de brocas da zona agrícola.

j) INSTALAÇÃO DE POSTOS DE REFLORESTAMENTO.—No Setor Araripê da F.N.A.A. já foram instalados os seguintes Postos: 1) Posto de Reflorestamento de Barbalha, cujo terreno foi doado pela Prefeitura Municipal; dispõe de um cacimbão com bomba instalada, um tanque, dezceto canteiros, um ripado, escritório e residência construída recentemente para o encarregado do serviço; 2) Posto de Reflorestamento de Juazeiro do Norte, cujo terreno foi doado pela Escola Rural do Juazeiro; dispõe de instalações idênticas às do Posto de Barbalha; 3) Posto de Reflorestamento de Iguatu, cujo terreno no perímetro urbano foi doado pela Prefeitura Municipal ao Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, por mim representado, em 28 de junho de 1954; dispõe de todas as instalações necessárias; e 4) Viveiro Florestal de Crato, na sede do Escritório do Setor Araripê, da Floresta Nacional.

A produção total de mudas florestais já se eleva, em média, por ano, a oitenta mil, sendo distribuídas entre particulares espécies de eucalipto, cedro, craiba, nogueira, cajueiro, cumarú, jaqueira, sabiã, canafistula, algaroba, oitizeiro, oiticica, adenantera, flambulaiã, ficus retusa, etc.

Outros postos de reflorestamento poderão ser instalados, desde que os prefeitos dos municípios da região do Cariri tomem interesse pelo problema de arborização, em larga escala, nas terras devastadas. A exigência mínima do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura é de que cada prefeitura faça a doação do terreno no perímetro urbano da cidade. Todas as instalações necessárias ao posto serão feitas por conta do governo federal; e os trabalhos de viveiro florestal serão executados por funcionários da União.

### Floresta de Rendimento

Nas florestas nacionais se promovem serviços de ecologia e economia florestal, estudos de silvicultura (florestamento e reflorestamento), conservação do solo e sua proteção contra a erosão, trabalhos de ordenamento, dendrometria, desbastes, cortes, avaliação, contabilidade, venda dos produtos e subprodutos da floresta e utilização das pastagens de modo adequado; ainda temos a considerar: preparo de aceiros para prevenir o fogo, instalação de «torres de alerta» e combate aos incêndios e às pragas; abertura de estradas de acesso da floresta, inclusive controle de descidas da serra para municípios vizinhos; levantamento topográfico, fitográfico, e de talhões, cujo volume de madeira possa ser cortado; proteção à flora e à fauna regionais; distribuição do policiamento por meio de guardas florestais; organização e controle das recreações públicas.

Todos os povos, que cuidam das matas, possuem florestas

próprias, em porcentagem variável. Em áreas pertencentes ao Estado são estabelecidas, por lei, as florestas artificiais, de grande rendimento e de inestimável valor econômico.

A existência de florestas nacionais em quase todos os países do globo, estimulou a iniciativa de ser criada pelo governo brasileiro a primeira floresta nacional, sob a denominação de FLORESTA NACIONAL ARARIPE—APODI.

De acordo com o espírito do legislador, e na conformidade do artigo 3.º, letra d, do Código Florestal aprovado pelo decreto n.º 23.793 de 23 de janeiro de 1934, a FLORESTA NACIONAL ARARIPE—APODI foi criada como floresta de RENDIMENTO, sujeita, portanto, à exploração industrial.

### Considerações da Crdem Geral

A criação da Floresta Nacional Araripe—Apodi foi uma medida de alto alcance administrativo. O governo federal evitou que desaparecesse, dentro de pouco tempo, um dos maiores patrimônios florísticos do Estado, pois com a falta de vegetação superior e destruição das reservas florestais da chapada do Araripe, marchariamos aceleradamente para a esterilidade e a erosão, com o perigo do soterramento do vale do Cariri e ressecamento das fontes que dão origem aos brejos e irrigam os fruteirais e as valiosas culturas de cana de açúcar e arroz do sopê da serra do Araripe,

Devemos ouvir a voz da experiência. Virgílio Gualberto, presidente do Instituto Nacional do Pinho, assim falou:

«Da mentalidade, oriunda de quatro séculos de agro-pecuarismo empírico, expandido quase totalmente a expensas da mata nativa, que foi perseguida a ferro e fogo, estamos hoje inclinados a passar, ou pelo menos muitos o estão, a uma outra atitude não menos desprovida de fundamento: a de que a floresta até agora poupada deve permanecer intangível, para que ela preencha tão só a sua função natural de protetora da terra. Isso significa na realidade, porém, desconhecer, agora como antes, que a floresta é uma fonte de riqueza tão legítima, para o homem, quanto qualquer outro bem natural, e destinada a produzir bens de consumo de primeira necessidade.

A mentalidade rural brasileira, é, pois, uma mentalidade agrícola-pastoril. E por que assim é, a ocupação do território nacional vem sendo feita à custa da floresta e a história do nosso povoamento é a história de uma «desobstrução» florestal. Desobstrução destinada à incorporação de áreas para a agricultura e para a pecuária; desobstrução, até à devastação, que reduziu as nossas áreas flores-

tais das zonas mais povoadas a índices economicamente nulos; devastação que está a ameaçar o próprio solo agrícola e a sobrevivência de nossas populações; desobstrução que continua, ainda hoje, sertão a dentro, para colocação do excesso das populações agrícolas das zonas mais antigas ou para atender aos reclamos da nossa agricultura nômade ou da nossa criação extensiva.

Não preciso citar exemplos. Cada um de nós vive o drama das terras cansadas e esgotadas e os nossos homens de 50 a 60 anos testemunham a diferença do clima das áreas onde passaram a sua meninice. Cada um de nós sabe que os nossos produtos florestais — especialmente a madeira e a lenha — estavam à porta de nossas casas há menos de 25 anos. E começam a surgir as grandes tragédias como a de Volta Grande, em Minas Gerais: morros que desabam e soterram povoados.

Inconscientemente, mas não inconsequentemente, estamos destruindo as nossas florestas.»

É preciso educar o povo, disciplinando-o no cumprimento das leis e no sentido da compreensão da nossa questão florestal, um dos mais sérios problemas de nosso país.

Não é possível continuarmos destruindo sistemática e ininterruptamente as nossas reservas florestais.

As florestas do Brasil, conforme dados estatísticos, estão sendo devastadas sem dó nem piedade, diminuindo, em consequência, a sua benéfica influência em áreas imensas. «Em pouco mais de trinta anos, derrubaram-se milhão e meio de quilômetros quadrados de frondosa mataria».

A persistir nessa prática, já tradicional, brevemente o país estará privado dos seus produtos florestais mais utilizados, como a lenha, o carvão e a madeira, «e dentro de um século, se tanto, as regiões mais povoadas serão desertos que testemunharão a nossa incapacidade em aproveitar os recursos que a natureza pôs à nossa disposição».

Quase todos os povos, que não cuidaram de suas matas, estão a pagar bem caro pelo erro cometido. Até os Estados Unidos não escaparam ao desacerto para o desflorestamento do país, porém, em face do desregramento, cêdo surgiram homens de mentalidade patriótica para combater os criadores de desertos, impondo ao povo ianque uma política florestal. Porisso, em 1949, os Estados Unidos possuíam 160 Florestas Nacionais, em diferentes pontos do seu território, abrangendo uma área aproximada de 75 milhões de hectares, que equivale a mais da metade da área desmatada pelos serradores e ma-

deireiros, desde a época do descobrimento da América.

No Brasil, não dispomos ainda de uma firme política florestal; lutamos com dificuldades no meio adverso, sem o devido apoio dos políticos dominantes, sem recursos suficientes e contra a atitude anti-florestal de mais de 80% de brasileiros ignorantes e analfabetos.

«Somos, no entanto, ainda detentores de uma das mais vastas reservas florestais do mundo. Dela poderemos obter recursos incontáveis e permanentes desde que saibamos estabelecer uma firme política florestal. Política florestal que haverá de começar por consagrar como legítima a atividade do homem na floresta e por afirmar que as melhores reservas florestais ficarão destinadas a essa atividade. Política florestal, que procure, também, aumentar essas reservas pelo reflorestamento de áreas agrícolas já abandonadas, a fim de assegurar em futuro próximo o material lenhoso indispensável ao progresso econômico de nossas populações locais».

Finalmente, como acentua Virgílio Gualberto, temos que evoluir para uma concepção que respeite a mata não só como um bem necessário à proteção do solo e à conservação do ambiente climático, mas também como fonte produtora de matérias primas indispensáveis à civilização humana no seu estágio atual.

## — LIVRARIA E PAPELARIA RAMIRO —

FUNDADA EM 1928

Grande estoque de livros didáticos, romances, etc.

*Ótica e artigos para presentes — Quadros,  
Mo'duras e Espelhos.*

## LIVRARIA E PAPELARIA RAMIRO

Mantém uma secção gráfica.

FONE : 21-73

CRATO — Rua Dr. João Pessoa, 110 — CEARÁ

# FARMACIA CENTRAL DO CARIRI

DO FARMACÊUTICO:

*J. DE FIGUEIREDO FILHO*

**Grande estoque de especialidades farmacêuticas  
a preços reduzidos.**

Manipulação escrupulosa, sob a orientação de  
seu proprietário.

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 203 e 205.

*Caixa Postal: 47 — Telefone: 22-63*

CRATO

CEARÁ

---

# Casa O NEQUINHO

DE

MANOEL PEREIRA DE ALENCAR

**Especialista em rêdes alvejadas e  
em côres**

*Artigos finos de 1ª. qualidade para presentes.*

Rua Bárbara de Alencar, 201

Crato

—

Ceará

# — Estação Rodoviária do Crato —

DIREÇÃO DE:

**CHAGAS BEZERRA**

Praça Francisco Sá, 26

PARTIDAS DE ÔNIBUS PARA:

*São Paulo — Rio de Janeiro — Recife,*

*Fortaleza — Terezina — Floriano*

*Várzea Alegre — Juazeiro do Norte.*

**M A T R I Z :**

CRATO — Praça Francisco Sá, 26 — CEARA

Telegrama: CHABEZERRA — Fone: 20-01

**F I L I A L :**

S. PAULO — Rua Cavalheiro, 58 (Braz) — S. PAULO

Telegrama: CEARENSES

**L I N H A N O R T E :**

De CRATO a FORTALEZA, TEREZINA, FLORIANO e PICOS.

**L I N H A S U L :**

De CRATO a RECIFF, SÃO PAULO e RIO.

**AGENCIAS:—** IGUATU — Rua 7 de Setembro, 288  
Acopiara, M. Velha, Juazeiro-Rua Pe. Cícero

**LINHAS:—** CRATO—Recife 3a. Feira—CRATO—Floriano—6a. Feira  
—CRATO—Campos Sales—2a. e 4a. Feira—  
CRATO—V. Alegre—Diariamente.



## Fundação do «Lions Clube de Crato»

---

No calendário social da Metrópole do Cariri, figura como um dos mais significativos acontecimentos a fundação do «Lions Clube de Crato», auspicioso fato ocorrido a 8 de setembro p. p.

Por outro lado, o advento do Leonismo nesta Cidade constituiu mais uma prova do alto grau de cultura intelectual e do espírito associativo do seu povo.

Naquele dia, Crato hospedou os principais líderes do Leonismo no País, como Nivaldo Navarro, Delegado Internacional, Miguel Vita e drs. Paulo Cabral de Araújo e José Edmilson Barros de Oliveira, Governador do Distrito L—Norte, Vice-Governador e Presidente de Divisão, respectivamente.

As festividades, que tiveram lugar no Crato Tennis Clube, foram orientadas pelos representantes do Clube padrinho—«Lions Clube de Fortaleza»—cujo Presidente, Sr. Mário Câmara Vieira, aqui veio acompanhado dos Srs. Pedro Coelho de Araújo, Gustavo Silva, Wilson Miranda e Rômulo Siqueira, Diretores daquele conceituado Clube.

No decorrer do jantar inaugural, ao qual compareceram o representante do Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano, Comissão do Rotary Clube do Crato, autoridades do Município e pessoas gradas, foi empossada a Diretoria Provisória previamente aclamada e assim constituída: Presidente—Dr. Raimundo Quixadá Felício; 1.º Vice—Pedro Felício Cavalcanti; 2.º Vice—José Wilson Machado Borges; 3.º Vice—José Maria Cruz; 1.º Secretário—Ten. Otacilio Anselmo e Silva. 2.º Sec.—Francisco de Sousa Nascimento; Tesoureiro—Francisco Tavares Bezerra; Adj.—Espedito Gomes Silva; Diretor Social—Edson Castro; Diretor Animador—Cândido Figueiredo; Vogais—Antônio Machado, José Wilson Marques, José Leandro Correia e Ernani Brigido e Silva.

Na lista de sócios fundadores constam ainda os nomes dos Srs. Edson Donizetti Coelho, Manuel Mauricio Almeida, Cicero Barbosa de Carvalho, Dr. Otaviano Dustan Pessoa Monteiro Filho, Jayme Dorcy Bezerra e Dr. Antônio Alves de Queiroz. Posteriormente, foram admitidos os seguintes sócios: José Alencar Albuquerque, Newton

Teixeira de Alcântara, Dr. Júlio Araújo e Eliphio Figueiredo Abath.

O «Linos Clube do Crato», além do intenso intercâmbio social que vem mantendo na Comuna (89 convidados especiais até o dia 24-3), já realizou os seguintes benefícios á coletividade cratense: Assistência dentária às crianças pobres das escolas, Banco de Sangue (prestes a ser inaugurado), Natal das crianças pobres e dos presidiários, distribuição de abrigos, alimento e óbulos aos encarcerados desvalidos no decurso da Semana Santa e a inclusão desta Cidade numa linha aérea da «Real».

Ao fazer êste registro, «Itaytera» felicita o «Lions Clube do Crato» e, de um modo especial, envia o seu aplauso ao dinâmico Presidente Dr. Quixadá Felício, formulando votos para que a conceituada agremiação continui cada vez mais vitoriosa na sua missão universal de servir desinteressadamente.



8.9.1955 — Sócios fundadores do «Lions Clube do Crato» reunidos com os representantes do clube padrinho.

Não concordo com uma só palavra do que dizeis. Mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo.

VOLTAIRE

# GRANDE HOTEL

*Situado no ponto mais central da cidade*

Otimos quartos—Asseio—Bom tratamento—  
Ambiente de familia

*Proprietário :*

**Aristides Cisne**

*Praça Siqueira Campos—Edifício Filqueiras Teles*

*Entrada pela Rua José de Alencar*

---

## FABRICA DE MARMORITO SANTO ANTONIO

*de VICENTE MARQUES*

**Endereço Telegrafico: VIMARQUES**

Matriz : Rua José Carvalho, 171 — Fone: 21.13 — Crato—Ceará

Filial ; Praça Pe. Cicero, 141 — Fone: 670 — Juazeiro do Norte—Ce.

**ESPECIALIDADES EM :**

Altars—Pias Batismal—Grades de Comunhão—Túmulos—Lousas de inscrição—Soleiras para prédios—Pisos para escadas—Pisos para cosinhas—Bancas para bar—Aparelhos sanitários—Bancos e postes para avenidas etc.

*em Madriperola e Marmorito—Gesso e cimento armado.*

# « Livraria Católica »

Missais para altar—Paramentos—Alvas—Sacras—Ambulas Cálices—Custódias—Turibulos—Lâmpadas do SS.—Sacrários—Tronos—Banquetas—Altar Portátil—Fitas para Congregações—  
Missais quotidianos.

*Adoremos—Terços—Medalhas—Santinhos—Livros de Ascética, Formação Religiosa, Didaticas e Primária—Papeleria serviços tipograficos—Velas de cera—Imagens de todos os tamanhos e em várias inovações.*

Caixa Postal, 45 — Fone, 21-45 — Tel.: JOVALE

Crato — Rua Dr. João Pessoa, 114 — Ceará

---

## B. Bezerra & Cía.

(Somente artigos de qualidade)

Rua Barbara de Alencar, 174 — CRATO

**Ferragens e Estívas.**

**M á q u i n a s :**

**Crosley e Danubía.**

# O Barão de Studart

---

*Moacir Mota*

(Palavras proferidas no Rotary Club de Crato, a 5 de janeiro de 1956).

Vivo fôsse, e hoje perfaria um século Guilherme Studart, mais conhecido como Barão de Studart, varão preclaro, que foi um dos mais ilustres filhos desta terra, autêntico herói segundo o conceito de Carlyle—grande pela força da inteligência e pela bondade do coração.

Este nome—Ceará—acha-se indissolúvelmente ligado ao homem simples e aferrado ao trabalho, que em oitenta e dois anos de trânsito terreno legou-nos dignificante lição de nobreza intelectual e moral. Foi, sobretudo, um investigador do nosso passado, e neste carácter é que será estudado pelos pósteros. Tinha a paixão do documento, o fetichismo do autêntico, o espírito da pesquisa. Rastreado dia e noite os vestígios das eras idas, revolvendo arquivos com paciência beneditina, pôde construir monumento imperecível de verdade e probidade histórica, que nenhum curioso do nosso passado poderá mais dispensar. E tudo isto modestamente, tranquilamente, sem orgulho e sem alarde, como se não desse maior valor ao que lhe escorria da pena infatigável.

Integrante de geração muito mais moça, não tive oportunidade de entrar em contacto com o venerando alicerçador das nossas letras históricas. Vi-o, de relance, apenas uma vez. E a impressão me ficou de um ancião baixinho, manso, corretamente vestido de fraque, encimado por lustrosa cartola, denunciando, na correção dos gestos e no rosado das faces, a ascendência britânica que era a sua. Tal esquisitice de indumentária, em plena invasão dos ternos de brim e das cabeças descobertas, não denunciava esnobismo ou caturrice de velho. Era apenas exteriorização daquela fidalguia natural que jamais o abandonou, tornando-o uma espécie de deslocentado em nosso confuso século vinte.

O Barão de Studart vivia do escrito, do impresso, do arquivado em livro ou códice. Mas semelhante tendência jamais o deshumanizou, jamais lhe arrebatou a simpatia mais desvelada pelos seus semelhantes. Ele, que em criança, conforme confissão própria, não se aventurava a trepar numa árvore ou a tomar parte nos folgedos adequados à idade, considerando que todo tempo era pouco para dedicar aos livros; ele, que viveu praticamente à sombra de uma biblioteca, cansando os olhos no deletrear cartapácios de toda sorte; ele,

que conheceu como ninguém os fatos e tipos da formação cearense, consultado como mestre pelos vultos mais ponderáveis da historiografia nacional; êle, repito, jamais se deixou avassalar por êsse oceano impresso, e manteve a sensibilidade sempre ALERTA, sem presolidária aos destinos humanos que via em tórno a si, sobretudo os mais desgraçados. Aí está a sua inesquecível atuação de vicentino por mais de quarenta anos, lapso de tempo em que visitou milhares de casebres nas areias da capital, escusado é dizer que jamais se desfazendo dos seus inseparáveis fraque e cartola. Aí está a sua desinteressada atuação de médico, que da medicina fez mais obra de apostolado que profissão rendosa, cuidando abnegadamente da vida de milhares de infelizes conterrâneos, em épocas de calamidade como a da grande sêca de 77. E aí está a sua notável tendência gregária, o seu extraordinário dom de cōngregar e animar sodalícios culturais, do que é exemplo êsse admirável Instituto Histórico, de que foi fundador e Presidente Perpétuo. Causa pasmo a simples lista das associações a que se pertenceu, dentro e fora do país. E mais um serviço nos prestou: correspondendo-se com tantas entidades, dava porventura a ilusão de uma vida inteligente que não existia no Estado.

E assim foi o Barão de Studart, vulto infelizmente pouco conhecido da geração moderna, por fôrça mesmo da especialização a que se consagrou, e da raridade que hoje constituem seus livros. Que o Ceará se prosterne ante a sua memória, e lhe renda o mais indispensável dos tributos. Nos dias que vivemos, subverteu-se o conceito de heroísmo, relegado aos impulsos da força bruta, do egoísmo solerte ou do mais suspeito brilho social. Nesta triste era de falsos ídolos, em que os donos da popularidade são escolhidos nas vielas escusas da política, nas canchas de futebol ou no equívoco noticiário de uma crônica social que se vê guindada a gênero de primeira grandeza faz bem à alma reverenciar um grande filho da nossa terra, um alto e puro espírito inteiramente devotado às coisas da inteligência e do coração, qual em vida foi o incansável pesquisador e ardente amigo do homem que se chamou Barão de Studart.

---

*Entre os vaidosos, aquêlê que peca pelo excessivo cuidado em dar relêvo à sua pessoa, com o fim evidente de se fazer admirar, é, sem dúvida, o mais vulgar.*

**Luigi Battistelli.**

# Serraria Lucas

---

— DE —

**JORGE LUCAS DE SOUZA**

Beneficiamento de madeira para  
construção e movelaria

**TELEFONE: - 22 - 91**

**RUA NELSON ALENCAR, 158**

**CRATO - CEARA'**

*A preferência que os senhores  
construtores dão aos materiais*

DA

# Serraria Lucas

*Atesta a bôa procedência  
dos seus trabalhos.*

# Armazém do Norte

— DE —

Vicente Primo & Filhos

End. Telegr.:—«PRIMO»Caixa Postal n. 50

GRANDE E VÁRIADO ESTOQUE DE

*Tecidos finos e grossos,*

*Artefatos de tecidos, Etc.*

Telefone:—20-17

Crato — Rua Dr. João Pessoa, N. 108 — Ceará

---

---

## FARMACIA NOSSA SENHORA DA PENHA

do Farmacêutico

**Eduardo Solon**

Grande estoque de medicamentos

nacionais e estrangeiros.

Rua Santos Dumont, 52

Crato

—

Ceará

# A Ração do Trabalhador Caririense e a Cárie Dentária

RAIMUNDO LUCENA

O caráter generalizado com que a cárie dentária se apresenta nesta região, notadamente entre os habitantes serranos (sopé do Araripe), tem despertado a atenção dos odontólogos do Cariri, que lhe atribuem, entre outras causas, a pobreza da nossa água em sais minerais, acentuadamente dos cations cálcicos Ca. e Mg.

Na verdade, não se pode negar a importância do papel desempenhado pela água na economia orgânica, bastando saber-se que a sua quantidade nos tecidos oscila entre 70 a 90%; daí ser considerada pelos fisiologistas como constante celular. Todavia, analisado o metabolismo da água, somos forçados a concluir que a mesma exerce função relativa no que tange à estrutura do tecido ósseo, como fator de resistência dos osteoblastos e a consequente aglutinação dos sais componentes da membrana perióstica que constitui o esmalte dentário.

Realmente, quer como solvente das substâncias alimentícias, (maceração), quer como agente diastásico (redução da molécula alimentar, por hidrólise), quer como veículo de transporte dos elementos nutrientes em solução (plasma sanguíneo e linfa), quer, enfim, como regulador térmico, a água se comporta mais como catalizador do que como estruturante histológico. Esse comportamento da água no organismo é caracterizado pela sua devolução ao meio exterior, por via excretora.

A nosogenia dessa ulceração óssea, entre nós, parece relacionada, realmente, com o fator alimentação, representada por uma diéta monótona de que faz uso o nosso homem rural, na qual figuram, ao mesmo tempo, amiláceos e açúcares, o que vale dizer, alimentos hidrocabornados, isodinâmicos, que imprimindo à ração um poder puramente energético, reduz o índice de plasticidade da célula óssea, exigente de matéria proteica e de sais minerais.

Sem autoridade para uma afirmação categórica e objetiva, escrevo com o espírito possuído da melhor receptividade de crítica, por parte dos doutos no assunto. Entretanto, creio não fugir á logicidade, quando digo que a cárie dentária no homem caririense é doença de carência, mas de alimentação em massa, notadamente do baixo teor em aminoácidos, plasmadores do edificio celular, tanto na vida uterina, como na adolescência, fases em que a citogênese põe em evidência o máximo de exigência anabólica.

Nas constantes peripetuações pelas fazendas caririenses, te-

nho presenciado a maneira por que o rurícola dêste vale organiza a ração alimentar à base de feijão, farinha, rapadura e tubérculos. Ainda há poucos dias, encontrei um garoto que conduzia um LANCHE, — um «sonhim», — como é chamada, na giria rural, a refeição que precede o almoço. Era constituído de mel de cana, beijú e batatas. Excesso de glicose e ausência absoluta de proteicos era o que se via ali. Aliás, a predominância da dieta vegetariana do trabalhador caririense acentuou-se desde alguns anos, com a proibição da criação à solta, na região. A cabra, «que é a vaca do pobre», na expressão do agrônomo Otávio Domingues, deixou de existir e a ausência de leite e de carne, na mesa do homem rural, estabeleceu um regime escasso em proteínas, determinando a curva ascensional do raquitismo, da osteomalácia e da cárie dentária.

O fenômeno não é novo entre os grupos populacionais dos países de alto índice de natalidade, inclusive na velha China. Jusué de Castro, renomado nutrólogo, referindo-se à dieta monôtona do chinês, diz :

«A fome de proteínas manifesta-se em variados aspectos. Seu primeiro sinal é o crescimento retardado e insuficiente da maioria dos chineses, quase todos de estatura baixa e tanto mais baixa quanto mais deficiente em proteínas a sua dieta. Assim vemos que a estatura média das populações chinesas vai aumentando do sul para o norte, no mesmo sentido em que aumenta a proporção de proteínas nas dietas». (IN «GEOPOLÍTICA DA FOME», pag. 145).

Mas não é só sob o ponto de vista nutricional que os hidratos de carbono predispõem a patogênese da cárie dentária: eles ainda influem no pH bucal, estabelecendo ambiente ácido, favorável à vida e à ação de agentes bacilares.

Uso radicado da sacarose por parte do trabalhador dos engenhos do Cariri, tem lhes custado a perda dos dentes, pois é entre os mesmos que ocorre a maior incidência da cárie. Aquêle PLURISACARIDE, ingerido em forma de mel e rapadura, hidrolisando-se na cavidade bucal, desdobra-se num MONOSSACARIDE aglicose e ainda nos ácidos láctico e acético, através da seguinte análise:

$$C_2 H_{22} O_{11} - C_6 H_{12} O_6 + C_3 H_6 O_3 + C_3 H_4 O_2$$

O Prof. J. West, depois de várias experiências em grupos de escolares, em cuja ração figurava acentuado teor de socorros, conclui:

«Observei que soluções de açúcar levadas a pH 3-4, por intermédio de ácidos orgânicos dissolvem o esmalte dentário, sendo certo ainda que uma ingestão de sacarose pode produzir um importante fator de destruição dos dentes por

açúcar acidificado». (In «Fatores de destruição dos dentes»).

É fora de dúvidas, bem o sabemos, que fatores diversos influem na citologia da cárie dentária, inclusive o hereditário ou genético, o racial ou étnico e o educacional, mas a alimentação e o modo de alimentar-se são fundamentais na resistência e conservação dos dentes.

Por outro lado, é coisa sabida que o valor calórico e plástico dos alimentos não depende do volume dos mesmos, mas da sua qualidade. O organismo, semelhante às máquinas, para realizar trabalho, necessita de um coeficiente energético, que não é fornecido por um único alimento, como entendeu Hipócrates, e sim por diversas substâncias, que não sendo sintetizadas, isto é, fabricadas pelo organismo, precisam figurar na ração alimentar.

A fome específica, oriunda da carência de proteínas e vitaminas vai plasmando uma geração de desnutrido com fraca resistências às endemias de todos os matizes.

O problema da alimentação, porém, no meio rural é de difícil solução. O entrave consiste no chocante desajuste entre o salário do trabalhador e o custo de vida. Salário à base de Cr\$18,00 para fazer face à aquisição da carne e do leite, aquela a Cr\$ 30,00 o quilo e este a Cr\$ 6,00 o litro, não é concebível.

Crianças alimentadas desde os primeiros dias de vida com mingáu de farinha lavada e rapadura, continuam nesse regime miserável durante a primeira infância, quando o organismo está a exigir alimentos plásticos e sais minerais, notadamente o cálcio e o fósforo, para a formação de tecidos. São criaturinhas inexpressivas, de abdomen volumoso, pernas mirradas e joelhos grossos, manifestação somática da desnutrição. Ossos desmineralizados e organicamente desproteinizados, não podem oferecer resistência às lesões traumáticas nem às lesões traumáticas nem à ação dos agentes patogênicos.

Sitúo, pois, a cárie neste ângulo vulnerável da vida destes brasileiros disseminados pelos sertões adustos do Nordeste, longe do asfalto e dos arranha-céus, também, dos benefícios dos nossos governantes.

---

*... Adoro a essa literatura pinturesca e ductil, cambiante e sonora saída do cerne da nossa raça, como um veio de águas claras do útero da terra.*

Guedes de Miranda.

# BAR SOCIAL

de Francisco Paula Bezerra

**Bebidas, bolos, doces e conservas.**

*Mantém uma bem instalada fábrica de GÊLO capacitada  
a abastecer todo o Cariri.*

Praça Francisco Sá

**Crato**

--

**Ceará**

---

**«ESTABELECIMENTOS EDUARDO BEZERRA S. A.»**

*DROGARIA PASTEUR*

Grande sortimento de produtos farmaceuticos importados diretamente  
das fontes de produção — Prêços módicos

*Atenção e pontualidade na entrega.*

Rua Senador Pompeu—(Esquina com a rua Bárbara de Alencar)

Enderêço Telegráfico: PASTEUR

**Crato**

—

**Ceará**

# -REMINISCÊNCIAS-

## TIPOS POPULARES DO CRATO ANTIGO.

Especial para ITAYTERA

==== J. B. Brito ====

Pediram-me os que fazem «ITAYTERA» uma colaboração para a Revista.

Inteiramente afastado das atividades jornalísticas, sinto-me desambientado e sem geito para as lides da Imprensa.

Assuntos da atualidade, sinto-me sem credenciais para abordá-los como convém; coisas velhas não interessam á gente dessa época; velhos do meu tempo, já existem poucos e os que ainda vão teimando com a vida, preferem ler anúncios de pomadas antireumáticas a outra leitura qualquer.

Tais considerações criam-me sérias dificuldades na escolha de um assunto para satisfazer o pedido dos rapazes de «ITAYTERA».

Não posso, porém, faltar ao pedido dessa gente nova que me honra com as suas atenções.

X X X

O velho vive de reminiscências e eu resolvi lembrar aos raros remanescentes do Crato de antanho e passar aos que sonham com as sorridentes esperanças e antegosam as loiras aspirações do futuro, algumas figuras populares e fatos interessantes do Crato de 1887.

X X X

Naquele recuado ano do século passado, matriculei-me, com 9 anos de idade, na escola de Raimundo Duarte Jacinto e Moura, localizada no quarteirão onde está hoje a loja «A PERNAMBUCANA», lado do sol, na 3a. ou 4a. casa, partindo do foto «TARGINO».

Acho oportuno frizar que, nessa época, existiam na pequena cidade do Crato, apenas 3 escolas: A do Professor Manuel da Penha de Carvalho Brito (Professor Penha), na Praça da Matriz; a de Dona Maria Brigido dos Santos (Marica de Gorgônio) na rua da «Pedra Lavrada», hoje D. Pedro II; e a acima citada, de Raimundo Duarte, que era a marinha para desemburrar os meninos cabeçu-

dos e vadios.

As duas primeiras eram escolas publicas; a última era particular.

Pagava-se UM MIL REIS (1\$000) por mês, com dois expedientes: de 7 às 11 e de 1 às 5 da tarde.

A cidadezinha, descalça, sem luz nem de cadieiro, sem telégrafo, sem cinemas nem outras diversões modernas, não oferecia distrações e vivia calmamente como qualquer cidade sertaneja.

Escolas 3; farmácias 3; — A do Capitão Benedito da Silva Garrido, na praça de São Vicente, hoje «Siqueira Campos»; a do Coronel Joaquim Secundo Chaves, na casa onde está hoje a Livraria Católica; e a do Coronel José Antônio de Figueiredo, entregue a Dário Duarte Correia Guerra, na esquina onde depois funcionou a Farmácia «Central» de José Alves de Figueiredo.

Padaria só existia uma, a de Joaquim José de Santana Muritiba. Esse cidadão era compadre e amigo do Cel. Secundo. Explorava o ramo de padaria.

Chegou a economizar RS. 6.000\$000 (SEIS CONTOS DE REIS); entendeu de mudar de ramo.

Consultou ao amigo e compadre se conviria estabelecer-se com tecidos.

O velho farmacêutico, prudente e prático, ponderou-lhe:— **COMPADRE, NÃO SAIA DA SUA MASSA; você entende é de fazer pães; não fuja do seu ambiente.»**

Muritiba, não seguiu o conselho. Deixou a padaria e estabeleceu-se com tecidos. Dentro de um ano, estava aruinado: vendeu fiado; o tecido estragou-se, aperriou-se o improvisado logista.

Nesta conjuntura, voltou ao velho amigo, expoz a situação e pediu-lhe conselhos.

O velho farmacêutico cofiando a venerável barba, com um risozinho significante, alvitrou-lhe:— «Compadre, volte para a sua massa; você entende é de fazer pães». Muritiba, desta vez, aceitou o conselho e se saiu bem.

X X X

BARBEARIA. Naquela época havia aqui somente duas — Antônio Garcia de Sá e Firmino Barbeiro. Por barba e cabelo pagava o freguez — Rs. \$500. Antônio Garcia fez economia e deixou re-

curso regular para a familia que ainda hoje conserva o que herdou.

X X X

Agora, os tipos populares, de cada um dos quais há qualquer coisa interessante a resenhar. JOSÉ DE MATOS, poeta espontâneo; bebia muito, mas quanto mais bebia, mais inspirado ficava. Morava para os lados do Miranda, certo dia, um visinho, de volta da feira, encontrou-o caído à margem da estrada, na altura do cemitério do cólera; aproximando-se, perguntou:— Não vai agora, Zé de Matos? Ele levantou a cabeça, abriu os olhos e respondeu:

«Eu me sito tão pesado,  
Chega dei um passo perro  
Parece que sou de ferro,  
Ou no chão estou apregado;  
Daqui só saio arrastado  
Ou partido em quatro tóra  
Isto mesmo é com demora  
Só assim me aluirão  
Doutro geito não vou não,  
Quando eu puder vou me embora» . . .

X X X

Caboré, pai de Maria Caboré, e Calumbí, morava na Matinha, no lugar onde é hoje o Grupo Escolar Rural. Era coveiro, e devido ao constante manuzeio com defuntos, imunisava-se com um trago de aguardente; ás vêses excedia-se. Certa vês, veio do comércio escoltado por duas praças da Policia.

Era também poeta e improvisador; ao chegar na cadeia, apresentou-se-lhe o ex-cabo José Lourenço, sentenciado por crime de homicidio.

Ao avistar Zé Lourenço, Caboré, foi disendo:—

«O cabo José Lourenço  
Quiz passar por valentão,  
Assassinou o sargento,  
Perdeu a farda e o galão  
Já curtiu 14 anos  
Naquele escuro porão;  
Meu Jesús, que cousa triste  
Viver nessa escuridão».

Essa oitava, eu creio que é inédita; eu, pelo menos, nunca a ví em nenhum dos folcloristas que tenho lido.

X X X

Manoelzinho de Macedo, a quem os meninos da rua chamavam de Manesin doido — Morreu fumando. Quando estava para morrer, chamaram o Padre Cicero, para dar-lhe a absolvição.

O padre perguntou:— «Manoelzinho, você quer se confessar?» Ele ainda respondeu:— «Não, quero fumar». O Pe. pediu um cigarro a um dos presentes, mandou acender e deu-o a Manoelzinho, que logo entrou em agonia, satisfeito em sua última vontade.

Esse episódio pode ser atestado pelo meu velho amigo e honrado parente Cicero Bezerra Lôbo.

X X X

Henrique Barbosa do Nascimento — Henrique da Perua — assim chamavam porque ás vezes usava um chapeuzinho; tinha a mania de fazer discursos e sermões, nas esquinas.

Um dia, Henrique ia descendo pela rua do Fôgo (Senador Pompeu), lado da sombra; de uma das janelas do lado oposto, umas moças gritaram:— «Para onde vai Henrique da Perua?» Ele formalizou-se respondeu:—

«Perua cá,  
Peruas lá  
Em toda parte  
Peruas há»

E seguiu, rua a baixo recitando esta quadra.

X X X

Sia Sofia, negociava com frutas e tinha UM PÉ DE MEIA.

Excedia-se em bebidas alcoolicas e ia prêsa quase todas as semanas.

Por medida da economia, pagava adiantadamente as carceragens aos carcereiros José Muritiba e João Guefes. Dizia que bebia porque não havia de morrer de sêde.

X X X

VICENTE X, era quase anão, bebia muito; morava no sitio «Loanda», no pé da Serra, vinha sempre a feira e quase sempre dormia na cadeia.

Certo dia, voltou muito cheio e, chegando em casa á meia noite, chamou duas ou três vezes a velha mãe que dormia; como a velha não atendesse, X, riscou o fósforo e ateou fogo á palha da cozinha; gritou:— «Acorda veia dos 600 diabos, si não tú vira carvão».

X X X

JOSÉ PAVAO, carpina e bonachão; morava em uma casa do Capitão Garrido, na rua do Fôgo, a 4\$000 por mês; atrazou-se 5 meses no pagamento do aluguel e o senhorio mandou chamá-lo e pediu a chave. Pavão voltou e, nesse mesmo dia mandou deixar a chave, mas ficou na casa.

Mêses depois, o Capitão Garrido soube que Pavão continuava na casa; mandou chama-lo e passou-lhe uma descompostura. Pavão, com a maior calma, justificou-se:— «Ora Capitão Garrido, o senhor não me pediu a casa; pediu a chave e eu mandei».

X X X

José Antonio de Lucena: Dizia-se parente do Barão de Lucena. Quando o Barão morreu, Lucena comprou fazenda preta e as filhas cobriram-se de luto. Fazendo o elogio das filhas, dizia:— «Essas minhas filhas são muito simples, muito honestas, muito boas; em suma, são umas meninas sem pudor». Lucena, era analfabeto mas era pernostico e empolador; era do açougue.

X X X

Antonio Passadeira, da turma da travessa dos Ourives; era muito alto; deu um traço de carvão em uma parede e ninguem mais alcançou aquela altura. Quando morreu, os colegas fizeram-lhe o funeral; dizia-se que, para caber no caixão, foi preciso quebrar-lhe as pernas.

X X X

Raimundo de José Antonio, exquisiteiro; vestia uma roupa e só mudava quando estava em tiras; a quem reclamava porque não comprava outra roupa, respondia:— «Eu não preciso de duas roupas e acrescentava; eu não tenho dois corpos». Morreu paráltico em uma casinha no pé da ladeira do Seminário; paráltico mas ganhava pão encrentando terços, serviços que fazia com perfeição.

X X X

Raimundo Barbosa vivia ébrio e dizia:— «Eu vivo satisfeito porque sei que, si Deus não quizer o diabo não me engeita».

X X X

Luiz Doido, era um preto da casa do Prof. Penha; era epiletico, mas apesar disso, era porta-bombo da banda de música. Aos domingos, equipava-se de fraque e cartola e saia a passear. Essa indumentária lhe foi arranjada pelos filhos do Dr. João Batista de Siqueira Cavalcanti (Joaquim, João e Sebastião).

X X X

Luciana, a velhinha do taboleiro, que vendia os apetitosos bôlos e doces da dona Quinhina, avó do Ten. João de Pinho.

X X X

Outros tipos populares do Crato antigo foram: Zé Tora, Mané Pansa, Pedro Perú, João da Burrinha, José Pinheiro, mestre da banda de couro, Guedereo, preto velho quase centenário, Aninha aleijada, Tomé de Sá, José Gomes Crispim e Antonio Bisca.

X X X

Já me excedo em extensão. Aos meus 3 ou 4 possíveis leitores peço desculpas, pela xaropada de bobagens com que os mimosiei.

# Crato — Hotel

Situado à Praça Francisco Sá

Num dos pontos mais aprazíveis da cidade, nas proximidades da estação rodoviária e da gare da Estrada de Ferro de Baturité.

Asseio — Quartos Amplos — Bom Tratamento.

PROPRIETARIO:

**Raimundo Ribeiro**

CRATO

—

CEAPÁ

# DEPOIMENTOS SÔBRE A PRIMEIRA

## EDIÇÃO DE «ITAYTERA»

Considero «Itaytera» uma nova estrela que haverá de brilhar concentrando todos os fatos e aspirações do Cariri. Será para todos uma fonte de genuína cultura, destinada a correr, não entre as pedras da indiferença, mas sôbre o coração dos que amam verdadeiramente a sua terra, a prosperidade do Ceará e grandeza de sua gente. — F. ALVES DE ANDRADE, em «O Estado» — 1955.

X X X

«Itaytera» não é uma revista vulgar, com a exposição de trabalhos anêmicos, tanto no ponto de vista intelectual como inventivo. É uma ccletânea de produções másculas de um grupo de homens cultos, que sabem escrever e que escrevem coisas sérias. — «O Nordeste», — 1955.

X X X

Mergulhando-se o pensamento através das 188 páginas de «Itaytera» — revista que na expressão feliz de Carlyli Martins, poderá honrar qualquer meio adiantado do país — respira-se sadia atmosfera de luta acesa em prol das legítimas reivindicações da grande e bela região caririense. É a luta mais bela e a mais bela das armas ali se encontram em franca atividade. A luta no campo cultural, a arma da pena em punho no mais belo exemplo de elevada compreensão cívica. «Itaytera» é, pois, bem uma clarinada em defesa dos reais anseios de libertação do grande e bravo povo caririense. — FERNANDO LEITE. («O Estado» — 29-5-55).

X X X

«Itaytera» é, realmente, uma prova exuberante de que a mais fértil zona do nosso Estado se quer afirmar definitivamente no campo do pensamento e da cultura. E o faz com uma superioridade mental digna dos movimentos libertários de que foi berço, entre os primeiros clarões de independência daquelas «ante-manhãs sangrentas da República», como disse no poema que dediquei à memória do meu trisavô José Pereira Filgueiras, o maior caudilho do Cariri no começo do século XIX. FILGUEIRAS LIMA, em «Correio do Ceará» — Junho — 1955.

X X X

Essa publicação está excelente, e dá bem uma idéia do desenvolvimento intelectual e material do nosso Crato, para o qual Vo-

cê tem contribuído tanto. Deve, pois, ter sido o resultado de um grande e nobre esforço. — JAYME SISNANDO. (Trecho duma carta ao Dr. J. Figueiredo Filho).

X X X

ITAYTERA não é uma revista e sim antologia cultural do Cariri, documentário que legitima o trabalho intelectual em todos os campos da atividade no plano da inteligência, História, tradições, poesia, geografia, jornalismo. É um índice de força criadora que orgulha a todos nós. — CAMARA CASCUDO. (Trecho de u'a missiva a J. Figueiredo Filho).

X X X

Já a li do começo ao fim, quase de um só fôlego, tal o ânimo, o vigor que me impele constantemente para as coisas da nossa terra. Devo também dizer que, em ITAYTERA, encontrei prodigiosa fonte, refrigério da sede ardente da saudade. PINHEIRO FILHO. (De uma carta dirigida a J. Figueiredo Filho).

X X X

Mas não foi um roteiro emocional que me despertou a sua revista. Foi admiração sincera, quase inveja. Gostaria de ter escrito para ela. Gostaria de ver o meu nome incluído entre os escritores do Cariri. Sei que empanava o brilho dos estudiosos de lá, pois não posso mais fazer coisas sérias. Tudo tem de sair às pressas, diariamente, na corrida doida de homem de jornal. Mas meu tempo exiguo não foi roubado na literatura de ITAYTERA.—JOAO CLIMACO BEZERRA, em «Unitário» — 13-5-55.

X X X

ITAYTERA é uma revista que causa boa impressão. Tem defeitos, e por que negá-los? Mas as falhas que apresenta são sobretudo de ordem técnica. que o tempo e a experiência ajudarão a corrigi-las, de conformidade com os recursos materiais de que se disponha, numa cidade que ainda não conta com modernos processos tipográficos noutros centros existentes. Patenteia-se, na publicação periódica do Instituto Cultural do Cariri, a vitalidade intelectual dos filhos dessa região do Ceará. E não causa surpresa a observação do fenômeno, que não é de agora, porque se registra desde épocas recuadas.—J. C. ALENCAR ARARIPE, em «O Povo» — 13-5-55.

X X X

ITAYTERA. Nasceu com a opulência dos verdes cana-

viais e arrôjo das águas que brotam das entranhas da serra e se espalham pelos baixios num lençol de bonança, perene e farto. O seu primeiro número é, sem favor, um código de responsabilidade, é um compromisso solene de cometer à posteridade um patrimônio cultural rico de reliquias históricas, e iluminado pelo talento e primores intelectuais de uma geração nova, vinculada, pelo amor à gleba e culto patriótico, à terra e ao espírito da gente que se arrebanha na fertilidade e na inspiração de uma natureza privilegiada.—LEITE MARANHÃO. «Correio do Ceará» — 11-5-55.

X X X

Permita Deus que à ITAYTERA, tão seivosa e promissora como surgiu, não caiba o fado das muitas revistas literárias que aqui têm nascido e que, sem ambiente propício, morrem mal se implumam e tentam os primeiros vãos. E' possível e muito provável que outra seja a sua sorte, porque a arrancada feliz em que vai o Crato, deixando na retaguarda todo o resto do Ceará, é um grande incentivo para que os seus filhos, dele se ufanem e procurem elevar sempre o renome de sua terra e de sua intelectualidade. — PEDRO SAMPAIO. (Trecho duma carta ao cel. R. Teles Pinheiro).

X X X

Mas o que mais chama atenção na simpática publicação é o sentido eminentemente regionalista que a orienta. Não se trata, na verdade, de regionalismo com a condenável finalidade de separar, mas do sadio regionalismo visando definir as características de uma das zonas mais típicas de todo o Nordeste. ITAYTERA é assim uma revista que honra qualquer meio civilizado. Mas publicações dessa natureza são, pelas suas próprias limitações, destinadas a pequeno número de leitores.—JOSUÉ DE BRITO.—(«Unitário», 7-5-55).

X X X

Nesta época de indiferentismo pelas lindas coisas do espírito, em que a tradição e a pesquisa são relegadas a plano inferior, é um consôlo para a inteligência dominada pela ânsia de perfeição saber que no interior de um Estado nordestino edita-se uma revista do porte de ITAYTERA, magnífica em todos os sentidos, até na feição gráfica que é das melhores, pelo que, de coração jubiloso e com a alma em festa, congratulo-me com os ilustres confrades do «Instituto Cultural do Cariri», entidade a que tenho a honra de pertencer, como «cratense adotivo», na expressão de J. Figueiredo Filho, pela grande vitória que acabam de conquistar. — CARLYLI MAR-

TINS.—(«O Estado», 19-4-1955).

X X X

Nós que já editamos revista, sabemos o quanto significa obra do porte de ITAYTERA, com suas duzentas páginas, bem impressa, apresentando excelente feição gráfica e com colaborações do melhor naipe. Trabalho desta natureza não pode passar despercebido pelos homens do governo. A formação cultural da juventude dessa região é obra do mais fino quilate. A existência de uma elite intelectual bem formada, bem definida e altamente ilustrada, é uma das glórias maiores do Crato. — WALDERY UCHÔA, em «Unitário» — 21-4-55.

X X X

O lançar-se em Crato, cidade do interior, sem ajuda oficial, uma revista do porte de ITAYTERA é, com efeito, iniciativa ousada, quase temerária. Mas sem essa decisão de ordem, inclusive de lutar contra a indiferença de muitos, a civilização não marcharia para o futuro e bem triste seria o destino da humanidade nesse instante crucial da vida dos povos, assoberbados pelo imediatismo de cada hora e de cada dia.—PEDRO GOMES DE MATOS. («Unitário», 25-4-55).

X X X

Obra notável para êsse meio mental, colocado tão distante, no fundo do sertão remoto. Que esforço, que vontade, que coragem a sua e dos companheiros, todos dignos dos mais rasgados encômios. Lucro material não haverá, mas prejuízo na certa; pois de empreendimentos dêsse porte não se pode esperar vantagem outra que não seja de ordem intelectual. Felicitações a Vocês todos que erguem tão alto o nome do Crato. Meu elogio aos que empunharam a pena e aos artistas da oficina gráfica, operários dignos, capazes, proficientes. — R. GOMES DE MATOS. (Carta dirigida a J. F. Filho).

X X X

Com a publicação agora do primeiro número de sua revista, o Instituto Cultural do Cariri acaba de dar um bom exemplo, até a muitas capitais brasileiras. Pelo fato de haver aparecido numa pequena cidade do sul do Ceará, ninguém a imagine um folheto municipal. Trata-se de uma publicação séria de quase duzentas páginas. A fuxicada política e a sublitteratura cedem a vez a uma série de estudos históricos e geográficos do maior interesse. E todos com um mérito particular: o de pertencerem a autores regionais, abordando as-

suntos regionais. Não se veja nisso um apêgo excessivo ao regionalismo. Mas a sua necessária valorização e a fuga ao universalismo que só pode ser atingido pelos primeiros caminhos. — «Diário de Pernambuco». (Republicada no «Correio do Ceará», 11-4-55).

X X X

O 1º. número de ITAYTERA constitui prova exuberante do potencial intelectual da Princesa do Cariri. Na verdade, Crato já congrega um número crescido de intelectuais que estão dando o maior brilho às letras cearenses. Incontestavelmente, ITAYTERA assinala um ponto alto no desenvolvimento cultural do Crato. A heróica cidade sul cearense reafirma a sua capacidade de liderança através do vigor mental de seus filhos. — «Correio do Ceará», 31-3-55).



## ROTARY CLUB DE CRATO

Fundado em 22 de junho de 1937.

Inscrição em Rotary Internacional n°. 4380, em 15.8.1937.

Distrito n°. 117.

Governador do Distrito: Fernando dos Reis Perdigão,  
do Rotary Club de S. Luiz.

Presidente do Club: Anibal Viana de Figueiredo.

Reuniões: Crato Hotel.

Quintas Feiras — 18.00 horas — Numero de sócios : 23.

### *O Objetivo do Rotary*

O objetivo do Rotary é estimular e fomentar o ideal de servir como base de todo o empreendimento digno, promovendo e apoiando:

- 1º.) o desenvolvimento do companheirismo como elemento capaz de proporcionar oportunidade de servir;
- 2º.) O reconhecimento do mérito de toda a ocupação útil e a difusão das normas da ética profissional;
- 3º.) A melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública e privada; e
- 4º.) A aproximação dos profissionais de todo o Mundo, visando a consolidação das boas relações, da cooperação e da paz entre as Nações.

# Agradecimento

---

---

Ao concluirmos os trabalhos desta edição, formulamos os mais sinceros agradecimentos aos brilhantes colaboradores de «ITAYTERA», seus anunciantes e à Prefeitura Municipal de Crato.

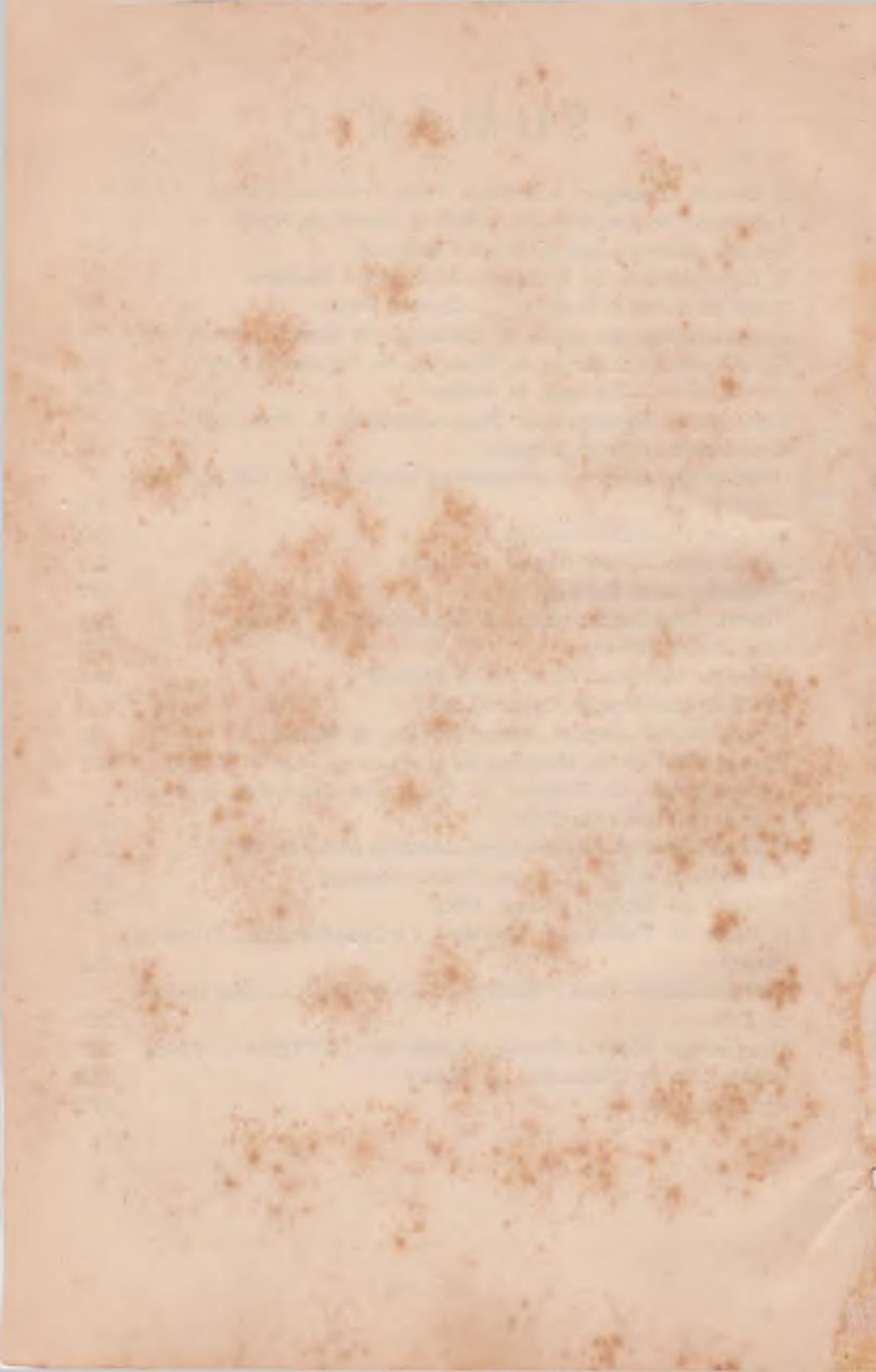
Por outro lado, dirigimos nossa gratidão ao jovem ANTÔNIO COELHO BEZERRA, proprietário da Tipografia Imperial, e aos seus auxiliares ANTÔNIO ALVES DE SOUZA, chefe das oficinas, FRANCISCO FERREIRA NOBRE, tipógrafo, RIVALDO PIRES BRITO, impressor, e ANTÔNIO R. BARBOSA, cofeccionador, aos quais devemos a boa feição gráfica desta edição.

Lamentavelmente, em face do encarecimento do material de confecção e, sobretudo, por motivo da extensão de vários trabalhos, não nos foi possível estampar nas páginas de «ITAYTERA», tôdos os artigos recebidos, a cujos autores pedimos redobradas desculpas. A êstes, solicitamos a fineza de confiar à nossa guarda suas produções, que ficarão definitivamente reservadas à proxima edição de «ITAYTERA».

A Direção

# SUMÁRIO

A Jornada Prossegue, Incentivada Pelas Primeiras Vitórias — J. F. F.	1
Apostalado do Embuste—Pe. Antônio Gomes de Araújo	3
Horácio Jácome—José Alves de Figueiredo	64
O Cariri Através da Medicina—Dr. Pinheiro Monteiro	65
Brasil de Sueds e Jacintos . . .—Quixadá Felício	86
Comemorações, em Crato, do Centenário do Barão de Studart—Red.	88
Feira—Retrato Econômico do Crato—J. de Figueiredo Filho	90
«Ave Libertas».—Barbosa de Freitas	104
Emancipação Econômica do Ceará—Abelardo F. Montenegro	106
Reminiscência—Pedro Sampaio	111
Invasões Francesas e Holandesas no Brasil —Ten. Cel. R. Teles Pinheiro	114
Um Êrro Histórico—Redação	130
João Brígido—Celso Gomes de Matos	132
Pergunta—Luiz Sampson	137
Vicente, Êsse Desconhecido—J. Lindemberg de Aquino	138
Mãe—Pedro Ferreira	142
Amizades Valiosas—Maria Alaide Macedo	144
Isto É Crato—Moacyr Gondim Lóssio	150
Canção de Pai Joaquim—Meton Barreto de Marais	185
Esbôço Histórico do Município de Brejo Santo—O. A. e Silva	187
A Contribuição do Romeiro na Construção Econômica do Cariri —José de Figueiredo Brito	227
Floresta Nacional Araripe—Apodi—Antônio Alves de Queiroz	234
Fundação do «Lions Clube do Crato».—Redação	247
O Barão de Studart—Moacir Mota	251
A Ração do Trabalhador Caririense e a Cárie Dentária—Raimundo Lucena	255
Reminiscências—Tipos Populares do Crato Antigo — José Bezerra de Brito	259
Depoimentos Sôbre a Primeira Edição de ITAYTERA — Vários	265
Rotary Club do Crato—Sec. do Rotary	269
Agradecimento	270



Visitando Crato conheça a

# Sapataria AZTECA

Um estabelecimento que faz honra ao prestígio de que desfruta e lidera o progresso comercial da cidade.

AVANÇANDO COM A ÉPOCA, A

## SAPATARIA AZTECA

ATENDENDO ÀS CONTIGÊNCIAS DO MEIO, TRANSFORMOU-SE DE UMA SIMPLES SAPATARIA EM UM VERDADEIRO EMPÓRIO DE UTILIDADES.

Calçados Pellegrine, Fox, Scatamachia, Clark, Aliança, Embaixador, Rudan, Polar, D. N. B., etc.

---

## LOJA AZTECA

*MATRIZ: - Rua São Francisco, 31 - FORTALEZA*

---

# Sapataria AZTECA

Rua Dr. João Pessoa 97

**End. Teleg: - AZTECA**

CRATO - CEARÁ

# Banco do Brasil S.A.

Séde — Distrito Federal — Rua 1<sup>ª</sup>. de Março N.º 66

Agência em Crato: Rua Senador Pompeu, 49

Tôdas as operações bancárias, inclusive crédito agrícola e industrial.

*Tabela de juros para os depósitos do público.*

## DEPÓSITOS POPULARES

— Limite de Cr\$ 100.000,00 . . . . . 5%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito mínimo de Cr\$ 50,00. Cheques do valor mínimo de Cr\$ 20,00.

## DEPÓSITOS LIMITADOS

— Limites de Cr\$ 500.000,00 . . . . . 3%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito mínimo de Cr\$ 200,00. Cheques do valor mínimo de Cr\$ 50,00.

DEPÓSITOS SEM LIMITES . . . . . 2%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito inicial mínimo de Cr\$ 1.000,00.

## DÊPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO — SEM LIMITE

Retirada mediante aviso prévio superior a 90 dias. 4 1/2%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Depósitos de quaisquer quantias para retiradas também de quaisquer quantias.

## DEPÓSITOS A PRAZO FIXO — SEM LIMITE

Por 12 meses. . . . . 5%

Por 12 meses, com renda mensal . . . . . 4 1/2%

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr\$ 1.000,00

## LETRAS A PREMIO — SEM LIMITE

De prazo de 12 meses. . . . . 5%

Juros anuais. Depósito mínimo de 1.000,00. Letras nominativas, com juros incluídos e seladas proporcionalmente.